REVISTA LUSITANA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portuguezes e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. XI

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1908

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XI 1908 N.os 1-2

CONTRIBUIÇÕES

PARA O FUTURO

DICCIONÁRIO ETIMOLÓGICO

DAS

LÍNGUAS HISPÂNICAS

CONDÃO

Cond + *ão?* ou *Con* + *dão?* [1] Basta reconduzirmos por documentos o vocábulo popular á sua forma primitiva *condon,* pôr-lhe a par o verbo arcáico *condõar,* comparar em seguida tal grupo (ampliado pela forma erudita *condonar* e o derivado *condonação*) com *perdão, perdoar* (de *perdon, perdõar*), e ambos a outros termos antiquados como *dar en don, endõado,* e o castelhano *endonar, desdon, desdonado, adonado, donaire,* para sugerir aos entendidos a verdadeira etimologia de *condão.* Espero pelo menos que, depois de se haverem inteirado dos exemplos característicos com que ilustro a demonstração, todos ficarão convencidos de que a linda criação, privativamente portuguesa, é substantivo verbal de *condõar,* e este, representante legítimo do verbo latino *condonare* [2]; ou, por outra, que *condão* se compõe do prefixo *con* e do nome *don* (raiz das palavras latinas *donum* e *donare*).

1 *Cundão,* em pronúncia vulgar. Vid. *Zeitschrift,* XIII, 222 (ex. «açoriano»).

2 *Condonare* tem em latim dois significados: o popular de *dare, donare,* e o erudito e jurídico de *perdonare.* Ambos reaparecem na Península, pela mesma ordem.

Condão é portanto um *dom*. Mas não um donativo material, passageiro, e de somenos valia; antes uma preciosa dádiva perdurável e extraordinária — como a beleza, a bondade, a eloquência, linda voz, talento musical, uma excelente memória — dádiva que o *bicho humano* recebe com a vida, por graça de Deus, da Natureza, dos ascendentes; ou, no reino da poesia, por entidades imaginárias, como fadas, que arrogam a si os atributos da Divina Providência. Um talento ou privilégio, uma qualidade, virtude, graça ou prerogativa [1], (todas essas palavras ocorrem nas definições esboçadas nos Diccionários correntes), uma fôrça, finalmente, que, por ser ingénita, é misteriosa, e por ser misteriosa e inexplicável é considerada sobrenatural. *Eine Gabe Gottes — ein Geschenk des Himmels — eine Naturanlage — eine Glücksgabe.*—Textualmente: *eine* MIT-GIFT, MIT-GABE (alemão).

Por isso mesmo, *condão* passou a ser equivalente, por um lado, de *poder mágico* (*Zauberkraft*), e pelo outro lado de *fadário, sina, sorte, destino* (*Bestimmung, Geschick, Loos*). Geralmente, e em harmonia com a significação primitiva da palavra, esse poder é benéfico, e o fadário feliz. Por excepção, ha porém condões maléficos, impostos por fadas más e vingativas; velhas e feias, bem se vê.

Não só essas, que doam e dotam de prendas nefastas, mas tambem as madrinhas boas costumam empunhar nos contos tradicionaes uma vara como símbolo e transmissor do seu poder prodigioso, quer estejam ao pé de um berço, quer socorram em casos de perigo, no meio de densas florestas, afilhadas adultas, transformando-as. E a mesma vara, chamada em Portugal *varinha de condão,* é tambem o instrumento mágico dos feiticeiros: adevinhadores e vêdores do folklore popular [2]. Dourada na mão das fadas, como o ceptro dos imperantes, ela é na vida real um símplez ramo de aveleira. Fendida em forma de Y grego, para o efeito de descobrir coisas ocultas — tesouros metálicos, veias de agua — indica o sítio ou esconderijo de taes preciosidades, inclinando-se para o chão, em mãos competentes. Essa crença (baseada porventura em determinadas qualidades de certas madei-

---

[1] Em regra, virtude espiritual, mas ás vezes muito positiva, conforme se verá de alguns exemplos.

[2] Nas *Ordenações* e *Constituições* contra praxes supersticiosas, os legisladores empregam apenas *vara* (sem *condão*): «nom seja algũa pessoa tam ousada que pera adevinhar lance sortes nem *varas* pera achar». (*Ord. Affonsinas*)

ras [1]) e que ainda hoje conta adeptos em todas as partes do mundo, é antiquíssima, como todas as feitiçarias. Por vias, que já foram traçadas por investigadores ilustres [2], a *varinha de condão* deriva do ῥάβδος de Circe e de Pallas-Athene[3]; do caduceo (κηρύκειον) de Mercurio [4]; ou da *Wunsciligerta* de Wuotan, o Hermes germánico [5].

Eis alguns exemplos modernos e antigos do emprêgo de *condão* — familiares, tradicionaes e literários:

Em conversas íntimas colhi: «O talento musical dos Arroyos é *condão* de família. — António Candido tem o *condão* da eloquência. — Nem todos nós temos o *condão* de nascermos bondosos como a senhora. — Poucos poetas nossos tiveram o *condão* do génio».

No conto nacionalizado da *Belle au Bois dormant,* de Per rault, sete fadas são convidadas a fim de que cada uma désse um condão á princesinha [6]. No indígena da *Cacheirinha*, ou *Desanda cacheira,* a falsa mesa de encanto não tinha o maravilhoso condão da verdadeira, de aparecer posta e carregada de ricos acepipes logo que o dono pronunciasse a fórmula: «Põe-te mesa! Mesinha põe-te» [7]. No final do jôgo da condessa, todas as crianças dançam enlaçadas aos pares, cantando:

Estou contente do meu par:
foi *condão* Deus me lo dar!

Fadistas (como a Custódia) começam o desafio com a quadra:

Este meu cantar é arte;
é *condão* que Deus me deu.
pois arreia o teu estandarte,
que começo a içar o meu!

---

1 As varas dos arautos clássicos eram de paus de *oliveira* ou de *loureiro.* Quanto ás varas dos feiticeiros portugueses (que as trespassaram aos prestidigitadores, charlatães e arlequins) e á suposta afinidade entre certas madeiras e certos metaes, vejam-se as tres *Cartas* que o Cavaleiro de Oliveira dedicou ao assunto (vol. III, cartas XXVI, XXXVIII e XXXIX): a Mme de W. T. sobre a varinha de condão. E cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal,* p. 285.

2 Veja-se, por exemplo, J. Grimm, *Mythologie,* p. 813 sgs. e n. 289.

3 *Odysseia,* X, 238, 319, 389; XIII, 429; XVI, 16, 172, 456.

4 *Ibidem,* V, 47; XXIV, 2.

5 Grimm, *loc. cit.* — A vara de condão chama-se em latim *virgula divina; baculus divinatorius;* em alemão *Zauberstab, Wünschelrute;* em inglês *wand* ou *divining rod;* em francês *baguette divinatoire;* em italiano *bacchetta divinatoria;* em hespanhol *varita de virtudes* ou *varita mágica.*

6 Tradução de Henrique Marques Junior.

7 Adolfo Coelho, *Contos Populares Portugueses,* p. 58 sgs.

Nuns versos delicados de Manuel Duarte de Almeida occorre o ditado:

É graça de Deus ser bonita,
ter da beleza o *condão!*

Almeida-Garrett, pelo contrário, exclama, cheio de ciumes, no apaixonado *Adeus,* das *Folhas cahidas:*

Sinto gerar na peçonha
do ulcerado coração
essa víbora medonha
que por seu fatal *condão*
ha de rasgá-lo ao nascer!

Prenda positiva era a da galinha que punha ovos de oiro — única no seu género, segundo Curvo-Semmedo, que arremata a sua fábula, estabelecendo com relação ao dono:

Outra galinha
jamais topou
com tal *condão.*

Numa poesia brasileira um mendigo emprega o termo como sinónimo de fadário, pois diz do cãozinho fiel que o guiava:

Na pobreza, na cegueira
meu *condão* amenizava.

Retrocedendo, encontro Frei Luís de Sousa, que na sua linguagem elegante atribue ao convento de Bemfica, em que vivia, o particular *condão* do ceo de excitar afectos de devoção em quem entrasse em seus claustros.

O Conde de Vimioso, cortesão modelar e bom «forgicador de sentenças», muito imitadas, disse com ironia fina:

Que *vara* tem *de condão*
quem fala á vontade alhea [1].

Antes d'ele, o Plauto português havia aproveitado diversas vezes o mágico instrumento como elemento dramático.

---

[1] *Sentenças,* ed. de Mendes dos Remedios, 1903, p. 47, n.º 4.

Na *Floresta de Enganos* o Doutor ludibriado dá á vara de justiça o qualificativo popular, «por lhe dar grossa fazenda» (II, 158)[1]; e o Deus do Amor trata de *cadena de condon* as prisões com que prende os seus adoradores (II, 171). Na alegórica tragicomédia das *Côrtes de Júpiter*, uma Moura encantada apresenta diversos presentes á infanta D. Beatriz:

Hum anel seu encantado
e hum *didal de condão*,
e o precioso terçado
que foi no campo tomado
depois de morto Roldão!
O terçado, pera vencer;
o didal he tão facundo
que tudo lhe fará trazer;
o anel, pera saber
o que se faz pelo mundo.

(II, 416)[2].

Na sua geringonça hispano-mourisca ela emprega logo depois a forma castelhana *anel de condon* (II, 418)[3]. E a mesma encontra-se na *Comédia de Rubena*, cuja protagonista suspira tristonha:

Quien tuviera ó quien hallara
una preciosa *vara*
que tuviera tal *condon*
que improviso me llevara
a alguno que me sacara
el corazon!

(II, 7).

Esse *condon* é contrabando, dos freqüentes *lusismos* de Gil Vicente e de quasi todos os autores bilingües de cá. Pelo menos não está nos diccionários castelhanos; nem me lembro de o ter encontrado nas minhas leituras.

---

[1] Em castelhano:

Si, que es *vara de condon*
Que me da gruesa hacienda.

[2] Cfr. p. 417: «terçado e anel e *didal de condão*».

[3] Exte *anel de condon*
Perguntalde vos á el
Y el dará a box razon
De quantos xacretos son.

O que posso documentar é a existência de *condonar* no sentido de «conceder graciosamente, doar, dar de presente».

No *Duelo* de Gonzalo de Berceo, a Virgem das Dôres implora do Filho a mercê de a levar d'este mundo cruel. E depois de longas explicações resume o seu desejo no verso:

Ruegote que m *condones* esto que io te digo
(Estr. 79);

e novamente:

Ruegote que m *condones* esto que io te pido
(Estr. 80).

Em português conheço igualmente um único exemplo, e esse pouco claro. No *Santo Graal,* da segunda metade do sec. XIII, ou princípios do XIV, mas retocado no imediato [1], Galvam moteja de Palamedes por esse ter corrido durante anos atrás da *besta ladrador* sem dar cabo d'ela. E Palamedes zomba de Galvam, e dos Cavaleiros da Mesa Redonda em geral, por eles se meterem em aventuras alheias sem haverem terminado a *Demanda.* Cada um gaba-se de ser o melhor cavaleiro do mundo. Afinal o maldoso Galvam obriga o adversário a justar, embora este estivesse gravemente ferido, dizendo-lhe: «pois vós *condõastes* migo de cavalaria, ou vós justaredes comigo, ou eu vos matarei» (fl. 173 d) [2].

Na linguagem jurídica de ambos os povos da Península *condonar* subsiste na acepção de «perdoar pena» «quitar dívida» [3], tirado directamente do latim. Do verbo deriva *condonacion, condonação.*

*

Passemos a outros termos populares, aparentados com o que forma o assunto principal d'este artigo. Regalar alguem, dar-lhe

---

[1] Num estudo especial provarei esta tese, que é nova, demonstrando que a linguagem da primeira redacção é a de Alfonso X; e a da refundição, que subsiste no manuscrito de Viena, do tempo de D. Duarte. Do confronto com o texto castelhano resulta que esse é tradução do português, retocado para a impressão com pouca perícia.

[2] Eu entendo: vós vos *iguastes* ou *acostastes*, isto é, *comparastes* comigo. A versão castelhana (cap. 329, p. 283), livremente modernizada em fins do sec. XV, como deixei dito na nota supra, nada esclarece. Como em centenas de passos, o tradutor substituiu o modismo arcaïco que não compreendia: «pues vos alabastes que erades mejor cavallero que yo, o vos justareys comigo, o yo os mataré».

[3] *Verzeihen, eine Schuld erlassen; Schulden erlassen.*—Em italiano tambem ha *condonare,* com as mesmas acepções.

prendas (regalos) muito positivas, era antigamente expressado na linguagem pastoril de Castela por *endonar,* e ás vezes perissologicamente por *endonar donas,* tanto em vilhancicos e églogas, como em romances e Autos do Natal. Num dos *Juegos de Noches buenas á lo divino,* de Alonso de Ledesma, lê-se: «*Endono-te* este arbol, este ave, este refran y este cantar» (n.º 37)[1]. Encina pergunta numa égloga, vergiliana, «Que donas te *endonaré?*»[2] e noutra, das do Natal, um dos pastores declara «Yo leche le *endonaré*». Ao menino Jesus, evidentemente[3]. Num romance de amor[4], dialogado, a mãe interroga a filha:

—Essa guirnalda de rosas, hija, quien te la *endonára?*

E a filha responde:

—*Donómela* un caballero.

Numa variante curiosa do *Romance de Mayo,* o Prisioneiro suspira:

—Los pobres que mas no tienen, *endonan* sus corazones![5]

O português conhece apenas o particípio[6], na locução adverbial *endõado, endoado,* que equivale ora a «de graça, por favor»; ora a «debalde, em vão»; ora a «sem motivo, inutilmente; injustificadamente» (*gratis; umsonst; unnützerweise*). Nos Cancioneiros galego-portugueses e no *Graal* ela ocorre muitas vezes[7].

Endõado ben podera aver
peixota quen-na quisesse filhar.
(*CV.* 1187, 8).

Foi a citola temprar
Lopo, que citolasse;
e mandaron-lh'algo dar
en-tal-que a leixasse!
E el cantou logu' enton,
e ar deron-lh' outro don,
en-tal-que se calasse!

---

1 *Biblioteca de Autores Españoles,* vol. xxxv, p. 192, n.º 415.

2 *Antologia,* VII, p. 62: «Mas yo te quiero *endonar* mi caramillo gracioso».

3 *Teatro Completo,* p. 153. (Egloga de las grandes lluvias).

4 *Prager Sammlung,* p. 114; vid. *ibidem,* p. 188.

5 Duran, *Romancero,* n.º 372. — O erudito coleccionador empregou o vocábulo dúzias de vezes no seu hábil *pastiche* da Infantinha de França (n.ºs 309, 310 e 311).

6 Nos seus versos castelhanos Gil Vicente prefere o símplez *donar:* v. g., I, 138; II, 42.

7 *CA.,* v. 6470, 7374, 9326; *CV.,* 570, 15; 860, 2; 996, 7; 1055, 4; 1146, 11; 1147, 1165, 2; *CBr.,* 22; *Graal,* p. 93, 29; 94, 3; 79, 11.

U a cítola temprou
logo lhe don foi dado,
que a leixasse; e el cantou.
E diss' un seu malado:
«ar dê-lhe-alg' a quen pesar!
non se cal' *endoado*» [1].

(*CV*. 971, 14).

Perguntá-lo-hei porque mi-á despagado
e 'ssi mi-assanhou a tort' e *endõado*.

(*CV*. 719, 11).

O meu amigo que me muy gran ben
quer, assanhou-ss' um dia
contra mi muyt' *endõado*...

(*CBr*. 251, 3).

et a correr
aquel poboo yrado
se filhou polo querer
destroir, mas *endôado*
foran isto cometer [2].

(*CM*. 99. Estr. 4-5).

«Galvam ... começou outra vez, ca bem lhe semelhou que o teriam por maao se se nom vingasse d'aquel que o *endoado* começara» [3]. (*Graal*, p. 93, 29).

Ás vezes ha apenas *dõado, doado* [4], e de longe em longe *dõadamente* [5]. O castelhano desconhece estes adverbios. Na versão do *Graal* o traductor omite-os, ou substitue-os por outros parecidos (como *em balde, por demas*) [6].

---

[1] O prefixo *in, en,* de *endonar, endõado,* é preposicional, e não negativo, como no adjectivo latino *indonatus*. Mas na cantiga, a que esta nota se refere, podia-se entender: «sem que o regalem com dinheiro». A analogia com os outros casos exige todavia a interpretação: «de balde».

[2] Mouros saqueiam uma vila de cristãos e destroem na igreja todas as imagens. Só a mais bella — a da Virgem — é indestrutivel.

[3] Reinhardstoettner imprimiu: *en doado.*

[4] *CV.*, 17: «Muytos me dizem que servi *doado; ibid.*, 131: «mui *dõado* moir'»; 237, 300, 443, 444, etc. No *Graal*, 163, ha: «Eu nunca lhes arrei (= *errei*) e cometem me *donando*» (na copia de Klob). A mais provável emenda do êrro é *dõado.*

[5] Fl. 174 *d.*: «E assi poderiades perder vossa onrra *dõadamente*».

[6] «Esta donzella se matou *em doado* com minha espada» (p. 79) = «que esta donzella se mató con mi espada» (p. 198); «se se nom vingasse daquel que o *en dooado* começara» (p. 93); «si no se vengasse de aquel que tan en balde lo acometiera» (p. 205); «ca me cometeo tam *endoado* = ca me cometio en balde»; «*Endoado* atendés aqui vosso irmão» (198 *a*) = «Por demas atendes aqui a vuestro hermano».

En don (= de presente, de graça) era vulgar em ambos os idiomas [1]. E muito mais os substantivos *don* (presente [2]), *doa, dõa, dona* (joya, presea [3]), assim como *donaire* por *donairo, dõairo* [4] (lat. *donarium*), que indica chiste e graça discreta no que se diz e faz. *Desdonado* (*unbezahlt*, sem graça, insulso), *desdon* (falta de graça, insulsez), e *adonado* (donairoso), são raros em Castela [5], e mais ainda em Portugal.

LAMPO — LAMPA

Nos numerosos artigos relativos ás fogueiras e mais práticas tradicionaes da poética noite de S. João, ninguem, que eu saiba, tratou das primícias de frutas veranis que figuram nesses festejos, e d'ahi receberam o nome privátivo que as distingue das seródias.

Eu, pelo menos, creio que o qualificativo LAMPO-LAMPA, «temporão», não é outra coisa senão o substantivo *lampo, lampa*, isto é, o nome geral, popular e arcáico, das innúmeras luminárias, *lámpadas* ou *alámpadas* de azeite, sebo, cera, que era e é costume acender na festa do Santo Precursor como perpetuação da *Mitt-Sommer-Nacht* dos povos gentilicos. San-João é o Santo das Luminárias por excelência (muito embora ceda parte d'essa gloria

---

[1] *CV.* 1158:

E por esto non sõo pecador
de comer ben, pois mi-o dan *en don.*

Ibid., 1177:

e nunca un comprador vi
que o quisesse, nen *en don.*

Poema del Cid, 196, 816, 2117, 3115: «*dar en don*»; 179: «*en don que*» (cfr. *CM.* 127, 4). — *Cid*, 1344, «*de don*».

[2] *CV.*, 575, 1009, *don; ibid.*, 1021, *dões.*

[3] *CV.*, 347, 622, 1000, 1024 (*dõa*); 505, *doa. CM.*, 28, 64, 212, 267, 348.

[4] A forma moderna talvez fosse influenciada em ambos os países pelo castelhano *aire* (ar). Em Portugal é considerada erroneamente como totalmente estrangeira. A forma antiga documenta todavia a sua popularidade. — No *Graal* ha *doairo* (cfr. Gil Vicente, II, 41) *dõairo* e *donairo:* na versão castelhana ha *donairo* e *donario.* Vid. fl. 74 *a*: «Filho, Deus te fezera fremoso e de milhor *dõajro* que outro cavaleiro... e tua beldade e teu *doayro* sam perdudos»; fl. 107 *b.*: «paação do milhor *donairo* que nunca foi cavaleiro» = «de mejor *donayre* que nunca foe cavallero» (p. 217); fl. 189 *b*: «Ay senhora bõa e de bõo *donario*» = «Ay buena señora e de buen *donario*». *Donario* é usado em outros textos, por ex. na *Gran Conquista*, p. 493.

[5] *Desdonado* no *Cancioneiro de Baena*, II, 105, 148 e 255; *desdon*, ibid., II, 272; *adonado*, por ex.: *Duelo de la Virgen*, estr. 66.

aos outros santos mesários de Junho, como S. Pedro e Santo Antonio), a ponto tal que na idade-média era denominado *S. João das Lampas*. Em latim bárbaro *Santo Johanne Lampadarum* [1].

A não ser essa a origem da palavra, não vejo a razão por que o adjectivo *lampo* se aplica exclusivamente a frutas novas, cujos primeiros exemplares costumam estar sazonados e maduros em Junho [2] (ou, com especialização folklórica, no dia maior do ano)? mas nunca a maçãs, cerejas, morangos, uvas, etc.? — *Figos lampos* [3] e *peras lampas* — eis as espécies empregadas nas festas de 23 e 24 de Junho, por serem então novidades, raras e preciosas. De que modo? Parece-me indubitável que outr'ora eram ofertadas ao Santo e colocadas nos seus altares, como uvas nos de Santiago Maior, no dia da sua festa [4]. Fóra das igrejas a mocidade empregava-as, tal qual empregava e emprega giestas floridas no dia das Máias. Os rapazes engalanavam com ramos verdes, carregadinhos de exemplares precozes das frutas mencionadas, as portas e janelas das moçoilas de aldeia que namoravam [5].

Suspeito que originariamente estes ramos seriam enfeitados tambem de pequeninos corpos de iluminação, e que d'esses provém o título de *lampas* (abreviado de *ramos com lampas de S. João*), o qual em seguida passou a designar os presentes e acepipes tra-

---

[1] Vid. *Portugaliae Monumenta Historica*, «Leges et Consuetudines», p. 486. (Foro de Fontarcada, anno 1193).

[2] Isso não exclue a possibilidade de em regiões muito férteis e bem cultivadas e em anos privilegiados alguns já estarem maduros em maio. Veja-se mais abaixo um passo relativo a Lamego e arredores nos bons tempos de mil quatrocentos e tantos.

[3] Os Diccionaristas que registam *lampo*; *temporão*, juntam em geral como exemplo mais usado *figo lampo* = «o que primeiro amadurece». Alguns acrescentam, s. v. *lampas*, a definição: «fruta colhida na noite de S. João». Outros classificam o vocábulo de termo algarvio, interpretando: «fruta que cae de madura na noite de S. João».

[4] Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 829. Lembre-se o leitor das peras de S. Bento, isto é, de S. Bento das peras. — É provável que antigamente, antes da reforma do calendário, dedicavam as primeiras cerejas a Santiago Menor e S. Felipe. Hoje subsistem ditados como: «Em maio cerejas ao borralho». E os velhos contam que no tempo antigo, em Portugal, já se comiam cerejas no dia das cruzes (2–3 de maio).

[5] Ramos *verdes* enfeitados de fruta temporan em junho. Ramos *floridos* nas festas de maio. D'aquelles deriva mesmo o título de S. João o Verde, mencionado por ex. por Gil Vicente, em cantigas populares (vid. vol. II, p. 491).

dicionaes do S. João, isto é, os primeiros representantes das frutas da estação [1], pendurados igualmente nos ramos.

Em prova alegarei agora alguns passos typicos, de autores quinhentistas e seiscentistas, que juntei.

D. Francisco de Portugal refere-se numa das suas prosas conceituosas a certa moça de cántaro (*Inês,* de Almada), gabadinha pelos ganhões do lugar, e conta que á sua porta «nunca faltou Maio florido em dia de Santiago, nem ramos verdes com perinhas no de S. João, a que os práticos d'aquella noite chamão *lampas*» [2].

Muito antes o Plauto português havia citado as lampas. Na *Comédia de Rubena* um dos pretendentes da princesinha Cismena enumera as homenagens com que a distinguia:

> Trago-lhe aqui mil gaiteiros;
> *lampas* cada San-João,
> *carreiras* no meu ruão;
> *folias* de tanoeiros
> em calças e em jubão;
> e *alvoradas* de cravo
> (e canela, [se] vem á mão!)
> servindo-a como escravo... [3]

Jorge Ferreira de Vasconcellos fala tambem, com relação a outra rapariga e seus namorados, das mesmas homenagens, lembrando «aquelas maias que punham, aquelas *lampas,* aquelas alvoradas!» [4]

Quem tinha o direito de enramar as portas e janelas da amada — levando-lhe as lampas em sentido positivo — *levava as lampas* aos demais pretendentes, em sentido figurado, isto é, conseguia, por se lhes haver antecipado, o que os demais debalde ambicionavam. D'esta metáfora (equivalente a levar vantagem, levar dianteira, ficar superior a alguem, sobrelevar-lhe, deixá-lo para trás, excedê-lo, vencê-lo (*prae-stare, ante-cellere*), serviu-se com graça o espirituoso autor da *Feira dos Anexins.* No capitulo

---

[1] Bluteau, que parece ter visto mais claro do que os posteriores lexicógrafos, comquanto se abstenha por completo de propostas etimológicas, define *lampa* como: «cousa que se manda para o dia de S. João de presente», e s. v. *lampas* como «presente de figos».

[2] *Prisões e solturas de hũa Alma,* p. 19.

[3] Gil Vicente, vol. II, 51.

[4] *Ulysipo,* fl. 166 *v.*

Dos fructos [1], os figos dizem ás tamaras: «Vossês nunca viram presentes de figos passados, que vem do Algarve? Algumas de vossês levam-nos as *lampas* em tempo de figos? Nem ainda as frutas verdes pela vindima! pois chegou a dizer o texto das velhas [2] que «quando ha figos, não ha amigos» [3].

Outro exemplo, extrahido da *Côrte da Aldeia,* de Rodríguez Lobo (Dialogo 13, fim), por Bluteau Moraes e outros, diz: «Quereis que o cortês com mesuras rebatidas leve as *lampas* ao liberal?»

Recapitulemos:

Lampa — 1) forma popular de *lampada,* passou a denominar: 2) ramos verdes, enfeitados com fruta temporan (peras e figos), no dia de S. João das lampas ou lámpadas, e talvez originariamente tambem de lampiões; 3) essa mesma fruta, tão precozmente madura [4]; 4) a vantagem, superioridade e primazia que a oferta de taes primícias dá ao oferente sobre todos os demais pretendentes; 5) em sentido figurado, qualquer vantagem, excelência, superioridade. Á segunda acepção se liga o emprêgo de *lampo, lampa,* como qualificativo das frutas de San-João: peras temporans e figos precozes.

D'esse adjectivo deriva *lámpão,* sem alteração do sentido [5];

---

[1] Parte III, fábula 2.ª, p. 195.

[2] Texto das velhas, evangelho das velhas, bíblia das velhas é naturalmente o Refranário popular.

[3] Este trecho, assim como o provérbio irónico «Amigo, amigo, de longe te trouxe um figo, quando te vi comi-o», escapou a João Ribeiro nas suas explicações conjecturaes enunciadas na obra *Frases Feitas,* p. 23.

[4] Na *Vida de S. Francisco Xavier,* de Lucena, liv. V, cap. XXIV, p. 366, se fala de um enxerto, «donde colheo as *lampas*».

[5] Conheço dois exemplos: um, de 1531 ou 1532, pertence á descrição da cidade de Lamego, viçosíssima de fruta, antigamente muito temporan, se o autor não exagera. Dos figos diz que duram «des maio atee natal, e os *lampãos* começam por mayo... inda os figos *lampãos* nom som acabados na terra fria, quando começam já os vendimos na ribeira». — Mais abaixo afirma que ha certas figueiras que em muitos anos dão figos *burjaçotes* maduros no mês de abril! (*Ineditos,* V, 557 sgs.).

O segundo exemplo, tambem relativo a figos:

Os *lampãos* que primeiro são prezados
Como bens que se dão antecipados,

contido na *Insulana* de Manuel Thomás (X, 95), já foi registado por Bluteau e seus successores.

Quanto ao sufixo átono *-ão, -an* (de *-ãa*). *-ăno,* em Hespanha, veja-se *Fragmentos Etymologicos,* n.º 44; *Pucaros,* p. 194; e Menendez y Pidal, *Sufijos átonos en español,* p. 392.

lampeiro, que em metáfora familiar designa o moço que faz alguma coisa muito cedo e rapidamente, antecipando-se a todos; o precipitado, espevitado, estoivado [1]; *lampinho,* tambem como característico d'esse rapaz, geralmente muito novo, ainda desbarbado, e por isso chamado *barbilampinho* [2] (por etimologia popular *barbilimpinho*).

O substantivo *lampo,* mais usado em Hespanha (incluindo a Galiza) do que em Portugal [3], tem cá como lá o sentido de «*relámpago,* raio». Os antigos diziam *alampo* [4] e *relampo,* de onde *relámpar* [5], mas tambem *lámpado* [6] e *alámpado* [7]. Estas contribuições para a história dos sufixos átonos faltam nos notaveis estudos de Cornu (Vid. §§ 196 e 201).

Creio que *lampo, lampa,* são formas regressivas como *soto* de *sótão, orfo* de *órfão.* A existência de *lampo* no país vizinho e a falta de *lampaa, alámpaa,* em documentos portugueses, formas que deviam existir, se se tratasse de símplez queda do *d* intervocálico, falam a favor d'esta ideia.

Lampada, alámpada, como nomes de luminárias, pertencem á linguagem da igreja. Considero-os semi-eruditos [8].

*

No seu livro já citado [9], rico de materiaes e de conjecturas em parte felizes, João Ribeiro deriva a frase *levar as lampas* do

---

1 Segundo Moraes, ha nas obras de Gregório de Mattos a oração seguinte: e «ela vem muito *lampeira,* para lhe ouvir o rompante».

2 *Gelbschnabel, Grünschnabel* (em alemão). — Usa-se em Tras-os-Montes, perto da fronteira; e corresponde á forma castelhana *barlilampiño,* comquanto *lampo, lámpano, lampero, lampiño,* não existam na linguagem literária dos vizinhos, ou pelo menos não andem nos Diccionários.

3 Os lexicógrafos registam um único exemplo (de J. F. Barreto, *Eneida,* XII, 104).

4 Vid. *Cantigas de Santa Maria,* 311, estr. 5:

> E fezo ventos mui grandes
> Et começou de chover
> Et *alampos* con torvões
> Desi coriscos caer...

5 *Poema de Alexandre,* estr. 87: «tanto echava de lumbre e tanto *relampava*»; estr. 97 da ed. Morel-Fatio, onde ha a variante *relumbrava.*

6 *Demanda do Santo Graal,* fl. 147 *a*: *chuivas, torvões e lampados.*

7 *Ibidem,* fl. 164 *d*: *torvões e alampados.*

8 O sufixo *-ado* no vulgarismo *cómmado, incómmado* (e em *côvado*) é secundário, e tem por isso explicação diversa.

9 *Frases Feitas,* p. 20.

costume de irem á frente das procissões homens com archotes ou faroes. Neste caso, o sentido primitivo seria: *alumiar* (*Jemand leuchten, Jemand heimleuchten*). Bem conheço os lampadóforos helénicos e as corridas olímpicas em que vencia o que, com a lámpada acesa, chegava primeiro á meta. Não esqueço tambem a bela figura retórica pela qual Schleiermacher caracterizou a teologia como ancila da filosofia, serva que, tomando a dianteira, lhe ilumina o caminho com o facho aceso. Mas não creio que a frase popular *levar as lampas* tenha origens tão remotas e tão nobres.

A praxe tradicional de que falei, arraigou profundamente no solo nacional. As processões por igual. Desconheço, todavia, «lampas de procissões» e desconheço «privilégios de tocheiros e lampadários».

TAIBO

Julio Moreira ocupou-se ha pouco das origens da palavra *taibo* [1], aparentemente antiquada, e muito escura, e da interpretação de uns quatro passos do século XVI, em que ocorre. Não me parece que os esclarecesse a contento de todos, e que a identificação com o árabe-vulgar طيب *taib,* «bom, bem», mereça aplausos.

Ao benemérito autor dos excelentes *Estudos da lingua portuguesa* dedico as notas seguintes, já antigas, agora retocadas, mas ainda assim insuficientes, fazendo votos para que todos quantos se ocupam da pitoresca linguagem do povo português contribuam para o pleito com factos e ideias.

Além dos trechos analisados na obra citada, conheço apenas mais dois, anteriores, do seculo XV.

Um poeta palaciano do *Cancioneiro Geral* empregou *taibo* num rifão de folgar. É o Conde de Borba, D. Vasco Coutinho [2], que responde ás trovas em que Pero de Sousa Ribeiro, motejando ou brasfemando de diversos cortesãos «casados», mas apaixonados *extra-matrimonium*, havia aludido aos amores do titular citado com uma filha de Jam da Silva. Chasqueando da vaidade

[1] Nos *Estudos da lingua portuguesa,* Lisboa 1907, p. 204, e anteriormente na *Revue Hispanique,* vol. XV.

[2] Vid. Braamcamp Freire, *Brasões de Cintra,* II, 407 e 428.

e das louçaínhas tafues do agressor, diz numa das cinco estrofes com que colaborou na obra colectiva dos satirizados [1]:

> Tudo isto nom he *taybo,*
> antes era muy marfuz [2].
> Quero-lhe leyxar hum ssaybo
> com que tragua
> na ssa boca a vera-cruz [3].

Meio-século antes, o Coudel-mór havia composto versos em *guinéu* (porventura os mais velhos que subsistem) em que um régulo da Serra-Leoa cumprimenta a Infanta D. Joana nos seus esponsaes com Henrique de Castela [4] e promete dançar uma mourisca retorta, tambem novidade então. Na sua geringonça — duas oitavas á castelhana [5] — emprega duas vezes o vocábulo de que se trata: «mandar fazer *taybo*... e logo meu negro senhora balhar... aqueste gente meu *taybo*».

Como se vê, os trechos nada nos adiantam; tão pouco claros são. Póde mesmo ser que no último haja erro de leitura [6] e que em lugar de *meu taybo* se deva ler *muy taibo,* como na comédia de Camões.

A meu ver, o preto da Guiné, entrando na côrte em dia festivo, acha a gente do paço muito divertida, lembrado de que na sua terra não ha taes festanças, por ela estar sempre em guerra.

---

1 O pequeno processo, instaurado quando el-rei se partia com a rainha para Almeirim (vol. III, pp. 216–230) deve ser anterior a 1506, visto que nele figuram nominalmente as «Donzellas da Infante», isto é, de D. Beatriz, mãe de D. Manuel, a qual faleceu no ano indicado.

2 Vol. III, p. 229, fl. 173 *e*. Note-se que a décima que segue, principia: «Tudo isto vay muy brando».

3 Quem me explica a alusão?

4 Em 1455, portanto. — T. Braga julga que se trata das bodas, muito mais faladas, da Emperatriz D. Leonor (1451). O bailador da Mourisca diz, porém, expressamente: «folgar muyto negro estar vós *raynha*».

5 Vol. I, 172 (= fl. 23 *b*).

6 Na edição fac-similada, que devemos á *Hispanic Society* ha mais erros do que no exemplar aproveitado por Kausler. Por ex.: *lodar cayt bela* em lugar de *andar carabela,* e *muao* em lugar de *muyto.* Pelo contrário, dois erros rectificados na reimpressão de Stuttgart (*namdou* por *mandou; falgar* por *folgar*) não se acham no exemplar americano. — Taes divergências confirmam o que deixei exposto em 1881, á vista dos tres exemplares da Bibl. Nac. de Lisboa: a tiragem nos prelos de 1516 efectuou-se pouco a pouco, e no entretanto correctores oficiaes ou extra-oficiaes emendavam a folha composta, mais ou menos voluntariosamente. Vid. *Zeitschrift,* v, 80.

Não sabendo bailar á moda portuguesa, propõe tomar parte nos folguedos, dançando uma mourisca ratorta, á moda da sua terra, pronto, bem se vê, para receber em seguida os dons com que o queiram gratificar. A fim de dar provas da sua arte, espera as ordens do mestre-sala.

Muy taibo na acepção «mui divertido, muito folgazão» [1] — eis a minha conjectura. Na trova do Conde de Borba *taibo* pode ter a mesma significação. E os trechos analisados por Julio Moreira não destoam por completo.

Devo todavia acrescentar que a minha interpretação, principalmente do texto de António Prestes, diverge notavelmente. O *Mestre* da obra simbólica no intrincado *Auto da Ave-Maria* recomenda aos pedreiros que repousem, na hora de folga, mas sem dormirem. É idealista e rigorista. Em resposta, o oficial Bom-serviço, materialista e comodista, replica: «Dormir guarda nunca *taibo*». Júlio Moreira interpreta: «nunca é bom que um guarda durma», procurando nessa sintaxe infantil a traducção imperfeita de um proverbio árabe (claro está que a isso o leva a etimologia que propõe). Quanto a mim, a resposta deve ser a apologia de um bom sono regalado. Tanto mais que o *Moço*, personificação do *contentamento terrestre*, continua:

Eu sou de festa (leia-se *da festa*)
té lançá-lo pela testa!
já agora fará bom saibo!

prelibando o bem-estar que Morfeo proporciona ao obreiro manual [2]. Entendo: um sono regalado nunca deixa mau gosto; nunca sabe mal, por prolongado que seja. — E passo a dizer como tento combinar e derivar da mesma raiz as duas acepções «folgazão» e «mal gostoso e cheiroso de podridão» — raiz latina, tão facilmente reconhecível que ela se apresentaria de pronto a todo o Romanista que, sem se preocupar com o significado, olhasse exclusivamente para a forma [3].

Pelo modo como *taibo* aparece, só em poesias jocosas e em alguns *Autos*, que são ricas minas de materias folklóricas, sempre

---

[1] «Meu divertimento, meu gozo», se nos cingirmos á lição impressa.

[2] No *Auto* não se trata de *guardas*, mas sim de oficiaes (pedreiros)!

[3] Alguns diccionaristas nacionaes, conhecedores de apenas um exemplo, ou dois, apontaram *tab-* (ou *tabes*).

julguei que nas locuções *ter de taibo, fazer taibo, guardar taibo* (onde é substantivo) e em *ser taibo* ou *parecer muy taibo* (onde é adjectivo invariável [1]), possuiamos metáforas provenientes de factos positivos da vida do povo. Notei que *taibo* quási sempre rima com *saibo* e ás vezes com *raivo*, o que atesta a pronúncia *taivo*, comquanto não esteja registada até hoje. E como *saibo* (subst. e adj.) [2] provém de *sapidus*, considerei-o como representante privativamente português de *tabidus, tabio* (como subst. verbal) [3]. Por isso liguei-lhe o sentido de» moleza extrema, podridão», pensando em frutas de inverno, amadurecidas artificialmente em cama de palha (o *toñil* dos rapazes asturianos), como nésperas e maçans, e que d'esse processo saem muita vez com certo gosto e cheiro desagradavel que recorda o de carne muito *manida*, o de peixe *ardido* e outras coisas estragadas. Á procura de processos semasiológicos que de mole, corrupto e consumido de podridão (*überreif, überweich, mudig, faulig*) conduzissem a devasso, e dessem á cama de repouso, — chamada *taibo* na linguagem do vulgo —, o sentido figurado de lugar de folguedos e devassidão (o qual Jorge Ferreira de Vasconcellos e António Prestes tivessem por ventura em mente) [4], lembrei-me do germanico *lotter*, variante de *locker* (mole, fôfo, solto), que designa exclusivamente coisas devassas (*Lotterbank, Lotterbett, Lotterleben, Lotterbube*, etc.).

O sair o vocábulo da boca de um Negro no texto mais antigo que conhecemos, não nos conduz forçosamente á Guiné [5]. Nem a oposição, em que *taibo* está, nos versos do Conde de Borba, para com o termo árabe *marfuz* [6], é motivo suficiente para procurarmos as suas origens entre os Mouros.

---

1 Não me lembro de haver encontrado o feminino *taiba*.

2 Igualmente desconheço *saiba*.

3 Seria singular que do grupo latino *tabeo, tabes, tabum* (= vurmo), *tabesco, tabidus, tabitudo, tabefio, tabificus*, não ficasse herdeiro algum directo da família románica.

4 A frase camoniana «essa [cantiga] parece muy *taibo*» é digna de atenção e de uma nota explicativa da parte do autor de tantas observações lúcidas a respeito da syntaxe popular e arcáïca.

5 Os trechos em *guinéo*, contidos no *Cancioneiro* e nos *Autos* de Gil Vicente e seus imitadores, exigem exame detido a que por ora não os submeti. Parece-me que nenhum d'eles está inçado de vocábulos africanos. Curiosos fenómenos fonológicos e uma morfologia e sintaxe infantil são os traços característicos de que me recordo.

6 Não registado nos Diccionários. Dozy tambem desconhece exemplos portugueses. Significa «vil, sem valor», e provém «de مرحوص (de رحص — rafez».

Confessarei, todavia, para concluir, que tambem pensei um dia em orígens semíticas. Como diversos outros termos, usados apenas até meados do século XVI, v. g. *trefe, malsim, manser* [1], *taibo* podia referir-se a qualquer cerimónia judáïca.

ESTADAL — ESTANDARTE

Do verbo *stare* provieram naturalmente numerosos vocábulos. Alguns adjectivos, derivados do particípio passado, com a significação de «firme, fixo, erecto, em pé», eram familiares aos clássicos latinos. Por ex.: *statarius, stativus*. Na idade-média juntaram-se-lhes outros, de sentido especializado: v. g. *statalis*. Substantivado este teve na península aplicações interessantes, algumas das quaes subsistem no reino vizinho.

I. Na primitiva o neutro *statale*, pronunciado *estadal*, designava certa medida, cuja unidade, servindo de bitola a objectos erectos, era o que em Roma fôra chamado *status hominis* [2], um estado de homem, isto é, a estatura normal do corpo humano (metro e meio). Hoje denomina em Hespanha uma superfície agrária de 16 varas quadradas (ou 111 miliares) [3]. Ignoro quanto vale nos exemplos arcáïcos, contidos em textos relativos á raia da Beira, escritos num dialecto que tem quasi tanto de castelhano como de português.

Nos *Costumes e Foros* de Castel-Rodrigo, de 1209, o cap. XVIII do Livro I determina que «Vinna aya XX *estadales* en coto: Prado, ó viña, ó orto, si fore aredrado XX *stadaes* da deanteyra casa, aya coto» [4]. E nos de Castelo-Melhor ordena-se com respeito a moínhos, azenhas e pescarias: «e las pesqueras seyan defessadas de suso XX *estadales* e de juso fasta» [5].

II. O nome da medida passou a diversos objectos: cintas benzidas em algum santuário, de tamanho marcado [6]; rolos de

---

[1] O *Cancionero de Baena* contém numerosos exemplos.

[2] *Status* = estatura, grandeza do corpo (*Magnum Lexicon*).

[3] *Estadal* (de *estadio*) m. «Medida superficial ó agraria que tiene 16 varas cuadradas y equivale á algo mas de 111 mili-áreas». (*Diccionario de la Academia*.

[4] *Portugaliae Monumenta Historica*: «Consuetudines», pp. 849 e 851.

[5] *Ibidem*, p. 926.

[6] «Cinta bendita en algun santuario que se suele poner al cuello». (*Dic. Acad.*). D'essas cintas, espécie de amuleto, e que servem de prendas de amor, fala-se a miude nos Cancioneiros arcáïcos. Não se lhes dá todavia o nome usado em Hespanha.

cera [1], empregados em diversas festas populares [2]; círios grandes e grossos [3]; candelabros, como suportes stativos d'essas velas. D'esses *cereostatas*, e sucessores dos *lampteres* e *lychnuchos* helénicos falarei no artigo imediato, dedicado ao *castiçal*. Aqui me ocupo apenas de velas *estadaes*, stativas, quer em castiçaes, quer nas mãos dos homens, e muita vez da altura (e tambem do pêso) dos devotos que em geral as oferecem *ex-voto* a Nossa Senhora ou a algum Santo.

É natural que de tão importantes acessórios religiosos, que dos ritos do paganismo passaram para as festas cristianizadas, se trate muitas vezes tanto em documentos em latim bárbaro [4] como em monumentos da era trovadoresca. Neles se vê que *candea* era o nome geral da vela de cera de uso doméstico [5], emquanto *estadal* denominava os ciriaes grandes e grossos que ardiam nas igrejas, quer diante dos altares, quer ao pé das tribunas dos prègadores, e serviam eventualmente nos adros-cemitérios, em enterros e vigílias de santos, mas tambem nos paços de reis e príncipes [6].

---

[1] É hoje provincialismo meramente andaluz, segundo o *Dicc. Acad.*: «hilada de cerilla que suele tener de largo un estado de hombre. Llamase comunmente asi aunque tenga más ó menos de esta longitud». — Em Catalunha é actualmente o único sentido que se liga a *stadal*. Vid. Esteve e Belvitges. — Em Portugal denominam-no *candea, candeia*. Vid. *Elucidário*.

[2] Acêrca do emprêgo de rolos de cera benta ou pavio de cera enrolado em festividades tradicionaes, como as da Purificação ou Candelaria e da véspera de Pentecostes (*domingo dos fogareos*) veja-se T. Braga, *O Povo Português*, II, 265; F. A. Coelho, *Revista de Ethnologia*, II, p. 67 sgs., e Sousa Viterbo em *Portugalia*, I, 629-631. — Em Alemquer dizem que a procissão da Candea foi instituida pela Rainha Santa. Talvez em memória de festividades locaes? O costume de cercar vilas com um rôlo de cera acesa no altar, existe todavia em outros lugares, por ex. em Braga.

[3] No sentido de *cirio ó hacha de cera, estadal* é antiquado tanto no dominio hespanhol como no português.

[4] Vid. Du Cange-Henschel (vol. VI, p. 344 ed. de Paris, 1846), s. v. *stadal*: «stadallus, candela major».

[5] Quanto á *candeia* na mão dos moribundos e das parturientes, vid. Sousa Viterbo em *Portugalia*, l. c., e C. M. de Vasconcellos, «Romances velhos em Portugal», em *Cultura Española*, fasc. VI, n.º 10.

[6] Tambem se empregava *ciro* (*CM.*, 211) e *vea* (*CM.*, 5 e 95), (reconduzido á forma latina *vela* nos tempos clássicos), mas com pouca frequência por causa da homonímia com *vela* de navio e moínho, e no século XV com *vea* = *vena*.

Exemplifiquemos:
No seu *Poema de San-Domingos*, Gonzalo de Berceo diz:

compraron mucha cera, fizieron *estadales*,
cercaron el sepulcro de cirios cabdales.

(Estr. 533).

e no de *San-Milan:*

tovieron su vigilia con grandes *estadales*.

(Estr. 361).

No *Cancionero de Santa Maria,* de Alfonso X, repertório abundante de milagres e actos de devoção, é que se colhem indicações pormenorizadas.

A morte ou doença mortal de uma mula aflige um lavrador [1] a ponto tal que promete á Virgem o *ex-voto* do costume:

mas decingeu log' a cinta
et a mua mediu ben
e fez *estadal* por ela,
que ardess' ant' a que ten
voz ante Deus dos culpados
....
O *estadal* enviado
et a muleta viveo!

(*CM.* 178, 7 e 8).

Outro prometeu que iria ao Puerto de Santa Maria *et que de cera leixasse un estadal sen falida* (385, 5) [2]. Umas vezes vemo'-los arder *ant'o seu altar* (114, 1; 275, 11); outras vezes *antr'o altar et o coro* (332, 5); ora *encendudos* (ib.), ora no momento de alguma monja os *encender* (275,11) ou *acender*. Ficamos scientes de que eram feitos de propósito (332, 5; 358, 4), segundo as ordens do oferente, e por ele colocados no sítio próprio (114). Um negociante de Salamanca, doador de candeas e estadaes a diversas igrejas, dá a preferência ás candeas de Toledo, *porque non son*

[1] Ao traçar estas linhas, vem-me á lembrança um conto exemplar de D. Anna de Castro Osorio, — *A maior dôr* —, premiado em Paris e traduzido para alemão por D. Luisa Ey, cujo assunto é o grande prejuizo que a morte de um animal de lavoura ou de carga causa, e a dôr que inspira ao lavrador pequeno.

[2] Cfr. 358, 7. *Estadal de cera,* como *ex-voto* renovado cada anno, ocorre nas cantigas 247, 12; 275, 11; 332, 5, 6, 8 e 9.

feas, ca eu taes alá vi melhor arder que teas (= taedas). Em sentido figurado equivale a lume (*Leuchte* e *Kirchenlicht*). A Virgem é *estadal* do mundo (292, 9). Algures justifica-se o dom de luminárias, no Refram:

dereit' é de lume dar
á que Madr' é do lume.

(116).

Metaforicamente diz-se dos corpos queimados de uns criminosos:

et ben com' ard' *estadal*
ardeu a carne d'aqueles.

(116, 4).

Passando aos lindos cantares de romaria — espécie de *cantares de amigo* dos jograes galego-portugueses — tão ingenuamente religiosos, encontramos um de Nuno Fernández [1] em que uma menina namorada, cheia de saudades do amigo ausente, implora San Clemenço [2], e peitando-o sem malícia promete obras de vulto:

ca se el m'adussesse
o que me faz penad' andar,
nunca tantos *estadaes*
arderan ant' o seu altar!
....
ca se el m'adussesse
o por que eu moyro d'amor,
nunca tantos *estadaes*
arderan ant' o meu senhor.

(*CV.*, 807) [3].

Nas quadras imediatas vemos que para os fins indicados havia, além de estadaes singelos de cera, feitos *ad hoc* no país, outros vindos de fóra: artefactos de pouca valia, provavelmente

---

1 Ou Nuno Perez. A abreviatura não é clara.

2 Por ele ser mais benévolo e carinhoso (*clementius*) do que os outros santos? ou meramente por haver altar de *S. Clemenço* ou *Cremente* na igreja da sua vila?

3 Ha bastantes confissões como a que reza:

Non por mia alma candeas queymey,
mays por veer o que eu muyt' amey.

(*CV.*, 339).

feitos de sebo como *lume de Bogia* (*bougies*); e candeas de Paris [1], seguramente preciosas, enfeitadas porventura com festões, silvas e relevos de côr, como os que ainda hoje se vêem em santuários de fama (v. g. no Bom-Jesus de Braga), como outr'ora os fachos helénicos [2].

Obras de vulto, disse eu, porque em regra as moças de aldeia restringiam-se ao dom de candeas pequenas, que as mães queimavam (isto é, gastavam por completo) dentro das capelas, emquanto elas bailavam em volta de árvores floridas, cantando:

Pois nossas madres van a San-Simon
de Val de Prados candeas queimar,
nós, as meninhas, punhemos d'andar
con nossas madres; e elas enton
queimen candeas por nós e por si!
e nós, meninhas, bailaremos i.

(*CV.*, 336).

Com estes e outros versos de Pero de Viviães e do já citado Nuno Fernández confiram-se os de Ayres Corpancho e do rico-homem D. Afonso López de Baião [3].

Como, antes de mim, outros investigadores já falassem de *candeas* [4], advertindo que as do século XIII eram velinhas de cera

---

[1] Eu leio:

Pois eu en mia vontade
de o non veer son ben fis,
¿que porei por caridade
ant' el candeas de Paris?

e dou ao *que* da pregunta o sentido final de *para que?*

[2] Os estrangeiros curiosos encontram representações na *Portugalia*, num artigo de Rocha Peixoto, relativo á *Illuminação Popular* (vol. II, 35–48). Rico e bem elaborado, ainda assim não exgota o assunto. Com relação a Portugal-o-Velho podia-se haver tratado tambem, etimologicamente e quanto aos materiaes, modo de fabrico, etc., de *teas, teias* (= taedas); *archotes, chotes; tochas* e *antorchas; fachas* e *fachos; brandões;* isto é, de cordas de esparto, tranças de palha, embreadas, fibras de madeiras resinosas, torcidas e ligeiramente revestidas de cera.

[3] *CV.*, 265, 339, 808.

[4] T. Braga, *O Povo Português*, II, 263; Sousa Viterbo, «Candeias na industria e nas tradições populares portuguesas», na *Portugalia*, I, 365-368, 629-631, e *Artes e Artistas*, cap. XI. Ambos parecem imaginar que unicamente a festa da Senhora das Candeas (*Candelaria*, 3 de fevereiro) se festejava com candeas rolos, esquecendo que a entrega de *ex-votos* de cera se verificava nos maiores dias santos do ano, em peculiar na Pentecostes, conforme já deixei dito

ou sebo, destinadas para castiçaes colocados no altar (*Kerzen*, e não *Lampen* como posteriormente), direi apenas de passagem que as sucessoras das *lucernas* oleárias de Roma tinham o nome de *lámpas, lámpadas, alámpadas*, de origem grega, peculiarmente quando eram luminárias eternas de imagens e paineis dentro e fóra das igrejas, conforme se verifica em Testamentos e Doações medievaes [1].

Sempre fui de opinião que a etimologia *statale* > *estadal* era óbvia, e que só por isso ninguem lhe dedicava artigos especiaes. Houve todavia algum desvio da linha recta, por confusão entre *estadal* de *stare* e *estandarte* de *extendere*. Na edição diplomática, nunca assaz louvada, do *Cancioneiro da Vaticana*, Ernesto Monaci propôs (em 1875) nas Annotações a modificação *estandaes* por *estadaes* [2]. E esta alteração foi sancionada e propagada nas transcrições de T. Braga e Sousa Viterbo [3]. Não me parece difícil eruir as origens da falsa interpretação. O ilustre Italiano lembrava-se dos *stendali* da *Divina Comédia*, — d'aquelas sete árvores douradas que o Dante viu numa das grandiosas visões do Purgatório —, candelabros andantes, de muitos ramos, em cujos topes havia luzes bruxoleantes que, agitando-se em faixas das sete côres do arco-iris, semelhavam flámulas ou bandeirolas [4] — *Estandartes*.

Stendali, no sentido de *stendardi*; isto é, *estandartes*. Ambas as formas italianas, assim como a portuguesa, a castelhana e a inglesa (*standard*, e o germanico *Standarte*), derivadas do antigo francês *estendart*, nada tem com *estadal*, a não ser o sufixo da primeira. A raiz a que está fundido o sufixo germánico *-ard, -hard*, é o latino *extend-* [5]. A pronúncia francesa que se repercutiu em toda a parte, originando o baixo-latino *standardum* e formações paralelas como *standale, extendarium*, *extendale* [6], a definição usual e apropriada de *standardum* como *vexillum statorium præ-*

---

[1] Vid. *Lampo, lampa*.

[2] P. 437.

[3] José Joaquim Nunes conserva a lição correcta na sua *Chrestomathia Archaica* (p. 362 e *Glossário*).

[4] *Purgatório*, XXIX. «Un lustro subito trascorse... la gran floresta... tal quale un fuoco acceso... sette alberi d'oro ... eran candelabri ... fiamette ... e di tratti pennelli avean sembianti». No verso 79 chama-os «questi *stendali*».

[5] Vid. Körting, s. v. *extend* + *ardum*.

[6] Vid. Du Cange-Henschel, VI, 356, s. v. *stantareum*, e 354, s. v. *standardum*.

cipuum totius exercitus (= *Standfahne*) e a existência de diversos nomes populares, derivados de *stare* pelo particípio presente *stant* [1], tudo isso conduziu na mente do povo inculto á confusão entre *stend-* e *stad-*, e á etimologia exarada no verso — *dicitur a stando standardum quod stetit illic.*

Para completar o paralelismo, *standardum* [2] significava tambem bitola, padrão (*ponderum et mensurarum exemplari et modulo*). E na Inglaterra, onde essa acepção subsiste, o vocábulo designa em terceiro lugar o candelabro (*candlestick of large size standing on the ground with branches for several lights*) e várias outras espécies de postes, pilares, esteios, e objectos de haste comprida [3].

*

Posso apontar *estandal* = *estandarte* num unico texto castelhano, que, porém, é tradução do francês [4].

Em português ha *estendal* apenas no sentido idiomático de estendedoiro, extensão, superficie extensa e lisa. Ainda outro dia i nas *Rimas* de um eminente poeta vivo:

> E o mar sereno, á luz radiante, similhava
> um *estendal* de seda azul, franjado d'oiro.

As franjas talvez provenham de reminiscências inconscientes de *estandartes?*

---

1 A única forma de que não ha exemplo é *stadardum.*

2 Quanto ao sufixo germánico *-hard,* vid. Meyer-Lübke, II, 519. Não é todavia completo o que nota com relação á Península e á tendência medieval de o substituir aos sufixos menos vigorosos, como *-al, -ar.* Abstraindo de *lagarta* < *lacerta; betardo, batarda* < *ave tarda;* de *alabarda* e *guarda,* de *bacamarte* e *baluarte* (germ.), de *albarda* e *alardo* (ar.), assim como de *leopardo,* em que só aparentemente ha o sufixo *-ardo, -arda,* e de *talabarte* cuja origem é desconhecida, ha em português vocábulos comuns a todas ou a algumas línguas románicas, como *bilharda, mostarda, espingarda, petardo, galhardo;* e outros só peninsulares como *espadarte, fajardo, gabinardo, javardo* (derivado de *javali,* por processo regressivo), *lapardo* (de *láparo,* com troca de sufixo) no verbo *alapardar-se* = acaçapar-se. E depois os nomes próprios *Bernardo* (bernarda), *Clenardo, Leonardo, Ricardo, Duarte* (vindo de Inglaterra), aos quaes o povo juntou *Felizardo* (alcunha de homens venturosos), e mesmo *Desinfelizardo* (alcunha de desastrados).

3 De *estadulho* (cast. *estadojo, estadoño;* astur. *estadoñu, estadueño, estadorio;* gal. *estadullo*), nome comum dos fueiros (*funarios*) do carro de bois, já falei nos *Fragmentos Etymológicos.*

4 *Gran Conquista,* p. 266. De um chefe vencido e ferido diz-se «alzaronlo e levaronlo á su tienda cabo do estaba el *estandal*».

CASTIÇAL

Estadaes eram, como estabeleci, entre outras coisas, candelabros grandes, sucessores de *lychnuchos* e *lampteres* helénicos e de candelabros romanos, — postados no chão, diante dos altares, e ao pé das tribunas que nas igrejas cristans serviam de púlpitos aos prègadores, entre o altar e o côro, nos *ambones*. *Candelabrum majus quod per se stat; cereostatæ quæ per se stant vel in quibus cerei stant* [1]. (*Standleuchter, Stativleuchter*). De base firme, ás vezes tripartida, haste erecta, e bocal com prato (*arandela*), ou de braços, servia de sustentáculo de luminárias diversas: candeas de cera, tochas, brandões, lámpadas. De bronze ou prata (*ænea, ærea, argentea*), ás vezes dourada, de pedra-mármore, mas tambem de argila, tanto na antiguidade como entre os povos románicos. Muitas vezes de metal (cobre, ferro, latão), e em igrejas modestas mesmo de madeira, quer dourada, quer sìmplezmente pintadinha de azul e amarelo.

Pensando nos mais baratos e humildes, existentes em igrejas de aldeia, imaginei que sendo em regra de castanho, o termo *castiçal* seria propriamente o nome vulgar d'essa madeira, uma vez que a variante *castinçal* (que ouvi em Paço de Sousa, Vilarinho de Vizela e Vilar de Frades) designa o castanheiro ou *castinheiro* bravo, criado de propósito em bosques para madeiramentos [2].

Errava todavia. Os productos naturaes que deram nome ao candelabro rústico são mais modestos e humildes ainda. Meras *canas*, indígenas com certeza.

Num documento galego, em latim bárbaro do século x, encontrei o vocábulo *canicistales*. Trata-se do inventário extenso dos bens móveis e immóveis doados em 955 ao mosteiro do Sobrado por dois Godos nobres, Hermenegildo e Sisnando, futuro bispo de Santiago [3]. Entre os que destinavam á igreja ha *candalabra tria*

---

[1] Du Cange-Henschel, *l. c.* — Nos dois trechos ahi citados, em que os oferentes falam de candeas da sua altura, *stadal de candelis* significa, a meu ver, *candelabros* de várias velas ou lámpadas, e não essas velas ou lámpadas.

[2] Vid. Moraes, s. v. — Na Galiza, ao par de *castiñeiro* existe *castiro*, segundo Cuveiro-Piñol. Não é tanto a forma regressiva que causa admiração, como o sufixo, desusado.

[3] Vid. López Ferreiro, *Historia de Santiago*, vol. II, p. 324, e Apend., n.º LXVII, p. 156.

enea fusilia, canicistales duos ex ere; lucerna cum pede suo eneum fusile.

Desde o dia em que li estes dizeres (1899), que seguramente hão de encontrar confirmação em outros, creio que *castiçal* está por * *canstiçal,* * *cainstiçal,* forma que nascera na boca do povo por metátese instintiva de *st* e *ç,* porque o sufixo duplo *-içal* é vulgar, emquanto *-istal* não se encontra em palavras vulgares.

E a razão da nomenclatura? De duas uma. Houve de facto castiçaes feitos de canas, e o nome passou dos mais humildes a todos os suportes altos e stativos de velas, por eles todos serem de haste erecta, encima ôca, de forma cilíndrica *como canas* —, ou então houve um tempo em que a própria vela ou candela tinha um nome derivado de *canna,* pelo mesmo motivo formal. A primeira hipótese é mais provável.

Cannex, cannicis, existe em *canniciæ. Stal* é o germánico *stall* = *Gestell* [1]. O castiçal primitivo, caseiro, era um stativo, uma estante de canas: *Ein Rohr-gestell.*

Os mais antigos documentos portugueses, relativos a castiçaes, que conheço até hoje, são inventários do século XV (1437 e 1457) [2]. Neles aparecem (além de muitas lámpadas argénteas, de azeite, para capelas) castiçaes grandes dourados; outros mais pequenos de ter cotos; outros de prata, brancos, do altar; alguns de cobre, de ter tochas; de ferro, para tochas de mesa; tocheiras para brandões, e tocheiras para candelas. Claro está que a evolução de *canicistales* estava concluida muito antes.

Além dos nomes mencionados havia na linguagem erudita *candelabro* e *cirial,* na popular *candeeiro* [3]. Este caiu todavia em desuso na acepção de castiçal, passando a denominar candeas de azeite.

*

Heureka! Ao copiar as minhas investigações sobre os *Ratinhos-ratinhos,* reli naturalmente todas as trovas do *Cancioneiro Geral* em que *fidalgos da Beira,* repatriados nas suas terras,

> .... perto da serra
> onde abytam os pastores,

1 Vid. Körting, 9015.

2 Caetano de Sousa, *Hist. Geneal.*, Provas, I, 505, 506, 572, 573: Testamento do Infante D. Fernando antes de ir para a África; e Enchoval da Infante D. Brites quando casou com o Infante D. Fernando.

3 *Candeeiro* tambem era nome do fabricante de candeas oleárias, em documentos do tempo de D. Denis, e posteriores. Nos Romances tradicionaes designa o homem que trata do *candil.* Vid. Abade Tavares, n.º 61.

dizem bem d'elas e mal das pousadas, em que os encafuavam emquanto eram palacianos. Quem procura, sempre acha! — Numa Carta muito entretida — se não *ratinha,* pelo menos *ratona* — mandada por *Joam Roiz de Castell-branco, contador da goarda a Antonio Pacheco, veador de moeda de Lixboa,* em que se trata de cadeiras desengonçadas, lençoes de mês a mês, quartos sem candea, aparece tambem o *castiçal de cana!* Abram o vol. II, p. 293, e leiam toda a composição. A p. 293, l. 12, é que o encontrarão.

RATINHOS

A explicação do termo, como picuinha tópica aplicada em especial aos Beirões, não é de hoje. No século XVI, alguns decénios depois de algum anónimo dizedor da côrte o haver inventado e de o fundador do teatro nacional haver feito d'ele um tipo cómico, Jorge Ferreira de Vasconcellos punha na boca de um escudeiro vilão da sua comédia *Eufrosina* a pregunta humorística, dirigida a outro companheiro seu: *Porque engordais tanto, vilãozinho de Ratis?* [1]

Posteriormente, o autor do joco-sério poema dos *Ratos da Inquisição* disse:

Com ser a gente de Rates
tão símplez e boa gente,
vós, ratos, á unha e dente,
na roupa me dais combates!
Olhai que são disparates
(quando somos tão vizinhos)
o serdes vós tão daninhos
com esses trapos coitados,
quando *tão aproveitados*
da Beira são os Ratinhos.

(Estr. XIII, p. 117).

Houve mesmo quem em prosa didáctica estabelecesse a mesma opinião, equiparando os Saloios aos Ratinhos porque «sendo o concelho de Rates huma só freguezia de quatorze ou quinze

[1] «Parece-me que se vos enxerga o bom pasto». (*Eufrosina,* II, 2; p. 94 da ed. de 1786). Como nessa impressão, crivada de erros, e talvez tambem na primeira, se lia *de ratis,* com minuscula, os lexicógrafos não perceberam o sentido. Quem quiser procure nas tão gabadas primeiras edições de Moraes — para ouvir que *de ratis* (do francês *ratis!*) significa «de marca»; ou «das hervas» — e tambem que será melhor ler *de ratim!*

lugarinhos ou aldeias, e estes sós sejão os *ratinhos,* delles se estendeo o nome a quasi toda a Beira (que quer dizer bordas do mar) e a outras comarcas» [1].

E como não haja senão uma única vila de Rates de certa fama [2], é naturalmente essa que assim se apontava como étimo, comquanto a sua situação ao Norte do Doiro se oponha virtualmente [3]. É curioso, embora triste, ver como os modernos motivam a aplicação de um termo, segundo eles minhoto *ab initio,* aos Beirões.

Rates [4] tem «nomeada no mundo católico», pelo martírio que aí recebeu em 44 ou 45 um pagão convertido, ordenado e sagrado por Santiago Maior: S. Pedro, primeiro arcebispo de Braga e (na mente dos Portugueses) primeiro que tiveram as Hespanhas [5]. Nesse *Rates* (chamado S. Pedro de Rates, porque o santo era oriundo da vila e fundador da sua igreja) havia naturalmente muitos Cristãos quando o resto do país ainda era dos Gentios. Por isso, eles tratavam de *Ratinhos* todos os adeptos da nova religião, depreciativamente! [6] — No século I da era cristã!

Outros preferem a esta lenda a de os habitantes de Rates haverem sempre deixado por costume a sua terra, no fim da primavera, para irem trabalhar nas ceifas do sul: Beira, Estremadura e Alemtejo [7].

Ainda outros querem que a alcunha proceda dos amiudados e fecundos partos das mulheres, não só de Rates, mas de todo o

---

[1] Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea,* Dialogo XII, p. 245. — Para dar força á ideia enunciada refere um exemplo análogo: «Como do Lácio, que erão pouco mais de outros tantos lugares no território de Roma, se estendeo o nome e a lingoa latina a toda Italia, e della a outras províncias remotas qual era a nossa Hespanha, onde se veio a falar antigamente essa lingoa a que chamavam falar em *romance* como quem diz falar romano».

[2] Além de S. Pedro de Rates, vejo apontadas em diccionários corográficos apenas umas pequenas *herdades: Rates, Ratos, Ratinhos.*

[3] S. Pedro de Rates, no concelho da Póvoa de Varzim, antigamente da comarca de Barcelos, fica a uma legua d'esta povoação.

[4] Os que se ocupam da terra, ou de seu filho mais ilustre, derivam o nome de *ratis* = jangada, explicando que o mar levava outr'ora embarcações até a localidade por um esteiro de que ainda ha vestígios.

[5] Vid. Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal,* cap. 72.

[6] J. A. de Almeida e Pinho Leal: s. v. *Rates.* — Cfr. Cardoso, *Agiológio,* I, 426 *b.*

[7] J. M. Baptista, *Chorographia Moderna,* II, p. 851. (E-m-9).

Minho, e assentam que os emigrantes veranís povoaram quasi todas as mais províncias do reino! [1]

É possível que se lembrassem da locução plebea «parir como rata, sete de cada vez»; ou mesmo dos ditos injuriosos com que nas bodas de Salas a noiva conspurcou a fecunda mãe dos *Infantes de Lara,* num romance castelhano, conhecido e citado em Portugal [2].

A explicação de *Ratinhos* como *ratinhos,* deminutivo de *ratos,* a que acabo de aludir, é minha; creio todavia que passou pelo espírito de alguns, como Antonio Serrão de Castro, e entre os modernos Leite de Vasconcellos. A fim de ver se era fundada a oposição que o erudito director d'esta *Revista* fez á derivação tradicional [3], para indagar quaes as qualidades salientes dos Ratinhos, em que o nome chulo se baseia, e tambem para estabelecer se realmente ele se aplicava exclusiva ou primordialmente a trabalhadores da Beira-Baixa, examinei os apontamentos que pouco a pouco fôra coligindo [4]. Eis o que apurei até hoje:

Em primeiro lugar darei a documentação indispensável, recor-

---

1 Carvalho da Costa, I, 336 *e*, e III, 5.

2 Duran, *Romancero,* n.º 665. Mas ahi o animal immundo não é rata: *que siete hijos pariste, como puerca encenagada.*

3 Num artigo sobrescritado «Em Evora», impresso no *Reporter* de 20 de julho de 1888 (n.º 200), do qual tive conhecimento, por favor especial do autor, em princípios d'este ano. — As consequências a que chega, depois de esmiuçar dois passos de Gil Vicente (II, 443 e III, 237), a prosa de Leitão de Andrada, Jorge Cardoso, J. M. Baptista e o *Diccionário* de Bluteau, são as seguintes: «alguns auctores, preocupados com a semelhança entre Rates e Ratinhos, imaginaram logo uma relação etymologica, embora falsa, e suppuzeram inverosimilmente que o nome se propagou do Minho á Beira. Outros finalmente, seguindo mais afoitos neste terreno escorregadio das aproximações nem sequer se referiram mais aos Ratinhos da Beira, e attribuiram a denominação aos Minhotos». Visa aqui o P. Rafael Bluteau que dissera: «*Ratinhos se chamam os povos do Bispado de Braga,* porque fóra da sua terra, perguntando-lhes donde vem, costumavão responder que vinham de S. Pedro de Rates». — São importantes as palavras finaes de Leite de Vasconcellos: «De mais na Beira creio que não ha nenhuma terra chamada Rates. Por outro lado nunca ouvi dar á gente de Rates o nome de Ratinhos, comquanto eu tenha já nas minhas *Tradições Populares de Portugal,* § 161 *a,* uma lenda de lá». — Não propõe a etimologia que advogo; mas de carta particular sei que não lhe repugna.

4 Claro está que não me é desconhecido o que T. Braga escreveu a respeito de *ratinho,* por ex. no *Povo Português,* I, 106, e II, 415; nem tão pouco as reimpressões das suas opiniões em jornaes como a *Epoca* (1886, n.º 43). — Ele aceita as ideias dos antigos, na fé de que deviam estar bem informados.

rendo sobretudo aos *Autos* do Plauto português como fonte mais arcáïca e mais caudalosa.

1) *Ratinho da Giesteira* [1], é uma das pulhas que Joanne, o Parvo, dirige ao Diabo. (Gil Vicente, I, 224). Na edição *princeps* ha, não só neste trecho mas em todos quantos cito, *ratinho*, com *r* minúsculo.

2) Se casasses com pàção
que grande graça seria!
e minha consolação.
Que te chame de *ratinha*,
tinhosa cada meia-hora,
inda que a alma me chora
folgarei, por vida minha!

(*Ibid.*, II, 435).

Um pastor da Serra da Estrela repreende e increpa assim a rapariga que ama, porque, esquiva e orgulhosa com ele, seu igual, se deixa enlevar pelas graças dos cortesãos. —

3) Muitos ratinhos vão *lá*
de *cá da serra* a ganhar.

(*Ibid.*, II, 443.)

É um folião do Sardoal [2] que assim vem desafiar os bailadores da Serra, provando-lhes que já conhece a arte d'eles. —

4) E no mais triste *ratinho*
s'enxergava hũa alegria
que agora não tem caminho.

(*Ibid.*, II, 447).

D'esta vez é o Autor que fala, no Prólogo do *Triunfo do Inverno*, referindo-se ao bom tempo antigo em que na aldeia de Barcarena havia tambor em cada moínho. —

5) Onde he o vosso *ratinho*?
não tem os cheiros colhidos?

(*Ibid.*, III, 66).

---

[1] Talvez: *da giesteira*, como quem dissesse ratinho do mato? — Ha edições soltas do Auto, em que falta o trecho. — *Giesteiras* são freqüentes nos *Autos* de Gil Vicente (vid., por ex. II, 216).

[2] Creio que se trata do concelho, pertencente á comarca de Abrantes, bispado de Castello Branco (Baptista, IV, 276).

Pertence á moça que assim interroga o Velho da Horta a respeito do seu criado, o Parvo da farsa. —

6) Toma *ratinhos* por pagens.
(*Ibid.*, III, 203).

É o capelão do fidalgo pobre de Coimbra que assim fala do seu amo, porque sem renda nem nada quer ter muitos aparatos.—

7) *Ratinho* és de má casta!
....
Ratinhos são abantesmas
e quem por pagens os tem.
(*Ibid.*, III, p. 21).

É o proprio fidalgo que ralha assim, indignado pelo saibo, pouco fino, da fala do vilão. —

8) Mais fermoso está ao villão
mao burel que mao frisado,
e romper matos maninhos;
e ao fidalgo de nação
ter quatro homens de recados
e leixar lavrar *ratinhos*.
(*Ibid.*, III, 220).

Assim discursa, sensatamente o almocreve Pero Vaz, de a par de Viseu, dirigindo-se a um dos pagens, *ratinhos*, do mesmo fidalgote,—pagem cujo pae cavava bacelo, bem cansado e bem suado, emquanto a mãe *levava o gado pera Val de Cobelo, mal roupada qu'ella ia.* —

9) Logo vos foram dizer
qu'era eu *ratinho*, senhor.
(*Ibid.*, III, 237).

Assim replica um moço do paço ao outro, que aludira a centeios, mondas, gado da serra, para chasquear d'ele. —

10) essa *ratinho*, canseira,
....
ficar abora, *ratinho*
....
a mi abre oio e ve
ratinho tira bes[t]iro
....
ratinho, quem te forcasse!
ratinho nunca bi[n]tem.
(*Ibid.*, III, 245–247).

É um negro ladino, grande ladrão, que trata de enganar um pobre e simplório vilão, filho de um lavrador das bandas de Pedrógão — já roubado e enganado pelos dois moços do paço.

Passo aos poetas cómicos da escola de Gil Vicente: António Prestes e Chiado:

Será agora o homem como *ratinho*
que nasce d'um freixo, vem cá tomar honra
aos naturaes de Douro e Minho.
(Prestes, p. 5).

A Sensualidade consola o Diabo, que decaiu para sempre de anjo luzente, emquanto o homem vilão, se se penitenciar, subirá a anjo. Ignoro se o poeta,— muito escuro, conceituoso e simbólico no seu *Auto da Ave Maria*, — pensa em algum *Freixo* de Trás-os-Montes, ou nos *ratinhos* do mato que tem as suas luras no raïzame das árvores.

No mesmo drama alegórico o moço *Ganhar-pera-ruins*, que acumula dinheiros para morrer rico, aparece *em trajo de Ratinho*. A respeito d'ele o Cavaleiro e a Sensualidade trocam o diálogo seguinte, antes de o despirem do seu:

C. Vem em trajos de *ratinho* !
S. Vem o próprio, singular.
É *ratinho* no ganhar,
e pombo no fazer ninho.
C. Quem-no ha de saltear ?
O demo lhe leva tudo,
e mais, quem se fica rindo [1].
(P. 88).

Se no citado *Auto da Ave Maria* o Moço *Ganhar-pera-ruins* está na lista das figuras como *Ratinho*, na do *Auto do Procurador* aparecem dois, sem outro nome [2]: vilões do concelho de Elvas, gente de agricultura, rude e testaruda, que fala á moda da terra natal, sem pejo nem circumlóquios [3], mesmo em Lisboa onde

---

[1] Cfr. p. 90:

O demo é que leva tudo,
quem se fica rindo alto.

[2] Vid. pp. 104, 138, 140, 155, 164, 167 e 169.

[3] A p. 169 alguem diz d'elles: *falam ratinho*.

visitam um primo que fez fortuna, casando com a filha do Procurador.

No *Auto dos dous Irmãos* o Criado, velhaco e teimoso, ora é tratado de *Ratinho* (p. 239), ora de *Vilão* (p. 249).

Na *Pratica de oito figuras,* do Chiado, um moço conversa com outro, que na capital serve de escudeiro a um fidalgo, se preza de muito discreto e pàção, e tem pretensões de ser del Rei, dizendo:

Hontem viestes da Beira
e aprendestes tão asinha? [1]

acrescentando ditados como

....
oi vindo e cras garrido! [2]
Hontem pascendo no feno,
e hoje sois-me tão lido!

Mas não lhe apõe a alcunha de que me ocupo.

Passo pela locução de Jorge Ferreira, e por um trecho pouco característico no *Auto do Dia de Juizo* (p. 11), para chegar ao já citado Leitão, que intercalando na sua prosa um romance na rude linguagem pastoril da vila de Pedrógão, o classifica como ratinho vilanesco (Dialogo I, p. 3). D'ahi aponto ao *Entremês do Poeta,* de Francisco Rodrigues Lobo, em que um *Ratinho,* chamado Mendo, faz o papel de vilão gracioso, ou digamos de Sancho Panza de seu amo quixotesco e cultista, falando linguagem rústica e chula, um tanto artificial, que serviu de modelo a outros autores posteriores, como a Simão Machado, o qual introduziu nas suas *Comédias* alguns tipos populares a falarem *castrejam* ou á *castrejana,* i. é, á maneira dos de Castrodaire. Treslado em nota umas linhas do Apologo Dialogal dos *Relógios Falantes,* em que Francisco Manuel de Mello caracteriza os da Beira como parvos, teimosos [3]. E para não me tornar enfadonha demais, registo apenas

[1] P. 9 da edição moderna (1889). — Muito desejava saber se no original se lê: TAM *asinha* ou *tamasinha.*

[2] Provavelmente á castelhana: *hoy venido i cras garrido.*

[3] «Porque tal ha d'elles que por teima de que seu vizinho não seja almotacé nos coutos de Leonil vem a pé sessenta légoas á côrte, gasta o que tem, mata aos ministros, e no cabo volta á sua terra e por dois magustos que am-

que no século xviii o tipo surge ainda, como criado gracioso, ora lorpa, ora ladino, tanto nos *Folhetos de ambas Lisboas* [1] como nas farsas e nos entremeses da *Musa Jocosa* [2], comquanto os Galegos e Saloios já começassem então a fazer as vezes dos *Ratinhos*. *Ratinhos* quer da Beira, quer do Alto Minho, quer de Trás-os Montes. Alego — como muito digno de atenção, que mesmo em obras castelhanas do tempo da União, lobrigamos a sua cara ingenuamente tosca e risonha, mais larga que comprida como a do Zé Povinho [3]. E concluo a documentação com dois adágios importantes. O primeiro apregoa: «Entre Douro e Minho, Portugal *ratinho*» [4], justificando o modo de ver de Bluteau, que acreditava na origem minhota do tipo. O segundo parece estender o termo a Portugal inteiro, Portugal agrícola, bem se vê: «Portugal *ratinho*, falta-lhe para pão e não para vinho» [5]. Tal generalização tem provavelmente as suas raizes em Hespanha — nas regiões cerealíferas. — Os proprietários ricos até englobavam na palavra Portugal as montanhas de Leon, o *Bierzo*, e não sei que mais! Se não for assim, como se explica que um bachiller, ludibriado pela Pícara Justina, lhe dirigisse pessoalmente a invectiva: *Naceste entre sebosos ratiños?* [6] a ela que em Mansilla abrira os olhos á luz do dia? Que digo? *uma* invectiva? Duas, e ambas elas das que o Castelhano costumava lançar contra o Português: *seboso*

---

bos merendam... ei-los amigos». (P. 25 da reimpressão moderna, Lisboa 1900). — E note-se que no princípio da oração emprega de propósito o termo *ratinho*, falando pouco depois dos *fidalgos da Beira*.

1 Vid. os de 1730, n.os 13 e 20. — No último, de 11 de novembro, note-se a oração seguinte: «Neste bairro ha um célebre namoramento entre a moça de um grumete e um *Ratinho* natural da Villa de Monção».

2 Por exemplo, no entremês entitulado: *O que perde o mês não perde o anno*.

3 Na novela leonesa da *Pícara Justina*, repleta de idiotismos, fala-se diversas vezes de *un caballero ratiño de junto á Portaalegre* (sic). Vid. parte I, cap. III, § 3.º, pp. 51 e 52).

4 Em castelhano: *Entre Duero y Miño português ratiño*.

5 Em castelhano: *Portugal ratiño fáltale para pan y no para vino*. — De ambos estes rifões se fala num estudo de Gabriel Maria Vergara, *Refranes, modismos y cantares geográficos empleados en España, con relación a otros pueblos*, publicado na excelente revista do entusiástico lusitanófilo J. Nombela y Campos (*Vida Intelectual*, I, 156). — Outro provérbio relativo aos *ratiños* diz: *Aunque somos gente de la Vera no nos echan de la iglesia* (*ibid.*, p. 173).

6 *Pícara Justina*, III-4-2.

por *derretido* [1]; e *ratiño* por *lapuz pobre, humilde, tosco!* — *Habent sua fata... vocabula.*

*

Resumindo: o fundador do teatro nacional criou o tipo cómico do *ratinho* (com *r* minúsculo) como figura dramática. Mas não o inventou. Criou-o, apanhando do vivo os traços característicos da fisionomia, da psicologia e do modo de viver e de dizer da gente que nos dias faustosos de D. Manuel afluia da província á côrte — côrte que, como todos sabem, ainda não tinha residência fixa na capital, passando ora a Coimbra, ora a Évora, e os meses de verão em Almeirim e Santarem [2].

Mas que gente era essa? De onde vinha? De longe, e de perto. Ignoro se realmente a maior parte era da Beira. Em todo o caso, os que desciam da Serra da Estrela, das fraldas da Beira, eram os provincianos que pelo arcaïsmo e a originalidade do seu traje, das suas maneiras, das suas cantigas e danças populares, de sabor muito primitivo, e pela sua linguagem plebeiamente pitoresca produziram na alma do poeta a mais profunda impressão de contraste. Não se pode negar que tivesse predilecção pelos serranos, pelos pastores.

O drama profano nasceu do sagrado. Nos Autos do Natál, pastores eram as figuras principaes. Nas mais antigas poesias bucólicas, cultas, d'aquelle tempo, tanto nas adaptações vergilianas de Encina como nas suas Églogas originaes, esses mesmos pastores eram interlocutores. Se lá se serviam de dialectos salmantinos (especialmente do *sayagués*), porque Encina e Lucas Fernández [3]

---

[1] Não é este o lugar para tratar do assunto. Apenas tirarei do ensaio mencionado na nota antecedente, a copla:

Portugues seboso,
Rabo de cuchar,
No tiene blanca
Y quiérese casar.

[2] É nessas cidades, mas tambem em Santos, Almada, Abrantes, Sintra, Tomar, Odivelas e Caldas da Rainha que os *Autos* de Gil Vicente se estreavam — os *divinos* em capelas, os *profanos* em paços reaes.

[3] Já contei em outra parte que entre os Moços da Capela da Rainha D. Maria havia (em 1517) um Lucas Fernández, Castelhano, que julgo ser o futuro catedrático de música da Universidade de Salamanca (1538) e autor, antes de 1514, de *Farsas y Eglogas al modo y estilo pastoril.*

eram da região de Salamanca, o fundador do teatro de cá escolheu, para diferençar essas ingénuas ou grosseiras personágens populares, das polidas da côrte, o falar dos serranos que mais caracteristico lhe parecia, ou que tinha mais ocasião de estudar [1]. E este ficou sendo «o modo e estilo pastoril português», quer os pastores figurassem efectivamente *Beirões*, quer não.

Nas obras relativas á Beira (como a *Tragicomédia da Serra da Estrela*, a farsa do *Clérigo da Beira*, a dos *Almocreves*, e o *Triunfo do Inverno*), mas tambem no *Velho da Horta* e mesmo na *Barca do Inferno* — surgem *ratinhos*, descidos da Serra [2]. Em geral moços imberbes; filhos de pastores ou de lavradores; gente de agricultura; vilões; humildes e pobres; ás vezes disformes e simplórios, ás vezes, finos, sob aparências toscas. Para que vinham? De modo algum para continuarem com as canseiras aborrecidas da lavoura e criação de gado. Uma só ambição os levava ao Eldorado da côrte. A de medrar e trepar. A de *serem del-rei*. De criados (eufemisticamente págens) de algum fidalgo, morador da côrte, querem subir a págens da lança, a moços da cámara, a cavaleiros-fidalgos [3]. Esta cobiça, que contribuía a despovoar as províncias não menos do que as expedições á Índia, tantas vezes fustigada pelos poetas e historiadores, e tantas vezes ridicularizada pelos Castelhanos, o Poeta condensou-a no desabafo

---

[1] Gil Vicente (bilíngüe nos seus *Autos*, em geral, e poliglota em alguns, enfeitados com trechos comicamente deturpados em francês, italiano, e com bocados de guineo) não estudou, por certo, o dialecto de uma localidade distincta, com entusiasmo e critério de filólogo. O conjunto das expressões mais típicas da fala rústica dos serranos, em geral bastante distanciada da linguagem culta dos palacianos na gramática e no vocabulário, eis o que elle parece ter reproduzido. A p. 211 do vol. III ha *falar ratinho*. Cfr. Prestes. O assunto exige ser tratado amplamente. Por ora só existe um esboço de Leite de Vasconcellos: *Gil Vicente e a linguagem popular* (1902). — Já mencionei que os pastores e lavradores de Simão Machado falam castrejão.

[2] Como se viu, Gil Vicente apresenta *ratinhos* da Serra da Estrela, mas tambem da Serra de Sintra, de Barcarena, da Giesteira (?). Os successores apresentam outros nascidos em Pedrógão, de Castrodaire, dos coutos de Leonil, de Elvas, de Portalegre, de Monção, de Freixo (?), estendendo o nome á gente da Estremadura, do Alemtejo, de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

[3] Gil Vicente, III, 219. — A p. 435 do vol. II conta-se a anedocta típica da pastora que adora o monarca e todos os cortesãos, porque a seu pae já lhe falou um dia el-rei, dizendo: «Affonso Vaz, em Fronteira e Monçarraz, como val o trigo lá?».

irónico seguinte do próprio pagem *ratinho* do fidalgo pobre de Coimbra, em réplica ás promessas tambem irónicas do amo [1]:

boa foi logo cá a vinda!
Assi que até os pastores
hão de ser del rei samica!
Por isso esta terra é rica
de pão, porque os lavradores
fazem os filhos pàçãos!
Cedo não ha de haver villãos!
todos del rei! todos del rei!

Para ganhar e fazer fortuna na côrte o *ratinho* era económico, cainho, illiberal — embora de vestido loução [2], ou muito loução [3] — como o Moço *Ganhar-pera-ruins* que dormia com a bolsa por baixo do travesseiro. D'ahi o derivado *ratinhar* = regatear ceitis e arrecadá-los.

E o nome que forma o assunto d'este artigo? Pelos modos, ele já estava fixado e consagrado na côrte quando o poeta cómico o acolheu. O génio aproveitado e ganancioso da gente da Beira, a sua fama de comilões, e talvez a qualidade de invasores da capital, podia levar alguem a equipará-los a pequenos roedores vorazes e daninhos. Acho todavia mais provável que, sem longas observações e reflexões, algum repentista e forjador de alcunhas, «dizedor de supitas graças» [4] (talvez chocarreiro castelhano dos muitos de que rezam Cancioneiros, Autos e Crónicas) lançasse o nome de *ratinhos* sob a forte impressão visual de um grupo de serranos, no seu típico traje de burel pardo-escuro, que tristemente se destacava das galas e garridices dos moços do paço [5].

Não é de admirar que a figura retórica passasse a outros pastores e lavradores, vindos de outras serras (mesmo das de Leon); nem tão pouco que a aplicassem de vez em quando a *fidalgos* da Beira, porque em alguns traços se pareciam por certo aos vilões da região. Sei de vários que, fartíssimos da vida palaciana, pensa-

---

[1] Na boca dos amos, que ralham, não faltam epítetos injuriosos, como: *abantesma; de má casta; muito mal acepilhado.*

[2] Gil Vicente, III, 220.

[3] *Ibidem*, III, 236.

[4] *Ibidem*, II, 133.

[5] Do trajo dos *ratinhos* fala Prestes (p. 88). — Gil Vicente (III, 320) refere-se ao burel. — Garcia de Resende menciona o *vilão vestido de pardo* (*Canc. Ger.*, III, 588). — E quem procurasse havia de encontrar muitas mais alusões.

vam com saudade nas propriedades ruraes e nelas se refugiaram, depois de casados, para ahi criarem família, maldizendo das exigências de porteiros, veadores, tesoureiros e apousentadores. Um é aquele que remata uma sua filípica com as palavras:

> Por isto, senhor Mafoma,
> tresmontey ca nesta Beyra
> . . . .
> que por nam ser cortesão
> fogirey d'aquy tee Roma!
>
> (*Canc. Ger.*, II, 295).

Se algum leitor me disser que a demonstração seria boa se a par de *ratinho* eu apontasse *rato* na mesma acepção, respondo que Simão Machado nos apresenta na *Alfea* (Parte I) um lapuz que invectiva um seu camarada chamando-o: «*rato* em cabreiro enxertado». Na Parte II, lá o tratam de *Rato-ninguem*.

AUFAS

«Acaesçio qu'ella andando un dia trebejando sin *aufas* ninguno e cantando con las otras donzellas muchas, pasó por ay el rrey».

Ela — é a filha do Conde Julião, a lendária Cava ou *Allacaba;* el-rei é portanto o último dos Godos. E o narrador do drama histórico é o Mouro Rasis, na afamada *Crónica,* cuja tradução portuguesa foi vertida para castelhano, e entrou na *Crónica General de 1344,* que pela sua vez serviu de base á *História Geral da Hespanha,* contida no MS. 4 do núcleo português da Biblioteca Nacional de Paris [1].

O trecho que transcrevi está, evidentemente, errado, muito embora tres entidades de primeira ordem o imprimissem sem o emendar [2].

Aufas é erro de leitura por *anfas; anfas* é grafia incorrecta de *anfaz*. E este, reduzido ás vezes no século XIII a *enfaz,* é forma popular contraída de *antifaz* < *ante-faciem* (*Kopfbinde, Schleier-*

---

[1] Morel-Fatio, *Catalogue,* p. 248.

[2] Ramon Menéndez Pidal, *Crónicas Generales de España,* p. 30. — Juan Menéndez Pidal, *Leyendas del último Rey Godo,* p. 124. — Menéndez y Pelayo, *Antologia,* XI, 147. — A *Chronica de Rasis* está integralmente no MS. 2-1-2 da Biblioteca Regia de Madrid. O passo que traslado é da fl. 28 *c.*

binde). *Antifaz*, *anfaz*, *enfaz*, designam o veo, a máscara, ou semi-máscara, com que as mulheres do Oriente, da seita de Mahomet, encobriam a cara; e tambem designam os rebuços diversos de que, em lances románticos dos livros de cavalaria e novelas pastoris, as heroínas cristans se serviam ocasionalmente para não serem reconhecidas, ou para que o sol e a poeira das estradas não lhes estragassem a tez.

Recordemo-nos das scenas em que, na obra prima de Cervantes, o Cura se disfarça em donzela andante e se encontra com D. Quixote. «Ciñose por la frente una liga de tafetan negro, y con otra liga hizo un *antifaz* con que se cubrió muy bien las barbas y el rostro... y pedió que no la mandase quitar su *antefaz*» [1].

E lembremo-nos do episódio do *Palmeirim de Inglaterra*, em que Floraman «encontrou uma donzella ricamente vestida, com duas donas, e ao passar tirou o *rebuço* que levava posto por se defender da calma, como quem desejou ser vista d'elle» [2].

Em castelhano: «encontró con una doncella ricamente ataviada, acompañada de dos dueñas, que al pasar se quitó *el antifaz* que llevava por amor del sol, *y le compuso* como quien dessea ser vista del» [3].

As formas arcáïcas são freqüentes nas *Cantigas de Santa Maria*. Tanto a Virgem como as suas devotas, quer monjas, quer mundanas, costumavam velar castamente o rosto, descobrindo-o apenas, de propósito, em ocasiões solenes.

E disse-ll' assí: Toll' as mãos d'ante ta faz
et pára-mi mentes, ca eu non tenno *anfaz*.

(*Cant.* 16, 13).

et tal se ficou como xe vẽera
porque pois non ouu' a trazer *enfaz*.

(*Cant.* 105, 7).

et ela chorando pos' seu *enfaz*.

(*Cant.* 122, 9).

et non tynna *enfaz*
et parecia mas crara
que é rubí nem crestal.

(*Cant.* 235, 19).

[1] Parte I, cap. 26 e 27.
[2] Francisco de Moraes, vol. III, cap. CXXXVII, p. 65 da ed. de 1852.
[3] *Biblioteca Nueva de Autores Españoles*, vol. VI, cap. XXXVI, p. 289.

Nos versos profanos dos trovadores galego-portugueses não ha exemplos, salvo êrro. Parece que *anfaz* e *antifaz* não eram usados em Portugal. Resta todavia conhecermos o teor português do passo da *Crónica do Mouro Rasis*. — Na impressão incompleta da *Hist. Geral* ele não está [1], porque fôra reproduzido em *fac-simile* litografado que infelizmente falta no exemplar de que me sirvo [2].

ANDILHAS — ANDAS — ANDES — ÁMEDES

Todos sabem o que são *andilhas*. Uma espécie de sela (alemão *Trage*); armação de pau, bem ou mal almofadada; espécie de cadeirinha em que se sentam mulheres que vão a cavalo. Lingüísticamente, e quanto ao sentido, é deminutivo de *andas* (alemão *Tragbahre, Bahre*). Tanto esse nome derivado como o antigo do leito portátil — espécie de liteira sem caixa, sobre varaes, levada por homens ou por animaes em que viajavam as damas nobres, mas tambem meros varaes que serviam para transporte de caixões de defuntos — era usadíssimo no século XVI. Aos exemplos abundantemente apontados nos diccionários não vale a pena juntar outros novos [3].

Da forma anterior *andes* ha um único exemplo na *Grammática* de João de Barros, que o alega entre os *pluralia tantum*, designadores de objectos duplos *pera serviço da pessoa e casa*, como *andes, andilhas, ciroulas* [4]. A suspeita, enunciada no *Diccionário* da Academia e no de Domingos Vieira, que *andes* seja mero êrro de imprensa, é justificada, porque o mesmo autor emprega sempre *andas* nas *Decadas da India* [5]. Mas, seja como for, a forma intermédia entre *andas* e a arcaïca *ámedes*, que inspira este artigo, foi forçosamente *andes* (no século XV).

Ámedes pertence á linguagem galego-portuguesa de Alfonso o Sábio e do tradutor anónimo da *Demanda do Santo Graal* (segunda metade do sec. XIII ou princípios do XIV, conforme já indiquei [6]):

> e *amedes* fezeron
> log' en que o leuauan.
> (*Cant.* 218, 6).

---

[1] Vid. p. 169 da ed. de A. Nunes de Carvalho.

[2] Devo-o á boa amizade do Exmo Sr. Sampaio (Bruno).

[3] Quem precisar d'eles recorra aos capitulos V e VI da *Menina e Moça*. Ahi encontrará mais de meia-duzia.

[4] Fl. 97 da ed. *princeps*.

[5] Por ex.: Dec. III, 2, 7 e IV, 9, 8.

[6] *Ámedes* continuava a usar-se quando se escreveu o precioso apógrafo conservado em Viena de Austria, porque entre as numerosíssimas modernizações, que o copista introduziu, não ha *andas* nem *andes*.

«Nom ha i al senom guisaremos (inf. pess.: *guisáremos*) hũus *amedes* e deitarmolos a nossos caualos». (*Graal,* 115 *d*)[1].

«Pois ouuerom guisado como levas[s]em Erec desarmarom-no e deitarom-no nos *amedes*». (*Ibid.*, 116 *a*).

«Entom fizerem *amedes* e liaram-nas a seus caualos e deitaram el Rei (notabene: Bandemagus!)». (*Ibid.,* 102 *d*).

«Enton guisarom hũus *amedes* e deitarom i o corpo de Lançalote». (*Ibid.,* 198 *c*).

Não se explica, em nenhum dos passos, se as padiolas improvisadas para transporte de mortos ou malferidos, levadas ora por dois homens, ora entre dois cavalos, constavam de ramos de árvores, cortados *ad hoc,* ou de varaes levados providencialmente na bagagem dos escudeiros.

Na versão castelhana, retocada para a impressão, conforme deixei dito, ha sempre *andas.* Eis o passo primeiro (deturpado como tantos outros): «No fagamos otra cosa... sino guisar *andas* y meter nuestros cavallos en ellas (!)».

A forma primitiva portuguesa, muito próxima do étimo latino *amĭtes,* é sempre plural e sempre masculino (com uma só excepção, que talvez seja êrro de escrita no apógrafo do Dr. Otto Klob, o qual tive entre mãos durante mais de trinta dias). O vocábulo latino, designação de uma estaca (talvez bipartida, de modo que formasse forquilha), em que se armava a rede para caçar pássaros), e das travessas de grades, denominava tambem os varaes para transporte de liteiras, como se vê em Palládio, *De Re Rustica,* 7-2-3.

De *amites, amedes, andes,* nasceu *andas* (fem.) sob influência de *andar.*

Andas subsiste no país vizinho, onde tem, a mais das acepções indicadas, a de *andor:* estrado assente em varas paralelas para transporte processional aos hombros de devotos.

Em Portugal desappareceu da linguagem viva.

Subsiste todavia o homónimo *andas,* pernas de pau (*Stelzen*), que deriva directamente de *andar.* Nem como veículo de transporte em terrenos pantanosos, nem como brinquedo de rapaz, essas muletas de pau com estribos a meia altura são porém muito freqüentes no país. As únicas que vi eram de equilibristas viandantes, vindos das *landes* de França, onde são tradicionaes.

---

[1] Para Erec, o simpático cavaleiro que nunca mentiu. Cap. 179, p. 229 *a.*

ESTEIO — ESTELO

Esteio, esteo, é vocábulo muito usado ao Norte d'este país, onde quási toda a gente possue uma ramada com sustentáculos de granito. No período arcáico já tinha a mesma forma [1]. Nos Diccionários castelhanos não se encontra o paralelo. Houve todavia, e talvez ainda se conserve em qualquer província, o termo registado no título d'este artigo, bem-vindo porque confirma a derivação de *stele* (lat.) στήλη, já indicada por Jules Cornu, na sua excelente *Gramática Portuguesa* (§§ 9 e 130).

No *Graal* castelhano, onde em geral se emprega *pilar,* ha pelo menos um passo em que *esteo* foi traduzido por *estelo.* Vid. p. 258: «e vio el escudo de Galaz colgado en un *estelo*» (cap. 255); = fl. 160: «e viu o escudo de Galaaz pendurado em hũu *esteo*?» [2] Como todavia se podia impugnar a valia do termo num texto de proveniência portuguesa, apontarei outro no *Cancionero* original de Gómez Manrique. No vol. I, p. 204, menciona-se por duas vezes *astelo,* como instrumento da Paixão, juntamente com a soga [3]; *a* por *e*, por influência de *haste, hasta.*

Claro está que onde em lugar de *estelo, astelo,* surgir *esteo* em textos castelhanos, devemos considerá-los como traduções mal feitas de originaes portugueses. Tal é tambem a opinião acertada de Menéndez Pidal, que relevou ha tempos um caso na *Crónica do Mouro Rasis* [4].

No maravilhoso paço toledano chamado *Casa de Hércules,* violado pelo último rei Godo, os que o acompanhavam viram no

---

[1] Sem *i*, bem se vê. Vid. *CV.*, 920, 921, 953, 1024, e os passos do *Graal* que vão trasladados no texto.

[2] Cfr. fl. 142: «espada pendurada em hũu *esteo*». Este passo foi omitido na versão castelhana.

[3] Na *Representación del Nacimiento* os Arcanjos apresentam ao Menino Jesus os *Martirios* e entre elles

> El *astelo* y la soga

dizendo:

> E será en este *astelo*
> tu cuerpo glorificado
> poderoso rey del cielo,
> con estas sogas atado.

[4] Vid. *Crónicas Generales de España,* Madrid 1898, p. 26, nota.

centro [1] «un *esteo* non muy grueso e era todo rredondo e era tan alto como un hombre, e avia hy en el una puerta... e encima della letras gruesas [2]... E despues que estas letras leyeron vieron en el *esteo* una casa fecha en qu'estaba una arca de plata» [3].

Em português: «non virom nenhuma cousa nelle senon que no meo estaua hum *esteo* non muy grosso e era todo rredondo... e auya em elle huma porta muy sotilmente feita e em cima della leteras gregas... Poys que estas leteras leerom virom no *esteo* huma casa feita em que se vya huma arca de prata».

Em acepção figurada ocorre a fl. 194 *c.* onde se diz del rei Artur «ca este era *esteo* do mundo, onrra do segre». Na versão: «*castillo* del mundo e honrra de los cavalleros»! Evidentemente, *castillo* está por *astelo*.

IDOSO (DIOSO) — E MAIS CASOS DE HAPLOLOGIA

Num capítulo das suas *Questões de linguagem,* publicadas no *Correio do Norte,* e reimpressas no volume *Estudos da língua portuguesa* [4], Júlio Moreira cita, com relação á fórmula chula *tuta e meia,* o adjectivo *bondoso* por *bondadoso,* de *bondade,* para tornar provável a omissão da sílaba átona *ma-* em *uma* (*ma*)*tuta* [5]. D'esses casos de simplificação de reduplicações aparentes, inúteis no sentir do povo, ha bastantes nas línguas hispánicas [6].

Formando grupo com *bondoso* ha *caridoso; cuidoso* de *cuidado,* este ao par de *cuidadoso* com variante de sentido [7]; *curgidoso,* vulgarismo de *curgidade* por *curiosidade; habilidoso; idoso,* de onde saiu *dioso* antes do século XV; *maldoso; piedoso, piadoso,* com *apiedar-se, apiadar-se, apiedado, compiadar-se, des-*

---

[1] O trecho está deturpado: «e nunca podieron ver nin asmar sino lo mejor que vieron estar un *esteo*».

[2] Por *griegas.*

[3] A tradução é em geral muito má, muitas vezes incompreensível sem ajuda do texto português, de que felizmente subsiste uma tardia cópia na *Crónica de 1457* (Paris, n.º 4). Entre os disparates que ha no trecho transcrito pelo investigador castelhano, sem que este os notasse, apontarei *bestias* (por *beestas* = *ballistas*), porque o erro se repete na versão do *Graal.*

[4] Porto, 1908.

[5] P. 214. A doutrina é discutível.

[6] Tratei de alguns (como *moganga, ligamba, cotiano, cotio*) nos meus primeiros ensaios etimológicos. (*Jahrbuch,* XIII, pp. 57-59).

[7] *Cuidoso,* freqüente nas obras de Bernardim Ribeiro, é em allemão «*besorgt, beeifert*»; *cuidadoso,* «*sorgenvoll*» e «*sorgfältig*».

piadar-se [1]; *saudoso; vaidoso* com *envaidar-se*. *Humildoso* e *ruindoso*, a par de *humilde* e *ruim*.

Para o mesmo fim, a linguagem serve-se ainda de outros processos, como, por exemplo, metátese da vogal átona. *Empardeada* de *emparedada* era muito usado no período galego-português.

Entre os numerosos particípios adjectivados em *-udo*, derivados de substantivos, ha dois, pelo menos, provenientes de proparoxítonos, em cuja última sílaba ha *-d-*. Para evitar *-dudo* é que se deixa subsistir a vogal átona em *espadaúdo, codeúdo*. Ha mesmo casos em que a introduziram. Por exemplo em *sedeudo*, de *sedas*. Para evitar *-dado* é que em lugar de *atordado* se diz *atordoado*, como se viesse de *tordão* que não existe; e *estonteado*, em vez de *estontado*.

ADIANO

Este adjectivo arcáïco, substantivo em sentido derivado, talvez seja mais um exemplo de haplologia.

De *edoso, idoso*, proveio *dioso*, (al. *betagt*) por metátese, ou talvez por influência de *dia*. Foi usado em Portugal e Hespanha. No *Alexandre* designa o Nestor do Poema: «Parmenio el *dioso* que lo auje creado» [2]. Nas *Obras* de Gil Vicente é um dos qualificativos dos provérbios, isto é, do bom sengo antigo [3]. Numas trovas do *Cancioneiro Geral* sobre terceiros de amor lê-se:

> Antes peytay hum porteyro
> com vestidos e dinheyro,
> e seja porem *dioso*.
>
> (II, 5).

A par de *idoso* formaram, com mudança de sufixo, *ediano* e *adiano*, por influência do prefixo *a*.

Quanto á semántica, *idoso* é, em sentido figurado, equivalente de *digno de atenção e respeito; valioso; precioso, esmerado;* e tambem de *experimentado, sábio por longa experiência* (*à toute épreuve*). *Anciano* (port. *ancião*) e *antiguo* (port. *antigo* [4]) tem,

---

[1] *Apieda-te!* mostra quão arreigadas são essas formas.

[2] Estr. 1242 (= 1383 na nova edição de Morel-Fatio).

[3] «Exemplo *dioso*». (Vol. III, 370).

[4] «Azeite, vinho e amigo: o mais antigo!» — É um exemplo, entre muitos.

muita vez, a mesma acepção, em particular com relação a obras de arte. Ou quererá alguem negar que o coleccionador de obras de arte, e qualquer *laudator temporis acti* se sirva d'esses termos exclusivamente em sentido encomiástico? [1] E o substantivo *adiano*, nos poucos exemplos de que tenho nota, denomina obras de arte, de grande preço, ofertadas á Virgem ou aos Santos (*Weihgeschenke*). O adjectivo qualifica *homens* (ombre, cuerpo, bracero); ou obras, com especificação *tumbas; riquezas*, com sentido menos preciso. Uma vez ha *dias adianos*. Ha mesmo um trecho em que é variante, sinónimo de *anciano*. Nem mesmo falta a forma *ediano* — que parece vinda de propósito para valorizar a minha hipótese.

Os textos em que ocorre são: o *Poema de Alexandre*, de cujo leonismo estou convencida e que torno a atribuir a Juan Lorenzo de Astorga (6); os poemas sacros de Gonzalo de Berceo (2); e as *Cantigas de Santa Maria* do rei sábio (3). Em Portugal ainda não encontrei vestígio algum.

Eis os materiaes de que tirei as minhas conclusões:

1) Esforciaua sus yentes como *ombre adiano*.

(*Poema de Alexandre*, Estr. 272 da ed. Rivadeneyra) [2].

2) Cobrios' el almofar, de *obra adiana*,
dessuso el yelmo, de oura esmerada.

(*Ibid.*, 432).

Na redacção publicada por Morel-Fatio ha a variante:

cubriose vn almofle, vna cofia delgada,
de suso puso vn yelmo, de *obra anciana*.

(Estr. 441).

3) Ector.................................
el cond don Eneas, dos cuerpos *adianos*,
tan bien se aiudauan cuemo si fuessen hermanos.

(*Ibid.*, 530).

---

[1] *Velho* tem frequentemente sentido depreciativo. Mas não sempre.

[2] No texto (Paris.) publicado por Morel-Fatio, posterior ao de Madrid, e evidentemente retocado, a estrofe correspondente (279) não contém o vocábulo. O copista expurgou-o de muitos leonismos.

Houve retoque, mas d'esta vez não abrange o adjectivo:

el e don Eneas, dos cuerpos *adianos,*
tan bien se aiudavan como unos hermanos.

(*Ibid.*, 542).

4) .... dos hermanos,
valientes caualleros, de dias *adianos.*

(*Ibid.*, 586).

Variante:

.... dos hermanos,
amos valientes omes, braceros *adianos.*

(*Ibid* , 613).

5) digamos del aruol que enna vinna estaua
que azie hy riqueza fiera e *adiana.*

(*Ibid.*, 1968).

digamos de un arbol que sedie en la plaça,
que yaze alla riqueza fiera e *ediana.*

(*Ibid.*, 2110).

6) Fallaron un palacio en una ysla llana
era dentro e fuera de obra *adiana.*

(*Ibid.*, 2314)).

Trata-se de uma antiga morada de Diana e Phœbus. Portanto, é quasi certo ter sido *antiquissima* na mente do Poeta.

7) Nos *Milagros de Nuestra Señora* o clérigo Gonzalo de Berceo conta como mancebos vigorosos foram degolar um ladrão já enforcado. Para este fim levam instrumentos [1] *grandes e adianos* (Estr. 155).

8) No *Poema de S. Domingos* menciona uma

tumba firme e *adiana.*

(Estr., 274).

9) *Cantigas de S. Maria:*

aa Virgen grandes *adianos*
deu ....

(141, 8).

---

1 *Seraniles.* — *Serras?* ou *cutelos serranis?*

10) dando grandes *adianos,* todos a Santa Maria.

(273, 10).

11) .... o fillo
en logar que [1] *adianos*
dess end' a Santa Maria.

(43, 6).

Nas interpretações, completamente arbitrárias de Sánchez e do Marquês de Valmar, não ha elementos aproveitáveis.

ENTRÈVADO

Entrèvado = tolhido dos membros (*gliederlahm, gelähmt,* alemão), de onde *entrèvar, entrèvamento, entrèvação,* mal pode ter as mesmas origens de *entrèvado,* metido em trévas (*tenĕbras*), de onde *entenebrecer* e *entrevecimento* [2]. Em sentido figurado este último podia aplicar-se a um cego, mas não a um paralítico. E o povo percebe isso, porque em geral transforma o termo, dizendo *emprègado* (como se derivasse de *prégo, epigrus*) e *entrègado.*

Julgo que está por *entravado* (* *intrabatus,* de *trabe*) cujo símprez *travado* tinha originariamente a significação de «peado, preso com peias, immobilizado por meio de prisões nos pés». D'ahi a significar «preso das pernas por doença» não ha senão um passo.

A substituição de *a* átono por *e* (como em *rezão, sezão, Estorga, Esturas, estilha, desestrado, crestar,* etc. [3]) não seria de admirar. A de *e* por *è* talvez se deva á influência de *trévas* e seus derivados.

Lembrei-me d'isso ao comparar o *Palmeirim de Inglaterra,* de Francisco de Moraes, com a descuidadíssima tradução toledana. Chegada ao cap. 156 li no texto português: «O imperador... tolhido de todolos membros corporaes, estava de todo *entravado* e não se levantava d'uma cama» (vol. III, p. 248, da ed. de 1852). E no castelhano: «El emperador ... tullido de todos sus membros corporales estaba *trabado* de manera que no se levantaba de una cama» (cap. 53, p. 340 da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*).

Resta procurarmos nos dialectos de ambos os países *travado* e *entravado* mais exemplos com a acepção indicada.

---

1 Entenda-se: *de adianos?*
2 Meter em trevas; ficar em trevas; escurecer.
3 Vid. Cornu, § 96.

ARIAS

«E la espada del rey fue cortada cabe el *arias* e quedó al rey la empuñadura en la mano» (*Merlin*, cap. 173, p. 67)[1].

«E diole en la espada un tan gran golpe que la quebró, assi que la cuchilla con el *arias* cayó en tierra e finco al cavallero la mançana en el puño». (*Ibid.*, cap. 263, p. 109).

O sentido é claro, mesmo para quem não puder recorrer ao original francês[2]. O manuscrito castelhano, modernizado em fins do século xv, com pouca perícia e pouco cuidado, tinha seguramente *aRias*, isto é, *arrias*. Esta transcrição do termo árabe الرِّيَاس = *capulus ensis, garde d'épée*[3], é preferível ao moderno *arriaz* (com z)[4]. O português *arreás, arriaz*, parece ser a mesma palavra. Resta averiguar se as definições dadas por Moraes são exactas[5]. Pessoalmente, não tomei nota de exemplo algum; nem tenho ao meu dispôr o livro de Galvão de Andrade sobre a *Cavallaria da Gineta*, a que o lexicógrafo nos remete.

QUINCHOSO

Por *conchoso*, de *conchouso* = lat. *conclausus*, como já foi provado por Leite de Vasconcellos[6]. — Camillo[7] e Castilho empregaram freqüentes vezes esse nome minhoto de pequenos cortêlhos, cerrados ou quintaes. O mais antigo exemplo literário que conheço,

---

1 *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, vol. vi.

2 *Merlin*, ed. Gaston Paris e Jacob Ulrich, Paris 1886. — Vid. vol. i, p. 192: «en copa il l'espee le roi tout outre par mi par devant le *heut* si que li brans l'en chei a terre, et le *heudure* en remest le roi en sa main. — Vol. ii, 27: si fiert en l'espee si durement qu'il le brise par devant le *heut* si que li brans en chiet a terre et il poins... (lacuna)».

3 Vid. Dozy, s. v.

4 «Fivelas sem fusilão por onde se enfiam os loros dos estribos pegados á sella. Peça do arreyo do cavallo, de metal». Os outros Diccionários pouco ou nada nos adiantam.

5 Vid. *Gran Conquista*, cap. 368, p. 493: «con una espada... en la mano... e diosela al Emperador por el *arriaz*».

6 *Rev. Lusitana*, iv, 72.

7 Vid. *A Brasileira*, p. 129.

e que ninguém citou até hoje, pertence ao *Cancioneiro Geral* (I, 257). Um pàção, transformado em lavrador, diz ahi:

Mays me quero hum soo conchoso (*sic*)
de laranjas e ljmõoes,
e com repouso,
que preguntar onde pouso
oo d'Abreu sobre payxõoes.

O verbo *claudere* deu *choïr* e *chouvir*, com introdução do *v* para desfazer o hiato (como em *ouvir, gouvir, louvar, louvor*, etc.). No tempo de Alfonso X ainda se dizia *chauso* (Vid. *CM.*, 262, «portas *chausas*», mas tambem *choir, enchoir* (40, 2: *enchoisti*).

Os Galegos ainda hoje usam de *choer, deschoer*, com participio forte e fraco, *chouso* e *choido*.

Quanto á moderna redução da vogal átona, confira-se *quingosta* por *congosta* [1]. Tanto *Quinchosa* como *Quingosta* pertencem á toponímia nacional [2].

ALCÁFAR

Dozy conhece apenas a significação primitiva de «xairel, cobertor de cavallo», *stragulum quod equi lumbis imponi solet* (do arabe الكفل). A mais usada, tanto em português como em hespanhol, foi todavia a derivada: *ancas* (= *clunes*) como lugar onde assenta o xairel, ou toda a parte traseira do cavalo, incluindo a cauda.

No *Graal* lê-se a fl. 111 *d*: «e Erec... firio Sagramor em meo o peito, de tam gram colpe que o meteo em terra por cima do *alcafar* do cavallo». — E a fl. 162 *d*: «Então se leixou Mordret ir a Galaaz. Galaaz o pôs em terra por cima do *alcafar* do cavalo».

Na tradução castelhana os passos correspondentes tem o teor seguinte: «e(n) Erec... firió a Sagramor por medio de los pechos que dio con él amortecido en tierra por las ancas del cavallo (cap. 164, p. 224). — Estonce se dexo Morderec yr para Galaz y el recebiolo atan bien que dio con el en tierra por cima del cavallo al caer del» (cap. 267, p. 263). Aqui houve, evidentemente, má

[1] *Rev. Lusitana*, IV, 72.

[2] Ha *Quinchosa, Quinchosinhos, Quinchoso, Quinchosos; Quingosta, Quingostas, Quingusto, Quingustos.*

interpretação, da parte do impressor, de um manuscrito emendado. Leia-se «por cima del *alcafar* (ou *alcafer*) del cavallo».

Mais importante é a descrição da dessemelhada *besta ladrador* no livro de *Merlin* (cap. 146, p. 54): «ca ella avia la cabeça e cuello de oveja, blanco como nieve, e pie e piernas de can, negras como carbon; e auia el cuerpo e el *alcafar* como raposo».

RETOÑO — RETOÑAR

As etimologias propostas [1] não satisfazem, porque não tomam em conta o caracter fundamentalmente popular da concepção, nem tão pouco definem bem o significado.

As plantas *retoñan* ou deitam rebentos novos fóra do tempo, depois de já uma vez haverem frutificado regularmente. Quem não viu com agrado e enternecimento pessegueiros, damasqueiros, cerejeiras e outras árvores de fruta, em flor, com aspecto primaveril no mês de Novembro, depois das chuvas equinoxiaes? Mesmo em sentido figurado *retoños* são sempre rebentos *outoniços* — tardios como os *Johannis-triebe* do Norte — paixões e afectos em troncos velhos que pareciam próximos de secar-se, faltos de seiva.

Nas Astúrias, *toñada* designa a herva que os prados produzem depois das segas do verão: de Novembro a Janeiro. E *otoñada* significa exactamente a mesma coisa: «la segunda cria de hierba verde que dan los prados y que se pasta desde Nov. a Enero» [2]. *Toñil* é o nome do ninho de herva ou de palha em que os rapazes põem a fruta verde para a amadurar. Evidentemente, tambem quando o calor natural já não é suficiente para esse fim.

Mencionando *otoñada* já enunciei o meu modo de ver. Separo *re + toñar*, *re + toño*; entendo *nach + herbsten, spät + treiben*; e reconheço em *toño* uma forma popular de *otoño* < *auctumnus*.

Aos numerosíssimos casos de aférese, já registados por mim e por outros investigadores, juntarei aqui alguns menos conhecidos em que houve suppressão de *o, ho, u*: *baço* < *opacio*; *chavo* (gal.) [3] < *ochavo, octavo*; *Degebe* por *Odegebe, Guadigebe*; *Diana*, por *Odiana, Guadiana*; *geriza*, (cast.) *ogeriza*; *liado* de *oleado*; *licornio, unicornio*; *menagem* de *homenagem*; *mezio, homezio* < *ho-*

---

[1] Vid. Körting, s. v. *retumidare*.

[2] Vid. Rato de Argüelles, *Vocabulário Bable*, 1892.

[3] Em português ha a locução «isto não vale um chavo galego».

micidio; penião, punião, de *opinião; ror* de *horror; repiar* < *horripilare; sufruto* de *usufruto.—Bispo* (*obispo*) e *riço* (*ouriço* < *ericius*) são casos um pouco diferentes.

Vocábulos populares reforçados pelo prefixo *re-* (ou mais ainda por meio de *ar* + *re*) são numerosíssimos e tão conhecidos que não vale a pena constituir a lista. Lá vão ao acaso alguns:

(ar)-re-atar
(ar)-re-vezar.
(ar)-re-cadar.
(ar)-re-cear.
(ar)-re-ganhar.
ar -re-fanhar.
(ar)-re-medar.
ar -re-fecer.
ar -re-fentar.
(ar)-re-boar.
ar -re-gostar.
ar - r -edrar.
ar - r -empuxar.
ar - r -estregar. (Vid. o artigo que se se segue).

O símplez *re-* umas vezes acrescenta a significação, outras vezes modifica-a. No nosso caso, *re* duplica, pois *retoñar* significa «dar rebentos *segunda vez*» ou mesmo «dar fruto *segunda vez*».

Em *arrebanhar, re* não é prefixo, se a etimologia de Cornu, *rebanho* < * *herbaneus*, for certa, como é possível.

ESTREGAR — ARRESTREGAR

Os Diccionaristas continuam a excluir este verbo das suas listas, apesar de filólogos acreditados lhe haverem ligado a devida atenção [1]. E os editores dos *Lusíadas* continuam a riscá-lo da única oitava em que ocorre, substituindo-o pelo sinónimo *esfregar*, persuadidos de que houve erro de imprensa na edição *princeps* [2].

Sem razão nenhuma. *Estregar*, assim como a forma reforçada *arrestregar*, subsistem na linguagem popular dos Bercianos, portanto em comarcas fronteiriças de Portugal. Nos *Ensayos poéticos em dialecto berciano* (1861), temos (a p. 350) *estregar os ollos* e (a p. 354) *arrestregar as mãos*. A prova de que no século XV a primitiva era geralmente usada, está no ditado proverbial: «Xó que te estriego», citado pelo Marquês de Santillana nos seus *Refranes*

[1] *Estregar* falta por ex. no *Manual* de Coelho e no *Novo Diccionário*.

[2] Refiro-me ás edições do Dr. Mendes dos Remedios (1900 e 1903) e de José Agostinho (1907-1908). Claro está que na que publiquei (*Biblioteca Románica*, fascs. 10, 25, 45) me cingi á lição primitiva por ela ser boa.

que las viejas dicen tras el fuego; repetido mais completo, pela velha Celestina: «Xó que te *estriego*, asno cojo»; e variado por Sancho Panza: «Xó que te *estriego*, burra de mi suegra» [1].

Estregar significa evidentemente «almofaçar», (all. *striegeln*) no provérbio; tendo a acepção mais vaga de «esfregar [2], friccionar, roçar», nos textos bercianos. Com estes, os hendecassílabos de Camões estão em boa harmonia. É pois de toda a justiça que no canto VI, oitava 39, na famosa descrição naturalista da sonolência dos marujos que, para afastar o entorpecimento do corpo, estiram os membros, torcendo-se e porventura roçando as costas na amurada da caravela, se leia:

> Vencidos vem do sono, e mal-despertos
> bocijando a miude se encostavam
> pelas antenas, todos mal-cubertos
> contra os agudos ares que assopravam.
>
> Os olhos contra seu querer abertos,
> mas *estregando* os membros estiravam;
> remedios contra o sono buscar querem,
> historias contam, casos mil referem.

Em vista dos casos apontados, julgo muito mais provável a derivação de **striga* por **strigula* — ambos na acepção de *strigilis* (all. *Striegel*) — já proposta por Baist [3], do que a de **ex-tericare* (de *terere*), advogada por Parodi [4] e Gonçálvez Viana [5].

LOURO

Gonçálvez Viana já deu a explicação de *louro*, aplicado ao *papagaio* [6], tirando-o do malaio *nóri* por uma d'aquellas curiosas etimologias populares que, sem se importarem um ápice se-

---

1 Creio que entrou nas *Comédias* de Jorge Ferreira de Vasconcellos — minas de provérbios, como é sabido. Mas não encontro apontamentos a este respeito.

2 *Esfregar* < *exfricare* concorre com *fregar* e derivados (tenho em mente a *Ilustre Fregona* das *Novelas Exemplares*). Em Portugal *esfregar* (com *esfrega, esfregação, esfregadela, esfregador, esfregadura, esfregalho, esfregamento, esfregão*) — desbancou aparentemente por completo o verbo de que me ocupo.

3 *Zeitschrift*, V, 562.

4 *Romania*, XVII, 67.

5 *Apostilas*, I, 425.

6 *Apostilas*, s. v. (II, p. 83). Cast. *loro*.

quer com o sentido de uma palavra, transformam o seu conjunto sónico, pouco vulgar, identificando-o com outro conhecido, ou aproximando-o d'ele.

Deixou de indicar todavia o primeiro trecho da literatura portuguesa em que surge, não modificado ainda: as *Decadas* de João de Barros (IV–8–10). Ahi figura, como era de esperar, na descrição das cinco Ilhas do Maluco, e em particular da de Ternate: «Nos matos ha muitas aves, bravas e domesticas, e algumas das que ha na Europa. Ha uma sorte de papagaios, a que chamam *Nores*, de côres muito formosas, e ainda que gritam muito, falam algumas cousas».

*

Quanto ao adjectivo (pronunciado com frequência *loiro*), que designa um matiz entre amarelo claro e côr de avelã, — o *blond* dos franceses, e *rubio* dos castelhanos—, julgo que é *laureus* (cfr. *ciro* de *cirius*, *liro* de *lilio*, etc.). Isto é: qualificativo de Apolão-Hélios, o mais loiro dos loiros. Mas não exponho por ora os meus materiaes, incompletos ainda.

SOBĨO — SOBINHO

«Caen en terra *sobĩo*». (*Graal*, fl. 195 *a*).— «Enton se leixou caer *sobinho*». (*Ibid.*, fl. 194 *b*). — No terceiro exemplo, que conheço, o til falta sobre o *-i-*, por descuido vulgaríssimo: «Quando Meraugis isto ouvio leixou-se caer *sobio* com tam gram pesar que bem quisera ser morto». (*Ibid.*, fl. 115 *a*).— O tradutor castelhano não compreendeu. Duas vezes tomou o expediente de substituir o curioso representante popular do lat. *supinus* = «lançado de costas» (posição oposta a «de bruços») por *sobre el*: «Entonce se dexo caer *sobre el*» (p. 326). — «Merengis quando esto oyo dexose caer *sobre el* con muy gran pesar que mas quisiera ser muerto aquella hora (p. 228). — No caso restante escreveu á toa: «dexose caer en tierra mas no a su poder» (p. 328).

SIIRA — ASSIIRAR

«Tolhe[o]lhi o elmo e o almofre por lhi dar algũu vento que o *assiirasse* mais». (*Graal*, fl. 195 *a*) [1].

---

[1] Introduzo «*o*» para facilitar a compreensão.

«E Palamedes se defendia como aquele que era de gram *siira* e de gram coraçon». (*Ibid.*, fl. 178 *a*).

«Onde av[ĩ]ia que quando o cavaleiro da torre era chagado ou preto ia de seer vençudo, pedia prazo que podesse cobrar *siira* e folgo, e ia-sse a[a] fonte». (*Ibid.*, fl. 177 *c*).

E assy andou uun ano
tolleit' e fora de sen
que *siira* non auia.

(*Cant. de S. Maria*, 334, 8).

O sentido do substantivo é, evidentemente, *alento, espirito vital, animo* (*Lebensgeister, Lebensodem*); o do verbo, *animar, recobrar alento*.

D'onde virá?

Pensando no vulgarismo *consirar* por *consiirar* de *considerare* pergunto se *sidera* (*Gestirn, Stern* = *Glück, Geschick*) teve em qualquer parte a acepção indicada, motivada por acaso por ideias astrológicas.

Da versão castelhana não nos advém elementos elucidativos. Como de costume, o tradutor eludiu as dificuldades. A primeira vez abreviou dizendo «y quitóle el yelmo porque le diesse el viento» (p. 328); a segunda, deu outro giro á oração; a terceira, misturou os dois processos, pondo: «pedia plazo que le dexasse bever» (p. 327.)

BOLSAR — GOSMAR — ESVURMAR

«Vomitar leite, expectorar mucosidades, expremer pus e sangue purulento». Não é impossível que os tres verbos, de significados tão pouco estéticos, tenham a mesma origem. Todavia é mais provável que, diversos etimologicamente, o vulgo os tenha aproximado um do outro, quanto á forma e quanto ao sentido.

Continuando a deduzir o primeiro do arcáïco *boomçar* < *vomitiare*, inclino-me agora a aproximar o segundo do francês *gourme*, nascido do nórdico *gormr* [1]; e o terceiro, de que nunca me ocupara, do germánico *wurm* («verme») [2].

---

[1] Vid. Körting, s. v. *gormr*.—Entre as etimologias propostas é a que tem mais visos de verdadeira. — *Vulnus* (aceitado por A. Coelho, no *Manual*, por Jules Cornu, § 32 e 121, e por Leite de Vasconcellos em *Rev. Lusitana*, III, 304), não é hoje aceite. — O mesmo vale de *morbus*. D'este ha um derivado em portugués antigo: *amorviado* = doente por infecção. (*CV*. 993).

[2] Vid. *Zeitschrift*, XI, 499; Cornu, 2.ª ed., § 32; *Rev. Lusitana*, IX, 45.

Ao artigo que em tempos dediquei a *bolsar* [1] tenho de acrescentar apenas uma nótula folklórica: «Quando ás creancinhas não se lhes conserva o leite no estómago, dependuram lhes ao pescoço uma bolsinha de chita, contendo alfazema». Para os que sabem das curiosas exemplificações inconscientes do ditado *nomen-omen* que o povo realiza, não será duvidoso que *bolsar*, erroneamente aproximado de *bolsa*, seja causador da praxe supersticiosa [2].

Quanto ao segundo verbo, encontrei nas obras de Camilo Castelo-Branco *gozmar*, com *z* [3]. Esta grafia seria de pêso, se a pronúncia, arcäica, de Trás-os Montes lhe correspondesse. Não me consta todavia que assim seja.

Em Urros e Adeganha, pelo menos, dizem *gosmar*, com *s*. Mas tambem *gormar*, com o substantivo *gurma* e o adjectivo *gurmento*. Sempre com referência a mucosidades doentias de galináceos e de poldros.

No pais vizinho a forma usual é *gormar* [4].

Com relação a *vurmo*, registe-se, primeiro, o óptimo exemplo que ha no *Livro de Esopo*, descoberto e magistralmente publicado por Leite de Vasconcellos. Na Fábula XXVII, *Do leão ferido*, lê-se: «E o pastor tomou hũa ssouella e tiroulhe a espinha e muyto *uurmo* que já trazia» [5]. Em segundo lugar, ainda ha gente do povo que acredita que em tumores, em espinhas, e sobretudo no panariz, se trata de vermes que é preciso espremer. Nos fios de materia e sangue podre que saem das chagas, saem os vermes. Em terceiro lugar são notáveis as formas dialectaes: *brumo* (Minho), *brume* (Galiza). E mais ainda: o antiquado *vorm*, da Catalunha, porque parece ter sido equivalente de *gourme*, significando mucosidades [6]. *Esvurmar* (com as variantes *esvrumar*, *esverumar*, *esverrumar*) é *isgrumir* na Beira Baixa [7].

---

1 *Rev. Lusitana*, I, p. 299.

2 Nos seus notáveis *Subsídios*, Cortesão trata a derivação de *boomçar* de admissível mas forçada. Com toda a razão.

3 «*Gozmar* motes», no *Judeu* e alhures.

4 No *Dicc. Acad.* ha: GORMAR (¿ Del lat. *grūmus*, cuajarón ?) a. ant. vomitar ‖ ant. fig. Volver uno por fuerza lo que retenia sin justo título. — GORMADOR, m. ant., el que gorma ó vomita.

5 Pag. 99.

6 No *Diccionário* de Esteves Belvitges *vorm* ant. é traduzido por *moc* (= *mucus*). O grupo *gormand* = llépol (lambareiro); *gormandejar*; *gormanderia*, consta evidentemente de galicismos.

7 Vid. *Rev. Lusitana*, II, 249 (extrair pus a qualquer úlcera).

Entre *vurm, grum* e *brum* ha, portanto, pelo menos, aproximações, muito embora Leite de Vasconcellos rejeite decididamente a identidade de *gourme* e *vurmo* [1].

No artigo *taibo* lembrei que *tabes* (= humor corrupto, podridão), não deixou descendentes.

A antiga substituição de *gormar* por *gosmar* não se explica senão por acção de *boomçar* [2]. Nos casos aparentemente análogos — *fòrfro* de *fosf'ro; murga* de *mus'ga* (*música*); *ormar* de *osmar; cirne* de *cisne*, o *-r-* é secundario e o *-s-* primitivo.

BROCA

Bucc'la, significando «fíbula, firmal», existia em Portugal no século XV como *brocha,* hoje *broche.* Representado por *broca,* e designando o botão do escudo, é provençalismo (*bloca,* de *bocla*). — Exemplo no *Graal,* fl. 197 *c*: «feriu-o tam toramente (êrro freqüente por «feramente») que lhe fendeu o escudo atee a *broca*».

UCHA

Provincialismo da Serra Cabreira. Denomina a queimada ou queimação (*ustio, ambustio*) da urze branca, cujas varas carbonizadas servem para transmittir lume. Vem de *uscla,* por *ustŭla.* A adicionar, em Körting, ao provençal *uscla.* Creio que em todas as palavras em que *ch* responde a *scl,* quer primitivo, quer proveniente de *stl,* houve metátese para *csl.*

A ideia de Cornu de tirar *magosto* de *ambustio,* tão sedutora, não recebe confirmação pelo asturiano *magüestu.*

HEIRE — HONTEM

A existência de representantes populares do latim *hĕri,* na linguagem do primeiro período da literatura portuguesa, já foi comprovada. J. Cornu até citou todos os exemplos arcäicos de que tenho nota: dois no *Graal,* — «*heire* manhãa» (fl. 143), «*eire*» (fl. 162 *v*) —, e diversos nos Cancioneiros trovadorescos: tres na lindíssima Alba de Juião Bolseiro:

> Da noite d'*eire* poderan fazer
> grandes tres noites ....
>
> (*CV.*, 772, Estr. 1).

---

[1] *Rev. Lusitana*, IX, 45, contra Baist (*Zeitschrift,* XXVIII, 111).

[2] Falta-nos por ora *gomsar.*

E pois m'eu *eire* senlheira deitei...
(*Ibid.*, Estr. 2).

E comecei eu *eyre* de cuidar...
(*Ibid.*, Estr. 3).

um na cantiga de escárnio de Mem Rodríguez Tenoiro:

Don Estevan, eu *eyri* comi,
en cas del rey ....
(*CV.*, 1084);

outro de Martim Soárez:

e as jornadas sey eu bem,
como lhi-*eiry* oí falar. [1]
(*CCB.*, 1151).

O que posso acrescentar de novo é apenas a subsistência do advérbio até o seculo XVI. Nos *Autos* do portuguesíssimo Chiado emprega-se por duas vezes, pelo menos, a fórmula *ir-noite* (p. 62) e *hir-noite* (p. 88). —

É de admirar que nos Cancioneiros galego-portugueses nunca se empregue *ontem*, ao passo que na prosa do *Graal* esse advérbio, privativamente português, apareça nas diversas grafias citadas por Cornu: *onte, ontẽ, ontem, õtem, oontem*, e mesmo *hontem, hoontem*, a par de *õoite, anoite* (fl. 162 *c*), e *aanoite* (fl. 127 *a*), formas anteriores, d'onde as outras saíram no século XV, conforme se vê dos textos explorados pelo insigne catedrático de Graz. Curioso é, tambem, que o tradutor castelhano hesitasse a respeito do vocábulo. Em geral põe *anoche*, em conformidade com o significado primitivo e a origem de *hontem*. Mas tambem emprega *anteyer* (fl. 108 *c* = 219 da *Nueva Biblioteca*) e *antenoche* (fl. 127 = 236).

Como ambas as redacções foram retocadas, a portuguesa na primeira metade do século XV, a castelhana por volta de 1500,

[1] Por um descuido lamentavel deturpei este verso no *CA*. 395, imprimindo: *como lhi oj' oí falar*. Cfr. *Zeitschrift*, XXXII, 388.

não é fácil dizer se foram variantes de expressão (como *eire* e *ernoite, irnoite, anoite, ãoite,* e demais representantes gráficos de *ad-nocte*) que motivaram as variantes da tradução [1].

A substituição pela única fórmula *hontem,* mais restricta, pois apenas se referia á noite passada, imediatamente anterior ao dia presente, é devida talvez ao uso e abuso que se fazia do advérbio *er* «tambem, igualmente», que não raras vezes foi abusivamente escrito com *h* (por ex. *Graal*, fls. 83 *c* e 84).

Por causa d'esta confusão o modernizador do *Graal* extirparia o latinismo herdado, pondo em seu lugar o romanismo já evolucionado, mas deixando subsistir *anoite, aanoite,* onde realmente se tratava de horas vespertinas.

Recapitulemos: No século XIII e princípios do XIV, *heiri, eire, er,* designavam o *dia* passado, imediatamente anterior ao presente; *anoite* designava a *noite* passada. Em fins do XIV e princípios do XV, *eire, er,* confundido este com *er, her,* foram substituidos para todos os efeitos por *anoite,* que formalmente passara, por *ãoite, õoite,* a *onte,* terminando a sua evolução com *ontem* que absorveu as suas próprias funções e as de *er* (*heri*).

AMEIXA

Não acho plausível a etimologia *damascēnus, damascīnus*, muito embora autoridade tão altamente cotada, como Cornu, a propusesse [2], e Meyer-Lübke [3] e Leite de Vasconcellos [4] a aceitassem.

Como entre os nomes greco-latinos da *ameixa* (*prunus domestica* [5]) haja *mixa,* μύξα (Plinio, 13, 5), é preferível admitir o deminutivo **mixŭla*, que dava *meixoa* [6]. Todos sabem que ao lado de *ameixa* ha *ameixoa,* e *ameixia,* com os derivados *ameixoal, ameixoeira; ameixial, ameixieira; ameixeira, ameixal.*

Quanto ao molusco bivalvo *ameijoa, ameixoa,* tão apreciado nesta costa marítima, tão pouco percebo a sua evolução, de *mytilus*, como é costume admitir. Pelo contrário, o nome do fruto

---

[1] Em francês *anuit* significava «hoje, esta noite, ainda não passada», e *arsoir* «a que já passou».

[2] *Gram. Port.*, § 122, 176, 234.

[3] *Gram.*, I, § 473.

[4] *Rev. Lusitana,* II, 373.

[5] De *pruneus* veio *brunho, abrunho.*

[6] O homónimo *myxa* (*Docht, Dille*) deu *mecha.* — Quanto a *eix* de *-ics-*, compare-se *peixe* de *piscis.*

pode ter sido aplicado ás conchas, por ellas serem as mais redondinhas entre as que se comem, e do tamanho de ameixas regulares. Compare-se o allemão *Meerkirschen* («cerejas do mar»).

OSMAR USMAR

A tendência de distinguir entre *usmar* = «farejar, sentir pelo olfacto» (al. *wittern*), e *osmar* = «avaliar, orçar aproximadamente, julgar, cuidar» (al. *schätzen, einschätzen, abschätzen*), tirando-se o primeiro do grego ὄσμη, e só o segundo de *aestimare* (por *asmar, esmar*), afigura-se-me justificada, comquanto *usmar,* como mera variante gráfica de *osmar,* ocorra bastas vezes, e no sentido figurado de *ausspionieren, ausschnüffeln* ambos os verbos se semelhem bastante [1].

Eis alguns modismos dialectaes em que julgo reconhecer a significação real de ὀσμή, «olfato, cheiro». Em Asturiano, *gusmiar* (cast. *husmear, husmar*) é interpretado por *goler onde guisen;* um *gusmia* é o que *anda á la gusma, gusmiando* (*oliendo donde guisan*). Os galegos dizem *andar á usma de untos e toucinhos.* Em Trás-os-Montes é usual a frase: *o gado usma chuva.*

No *Graal* ha *usmar.* Á fl. 127 *a* pertence o trecho: «meteo toda a lança en ele e meteu-o en terra chaguado a morte, e sacou a lança d'elle são, ca bem *usmou* que ainda lhe seria mester». O tradutor, tomou-o no sentido de *aestimare* e pôs *cuidó*; a meu ver, com razão, pois temos *osmar* neste sentido a fls. 119, 132 *a* e 174.

Juan del Encina tambem o empregava no sentido de avaliar. Por exemplo, na Egloga III (Estr. 14):

> No te puedes perllotrar
> ni me puedes rehuyr.
> Yo te porné sin mentir
> lo que querras apostar:
> Quien quisiere puede *vsmar*
> nuestras repuntas e aquestes.

Nos *Cancioneiros* ha apenas *osmar* [2], *osmo* [3], *osmança* [4], sempre com os significados que derivam de *aestimare.*

---

[1] Enganam-se os que afirmam que *o* átono ainda não andava em constante oscilação no período galego português. Especialmente em fim de palavras, mas tambem no meio. No *Graal* ha infinitas formas, como *saiamus escodeiro.* E mesmo no *Cancioneiro da Ajuda* não faltam.

[2] *CA.*, 758, 764, 888, 1016, 3236, 7166, 7507, 8289, 8924 — 4962, 5951.

[3] *CM.*, 51, 180, 328; *CA.*, 758, 7174.

[4] *CM.*, 9.

ADRUNAR

No *Duelo de la Virgen,* Gonzalo de Berceo fala da quadrilha de atormentadores que no dia da Paixão martirizaram Jesus-Cristo. Narrando como lhe vendaram os olhos e lhe cuspiram á cara, dando-lhe punhadas e pescoçadas, cita as palavras de escárnio do Evangelho [1]:

Adruna Christo, qui te dió la colpada? [2]

(Estr. 42).

Adrunar, no sentido de «adivinhar, profetizar», está por *alrunar* e deriva do germánico *alrun, alruna* (*Alraune*), nome da raiz *mandragora circæa* (Plinio, xxv, 13) que na mitologia desempenha o papel de fatídica e feiticeira, reveladora de segredos e coisas futuras, sendo nome tambem da pitonisa, *mulier vaticinans,* (*Weise Frau*), intimamente ligado com o verbo *rûnen, raunen* = «segredar» [3].

NAÇÃO

Além dos sentidos, registados nos Diccionários, a palavra teve outro, tanto em português como em castelhano: o de *condição natural de pessoas ou animaes; qualidade ingénita, nativa, innata,* correspondente ora a *espécie, casta, ordem, variedade,* ora a *geração* (*Art, Naturanlage*) [4].

Muito comum em fins do século xv e princípios do xvi, conserva-se na boca do povo em fórmulas tradicionaes, como as de talhar bicho, fogo louro, cobrela, e outras doenças de pele. Eis a mais conhecida:

Eu te talho
bicho-bichão,
sapo-sapão,
bicho de toda a nação.

Que talho?
bicho e bichão,
sapo e sapão,
aranha aranhão,
bicho de toda a nação [5].

---

[1] S. Marcos, xv, 65; Matthaeus, xxvi, 68.

[2] Nas Bíblias portuguesas o seu teor é «quem é que te feriu».

[3] Vid. Grimm, *Mythologie,* 78, 334, 352, 1005-1007 e 1025.

[4] Outros trataram já do sentido restrictivo contido na fórmula: *gente de nação.*

[5] Prova de que hoje nem todos entendem bem a fórmula, é a variante de Guimarães e Vila Real: *todo o bicho da nação.* — Cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos,* iii, 193, nota 3, onde regista *nação* «espe-çie», do lat. *natio.*

Agora alguns exemplos de Gil Vicente [1].

No *Auto* (avulso) *da Festa,* editado com fino critério pelo Conde de Sabugosa, um Parvo zomba do vilão Janafonso, da Beira. Num aparte este desabafa, dizendo:

Isto deve ser rascão
(ou eu sei pouco da feira)!
porque tem tão má nação!

(P. 25, v. 8).

O leitor já conhece o seguinte trecho da *Farsa dos Almocreves:*

Mais fermoso está ao villão
mao burel que mao frisado,
e romper matos maninhos.
E ao fidalgo *de nação*
ter quatro homens de recado
e leixar lavrar *ratinhos!*

(III, 219).

No *Clérigo da Beira,* o filho do lavrador pregunta:

E rascões que aves são?
samicas são alguns bichos?

recebendo a resposta

Mas são lobos pera michos
e raposos *de nação.*

(III, 236).

Na *Náo de Amores* ha, entre os motejos a diversos fidalgos, um que diz:

Dom Jorge fôra ditoso,
mas casou-se temporão.
Tem o pescoço airoso
e tem de *sua nação*
falla de moço mimoso.

(II, 318).

---

[1] No *Cancioneiro Geral* (I, 3), Jorge d'Aguiar diz numas trovas contra as molheres:

suas desleays *nações*
causaram tuas tristezas;

e logo depois:

deixa-as com sua *naçam;*
seu bem nunca lh'o esperes.

Na *Comédia de Rubena* explica-se no Argumento que o pae da protagonista fôra *fuerte, cruel por nacion* (II, 5). D'esta vez não se trata todavia de um lusismo (como no caso de *condon*).

No *Cancionero General*, de Castela, ha mais de um exemplo. Numa das suas composições líricas, Garci Sanchez de Badajoz refere que a terra e o mar, as aves e os animaes se entristecem com as suas queixas:

> assi que *a toda nacion*
> le da dolor y passion,
> si no á ella.
>
> (N.º 887).

A todas as criaturas, a todas as coisas criadas. Em outra poesia diz-se das perdizes:

> D'estas aves su *nacion*
> es cantar con alegria.
>
> (N.º 343)

No *Dialogo de la lengua* [1] Valdés reprova esta acepção, imaginando que apenas a necessidade de rimar levava os poetas a escreverem *nacion* em lugar de *natura* e *naturaleza*.

Engano evidente! Duarte Pacheco fala, no seu *Esmeraldo* [2], de *desvairadas nações de pexes*. E, como elle, procederam muitos outros.

TROFA

Nome de uma povoação minhota (perto de Famalicão) e nome da capa de junças ou palha de centeio, tambem chamada *palhoça* ou *croça*, com que os lavradores d'aquella província se agasalham tão agradavel e pitorescamente contra a chuva.

Croça ou *coroça* = a amarella; de *crocea* derivado de *croco*.— *Palhoça*, de *palha*. *Trofa*, do germanico *troufe, traufe* [3], «goteira, biqueira, cano de telhado» de que a agua escorre em bicas como das trofas de junça.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

---

1 Ed. de Boehmer, p. 408.
2 Ed. de Epifânio Díaz, liv, I, cap. 13.
3 Do verbo *troufan, troufjan* = *traufen*.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

A procissão de Corpus Christi no seculo XVII

Na *Fenix Renascida,* tomo IV, vem umas *Redondilhas,* de Jeronimo Bahia, muito curiosas sob o aspecto ethnographico. D'essas *Redondilhas,* que tem por titulo «*Pedindo a cada huma das Freyras de villa do Conde, danças para a Procissão de Corpus*», vou fazer alguns excerptos:

. . . .
Vòs Prelada cuja fama
Gloriosamente retumba,
. . . .
Dareis com grão bizarria
Doze Apostolos fatais.
. . . .
Hum David fazendo danças
O Padre Confessor dê.
. . . .
Vòs de Santa Anna Maria,
. . . .
Day com pompa Soberana
Do Egypto a bella Senhora,
Das almas tão roubadora,
Que bem parece sigana.
. . . .
Vòs Ignacia sempre illustre,
. . . .
Day a gentil Magdalena.
. . . .
O Padre Feytor não perde
Seu pasto em dar espadana.
. . . .
E vòs Padre Capellão,
Dareis cóm lustroso alinho
Charamellas Superiores,
Mas primeyro aos Tangedores
Dareis lambedor de vinho.
. . . .
As amantes ao Divino,
Madres da porta galantes,
Podem dar feros gigantes,
De que fuja Amor menino.
Item mais sem mais razões
Dem vacas bem folgadeyras.
. . . .
Jeronyma, cuja lyra
Por arcos de Apollo atira
De amor as douradas settas,
Visto ser tão peregrina,
Por graça, & por fermosura,
Dará quem faça a figura
Da famosa Catharina.
. . . .
A Thesoureyra, thesouro
De perfeições estupendas,
. . . .
Dê com decentes concertos
Santo Estevão sem Soldados.
. . . .
A Mestra da Ordem destra,
Com brios, sem desarranjos,
Dar pode huma gloria de Anjos,
Pois que de Anjos he Mestra.
. . . .
Á Menezes sublimada,
. . . .

Os ramos encarregamos.

. . . .

Dona Maria Coutinho

. . . .

Dê, vestido de Sayal,
Com barba feyta & corôa,
Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal.

. . . .

A Madre Dona Violante

. . . .

Dará o grande Bautista
Da Santidade Gigante.

. . . .

Dona Anna Bautista grave,

. . . .

Darà de Assis o portento.

. . . .

Madre Francisca Bautista
Darà a Raynha Sancta.

. . . .

As duas Madres das Rodas

. . . .

Dança de espadas darão
Triunfando de todo o posto
Mais com armações do rosto,
Que com espadas na mão.

. . . .

E vòs ò Madre Adegueyra,

. . . .

Day São Jorge com seu pagem
Valerozo de talarte.

. . . .

Vòs galharda Provizora

. . . .

Vòs, por quem tudo se abraza,
Nos dareis huma folia,
Pois para tal armonia,
Tendes as vozes de caza.

. . . .

Vòs que na Roda escutais
De tão diversos sugeytos,
Jà bem limados conceytos,
E jà bem sentidos ays;
Vòs, Joana perigrina,

. . . .

E vòs, linda Mariana,

. . . .

Péllas dareis, & tão bellas,
Que se a seu claro luzir
O Sol quizer competir,
Possão ter ao Sol as pellas.

. . . .

E vòs, que servis na grade,
Escutas authorizadas,
Já depois de jubiladas,
Cargos da menor idade,
Se quereis merecer gabos,
Day diabos dos farellos,
Que tambem dos Anjos bellos
Se fazem feyos diabos.

. . . .

E vòs, ó gentil forneyra,

. . . .

Dareis a Mourisca à risca,
E veremos desta ves,
Que quem dà triago tremès,
Dà tambem dança mourisca.

. . . .

Refeytoreyra deidade,

. . . .

Huma dança haveis de dar
De bugios com mil brios.

. . . .

Moças da Communidade,

. . . .

Dareis dança, & vão sem guia,
De negras com tal primor,
Que furtando à noute a cor
Dem mil envejas ao dia.

. . . .

Vòs, em quem com graça leda
Reyna Abril, florece Março,
Que sois damas de cadarço,
Se as Freyras damas de seda;
Particulares ufanas,
Que sabeis mais do que as cobras,
Pois sois siganas nas obras,
Na dança sereis siganas.

. . . .

E vòs, ó Brites famoza,

. . . .

Guardareis da serpe o panno,
Com todas as mais alfayas.
E para o anno que vem,
Fareis outra procissão
Com maior ostentação,
Com melhor Poeta. Amen.

II

Chacotas, folias e danças do seculo XVII

Tambem na *Fenix Renascida,* tomo IV, em a *Relaçam do triumfo, com que em Lisboa se receberão os Serenissimos Reys D. Affonso Sexto, & D. Maria Francisca Izabel de Saboya, em 29 de Agosto de 1666,* se faz allusão a varias folias, danças e chacotas:

Principio forão do triunfo
Clarins, trombetas bastardas,
Atabales, charamellas,
Chacotas, folias, danças.
Péllas forão as prymeiras,
De Portugal antigualha,
Festa que sempre se uzou
Naquella idade dourada.
Vestidas muy lindamente
Baylando vinham as siganas,
Mas em quanto baylão ellas,
Eu mil nòs na bolça dava.
Com duas adagas fez
Hum homem tantas mudanças,
Que a vista do que està vendo
D'isso mesmo duvidava.
Pelos olhos parecia
Que mil vezes as passava,
Que as metia pelo peyto,
Que atravessava a garganta.
Vinhão de Montelavar
As folias estremadas,
Dando admiraveis voltas,
O de São João das Lampas.
Vinha huma dança de fontes,
E com ser a secca tanta,
Em cada volta das suas,
Soltavão diluvios de agoa.
Dos Amigos deste tempo
Vinha curiosa dança,
Por que esta dança, & mais elles
São homens de duas caras.
Duas chacotas de fora,
Com outras mil danças varias,
E à chacota do cègo
Ultimo lugar se dava.
Da Rybeira, & do Terreyro
Vinhão feytas humas pascoas
As dançadeyras com arcos
E de joyas adornadas.

III

Arratel folfarinho: medida da distancia (seculo XVI)

«Eu elRei faço saber a quamtos este meu alluara virẽ q̃ martim roiz como procurador que he do c.º da çidade delluas me fez sua petição de que o trellado he o seguinte: — Diz martim roiz como procurador q̃ he da çidade delvas que na dita çidade ha poucos fornos de cozer pão semdo a pouação gramde e que tẽ muita necesidade daher mais fornos e por na dita çidade se vsar huu custume amtiguo deste Rejnno de que em allguas partes ha

posturas que se não faça forno a par de out.º forno tanta distançia como huu homẽ poode atirar cõ huu aratel folfurinho se leixão de fazer muitos fornnos e he gramde opresão do povo vsarse o dito custume porque allguas pesoas q̃ tẽ fornnos e são podrosos com o dito custume impedẽ q̃ outra p.ª os não fação pede a V. A. que avemdo respeito ao sobredito aja por bem pasar prouisão pera que na dita çidade se não vse do dito custume amtiguo e que quẽ quiser fazer fornno que o posa fazer posto que nã aja a dita distamcia de huu forno a.º out.º e reçebera merce. — E visto seu requerimẽto e avemdo respeito ao que na dita petição diz ey porbem e me praz que na dita çidade delluas se nã vse daqui ẽ diamte do custume amtiguo de que na dita petiçã faz mẽção, e que sẽ embarguo dele qualq.r pesoa que na dita çidade quiser fazer fornno de cozer pão o posa fazer posto que nã aja tamta distancia de huu forno a out.º como huu homẽ poode atirar cõ huu aratel folfurinho. noteficoo asj a quaisq.r justiças a que o conhecim.to disto pertencer e lhe mando q̃ cuprão e fação imtr.ª-mẽte cumprir este allu.ª como se nele cõthem o ql ey por bẽ q̃ valha e tenha forsa e vigor como se fose carta feita ẽ meu nome por my asynada e pasada pr minha chamcelria posto q̃ este nã seja pasado pr ella sem embargo das ordenançois do segumdo liuro que o comtr.º dispoem. Jorge de seixas o fez ẽ llix.ª a xbij de Janeiro de 1548. Manoel da Costa o fez espreuer — Rey».

(Livro III das *Proprias* da Camara de Elvas, fl. 57).

IV

A pedra da alegria

«Nesta occasião passou por esta Ribeira hum Chimico ao qual dey conta do meu mal [1], e me respondeo, que para entertello, havia muitos remedios; mas para desarreigallo, só hum. O qual vinha a ser a pedra da Alegria, de que se achava nas Indias Orientaes tão pouca quantidade, que de maravilha apparecia huma, singular na qualidade, que quem a trazia no pulso do coração, logo ficava isento deste mal. Porem com advertencia, que em a tirando, tornava á sua primeira força com brevidade. Pouco ali-

1 [O mal da melancolia].

vio me deixou a noticia do Chimico, porque o meu mal estava em mim, e a pedra na India; e se alguma houvesse em Portugal, seria bem defendida importancia de quem a lograva».

(Soror Maria de Ceo, *Obras de Misericordia, A Preciosa*, parte II, p. 123).

V

A fogaça de Nossa Senhora do Rosario

«Eu sou natural da Serra, adonde com meu pay me faltou o remedio; assim de tudo necessito; para a festa da Senhora do Rosario he uso o buscarem a Serrana mais fermosa, para que leve a fogaça ao Juiz, que sempre he o Mayoral da mesma Serra: tambem a querem bem fallada, porque trava sua pratica com ella, e demais lhe dão huma arenga de trovas, que meta na cabeça para que diga á Senhora; a mim, como sou muito bonita, logo me escolherão para acarretar a fogaça, os que tinhão só conhecimento da minha vista, e não do meu juizo; chegou o tempo, vierão saber se podia já dizer as trovas, e os comprimentos, que havia de fazer ao Juiz, e me acharão em tudo tão bruta, que logo me engeitarão, e tratão de buscar outra, fazendo-me perder o vestido, que dá o Juiz a quem lhe leva a fogaça; e esta he a causa de meu pranto».

(*Ibidem*, p. 101).

VI

Endemoninhados

«Direi alguma coisa da romaria do Amparo (na villa de Barcellos), por ser a mais curiosa que tenho visto; do que o leitor talvez ignore a razão. Pois vou fazer lh'a saber em duas palavras: — na romaria do Amparo *tira-se o diabo.*

É divertido presencear os tregeitos, as voltas, as carantonhas, que fazem as pessoas endiabradas, levadas á força diante da Senhora, aonde apparecem sacerdotes sempre prontos a sujeitá-las ao poder dos exorcismos. Ellas cospem na cruz e caldeirinha, nas contas e escapularios, que em vão procuram os padres dar-lhes a beijar, e se pilham livre algum braço ou perna, distribuem pancada á direita e á esquerda com uma profusão maravilhosa.

Quem ali fôr pela primeira vez, e, ignorando que tambem ali concorre gente endemoninhada, por acaso vir solto algum d'aquel-

les entes furiosos, como eu já vi um, que parecia decidido a jogar o pugilato com o mundo inteiro, persuade-se necessariamente, se já leu algumas rapsodias de Homero, que tem deante de si algum d'aquelles heroes!

A receita para tirar o diabo, que elles tem na cabeça, talvez esteja em Rilhafolles; mas quê?... se os padres não querem que o Dr. Polido tenha esse incommodo!...»

(*Jornal do Commercio de Lisboa*, de 12 de setembro de 1862).

VII

Os Lobishomens

«Encontra-se nas obras de muitos medicos gregos, e entre as de outros, nas de Marcello Sida, que vivia no tempo de Adriano e Antonio, a descrição de uma extraordinaria enfermidade nervosa. Poremos aqui o retrato, que de tal molestia nos deixou Oribaso, medico do Imperador Juliano: «Os que são atacados d'este mal saem de suas casas alta noite, imitam em tudo os habitos do lobo, e vagam até o nascer do sol em torno das sepulturas. Facil é conhecê-los; são pallidos, tem os olhos empannados, sumidos e encovados, a lingua sequissima, falta-lhes a saliva na boca, e devora-os a sêde; cobrem-lhes as pernas ulceras incuraveis porque dão de noite frequentes quedas». Os medicos gregos chamaram a taes doentes lycantropos [1], e o vulgo, em o nosso país os designa com o nome de lobishomens. Elles pullularam, na verdade, na idade media; e estes individuos, que uma estranha perversão das faculdades intellectuaes induzia a fugir para os logares ermos, a errar de noite, e muitas vezes até a andar com as mãos de rastos e a satisfazer horriveis appetites; estes individuos, que uma superstição não menos estravagante fazia crer sujeitos á influencia dos demonios, foram numerosos em certas epocas. Ha tempos em que se estabelece uma reacção entre as opiniões reinantes e certas alterações mentaes, e em que estas, quanto mais communs as julgam, mais se multiplicam. Os homens propensos á loucura ou já dominados de alguma mania, e que não ouviam fa-

[1] Vid. Dr. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 261.

lar á roda de si senão nas transformações de entes humanos em animaes selvagens, caíam subitamente acommettidos do mal que reinava, e iam engrossar a turba d'esses desgraçados loucos, que se julgavam realmente convertidos em lobos. Um Léger, de Versailles, que recentemente fugiu para as selvas, onde viveu muitos meses solitario, e por fim assassinou uma menina, e devorou parte do cadaver, padecia uma especie de alienação em tudo semelhante á d'aquelles a que nos tempos passados se dava o nome de lobis-homens».

(*Pharol do Alemtejo*, periodico de Evora, n.º 114, de 21 de junho de 1863).

VIII

A festa do Sacramento, em Beja, nos meados do seculo XIX

«Pertenceu este anno á irmandade da freguesia de S. João esta festa, que se fez, segundo o costume, com toda a pompa e solemnidade.

....

No domingo depois da missa teve logar a procissão do jantar dos presos. É costume antigo ser o jantar levado á mão, e percorrer as ruas da procissão para ser visto por toda a gente. Vae na frente a cruz alçada seguida da musica, e depois o pão e mais iguarias de que se compõe: o jantar é levado em alcofas simplesmente, ou em tachos de lata collocados nas alcofas, pegando a cada uma d'ellas duas pessoas por meio de uma toalha dobrada que lhe atravessa as argolas. As pessoas que as conduzem são os irmãos da irmandade, com as suas opas vestidas, devotos e convidados. Costumam fechar a procissão as dignidades da irmandade e as autoridades, que tambem são convidadas, e a quem as dignidades offerecem as chamadas insignias, que são uma faca e garfo, bacia e jarro (de prata) e toalha. Que significarão aquellas insignias levadas na procissão do jantar? É evidente que significam que o jantar primitivamente era repartido pelas proprias dignidades, que, por um acto de caridade e humanidade verdadeiramente christã, iam servir os nossos irmãos desgraçados.

Actualmente o jantar é distribuido ás alcofas pelos presos, não só com largueza, mas até com excessiva profusão, e comquanto muita gente necessitada receba parte do jantar que se chama dos

presos, parece-nos que poderia chegar a mais pessoas e satisfazer melhor o preceito da caridade repartido por outro systema.

As alcofas este anno eram 192. O jantar constava de sopa de pão, carne cozida com toucinho e linguiça (chouriço de carne), arroz, carneiro assado com batatas, e ensopado, azeitonas, arroz doce, laranjas, bolo de mel e vinho. Far-se-ha ideia da profusão sabendo-se que aos oito presos que estavam na enxovia se lhes distribuiram 19 alcofas com as differentes iguarias que compunham o jantar. Eis as quantidades de generos empregados na sua preparação:

Um boi, que pesou 227 kilogrammas; carneiros, 14; carne ensacada, 10 kilogrammas; toucinho, 10 kilogrammas; arroz, 22 kilogrammas; leite, 16 canadas; açucar, 8 kilogrammas; laranjas, 500; azeitonas, 3 alqueires; vinho, 3 almudes; bolo de mel, 20 kilogrammas; farinha, 20 alqueires; batatas; hortaliças; etc.

....

No domingo de tarde teve logar a procissão com os irmãos das confrarias do Santissimo das quatro freguesias da cidade, levando, alem de outros andores, os dois riquissimos andores de prata de S. João Baptista e S. João Evangelista, que pertencem aos partidos das senhoras religiosas do convento da Conceição. São duas preciosidades pelo seu valor intrinseco, e pelos seus delicados lavores.... Depois de recolher a procissão, a irmandade que termina a festa vae dar a posse áquella a quem compete no anno seguinte, levando o andor de S. Sezinando, bispo, natural d'esta cidade.

Tomou posse este anno a freguesia de S. Tiago, em cuja igreja se cantou o competente *Te-Deum*. A chegada do santo da posse á igreja é festejada por successivas girandolas de foguetes, que se repetem ao acabar o *Te-Deum*. Gastaram-se este anno na posse 75 duzias de foguetes. As irmandades, ao entrarem na igreja, possuem-se de tal enthusiasmo que parece delirio. Ouvem-se gritos estrondosos de alguns irmãos, e do povo, bradando *viva a tripa, morra a carda,* epithetos porque são designadas as duas irmandades de S. Tiago e S. João. Comquanto estas manifestações tenham um caracter pacifico, e não conste mesmo que tenham produzido desordens, causam certa estranheza, e parecia mais proprio, mais christão, mais fraternal, que os irmãos dessem vivas uns aos outros, porem *morras,* nunca».

(*O Bejense*, n.º 80, de 28 de junho de 1862).

IX

O bodo do Divino Espirito Santo em Sant'Iago do Cacem

«O Sr. Antonio Parreira Louzeiro de Lacerda, actual Presidente da Camara Municipal d'esta villa, resolveu, em virtude de certo voto, dar um bodo aos pobres, nos dias do Espirito Santo e primeira oitava 8 e 9 do corrente; o que effectivamente cumpriu. Os preparativos para a festa principiaram dez dias antes, começando pela feitura dos fartes e cozedura do pão, o que se seguiu todos os dias até quinta-feira 5 do corrente.

Na sexta-feira 6, de tarde, e no sabbado pela manhã, houve um divertimento a que chamam «correr as vacas» e ao qual assenta bem o nome, pois consiste em andarem com as vacas de corrida rua abaixo rua acima. No sabbado pela manhã, depois da missa, seguiu-se a benção do pão e das vacas, as quaes pelas 10 horas foram para o local onde deviam ser mortas. Cabe aqui fazer menção de um costume antigo que, com quanto seja digno de respeito, por nascer de um sentimento religioso, comtudo desejavamos vê-lo banido, porque é realmente repugnante e não está em harmonia com a doçura dos costumes da epoca.

No entanto a sua extincção — que não terá logar tão cedo — parece que, em virtude da origem, só poderia ter logar por via dos reverendos parochos, fazendo ver aos seus fregueses repetidas vezes o absurdo de tal costume. É o caso: no local que serve para matadouro das vacas, destinadas para o bodo do Divino Espirito Santo, reune-se quasi toda a gente que tem qualquer soffrimento, munida da sua tigela, panela, pucaro, etc., etc., para encher do sangue das vacas, e logo que o obteem começam a untar o logar onde existe o padecimento, e mesmo outros onde não existe, com o fim de não apparecer no sitio untado mal algum. Quem não leva bilha, aproveita a occasião do sangue correr para se untar com elle: de sorte que não é raro nesse dia ver muitos homens, mulheres e crianças, com uma completa e perfeita mascara vermelha. Algumas mulheres bem novas vimos nós que causava horror olhar para ellas! Isto é realmente um espectaculo repugnante, que não se conforma com o estado actual de civilização e que carece absolutamente de ser banido.

Vamos á festa: no sabbado á noite está aberta a igreja do Hospicio onde se faz a festa do Divino Espirito Santo, onde con-

correm á oração quasi todas as pessoas da villa e de fóra, que já se acham presentes para assistirem á festa; á porta da igreja, num simples mas elegante coreto, tocava a musica da Sociedade Harmonica; a alguma distancia ardia uma grande fogueira do aromatico alecrim. A chegada da musica e o começo da cozedura dos assados foi annunciada por um foguete de oitenta respostas e por muitos outros dos ordinarios. Uma linda noite de luar fazia realçar esta festa, em que todos á porfia concorriam a abrilhantá-la e gozá-la; a musica tocou até a meia noite. Muita gente não se deitou nesta noite e levou-a a ver cozer os assados. Na manhã do domingo e ainda cedo vae muita gente, e boa «beber» a sua porção de caldo, ao qual se liga grande importancia e devoção. Pelas 10 horas veio em procissão a coroa do Espirito Santo da igreja da matriz para a do Hospicio, onde se seguiu a festa de missa cantada e sermão, findo o qual principiou então a grande festa dos pobres. Na manhã d'este dia tinha-se armado ao largo da praça uma mesa do comprimento de 60 metros com os respectivos assentos.

Concluida a festa da igreja, e estando já pronto o jantar, começou este pelos doentes do Hospital que estavam em convalescença, aos quaes foi conduzido pelas pessoas mais notaveis da villa, levando cada uma sua toalha a tiracollo e um dos pratos de que se compunha o jantar.

Seguiu-se depois o jantar dos presos na mesma ordem e depois começou então o jantar aos pobres, servido não só por aquellas pessoas mas tambem pelo autor da festa e por sua esposa.

....

Na segunda-feira houve repetição do jantar, e de tarde teve logar a distribuição do comer pela gente pobre da villa. Era bonita esta festa. Ia na frente a banda de musica tocando; depois muitas pessoas, munidas de salva de prata, iam distribuindo por todas as casas, ora merendeirinhos, para metter no trigo e preservá-lo do gorgulho, ora fartes, ora pão; isto conforme as casas, onde havia trigo, crianças e pobres; seguia-se a isto muitos homens, conduzindo, em grandes tachos, sopa, vaca e arroz, e um carro cheio de pão cozido.

Não houve casa alguma da villa que deixasse de receber qualquer d'aquellas tres especies. Nas casas de reconhecida pobreza dava-se tambem sopa, carne e arroz e 3, 4 e 5 pães. O reverendo parocho e o seu coadjutor acompanharam esta festa de caridade, servindo os pobres no hospital, na cadeia e na mesa. Todas as mais pessoas da villa, sem distincção de classe, acudi-

ram a prestar os seus serviços á porfia nesta festa. Era bello ver tanta gente, de toalha a tiracollo, disputar qual faria melhor serviço aos pobres».

(*O Bejense*, n.º 81, de 12 de julho de 1862).

X

A lenda da Virgem Senhora do Mileu

«Veiros é uma antiga povoação do alto Alemtejo, situada a 10 kilometros da villa de Estremoz. A simplicidade dos seus costumes fá-la amar a cultura dos seus campos, e o fruto colhido do seu trabalho fá-la crente e religiosa; os seus *Quadros historicos* são as suas *tradições;* possue Moiras encantadas, que no silencio da noite buscam ainda o logar onde jaz sepulto um Christão por quem doidejaram de amores; conta uma *Pastora Rainha, alva como uma estatua de marfim,* em cuja cabeça nascera um vello de ouro: ainda hoje, em noite de S. João, apparece ás margens da ribeira de Anna Loira o velho João Barbadão, com suas longas barbas, alvas como a neve, e respeitaveis como *o homem que cem annos lavrou pão!*... ainda hoje apparece invocando no meio das trevas o lindo nome da formosa Anna Loira: *Anna! Anna!* (conta-se que diz elle) *mais valera, que quando tu lavavas nesta ribeira os vellos dos nossos cordeirinhos, te tivesses namorado da tua lindeza e te houvesses afogado nestas aguas!*... Que grande poeta é o povo!...

Tem a sua padroeira, mais mysteriosa que uma resurreição,— a Virgem Senhora do Mileu,— que vela as suas enfermidades, e aumenta a producção de suas searas.

«*Um dia, postos os Christãos em debandada pelos Moiros, cujo numero era muito maior, fugiam em completa desordem para se recolherem na villa, que em occasião de mais prospera fortuna haviam tomado aos sarracenos, quando, sem verem como nem de donde, lhes appareceu uma mulher, que trajava com uma simplicidade angelica, de maneiras sobrenaturalmente affaveis, trazia uma criancinha sentada sobre o braço esquerdo, que se sorria para os Portugueses desfallecidos e repassados de um pavor estranho; em presença d'este espectaculo de horror, a mulher milagrosamente apparecida parou em frente das tropas Christãs e fez-lhes esta fala: «Atrás Portugueses! para cada mil, eu!... Eu combaterei por vós!...» Para cada mil, eu! Exclamaram todos a um tempo,*

e animados com esta santa palavra, retrocederam, desbarataram o inimigo, e o que não fugiu ficou morto no campo da batalha! Era a planicie de valle de Calabouços (por corrupção estupida valle de Caroços) *juncada de cadaveres, e os Portugueses tomados de enthusiasmo por tão inesperado triunfo voltaram a Veiros, entoando todos a uma voz: Mileu! Mileu!*

Eis o que se conta a respeito da Senhora do Mileu e como eu o ouvi quasi *ipsis verbis* a um dos mais anciãos da villa.

Effectivamente, as tradições populares, cheias de mil aventuras cavalheirescas, presididas por lindas Moiras encantadas, flanqueadas por mil sonhos aereos, criados alem-ceu na linda imaginação do poeta, são ainda a gloria de alguns, a historia de muitos e a poesia de todos; um povo sem tradições, confessemo-lo, é uma nação sem passado, a quem mal pode sorrir o futuro». = *A. de Sousa Maldonado.*

(*Ibidem*, n.º 52, de 21 de dezembro de 1861).

XI

Nas Terras do Barroso

«Eramos entrados nesse antro de povos semi-selvagens que denominam *Terras do Barroso;* as povoações, que semelham as *cobatas* dos sertões africanos, são miseravelmente construidas, e os seus habitadores de uma rusticidade a toda a prova; ali ainda não entrou o menor vislumbre de civilização, seu trajar é o de ha dois seculos, seus costumes, porem, são simples e primitivos; abundam comtudo estas paragens em bello presunto, leite e manteiga, do que cordialmente offerecem ao forasteiro: o seguinte facto passado comnosco vae dar uma prova da hospitalidade, e embrutecimento intellectual d'estes povos.

Chegados a uma povoação chamada *Coutos* ou *Villa Grande,* pelo ardente sol de uma avançada manhã de agosto, foi-nos mister fazer alto para dar descanso aos soldados da força do meu commando, e passar a calma; então a dona de uma humilde choupana elevada á categoria de estalagem nos veio convidar para sua casa, pedindo-nos que nos utilizassemos das suas *castanholas* (batatas); acceitámos, na persuação de que a locandeira queria tirar partido no consumo de suas viandas e occupação da locanda; introduziu-nos num quarto soffrivelmente afumado, collocado sobre a estrebaria, em que se viam dois enormes leitos da era de

quinhentos com estafados enxergões de uma fazenda duvidosa, uma comprida mesa de castanho e dois bancos corridos; deitámo-nos em um dos leitos, tendo-lhe a mulher previamente estendido um lençol de grossa estopa, para descansarmos da fadiga da marcha, e recebermos a brisa de uma janela aberta na parede apenas dois palmos em quadrado: porem a Megera, pois bem cabe este nome á hospitaleira que, inculcando os seus 60 annos de idade, apresentava uma cara rugada, tostada pelo sol, em extremo macilenta, o cabello cortado á escovinha tendo apenas uma marrafa grisalha que lhe caía sobre a testa e fontes: trajava grossa saia de estamenha, collete de uma fazenda escura, que pouco mais abaixo dos sovacos dos braços lhe chegava, de maneira que entre o collete e saia havia um palmo de camisa a apparecer, apertava este pela frente com um cordão escuro mediando uma mão travessa entre as suas extremidades sobre a camisa, que era de grosso linho apertada ao pescoço, de onde pendiam largos folhos de fazenda semelhante; as mangas da camisa eram apertadas nos punhos por seis botões de oiro, e do mesmo metal lhe pendia ao pescoço grosso cordão, e das orelhas uns antigos brincos; pernas nuas e os pés mettidos em enormes socos; como disse, esta Megera sentou-se á nossa cabeceira, empunhando um pau forcado, dizendo que era com que governava a sua familia e os vizinhos, pois que ella tinha no logar toda a autoridade por já ter ido a Braga e ao Porto: passou a fazer a seu modo a descripção d'estas duas cidades; fallou na illuminação a gaz cheia de horror, porque, dizia ella, era sustentada com oleo de criaturas humanas, para o que numa estalagem proxima do gazometro da cidade de Braga immolam os viajantes que, incautos, ali vão pousar! Respondiamos-lhe por monosyllabos e riamos interiormente de tão crassa ignorancia.

Chegou a hora de jantar e a mesa foi ornada com grande travessão de batatas com presunto; sentaram-se a ella o marido, velho sesonatico, tres filhas que, não diferindo muito no trajo da mãe, eram, comtudo, de uma louçania selvatica que não deixava de agradar, e dois mocetões que se diziam parentes da casa; fui convidado pela minha hospeda para tomar assento á mesa; acceitei, estava reservado para mim um frangão cozido com enorme pedaço de presunto, arroz e uma garrafa de vinho; terminada a refeição, dirigi me á locandeira para pagar o que havia consumido, mas qual foi o seu espanto quando em tal lhe fallei! —V. S.ª escandaliza-me; quando o convidei para minha casa não foi para lhe levar dinheiro; para os mais sou estalajadeira, para

V. S.ª sou *patroa*. — Convenceram-me estas palavras, e agradeci-lhe, admirando como se podiam casar tanta hospitalidade com tão grasso embrutecimento». = *A. Butler*.

(*Ibidem*, n.º 97, de 1 de novembro de 1862).

XII

Tres facecias alemtejanas

a) *S. Pedro e o casamento*

Um pobre diabo, que largou este mundo, apresentou-se um bello dia ás portas do ceu.

— Que queres? lhe perguntou S. Pedro.

— Entrar.

— Vens do purgatorio?

— Não. Venho da terra; mas sou casado.

— Ah! É a mesma cousa, podes entrar.

D'ahi a pouco chegou outro pretendente.

— Que queres? lhe perguntou S. Pedro.

— Entrar.

— Vens do purgatorio?

— Não; mas agora mesmo entrou um que veio da terra.

— Sim; mas era casado.

— Casado!... E eu que já o fui duas vezes!

— Nesse caso rua, rua! que o ceu não foi feito para doidos.

b) *Conto do çapateiro*

Era de uma vez um çapateiro, que tinha muita devoção com S. Pedro; rezava-lhe todos os dias, e na caixa das esmolas do Santo, sempre que podia, ia deitar uma moeda de dez réis. Morreu o çapateiro e foi para o purgatorio, aonde se começou o processo sobre a sua ida para a ceu.

Mas o processo, como era de çapateiro, demorava-se. Um dia entrou o prior da freguesia do çapateiro no purgatorio, e o processo d'este, como era de padre, foi logo despachado. Que ha de fazer o çapateiro? Assim que viu o padre disposto a caminhar para a bemaventurança, pôs-se-lhe *ás cavallêritas*, e, escarran-

chado no cachaço do prior, foi ter com elle ás portas do ceu. O prior bateu á porta, e appareceu S. Pedro muito mal humorado.

— Que querem?

— Queremos entrar, senhor S. Pedro.

— Não ha logar.

— Ora essa! diz o çapateiro, de cima dos hombros do padre. — Então eu não sou digno d'isso? quando não havia hora na terra em que lhe não rezasse, e não havia dia em que não deitasse dez réis na sua caixa? Paga-me assim?

— Pois bem, entra tu, entra; mas deixa a cavalgadura lá fora.

c) *A Senhora do Rosendario*

Os pretos fizeram um peditorio para a festa da *Senhora do Rosendario* (Senhora do Rosario), e, sobrando-lhes dinheiro, trataram de resolver como o haviam de applicar. Houve differentes pareceres. Dizia um: compra-se um manto novo para a Senhora. Respondia outro: o manto que tem, viradinho e remendadinho, fica como novo. — Compram-se uns castiçaes. — Para quê? Os castiçaes velhos, em se esfregando, ficam novinhos. — Compra-se uma alampada. — Sim, sim, diziam uns. — Não, não, diziam outros. E arma-se grande questão, em que ninguem se entendia. No meio do barulho, um mulatinho gritou: — Para marufo, para marufo!... — Ah! dizem todos, é a voz dos Anjos! é a voz dos Anjos! Vamos empregar tudo em marufo. E veio aguardente a rodo para o estomago de todos.

XIII

Industria pastoril alemtejana: os chavões

No Museu Ethnologico Português ha uma collecção de objectos, na sua maior parte de uso domestico, feitos pelos pastores alemtejanos. Esses objectos, uns de madeira de buxo, e outros de chifre, cheios de ornamentações e revestimentos abertos á navalha, são interessantissimos, embora producto de fantasia artistica inculta. Entre elles ha alguns *chavões*, — são timbres, sinetes ou carimbos de pau de buxo, com gravuras de relevo, para marcar ***bolos de manteiga*** (feitos de farinha e de manteiga de

porco)[1]. A esses *chavões* alludem os seguintes versos do seculo XVIII:

Quando o calvo Coponio transtagano,
Vendo a destra Mulher affadigada
Com massas de *chavão* para o seu forno...

(*Poemas Lyricos de hum natural de Lisboa*, tomo II, dithirambo VIII).

Aos mesmos sinetes allude tambem D. Francisco Manoel de Mello (seculo XVII), sem porém especificar os do Alemtejo:

«Pedia uma dama a um seu irmão, homem discreto, que lhe desse uma letra para certa empresa sua, que queria mandar abrir em um sinete; respondeu-lhe: Minha irmã, deixae as empresas para as adargas dos cavalleiros andantes, as empresas, que haveis de mandar abrir, sejam *chavões* para fazerdes bolos a vosso marido quando o tiverdes.

(*Carta de guia de casados*, cap. XII).

Vide outros textos correlativos ao assunto em Moraes, *Diccionario da lingoa portuguesa*, s. v.

A. THOMAZ PIRES.

---

[1] [Á noticia dada pelo Sr. Pires accrescentarei que muitos dos objectos possuidos pelo Museu Ethnologico neste genero lhe foram generosa e amavelmente offerecidos pelo mesmo benemerito ethnographo. — J. L. DE V.]

DOCUMENTOS PORTUGUESES

DE

PENDORADA

DO

SECULO XIII

João Pedro Ribeiro, em 1798, nas suas *Observações Historicas e Criticas*, dá conta do cartorio do mosteiro de Pendorada, o qual foi fundado, ao que parece, em 1024 [1].

Pela lei de 28 de maio de 1834, tendo sido extinctas as ordens regulares, foram encorporados os respectivos bens nos proprios da Fazenda Nacional [2]. Em 4 de junho, do mesmo anno, enviaram-se instrucções aos prefeitos das provincias para tomar posse delles [3].

O artigo 4.º da 3.ª instrucção diz respeito á formação de inventarios das «Livrarias e manuscriptos» por parte de um fiscal da Fazenda. Seria nessa occasião que o cartorio de Pendorada passou para o Governo Civil do Porto, onde, pelos meses de julho a setembro de 1854, Herculano apartou vinte cinco maços com documentos até o seculo XIII [4].

Em portaria de 11 de setembro de 1857 ordenou o Governo «a remessa ao archivo nacional da torre do tombo dos documentos escolhidos dos archivos das mitras, cabidos, conventos e collegiadas por ordem da segunda classe da academia real das sciencias para formarem parte da publicação dos *Monumentos historicos* em que n'esse tempo estava trabalhando e tem continuado a trabalhar». A entrega d'esses documentos, apenas anteriores ao anno de 1279, foi geralmente executada; apenas quatro cabidos

1 João Baptista de Castro *Mappa de Portugal*, II, 61.
2 *Collecção de decretos*, serie III, 1835, p. 189.
3 *Idem*, p. 192.
4 Folha avulsa que se guarda no Archivo da Torre do Tombo.

e duas collegiadas duvidaram fazer entrega dos que existiam em seus cartorios, e sobreestiveram na execução da referida portaria, até que o governo «... deliberasse ácerca das representações que sobre tal objecto fizeram subir. Sobre estas representações foi ouvida a segunda classe da academia real das sciencias, que em 27 de maio de 1858 fez subir a sua consulta, contrariando o pedido expressado nas referidas representações». A portaria de 11 de setembro de 1857 parece que ainda está inedita, e do teor d'ella só conheço o que diz o relatorio de 2 de outubro de 1862 dos ministros do reino e ecclesiasticos, Anselmo José Braamcamp e Gaspar Pereira da Silva, atrás transcritas [1].

A consulta acima referida da Academia foi elaborada por Herculano, correndo impresso no vol. I dos *Opusculos* o respectivo projecto.

Em 14 de Março de 1858 recebeu Augusto Soromenho, commissario da Academia Real das Sciencias nas provincias do norte, o cartorio de Pendorada, para o fazer depositar no Archivo «Nacional» da Torre do Tombo, cartorio que se guardava então na repartição de fazenda do Porto [2].

Os documentos recolhidos são em numero de 935, divididos em vinte e cinco maços. O maço 25 comprehende cinco rolos (*rotuli*), com varios metros de comprimento [3], e um manuscrito em papel que trata da historia do mosteiro.

O mais antigo d'estes pergaminhos é datado de 870. João Pedro Ribeiro, nas suas *Observações*, p. 14, e nas *Dissertações Chronologicas*, t. IV, p. I, p. 86, levanta duvidas sobre a sua originalidade, em consequencia da letra d'aquelle documento não se ajustar com a theoria que construiu. Herculano, ao imprimi-lo em 1867 nos «Diplomata et Chartae» dos *Portugaliae Monumenta Historica,* perfilha a opinião do professor de diplomatica. Parece-me infundada a suspeita, porquanto a divisão chronologica que João Pedro Ribeiro fez da letra visigotica não está de acordo com os factos. É desnecessario fundamentar aqui o meu parecer, baseado nos trabalhos de alguns paleographos.

O documento original mais antigo que se conhece em Espanha escrito em letra visigotica é datado de 857 [4]. Provenientes

---

1 *Collecção Official da Legislação Portuguesa,* 1861, p. 303.
2 Folha avulsa que se guarda na Torre do Tombo.
3 As medições são em metros: 5,40, 4,50, 4, 3,24 e 3,10.
4 Muñoz y Rivero, *Paleografia visigoda,* p. 28.

da Catalunha, dos conventos de Amer e Camprodon, todavia ainda ha tres annos a Biblioteca Nacional de Paris adquiriu varios diplomas de alta antiguidade de outra forma de letra. Os dois mais antigos são de 843 (ou 844) e 860, e foram expedidos por Carlos o Calvo [1].

Todos os documentos do cartorio de Pendorada, muitos d'elles anteriores á fundação do convento, são escritos em pergaminho, nenhum se encontrando em papyro, o que aliás seria singular em Portugal. Esta carencia absoluta é devida por certo á difficuldade que apresenta o papyro em se conservar. Hoje, na Europa, só são conhecidas vinte e tres bullas de papyro, sendo dez em Espanha, oito em França, tres na Italia e duas na Allemanha. Das espanholas, a mais antiga é de 892, e a mais recente de 1007. Só tambem na Catalunha se acham estes monumentos. Em Gerona encontram-se duas, em Vich cinco, em Urgel uma, e em Barcelona duas [2].

Entre os 934 documentos recolhidos com a data extrema de 1279, encontram-se dois diplomas do rei Garcia da Galliza, com as datas de 1068 e 1070, unicos originaes que temos em Portugal d'aquelle rei e tambem do mais antigo soberano de que dependia o condado.

Apesar do elevado numero de documentos de Pendorada existentes até 1279, apenas oito são escritos em português. O mais antigo tem a data de 1272. Outros tres d'aquelle cartorio não são datados, comquanto um d'elles se possa attribuir ao reinado de D. Dinis.

É agora occasião de explicar o motivo ou fim por que a Academia, na consulta em que pedia os documentos que existiam nos cartorios de Portugal, marcou o anno de 1279 como limite. Ao falar-se na Academia deveria antes fazer-se referencia á intervenção de Herculano, porquanto era este historiador a quem mais interessava o conhecimento do teor dos velhos pergaminhos e a agitara nesse sentido.

Herculano começou a publicação da *Historia de Portugal* em 1846, terminando-a, no quarto volume, em 1853, no mesmo anno em que reproduzia o primeiro volume em segunda edição. Limitou, segundo parece, propositadamente, a sua historia em D. Affonso III,

---

1 *Bibl. de l'École des Chartes*, LXV (1904), p. 364.
2 Artigo de Omont na *Bibl. de l'École des Chartes*, LXV, p. 575.

que falleceu em 1279. No mesmo anno em que terminava o seu trabalho emprehende as peregrinações pela Beira e pelo Minho. Em 1856 começa, sob a direcção do historiador, a publicação do *Portugaliae Monumenta Historica,* ainda antes de recolhidos os documentos dos cartorios ecclesiasticos, o que se podia fazer, porquanto as duas secções com que abria aquella collecção, «Leges» e «Scriptores», não necessitavam sair fora dos estabelecimentos publicos para achar alimento. Outro tanto não succedia com a secção dos «Diplomata et Chartae», e por isso só em 1867 começou a publicar-se. Tendo em 1858 sido recolhidos na Torre do Tombo os documentos apontados por Herculano, e a que se não oppuseram as autoridades ecclesiasticas, procedeu este á revisão da sua historia, a qual deu a lume em 1863, em terceira edição. Esta é, pois, a lição definitiva, servindo as edições anteriores só como objecto d'aquelles que pretendem estudar a evolução da critica do grande historiador.

Com esta resenha chronologica pretendo demonstrar que o romantico Herculano subjugou á sua *Historia de Portugal* o interesse pelos antigos monumentos. Procedeu como bom historiador, mas. como pessimo bibliothecario ou archivista, o que é tanto mais para lamentar que, dispondo de influencia e conhecimentos, não ousasse empregá-los para estabelecer uma boa organização de archivos, de que ainda completamente carecemos.

As leis de 1862 e 1863 promulgadas, não sei se com alguma interferencia de Herculano, fizeram descer o limite até 1600, mas sendo impraticavel juntar num só edificio tão grande massa de documentos ficaram até hoje em grande parte por executar, servindo actualmente só para desculpar sinecuras.

Os documentos em vulgar do cartorio de Pendorada vão de 1272 a 1278. O primeiro d'elles já foi publicado por João Pedro Ribeiro, mas de tal forma que mal representa a antiga orthographia, como era uso seu. Mais fidedignos são os documentos publicados por José Anastasio de Figueiredo nas suas obras. Elle proprio o diz: «E fui não menos escrupuloso, sempre que transcrevo palavras formaes, em conservar a Ortografia, com que se achão escritas, com a mesma variedade, e exacção possivel: não por huma curiosidade de todo vãa; mas porque ao mesmo tempo ficará este Livro instruindo aos Leitores neste não despresivel Artigo da nossa Litteratura. E álem disso lhes fará ter vencida huma das grandes difficuldades, que se encontra na desconhecida variedade de Ortografias, para lêr os sagrados depositos da nossa Historia e Legislação, ou geral, ou particular, que he indispensavel

consultar, todos em letras antigas: sendo certo que nas suas copias, quando as ha, regularmente se não póde alguem fiar, por cousa de pouca exacção e incapacidade dos Copistas, sem terem de ordinario os conhecimentos, que além do das Letras, são a cada passo necessarios, para se não pôrem os maiores disparates» [1]. João Pedro Ribeiro considerava o antigo português como lingua barbara, e por isso respeitava pouco a ortographia dos documentos. As suas vistas sobre o antigo português manifesta-as na comparação da *Noticia do torto* com outro documento: «Conhece-se do seu estilo, quam pouco a lingua Portugueza se tinha apartado da gallega, não admirando, que sendo particular, vença em barbaridade ao seguinte, por ser publica» [2].

Entre os onze documentos que publíco ha um, o n.º II, escrito no Sabugal pelo notario da villa, onde se encontram na parte final alguns termos não portugueses.

Em 1275 ainda Sabugal estava em poder de Castella, como Herculano dá a entender na nota I do vol. II da sua *Historia*. As palavras incriminadas são *Çien, Çiento* e *veynte*. Neste documento (o II adeante), o som *lh* tem a graphia *ll,* como se vê em *lle, llj* e *lly, lles* e *filley*. O som *nh* ora tem a graphia *n* ora *ñ,* como se encontra em *Azeyna, dineyros, quinon, Sanginedo, teno* e *tijna* de uma parte, e *meyriño* e *teño* da outra. *Mĩa* e *testemõyo* encontram-se tambem no documento.

Os documentos portugueses de 1272, 1277 e 1278, e outros sem data (são os n.ºs I, III, IV, VI, VII, IX, X) tem *Moler, filo, fila, files, Julo, les, lo* (=lh'o), *nimigala* e *foladela*. O n.º III, de 1227, tem *ly,* e o de 1227 (n.º VI), *alyos,* onde *ly* vale *lh.*

Outro modo de representação que se usa ainda em espanhol encontra-se nos seguintes termos: *llj, fillãdo, nẽllur, fillar* (n.ºs VIII e IX, sem data).

O documento de 1278, passado por um arcebispo de Braga (n.º V), tem *lhy* e *melhor*. No documento VIII encontra-se a graphia *uellho* que é, evidentemente, combinação de *uello* e de *uelho.*

Com respeito ao *nh* (com excepção do V e VIII) todos os documentos nos dão *n: Conoscã, senos* (no III); *Conucuda, gaane, conpaneyro, senor, senorio* (no IV); *Conucuda, uino, senos, tena* (no VI); *Conuzuda* (no VII); *minas, teno, testimonjo* (no IX); e se-

[1] *Synopsis Chronologica,* vol. I, (1790), p. IX.
[2] *Dissertações,* I, 182.

nos, senas, uina, penor (no x). O n.º v de 1278 do eleito de Braga só dá *nh: couenhauil, linhagẽ, uenha.* O n.º viii tem *Cauanhõ, tijnha, penhorar.* O *ñ* é raro, encontra-se *ueña* no iv. O *i* nasal podia ser indicado com ou sem til: *ordiamos* (no iv); *lio, uio* (no vi); *mia, ordiou* (no vii); *Martĩo, tija, dĩeiros* (no viii); *galias, lio, tĩas* (no x); *Estevãia, sobrĩo, vio* (no xi). Pela tradição etymologica encontramos *Cognoscam e recognocimẽto* no iv. Cruzamentos interessantes encontramos no n.º viii em *Brugnhedo* e *pegnora*.

Parece-me que deve despertar bastante interesse, para quem estuda a orthographia dos nossos antigos documentos, a epoca da introducção do *lh* e *nh*. Admittindo-se que aquellas graphias são devidas á influencia provençal, permitte-se-nos por essa forma penetrar no desenvolvimento da civilização portuguesa do seculo xiii. É provavel que os individuos cultos, que podiam deliciar-se com as bellezas da literatura do sul da França pelo conhecimentos directo da lingua, fossem os primeiros que nas suas obras litterarias e *cartas missivas,* sem o perceber, substituissem o *l* (*ll*), e o *n* (*nn*), ora pelo *ly* e pelo *ly*, ora pelo *lh* e pelo *nh*.

Os tabelliães tambem inconscientemente adoptaram as novas graphias que, em menos de meio seculo, dos centros mais brilhantes do reino até os mais humildes villares, estavam geralmente empregados.

As combinações graphicas *lh* e *nh,* que se encontram no documento v, de 1278, não excedem em antiguidade as datas de 1269 e 1273, que já apontei na *Revista Lusitana,* ix, 263, como sendo aquellas em que eu tinha encontrado a mais remota representação dos novos sinaes.

Nessa mesma occasião notei os documentos mais antigos em português transcritos por J. P. Ribeiro, e apontei erradamente o documento de Pendorada na data de 1262, a qual se deve emendar para 1272.

Confesso que a esperança de encontrar documentos neste cartorio mais antigos que a data de 1272, e de que Ribeiro não tivesse dado conta, ficou mallograda.

Seguem-se agora os onze documentos acima mencionados.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

I. — Aforamento de um casal a Pedro Eannes e a sua mulher feito pela abadessa de Entre Ambos-os-Rios. 1310 (1272)[1].

A C E G I

In dei nomine AMen. ego Domine[2] samcha irmigis. Abadesa damtrãbos[3] rios. Com todo ho comuemto dese moesteiro, *tibi petro*[4] *ioanes et uxor tua* cal houueres lijdima. fazemos prazo De uno casal que habemos em gõtigẽ per nome aquele em[6] que seue e morou teu padre por precio que de ti recebemos comuẽ a saber cento[7]. vi. *Morabitinos*[8] e tu dares dese casar[9] *tercio* parte. asi como sempre for[10] forado e quaéés dereituras sẽpre deu taéés dares tu e séeres hobediente a lo monesterio e séér este prazo pora[11] ti e pora[12] ta Moler e pora teu filo e se nõ houueres filo ficar ááno[13] teu prouĩco de cal te tu pagares e séér hobediente e nos que chu prazo Mãdamos fazer com nosas Manos propias ho reuoramos por reuora recebemos de ti .j.ª[14] fugasa e .j.º[15] carneiro e quẽ ti sobre este prazo pasar cãto quiser[16] tãto[17] *dupret et insuper* peitet .D.[18] soldos. feito ho prazo. viij. dias amdados de Maio. Era M.ª CCC.ª x. quaes presemtes amdré[19] uéégas ts. *Petro* ts. Joane ts. *Martino* ts. *Dominicus scrisit*[20].

II. — Testamento de Rodrigo Afonso Ribeiro. 1313 (1275)

In dey nomine Amẽ Eu Rodrigo Afonsso Ribeyro Temho o dia de mĩa morte e ffaço mĩa mãda por deus e por mĩa alma. Primeyramẽte mãdo A alma A deus e o corpo A San Johãn da

---

1 Publicado por João Pedro Ribeiro, *Dissertações*, 1 (1810), pag. 282. As variantes principaes da sua leitura vão em nota.
2 *Dona*.
3 Dantrambolos.
4 . . .
5 por.
6 (Falta).
7 canto.
8 O documento diz *Mrs* que Ribeiro leu maravidis.
9 casal.
10 fou (por erro typographico).
11–12 pera.
13 a uno (boa correcção do texto).
14 huma.
15 hum.
16–17 (Faltam).
18 quinhentos.
19 . . .
20 Mosteiro de Pendorada, maço 22, n.º 46.

pendorada. E mãdo o meu quinon do casal de ordj. Aquel que mj ende deu Roy vaasquez meu Tio A eygrejoo. E mando o casal de vilar[1] A san Johãn da pendorada. Et outro ssi mãdo A San Johãn da pendorada As pedras e As sortellas e o mouro. que y leyxey en Guarda Ao Abade dõ meendo E ffaço o Abade dõ meẽdo Testamenteyro desta mĩa mãda que page mĩa mãda e Todas mĩas diuidas per Todo meu Auer quanto mj. ende Achar tãbẽ pelo mouil cõmo pela Rayz pelas bestas e pelos dineyros e pelos herdamẽtos e per quanto Auer mj Achar E se meu padre dõ Afonso Ribeyro quiser ou sua vóóntade ffor Rogollj por Amor de deus e por mesura que el Ajude A dõ Meendo Abade de san Johãn da pendorada A cõprir esta mãda que lle mãdo cõprir e A pagar mĩas diuidas e mĩas malfeitorias per Todo meu Auer. E se per uentura meu padre dõ Afonso quiser vijr contra esta mãda Rogollj por deus que leyxe A san Johãn da pendorada e Ao Moesteyro de eygrejoo Isto que lles eu mãdo. e que page Todas mĩas mãdas e mĩas diuidas e Todas mĩas malffeytorias per meu Auer. E mãdo o herdamẽto de paradela que son cinco casaes e j[a] Regada. e Azeyna do porto da ffurada de san Johane no Julgado de Gaya e la herdade da rribeyra e A herdade de sangineda que teño do Moesteyro darouca. que fique A arouca de que o eu tijna. E o que eu y ey A leyxar A arouca por este herdamento que ende tijna cõuẽ. A saber ey llj A leixar o casal de vilar chão e o casal de Brafomes que y ey e mãdo que llj ffiquen. Et Teno do Moesteyro de Eygrejóó A quyntaa de vlueyra e mãdo que ffique A eygrejóó. cuja é. E mãdo e Rogo Ao Abade dõ meendo e A meu padre que se Algẽ A eles veer que diga que llj eu Alguna cousa diuia que nõ seja escrito en Esta mãda ou que llj ffilley ou Roubey Alguna cousa que aqueles que o disseren que façã A uerdade porẽ segũdo como for vso e costume da Terra e que lle lo pagẽ per meu Auer E mãdo o Casal de lourosela meu A la Ordin dauis. E mãdo quraenta liuras por Almas dos de nauarra de que as eu ouuj. E por que jsta mãda seja firme Eu Rodrigo Affõso Rogey A Martin perez Notario de Sabugal que fezesse esta mãda e que posesse en ela seu sinal por Testemõyo e por Mayor firmidõ pugi eu en ela este meu seelo e o séélo de Johãn perez mercador de Sabugal.

Estas son as diuidas que Eu Rodrigo Affonsso Ribeyro deuo. primeyramente deuo A Domĩgo da Rotea Çiento e veynti liuras. e A pero durã do porto Çien liuras e A andre meyriño Oytaenta liuras. E diuia A Bertolomeu esteuez de coỹbra xxv liuras e mãdo que as den a seus herdeyros. Testiuygos que presentes forõ Johãn perez mercador de Sabugal Johã perez cãbiador. Johãn eanes mercador. Pero eanes cãbiador. Domĩgo sousela escriuan. E eu Martin perez notario pobrico del Rey en Sabugal A rrogo de

[1] Villar de Eirigo, diz um summario do sec. XVIII nas costas do pergaminho.

Rodrigo Affonso ffiz esta mãda e pugi en Ela este meu sinal por Testemõyo + ffeyta A mãda en Sabugal Sesta feyra noue dias do mes de Agosto. Era de mill e ccc.ª e Treze Años.

No dorso. Ao Abade dõ Meendo seja Esta carta dada por Rodrigo Affonsso. E nõ seja Esta carta Aberta en quãto eu ffor viuo Ate mĩa morte [1].

III. — Composição feita perante o juiz de Bemviver sobre o casal de Gordimaes. 1315 (1277)

Conoscã todos aqueles que este estrumẽto virẽ e ouuirẽ. que na presença de mj. Giraldeanes Publico tabaliõ do senor El Rey de Portugal e do Algarue ĩ terra de Benuiuer e na presença das testemoyas de pois scriptas Dante Pay martijz Juiz de Benuiuer sobre contenda que era antre Steuã diaz dito buual da hua parte. e Sancha periz moler que foy de Lourenço martijz espinel. da octra sobrelo casal de Gordimaes e sobrela moradea que hy fazia a dita Sancha periz Pedre anes mũge e procurador do Abbade e do Conuẽto do mosteyro de san Joane da pendorada protestou e dixe que aquele herdamẽto sobre que auya contenda u dito Steuã diaz cũ a dita Sancha periz que estaua u mosteyro ĩ possissõ delle, e que o prouaria se mister fosse. e o dito Steuã diaz dixe ca sse sse dõna Sancha quitaua desse herdamẽto e sse delle saya. ca elle o octorgaua ao dito mosteyro. e depoys este precto assi andando. tal conposiçon foy feycta. conuẽ a saber que a dita Sancha periz entregou u dito herdamẽto ao de suso dito procurader ĩ nome e ĩ logo do dito mosteyro per colmo e per chaue. e sse hy algũu directo auya ou entendia aauer que o renũciava todo ao dito mosteyro, e que sse saysse do dito logar atẽ santa maria de Agosto esta primeyra que uẽ. e o dito Steuã diaz octorgou e quitousse ao dito mosteyro da demãda que fazia contra a dõna. su tal condiçon que o mosteyro nõ ly metesse hy caualeyro nẽ dõna nẽ omẽ filo dalgo. e sse per uentura alguẽ ueesse doctra parte que in aquele logo algua cousa queira demãdar. u dito Steuã diaz. aja aquel logo e aquela posse ĩ que ora estaua de enparar e de defender u dito logar. Aquisto foy feycto apres de Gordimaes quatro dias por andar de Julo. Era M.ª ccc.ª xv.ª us que presentes forõ. Martin esteuaiz filo do dito Steuã diaz. Martin rodrigiz de róósendj. Migéél periz conigo de uila boa do Bispo. Martin periz rector da Egreyga de paredes. Pero domĩgiz dito feo. Domingos periz. Pedre anes mũges do dito mosteyro. fernã periz Caualeyro de Arĳz e octros muyctos ts. e Eu de suso dito Juiz de plazimẽto das partes esta conposiçon dei per Juigada. e fezi hy

---

1 Convento de S. João de Pendorada, maço 23, n.º 1.

poer meu saelo. e Eu de suso dito Tabaliõ aquestes de suso ditos presente foy e a rogo de hua parte e da octra esta conposiçon cũ ma maao propria escreui e hy meu sinal + pugj ĩ testemoyo desta cousa u qual tal e [1]

IV.—Aforamento feito por Fr. Stevão Pires, procurador de Pendorada a Martim Mendes da Fonseca de dois casaes e meio. Fevereiro de 1316 (1278)

A B C D E F

En nome de deus amen Conuçuda cousa seia a todos aqueles que [este] estormento uirẽ. e ouuirẽ Que Eu Steuã perez Monge do Moesteyro de san Jhoane de pendorada recebj hũa procuraçõ do Abade [de] san Joane da Pendorada e do Conuẽto o teor da qual a tal e de ueruo a ueruo.

Cognoscam todos aqueles que esta procuraçõ uirẽ e ouuirẽ que Eu dõ Mẽe perez abade do Moesteyro de san Jhoane da Pẽdorada e o Conuẽto desse menesmo logar stabelecemos. fazemos e ordiamos Steuã perez nosso Mõge e nosso conpaneyro por nosso procurador liidimo e abastoso pera dar a Martjn menendj en nosso nome por en dias de sa uida. húú Casal e meyo en Cotaes e outro Casal em Ydrices en prestamo. e nos auemos forte e firme que quer que seia feyto per o dito procurador en todas estas cousas e en cada hua delas e rogamos o tabaliõ ou os tabalioes da Lafoes que faça ou façã ende stormẽto ou stormẽtos quaes les o dito Steuã perez mãdar fazer e que isto nõ ueña en douida e mayor firmidoe gaane. Eu de suso dito Abade a presente procuraçõ de meu seelo fiz séélar e que nos Conuẽto seelo proprio nõ auemos en a posiçõ do seelo de nosso abade dhúú coraçõ louuamos. Dada apres do Moesteyro de suso dito. xij dias andados de Janeyro da Era M.ª CCC.ª xvj.ª

E eu Steuã perez procurador de suso dito pela autoridade da procuraçõ de suso dita dou é entrego a uos Martin menendj de ffonseca en prestamo por en todos dias de vossa uida húú Casal do dito Moesteyro en Ydriçes no qual mora Mĩgueyros e dou a uos outro ssi húú Casal em Cotaes en que mora Domigos uéégas e o meyo en que mora Pedro iohanes o qual foy da Muda. e o Moesteyro de suso dito deue aauer en cada húú ano senos Capoes por dia de Natal en recognocimẽto de senorio. desse Casal e meyo de Cotaes e Este prestamo dou eu a uos por seruiço que fezestes ao Moesteyro de san Johane e que faredes

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 10.

e que pois isto nõ podesse uiir en douida. Eu Steuã perez procurador de suso dito mãdey a Jhoã dominicj Tabaliõ de Alafoes que fezesse ende dous prazos partidos per a. b. c. dos quaes Martĩ menendj tẽ. húú e o Moesteyro o outro. é Eu Tabaliõ de suso dito per mandado do dito Steuã perez e per a procuraçõ de suso dita a qual eu uj seelada do seelo de suso dito nẽ rasa nẽ conrũpuda nẽ borrada no Seelo nẽ na letera estes estormentos fiz e puxi eeles meu sinal + en testemoyo. Ts. Mẽe ffernãdiz de Varzea. Pedro afonso Juiz de Alafoes ffernã martiiz e Johoã perez e Martĩ afonso e pedro perez clerigos Steuã ihoanis de vij.ᵉ fontes Steuã perez e Martĩ ioanes de Siqueyros e outros muytos feytos forõ os prazos en sã pedro de Sul. viij dias andados de ffeuereiro da Era M.ª CCC.ª xvj.ª [1]

V.—Nomeação feita por D. João, arcebispo de Braga, das herdades de avoenga que tinha no couto de Pendorada na pessoa de Vasco Martins. 28 de abril de 1376 (1278)

A quantos esta carta virẽ. Nos Johãne pela merçéé de deus Esleyto confirmado na santa ygreia de Bragáá ffazemos saber que como a herdade de vila uerde dáálem Doyro uenha da nossa auoẽga e fosse dada en esta maneyra e en esta condiçom que a aia senpre clerigo o melhor da linhagẽ e que faça ende aniuersayro cõuenhauil ao Mõesteyro de san Johã da Pendorada. E nos tragamos essa herdade e outros logares en Riba de Doyro. a nossa mãao assy come da nossa auoẽga. por que deus sóó sabe nossa uida quanto ha de séér en este mũdo querendo de mentre que uiuemos nomear aquela pessõa que a deue a trager despola nossa morte Nomeamos vaasco martijnz Cóónigo de viseu e da Guarda que uẽ desta auoẽga. E louuamos e mãdamos que a dita herdade de vila uerde e os outros logares que nos tragemos no Couto de san Johã da Pendorada e nos outros logares que hora tragemos en essa terra que os aia e possuya despola nossa morte o dito vaasco martijnz cõmo os nos auemos. e que faça ende aniuersayro ao Conuento do Mõesteyro de san Johã da Pendorada. assy cõmo ó nos faziamos dando lhys cada Ano algũa cousa por aniuersayro e polas almas daquelles onde uẽe as ditas herdades. E que ante sa morte gardando a sucessom cõme se ata aqui guardou. noméé en sa uida pessõa que seia clerigo mays chegado do Linhagẽ pera auer a dita sucessom e pera tragella assy cõmo de suso dito he. En testemunho da qual cousa lhy demos esta nossa carta aberta e séélada do nosso seelo. Dada en a nossa Camara de santo Martĩho de Matheus xxviij.º dias do Mes daBril. Ano dominj M.º CCC. xvj.º [1].

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 161.
[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 13.

VI. — Testamento de Elvira Ermiges. 18 de abril de 1316 (1278)

In dej nomine amen. Conoçuda cousa a todolos que este estrumẽto uirẽ e ouuirẽ que Eu Eluira ermigiz encomẽdey fazer meu testamẽto. primeyramẽte mãdo meu corpo ĩ san Joane de Tarouca e húú leycto de liteyra e quaréénta moyos de pã e x. marauedis por a pitãnça dos frades e ij. pares de mãtéés e .j. casal de herdade. e todas estas cousas sõ ya pagadas ao dito mõsteyro. It. mãdo aos frades de san Joane da pendorada hua terca de casal u qual casal ey na ribeyra por ma alma e de meus filos e de meu marido a qual terça de casal comparey de maria ribeyra ma fila. e dey por elle seseenta libras e se se meu filo agrauar desto de aos frades de suso ditos as ditas libras e file a herdade. It. a Duranca ma criada .j. cuba e j. arca. e vij. reixelas antre cabras e ouelas. e j. porca. e ij. bacoros. e ij. feltros brancos e j. almocela. e ij. chumaços. e todo u lio. e a láá, e o fiado, e feramẽtas, e escudelas. e todolas octras cousas mouedas que sõ contéénças de casa. e j. moyo de pã e j. moyo de vino. It. a Margarida uicente este meu tabardo e o capeyrote que leyxey ĩ basto. e j. quarteyro de pã. It. a Santa Locaya .j. moyo entre pã e vio e j. leycto de coreya. e j. almocela. e j. chumaço. It. a Méén domĩgiz a ma saya. It. ao Priol de san Joãne da pendorada u meu mãto. e a ma garnacha da sarga. It. a Santandre de sóóselo .j. quarteyro de pã. It. a Pero domĩgiz capelã de essa egleyga .j. marauedi e j. quarteyro de pã pelas misas que mj dixe. It. a todos meus homéés esse ãno que eu pasar senos bragaés. It. mãdo por a fazer as Egleygas .ij. moyos de centeo. e ij. moyos de vio. e j. moyo de trigo e viij. spadoas e iiij. carneyros. e sse nõ ouuerẽ us carneyros iiij° freamas e j. almude de mãteyga. e j. reste de alyos.

It. aquestas sõ as deuídas que deue dõna Eluira primeyramẽte ao Abbade de san Joane da pendorada .v. marauedis e sse mays demãdar denlo It. a Ramiro .ij. marauedis e meyo. It. a Martin ioanes. ij. marauedis. It. mãdo a Pedreanes que de a Sancha anes .ij. marauedis e se alguẽ uéér que algua cousa demãde faça como è pagueno aquisto foi apres das Egleygas xviij. dias andados de Abril. Era M.ª CCC.ª xvj.ª e rogo a meu filo pola ma beyncõ que faça pagar esta ma mãda e mas deuidas. e rogo u priol de san Joãne que tena esta ma mãda *usque presentes forum* Domingos muniz Priol de san Joane da Pendorada. Vicente periz mũge do dito mosteyro. Méén domĩgiz rector da Egleyga de santa Locaya. Joã martijz Martin ioanes leygos da ribeyra. ts. e Eu Giral deanes publico tabaliõ do senor El Rey de Portugal e do Algarue ĩ terra de san fíjz. e de pauha a dita Eluira ermigiz presente foy e a rogo da dita Eluira ermigiz u dito testamẽto cũ ma mao propria escreui e hy meu sinal pugy ĩ testemoyo desta cousa u qual tal e ✝ [1].

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 2.

VII.— Procuração passada por Estephania Martins a seu marido Egas Afonso. Maio de 1316 (1278)

Conozuda cousa seya que na presenza de mj Steuã mééndiz publico Tabaliõ del Rej de Portugal e do algarue en lamego e das testemoyas que aqui son scritas. Steuáá martijz. estabelezeu e fez e ordiou Egas affonsso seu marido portador desta procurazõ por seu procurador léédimo e abastoso. per ante o Abbade de sayoane da pẽdurada e perante o Conuento dese méésmo moesteiro. sobre dous Casaes que esse Egas affonsso e essa sa moler steuáá martíjz. an no termo de bayã. en logar que chamã louredo. húú que esse tẽ encartado do dauãdito Moesteiro e outro que est do seu herdamẽto que esse Egas Affonsso possa emprazar e ffazer Carta ou Cartas ou prazo ou prazos desses dauãditos Casaes assj come se essa Steuáá martíjz presente fosse. e prometeu ááuer firme e outorgado que quer que per esse procurador for feyto nos dauanditos Casaes. assj cõme se essa presente fosse. feyta a procurazõ no mes de Mayo da Era M.ª CCC.ª xvj.ª os que presentes forũ pedro domjngiz. Domĩgos migééiz. Domĩgos pedriz. Domĩgos ioanes. e eu dauando Tabaliõ a rrogo e a mãdado da dauandita Steuáá martijz. esta procurazõ cũ mia mao fiz e meu sinal en ela pugj que tal est + en testemoya :· —:· ——:· — [1].

VIII.—Inquirição dos reguengos na Beira. Tempo de D. Dinis (1279-1325)

Da fréé́iguesia de san Martĩo do Cauanhõ que non traiẽ cõ Julgado nẽhúú. iaz y a terra que chamã Arocha o logar que chamã. Couas de mõte dizẽ as testemũias que ouuirõ dizer a seus padres e a seus Auóós e a Oméés uedros que Couas de mõte foj quatro Casááes de uedro. os. tres erã. Regéégo del Rey e hũu era de Ruberte pááiz e de pero pááiz. hirmááos. e que dauã a el Rey desse Casal hũu falcõ cada Ano. e sse o falcõ nõ podiã auer dauãllj hũu Açor. e sse nõ podiã auer o aÇor dauãllj huu Gauiam. ẽ que llj chamauã o Casal dos falcoeiros. e ora assi a nome. Esses oméés bóós pedirõ a El rrey por merçéé que les estremasse esse Casal dos seus tres. E que el Rey les mãdou partir. e mãdou meter Marco no partimẽto. Dizẽ outro ssi que ouuirã dizer que no tenpo que Couas de mõte foj pobrado que pobobrarõ Couas de rrio. e. Deylã. e verduzedo e Couelo e Regaoufe e que ouuirõ dizer que todas erã Regéégas del Rey. e pobradas no sseu regéégo. E que

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 3.

dõ Affonso hermigit que tija a terra delRey a que leuaua de todos estes logares. xviij. dĩeiros de cada Casal. pera El rrey. ẽ que les pos depois foro que midissem o pã de Quinto. e que teue A terra bẽ. Trijnta anos. e de que era a terra sorda e moj grãde. fora Chamãdo a sua. e fillãdo a por sua. herdade. e diz hũa testemũia de uista que el uio o padrõ séér naquel logar. e que o uio derribar a Martĩ longo. homẽ de dom Pedro pááit Curuo. en tẽpo da Rouba de Rey don Sancho. e que uio dar os dezeoito dĩeiros de suso ditos de cada Casal. de todos estes logares, e que os tirou ende el pera el Rey. e que os uio ir cõ el Rey en oste. E outra testemũia diz que uio en couas de mõte entrar o Maiordomo. e penhorar y e leuar ende a chóóma pera ElRey. en tẽpo de Rey don Sancho. e de Rey dona Afonsso prestumeiros. fezerõ as aldeias que chamã a pena. e a proua e Cabana uellha. e padrozelos Carçerellos de susáăos. e a Draue e Gouarỹ e a Lagea e Brugnhedo. e. Reçiã que ora estã hermas. estas anbas e a Togeossa todas estas aldeias dizẽ as testemũias que ouuirõ dizer que as fezerõ no maniadigo. e no termo dessas aldeias uedras sobreditas que sson regéégas del Rey. e que assi créém que e como ouuirõ dizer. E don affonso ermigit que tijnha a Terra come de suso dito enprazousse cõ san iohane da Pendorada e per rezõ desse enprazamẽto quando ueo a ssa morte leixou a san iohane toda essa terra darocha. e tragea por onrra. e traye hi seu vigayro e sseu chegador. e nõ van a Joizo de Joiz del Rey nẽllur. nẽllj fazẽ ende nenhũu foro saluo que uan ende a Toruiscada. e o que ala nõ quer hir leua o Maiordomo de sul del hũu Moyo de pã. e todisto foj feito des tenpo del Rey dom Afonsso seu Auóó deste Rey. e des tenpo de Rey don Sancho seu tio. e des tenpo del Rey don Affonsso seu padre. E dizẽ ainda que ouuirã dizer que porque entrarã alo dous Mayordomos pera pegnhorar que os matou don Affonso ermigiz.— seyam todos deuassos estes logares de suso ditos. Entre hi o maiordomo del Rey por todolos seus derectos. e sobrelos erdamẽtos chame el Rey se quiser, etçetera [1].

IX. — Testamento de Rodrigo Affonso. Sem data

Aos religiosos baroes e onrados. Dõ ffernãdo Abade de san yoane da pendorada ensẽbla cono conuẽto desse menesmo Logar. Eu rodrigaffonso mj uos mãdo encomendar asi. como aaqueles a qui ey a dar o corpo e huua peza do qui Ey. ffazo a uos a saber que eu uos quero atẽder todo aquilo que uos Eu prometi da Ecclesia das serrazes e do prazo asi como ffoy deuisado. primeyramente ffoy asi deuisado o preyto da Ecclesia das serrazes

---

1 Convento de Pendorada, maço 24, n.º 25.

que uyesse ũu uosso frade aos vigayros de viseu e pedro dominguiz cõ Ele. E yr Eu e meus irmaos. hou uu de nos por todos. e presentarmos pedro domingiz aaquilo que nos auemos na Ecclesia das serrazes. saluo o derecto que o moesteyro de san yoane da pedorada ha na ecclesia das serrazes e irmos nos cõ elle a essa Ecclesia. E anpararmolo e deffendermolo. E se per uentura meus irmaos isto nõ quiserẽ auturgar. do meu herdamento. e do da Ecclesia e dos testamentos meus. e das encomendas minas. ffarey li auer todo. e enparalo e deffendelo quãto Eu mays puder aa boa ffe. e uos sobristo cõprirdes a mj e dardes mj o herdamento todo que auedes na uilla das sarrazes, e en seu termio. en meus dias e de ma moler tareyia Martijz. E nos darmos a uos cada ano de conosçença cem soldos e dar uos ce[n]to e L libras. as mayas logo e as mayas a ũu prazo que mj puserdes e dar uos a ma morte ũu casal En couelas. e todaquillo que eu e ma muler auemos e pudèrmos auer en termio das serrazes e en seus termios. aa nossa morte fficar a uosso moesteyro todo liure asi mouil como herdade e si dona tereyia Martijz ma moler ante que Eu morrer. Ante que Eu morrer a meya dessa uila como a teno teela asi En ma uida. e si Eu morrer e si tereyia Martijz casar e nõ auer na uilla das serrazes açaz njmjgala e si tiuer castidade ou fillar ordẽ. auer a meya da uila das serraças e pousar nas casas e ... a meya da seara e desi auãte fficar todo liure ao moesteyro de suso dito de poys morte de dona tereyia e si per uentura o bispo nõ quiser outorgar este prazo uos dardes a mȳ meus mj b (?) e entregar Eu uos dos ffruytos que leuar da erdade desque o prazo for feyto e rogouos que o ffaçades ca Est grande proueyto uosso e nosso dos corpos e das almas ca eu nũqua tãto cuydo a ujuer nẽ ma muler que tanto leuemos da erdade quanto uos damos saluo quãto bẽ e quanto seruiço e quãta ajuda prenderedes de nos e por nõ auerdes de mj duuida mãdo a uos Este ma carta seelado de meu seelo feyto En testimonjo ... sobristo qual pea quiserdes poer no praco tal poede [1].

X. — Tombo dos casaes de Pendorada em terra de Lafões. Sem data

Esta e a Renẽbrãza. Dos herdamẽtos que sam iohane moeesteiro de sam iohane da pẽdorada. áá. em tera dalafoy. In primo a graya de nodar cõ dous casááes. E hos casaaes sõ a foro de quarto. dereyturas. ij. dous soldos de pedida. cinque .v. uaras de bragal. dous. dous capoéés. x. x. houos. senas pernas de porco con senos antrecostos e senas teeygas de pã segũdo. senus cabritos senos queigos senas fazeduras. de mãteiga. Item. Em a maeizenssa una séeara de uina. cõ. vj. casaaes ee. em. de uno ermo. e tem outro martin gonsaluiz em sa uida. E hos outros som per

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 22, n.º 60.

tal foro que meos de susu ditos de nodar. It. em sequeiros áá. vj. casaéés em sete fomtes uno. e dã de foro. dous. dous soldos de pedida e medenles de quintu. e dam senas pernas de porco e senas outaas de pam. dous dous framgauus. e x. e dez ouos. It. em sáá .j.º casal e da tal foro. come os de sequeiros saluo. hos dous soldos e tẽ uno casal acustadizo que chamã hos pardeeiros. It. en o souto. aa. dous casaéés e dam tal foro quome o de sáá. It. em sagadelos .a. j.º casal. e iaz ermo. It. na costa a .j.º casal e iaz ermo. It em courelias a. ij. casaéés. e dam tááes dereituras come o de sáá. It. na rũpicila. áá. ij. casaes per este foro. It em souto majur aa. dous casaees. e sam de iugada dam. vj. sez tĩas de pã e senos quarazijs. It. a. em figeiredo dalua .iiij.^or casaaes. e dam dous dous soldos de pidida. e meden les de quinto e dam. senas espadoas de porco de noue costas e senas téé̃igas de trijgo cõ ellas, e senas galias, e x. dez ouos It. a Na foladela .ij. casaéés. e dam. dous dous soldos de pidida e fazẽ nas houtras cousas tááes dereitos come hos da rũpicinla. It. a no amaral uu. mora Martin pequeno .j.º casal e dous soldos de pidida. e medẽ li de quinto. e da perna de porco e j.ª outáá de pã cẽteo. e .j.º cabritu e uno bragal de vij.^te varas. e. j.º capõ e uno frãgau e. x. ouos. esta .y. uno casall e ten Ende meen rodigiz ho meu en sa uida. e houtro meu laurã no hos óómees e dam ende a razõ hou moesteiro. It. dous casaees que tem ho moesteiro de martin martijz em penur e põe les maiordomo. It. a em mondelos. j.º casall. e rẽde. xxx.^ta soldos. It. en couelas. uno casal e rende .iiij. liuras e mea. It. em arizes uno casal e tenno martĩ mééndiz en prestamo. It. em catáá. j.º casal e meo que tẽ esse martĩ mééndiz, e dam cadaano hou moesteyro.iij. capoéés porco no cẽzo. ℂ. It. em couas de rio .á. iiij.^or casááes e morã en elles. x. homéés. e mede les de quinto e dam todos per cabeças todas. x. senas pernas de porco e de cassa (*sic*) casal dam senas outáas de pã e dous dous frãgaos. ex. dex ouos. e destes casaaes tem ende Pedro gõsaluiz .j.º meo en sa uida hos erdadores que á .y neesa alldeia dam cada ano .iij. aradoyras de foro e dam da emtrada de martin affomso una libra de cera. It. em delã. á iij. casaaes e facẽ tal foro quome os de. couas de rio e morã em elles .iiij. oomééś. It em uerduzedo. a .ij. casaaes e fazem tal foro come hos de couas de rio e come hos de delã saluo que dã quarazijs. It. en couas de mõte .á. iij casaéés e iij. quartos e moram em elles .xi. homéés e fazen tal foro come hos de couas de rio. e destes .xí. homéés tẽ ẽde uno méén rodigiz en sa uida e de sa moler. It. Na pena. a. iij. casaéés e dam senos Moyos de pã de iugada e senus quarazijs e senas outaas de pã cõ eles e senas galias e tres .iij. alqueires de trijgo. It em fauezelas .a. iiij.^or casaáes. e dam de iugada sete sete téé̃igas de pã segũdo e senas téé̃igas de trijgo. e senos quarazijs e senas outáás de pã centeo e senas galias a cinque cinque ouos e senos afusaéés de lio. It. Na proua .a. iiij.^or casaéés e dam. tres tres [quarteiros] de pã de iugada e senas pernas de porco e senas outaas de pã e senas galias e cinqui cinqui ouos. It. em padrozelos .á. ij. casaéés. e uóóda .ij. libras de

cera e perna de porco e. j.ª outáá de pã. It. em cabana uela. á. ij. casaees. e dam duas duas libras de cera e senas pernas de porco e senas outáás de pã e senas galias. It. em couelo .á. iiij. casaees e terza. e dam de iugado e dam. sex. sex. quarteiros de pã de iugada e mendenles o uino de quinto e de casal dam. sex. sex. alqueires de cemteo e tres tres alqueires de trijgo e quatro quatro afusaéés de lio e duas duas galias e morã. y viij. omees dam senas pernas de porco. Item em ragauufe morã .viij. oméés e dam. dous dous quarteiros de pã e iij. iij. alqueires de cemteo, e xij. alqueires de trijgo e dam .iiij. galias e senas pernas de porco. It. em cacerelos. á .iij. casaaéés e dã ende hous dous .vj. vj. teeigas de pã e senos quarazijs. e hou outro da .j.º quarteiro de pã. It. Nadraue á .ij. casaéés e dã tal foro come os de caçerelos. It. em gauirẽ .ij. casaaes. e dam senos quarteiros de pã e senos quarazijs. It. Na togosa .ij. casaes cõ outro tal foro. come ho de gaivim. It. Na lagea. vj. casaes e dã tal foro come estes de goirẽ e ce os da togosa. It. Do casal de baltar ..... da renda destano .vj. quarteiros de pã segundo e j. quarteiro de pã e bij. puçaes de uyo. vj. afusaes de lyo e todalas outras dereituras [1].

XI.—Testamento de Vicente Fernandes. Sem data

In nomine dej ĩ primeiramẽte. Isto ẽ Renẽbramẽto que faz viçẽte fernandiz ẽ sa doẽça Mãda seu corpo ẽ sanoane da pẽdorada. E mãda .j. casal de ij. que a en valdepas cõ sa molher Maor ffernandiz nomeadamẽte o en que séé Joã éé. It. a sancty micaelj de bairos ij Modios antre pã e vio e .j. porco. It. a sanctj axisdj. ij. Morabitinos. e .j. Modiom de vio. It. a sancta Marina. j. Morabitino e .j. Modiom de vio. It. a sancta Maria de roesẽdj .ij. Morabitinos. It a Santa Maria da esga .j. meo Morabitino. A meu irmáó gũçalo. c. soldos. A sancta Maria de carcarj .j. Modiom ãtre pã e vio. A ama esteuaia .c. soldos e j.ª pele de cabritos e seer primeira pagada ca octra [cou]sa. A uiçẽte meu sobrĩo .ij. Morabitinos. It. aa séé da lamego .ij. Modios [an]tre pã e vio e .j. Morabitino. Aos gafos das caldas .x. soldos. It. A sancta Maria de taroquela. j. Modio de vio. It. A pero fernandiz meu irmáó. vna espada. It. mãdo o maes (?) a meus abades. e Domingos Joanes e a domingos periz. It. aa cruçada .x. soldos e .j, capelo de fer e .j.ª lãça e j.ª azcũa. Mãdo a Martin anes filho de Joã periz. a baesta. e o meu l... A Domingos Martijnz meu amo. j.ª cuba. A mha madre ij. Morabitinos e .j. Modio ãtre pã e vio. E leix Ma molher Mayor fernandiz e Obade de sancto Joanis da pedorada e Joã ayras meu tio pora cõprirẽ mj esta mãda E eu Mayo[r] fernandiz açima dito a tẽpo Mãdo meu corpo ẽ sanoane cõ meu marido vicẽte ffernandiz [2].

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 24, n.º 42.
[2] Mosteiro de Pendorada, maço 24, n.º 5.

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

ATALAIA

Num planalto ao nivel do de Almeida, que lhe está a noroeste, cercada a leste pela ribeira das Cabras e a oeste pela ribeira da Pega, limitada ao sul pelo monte Jarmello e ao norte pela Marofa, contraforte da Serra da Estrella, fica a povoação de Atalaia, concelho de Pinhel, terra onde nasci e a que andam ligadas todas as minhas saudosas recordações da infancia.

Foi lá que recolhi e mandei recolher os romances, orações, quadras, etc., que adeante vão transcritos, pequeno numero em relação ao muito que poderia já ter recolhido, se ha mais tempo me tivessem despertado o gosto e incitado a estes estudos.

As qualidades caracteristicas dos habitantes desta povoação são as mesmas que differenciam os Beirões: altivez, independencia e franqueza de espirito; são de bofes lavados, e contarão ao primeiro que encontrem os seus planos e projectos, com a mesma facilidade com que os revelariam a um conhecido e amigo.

Das oito provincias de Portugal a Beira Baixa é talvez a mais rica em tradições populares, em habitos e costumes caracteristicos: mas, por infelicidade nossa, é tambem uma das menos estudadas.

Esta incuria e desleixo, para não dizer desprezo systematico, das varias manifestações da vida popular, do seu viver intimo, é inquestionavelmente origem de grande mal.

Como pode haver boa legislação num país sem se conhecerem bem os costumes tradicionaes, as usanças, crenças, superstições, numa palavra, a vida intima do povo para o qual se legisla?

E debaixo do aspecto artistico não encontramos nós nas tradições populares o thema para as mais bellas composições, para os mais brilhantes monumentos da litteratura?

A linguagem do povo será destituida de forma litteraria, mas ha nella pensamentos sublimes, sentenças admiraveis, frases reveladores de sentimentos bons e delicados, periodos todos cheios de

observação e experiencia, quadras tão formosas e repassadas de tal lyrismo, que os nossos melhores escritores se honrariam de as perfilhar como suas.

Os *romances, orações* e *quadras* vão escritos pela ordem e com as palavras com que foram ditados; sómente procurei dar-lhes a pontuação correspondente ao sentido com que eram cantados ou rezados.

PARTE I

TRADIÇÕES POPULARES

I. ROMANCES

I

O ceguinho

Estando em anagua
Para me ir á cama,
Vem um cavalheiro
Pedindo pousada.
Meu pae que lh'a dava
E a mim me pesava.
Qual é o maroto
Qu'estas horas anda,
Estando em anaguas
Para m'ir á cama?
Levante-se, Anninhas,
Do doce dormir,
Ouvirá o cego
Á porta a pedir.
—Adiante, cego,
Lá vae o caminho.
—Sou falto de vista,
Não vejo o caminho;
Pegue na sua roca,
Pegue no seu linho,
Ensine o caminho
Ao pobre ceguinho.
—Acabou-se a roca,
Espiou-se o linho,
Adiante, cego,
Lá vai o caminho.
—Adiante, Anninhas,
Me ensine o caminho.
Mais um bocadinho,
Sou falto de vista
Não vejo o caminho.
—Eu nunco vi cego
Com tal phantasia,
Espada d'oiro
Á cinta cingia.
—A espada é minha,
A cinta é sua,
Acceite, menina,
A quem *na* procura.
—Acudi, pastores,
Deixae vosso gado,
Qu'abala a menina
Com seu namorado.
De condes e duques
Eu fui combatida;
E agora de um cego
Me vejo vencida.

Idem

I-A. (Variante de Penafiel)

—Ó minha mãe,
Ahi vem um ceguinho.
—Ó minha filha,
Dá-lhe pão e vinho.
—Não quero seu pão,
Nem quero seu vinho,
Quero que a menina

— Pega na roca
E pega no linho,
E ensina o caminho
Ao triste ceguinho.
— Espiou-se-me a roca,
Acabou-se-me o linho,
Viante ceguinho,
Ahi tens o caminho.
— Sou curto de vista
E não vejo bem,
Venha, menina,
Até mais alem.
— Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me eras.
De condes e duques
Fui pretendida,
Agora dum cego
Me vejo vencida.
— Não chore, menina,
Assim por tal via,
Porque eu sou o conde
Que a pretendia.

2

Santa Cecilia

Lá cima naquella serra
Está uma linda ermida,
Está uma devota della,
Que se chamava Cecilia.
Uma vizinha d'ella
Falsos testemunhos lhe erguia,
Qu'ella qu'andava de amores
C'um sacerdote de missa.
O sacerdote anda agastado,
Ella pena não *na* tinha.
Vindo o marido de fora...
— Que dizem lá pela villa?
— Que te confesses, traidora,
Que te hei de tirar a vida.
— Quer me mates, quer me deixes,
Eu confessar-me queria.
Se me matares, traidor,
Enterra-me na ermida,
Lá cima ao altar-mor
Junto á Virgem Maria.

Não se atreveu a matá-la,
Mandou-a enterrar viva;
Ao cabo dos nove meses
Um lindo cantar se ouvia:
Foram abrir a sepultura,
Acharam-*na* lá parida
Com uma menina nos braços
Que se chamava Maria;
A Virgem era a madrinha,
S. José era o padrinho;
A Virgem lhe deu o *caso,*
Donde a menina comia,
S. José lhe deu o berço,
Onde a menina dormia.

— Perdoa-me tu agora,
Serva da Virgem Maria.
— Como te hei de perdoar,
Se a tua alma está perdida,
E a minha já está no ceu
Dos anjos assistida,
E a tua está no inferno
Dos demonios perseguida!?

3

O cativo

Cativaram-me os Moiros
Lá nesses tempos da guerra;
Levaram-me a vender
Aos ares da minha terra.
Mer'ci-o a Deus em bem
A dar co'uma ama bella;
De dia moía cravo,
E á noite cravo e canela.
Punha-me um freio na boca
P'ra que não comesse d'ella;
Quando o Moiro ia á caça,
Punha-me á mesa co'ella,
Dava-me a comer pão branco
Do que o Moiro come á mesa.
Dava-me a beber bom vinho
Do melhor da sua adega,
Deitava-me no regaço
Catava-me a cabeça,
Cada hora me dizia:
— Christão, volve á tua terra.
— Como volverei, senhora,
Se a mim me falta a moeda?
— Eu te darei cem dobrões,
Que eu tenho na minha algibeira;
Tambem te darei uma egua

Que nunca perdeu carreira;
Nunca vás pelos valles,
Nem tampouco pelas v'redas;
Perro Moiro nos encontra,
Cortará nossas cabeças.

4

A peregrina

Esta noite sonhei um sonho,
Sonho de grande pesar,
Qu'andava de terra em terra
E de logar em logar;
Tudo quanto por lá passei
Tudo virei a contar:
Indo lá mais adiante......
Dois cavallos a pastar,
Indo lá mais adiante
Um velhinho a guardar.
—Deus te salve, ó bom velho,
Só Deus te pode salvar;
De quem são estes cavallos
Que andas a guardar?
—São do rei da *Bombardia*
Que ámanhã se vae casar.
—Quanto dera eu, ó velho,
Se m'o fôras ensinar?
Ainda havia de vir tempo
Que te eu viera a pagar!

—Deus te salve, ó cavalheiro,
Só Deus te pode salvar;
Dae esmola á peregrina,
Dá-lh'a, se lh'a podes dar;
Peregrina já foi rica,
Já teve muito que dar.
—Donde sois, ó peregrina,
Que tão bem sabeis fallar?
—Sou do rei da *Bombardia*,
Do reino de Portugal.

—Venha cá ó senhor sogro,
Qu'eu lhe quero *procurar*:
Porta que tem duas chaves,
Com qual d'ellas se abrirá?
Homem que tem duas damas,
Com qual d'ellas casará?
—Com a primeira, meu genro,
Qu'assim manda o natural.
—Adeus, adeus, senhor sogro,
Qu'eu co'esta vou casar;
Se algum dia me faltar,
A sua virei buscar.
Ala, ala, meus criados,
Cavallinhos a ferrar,
Ferraduras ás avessas
Para melhor andar,
Jornada de trinta leguas
Numa noite s'ha d'andar.

5

A donzella raptada e degollada

(Cfr. *Revista Lusitana*, IX, 277)

Dentro de Villar Maior
Entrou a cavallaria,
Disse o tenente *ó* alferes:
Vamos dar volta á villa,
Vamos ver as bellas *chicas*
Que Villar Maior teria.
Viram 'star as tres meninas
Á grande missa do dia.
Disse o tenente *ó* alferes:
—Qual d'ellas é a mais linda?
—A de verde linda é,
A do azul bem parecida,
Aquella do amarello
É a que me rouba a vida.
—Quanto deras tu, alferes,
A quem ás mãos t'a trazia?
—Daria-lhe a minha espada
Que sete cortes faria.

Deixaram anoitecer,
Foram a *quitar la niña*,
Foram-lhe a bater á porta,
Uma velha de lá saía.
—Não te queremos a ti, velha,
Só queremos a tua filha.
Minha filha não está cá,
Foi dormir com sua tia.

Cavalleiro atrevido
Sua casa revolvia,
Onde foram a dar nella
No quarto onde dormia.
—Por Deus te peço, alferes,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes tu rezar
Uma devoção qu'eu tinha

Á Senhora do Castello,
Á Virgem Santa Maria.
Por Deus te peço, alferes,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes vestir
Um alva camisinha;
Quem houver d'ir p'ra terra alheia
Deve ir bem asseadinha.
—Adeus, adeus, minha filha,
Espelho d'onde m'eu via,
Por essas terras donde andares
Guarda a tua e honra minha.

Foram dali sete leguas
Sem poderem *quitar la nina*.
No cabo de sete leguas
Em pedaços a fariam,
Cortaram-lhe a cabeça,
A sua mãe a traziam.
—Aqui tens, ó boa velha,
A cabeça da tua filha.
Tu bem lh'o disseste,
Ella melhor t'o fazia.
—Venha cá, ó minha filha,
Espelho d'onde me eu via,
Antes te quero ver morta
Do que deshonrada e viva.

6

O mancebo a requestar a donzella que o rejeita

(Cfr. *Revista Lusitana*, IX. 285)

—Dae-me licença, senhora,
Dae-me licença inteira,
Qu'eu vá talhar uma anagua.
Aquella verde *lameira*.
—Licença lh'eu dou, senhor;
Oh! pela Virgem da Guia
Diga-me, ó senhor mancebo,
Se veio por alguma via?
—Pela via em que eu venho,
Eu vos digo na verdade,
Venho rir e festejar,
Que é coisa da mocidade.
Eu sei rir e festejar,
Tambem sei tocar viola,
Tambem venho, ó menina,
Par *abaixar a escola*.

—Escola tenho, mancebo,
Mas não é p'ra vos dar,
—Eu pensava, ó menina,
Que me não querias tanto mal!
—Eu mal não vo-lo quero
Nem d'alma nem do coração;
Comtudo isso, mancebo,
Nunca me ponhae-la mão.
—Eu não vo-la ponho,
Nem tão pouco bulo em vós.
Levo rosa neste gosto
D'aqui estar ao pé de vós.
—Se vós em gosto levaes,
Desgostae por vida vossa;
Esta rosa que aqui vedes
Doutrem é, *neja* vossa.
—Não digo qu'ella *qu*'é minha,
Nem no eu posso dizer,
Pelo decurso do tempo
Ainda o pode vir a ser.
Entre silvas e junqueiras
Agua deve de nascer,
Pegue num pucaro novo,
Venha-me a dar de beber.
Oh qu'agua tão saborosa!
Que pucaro tão cheiroso!
Oh! que menina tão linda,
S'ella tivera esposo!
—Sou menina de quinze annos,
Que casa posso reger!
—Outras mais novas *ca* vós
Regem casa, tem marido,
Tambem vós assim fareis,
Quando *stivereis* comigo.
Menina, diga a seu pai
Que nos *mandem* receber.
—Taes fallas como essas
Não *nas* hei d'eu dizer,
Vá-se d'ahi, seu marôto,
Minha mãe já ouviu,
Vá lá dar seus *açanos*
A p.... que o pariu.
—Minha mãe não era p....
Qu'ella era mulher honrada,
Não era comà sua,
Cara *desanvergonhada*.
—Vá-se d'ahi, seu marôto,
Cosido com linhas pretas
Mas que saiba lamber pratos,
Escorrichar as galhetas.

7

A bella infanta

Estando a bella infanta
No seu jardim assentada,
C'um pente d'oiro na mão
Seu cabello penteava.
Levantou os olhos ao ceu,
Lá viu vir uma grande armada.
Capitão que nella vinha
Muito bem a governava!
Trazia cavallo branco,
E sella sobredourada,
Por divisa no chapeu
Um Christo d'ouro levava!

—Dizei-me vós, ó senhor,
Se lá vistes meu marido?
—Vosso marido, senhora,
La ficou na grande armada
Com vinte e cinco feridas
E outras tantas punhaladas!
—Ai de mim, triste viuva,
Triste de mim que farei?
—Quanto daes vós, ó senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—Darei todos os meus dinheiros
Que não tem conto nem fim.
—Eu não quero seus dinheiros,
Isso me pertence a mim;
Eu sou capitão de guerra,
Ando d'aqui para ali.
—Ai de mim, triste viuva,
Triste de mim que farei?
—Quanto daes vós, ó Senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—As telhas do meu telhado
Que são d'oiro e de marfim.
—Eu não quero as vossas telhas,
Isso me pertence a mim;
Eu sou capitão de guerra,
Ando daqui para ali.
—Ai de mim, triste viuva,
Triste de mim que farei?
—Quanto daes vós, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—Tres moinhos que eu tenho
Todos tres vo-los darei,
Um moe cravo e canela,
Outro ouro e marfim,
E outro farinhas alvas
Para o rei e para mim.
—Eu não quero os vossos moinhos
etc., etc.
—De tres filhinhas qu'eu tenho
Todas tres vo-las darei;
Uma é p'ra vos calçar
E outra p'ra vos vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para comvosco dormir.
—Eu não quero vossas filhas
etc., etc.
—Já não tenho mais que vos dar
Nem vós mais que me pedir.
—Inda tendes mais que me dar,
E eu mais que vos pedir;
Esse corpinho gentil
Para com elle eu dormir.
—Cavalleiro que tal pede
Merece ser arrastado
Á parede do jardim
E ao rabo do meu cavallo.
Vá-se d'ahi, seu marôto,
Seu maroto, vá-se dahi.
Meus manos foram á caça,
Não tarda, estão ahi.
—Eu não tenho medo a seus manos,
Qu'elles cunhados são de mim.
—Se tu és o meu marido,
Para que zombas de mim?
Dá-me o anel que partimos
Á parede do jardim,
Mostra-me o *teu ametade,*
Pois o meu vê-lo aqui.
Vamos a casa de meus pais
A ver se isto é assim;
O mundo dá muita volta,
Não sei que será de mim.

8

A Francisquinha

—Francisquinha á janella
Parece um ramo de flores;
Oh quem dormira com ella
Uma noite sem temor!
—Pode-o fazer, senhor,
Pode-o fazer, D. Conde;
D. Alverca foi á caça
Para a serra de leões;

Balas d'oiro ás esquinas
Que atravessem corações.

Inda as falas não eram ditas
D. Alverca á porta estava,
Um *batoque,* dois *batoques,*
Francisquinha não fallava,
E ao cabo de tres *batoques*
Francisquinha á porta estava.
— Que é, ó Francisquinha,
Que tens a côr *desmudada?*
Oh! isto é o mal da morte!
Oh! tu tens outros amores?!
— Nem isto é mal da morte,
Nem tenho outros amores,
São perdidas as chaves
Dos meus lindos corredores.
— Se as chaves eram de prata,
D'ouro vo-las daria amor.
De quem eram os cavallos
Que na minha loja rinchavam?
— Eram de vós, senhor marido,
Que vosso irmão vo-las mandara.
— Vem tu cá, ó Francisquinha,
Qu'eu te não quero matar,
Mandarei chamar teu pae
Que te venha cá buscar,
Que te moa mais moida
Cás mesmas pedras do sal.
Os pombos com serem pombos
Não deixam de s'ausentar.

8-A. *A Philomena*

(Variante do anterior)

Estando a Philomena
No seu balcão assentada,
C'um pente d'oiro na mão
Seu cabello penteava:
Soldadinho que passou
Muito lhe apertava a mão.
— Aperta, aperta, soldadinho,
Qu'é agora occasião,
Que meu marido não 'stá cá,
Foi *prá* serra do Marão.

Estando nestas razões,
Seu marido que chegava.
— Que tens tu, ó Philomena,
Tens a côr tão *desmudada?*
— Tenho uma dôr de dentes
Que me trazem *abanada.*
— De quem é aquelle cavallo
Que está na loja a rinchar?
— É de meu mano mais novo
Que está na cama a descansar.
— De quem é aquelle revólver
Que está na cadeira d'ouro?
— Pega nelle, ó meu marido,
Mata-me, que eu aqui morro.
— Eu não te quero matar,
Que te mate quem te criou,
P'ra que saiba a tua mãe
A mulher que m'entregou.

9
Conde d'Amarantes

(Cfr. *Revista Lusitana*, IX, 311)

Já lá vem o sol nascendo,
Já lá vem o claro dia,
Vem o conde d'*Amarantes*
De dormir co'a rainha.
Não o sabia el-rei
Nem quantos na côrte havia,
Só o sabia a princesa,
A princesa sua filha.

— As mangas desta camisa
Eu as não chegue a romper,
Em meu pae vindo da missa
Quem lh'o não ha de dizer.
— Não lh'o digas, minha filha,
Elle o conde d'*Amarantes*
De oiro te vestiria.
— Não lhe quero o seu oiro,
Que *os* tenho d'escumilha.
— Não lho digas, minha filha,
Que elle o conde d'*Amarantes*
De oiro te vestirá.
— Não lhe quero o seu oiro,
Que *os* tenho de damasco,
Ainda meu pae é vivo,
Já me querem dar padrasto!
Venha embora meu pae,
Santa seja a sua vinda;
Elle o conde d'*Amarantes*
Elle commigo brincar queria.
— Elle é menino e moço,
Por zombaria o faria.

—Mal hajam as suas *zombas,*
E mais o seu querer zombar;
Elle pela mão me pegou
E á cama me quis levar.

—Tocam os sinos na Sé,
Ai Jesus! quem morreria?
—Foi o conde d'*Amarantes,*
Que meu pae mandou matar.

—Mal hajas tu, minha filha,
E o leite que *mamastes;*
Áquella cara tão linda
A morte tu lh'a *causastes.*
—Cale-se lá, minha mãe,
Olhe se se quer calar;
A morte qu'elle levou
Não lh'a faça eu levar.

II. ORAÇÕES

1

A S. Romão para livrar dos cães damnados

Encommendo-me eu á luz
E á santa vera cruz,
E ao rei da virgindade,
E á SS. Trindade
E ao Padre Santo que está em Roma
E fora de Roma,
E a S. Romão
Que nos livre de cães damnados
E por damnar,
Homem morto, mau encontro,
Homem vivo, grande perigo.
S. Romão seja comigo
Agora e em toda a hora
P. N. e A. Maria.

2

Ao deitar da cama

Meu lirio roxo,
Amante divino,
Encommendae a minha alma,
Qu'eu vou de caminho.

3

Para livrar de raio ou peste

Santa Barbara bemdita,
Que no ceu está escrita
Com papel e agua benta
Livrae-me d'esta tormenta.

4

Ao deitar

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto,
Com a divina graça
Do Espirito Santo:
Senhora, cobri-me *do* vosso manto;
Se bem coberta for
Não terei medo nem temor;
Se me dormir, emballae-me;
Se morrer, alumiae-me
Com as doze candeias
Da SS. Trindade;
Seis aos pés, seis á cabeceira,
Nossa Senhora na dianteira.
Nossa Senhora me dirá:
Dormirás, descansarás,
A quando acordares,
Por mim chamarás.

5

Senhora das Dores,
Senhora da Guia,
Levae a minha alma
Prá vossa companhia.

Prá vossa companhia
Numa boa hora;
Salvae a minha alma
Pró reino da gloria.

Amado Jesus
Do meu coração,
Perdoae as minhas culpas
Pela vossa paixão.

Eu fui ao Calvario,
Achei lá uma cruz:
A cama e mesa
De Christo Jesus.

Eu deitei-me nella,
Pus-me a considerar
Que modos eu teria
P'ra Deus me salvar.

Salvador do mundo
Que a todos salvaes,
Salvae a minha alma,
Bemdito sejaes.

Bemdita sejaes,
Senhora das Dores;
Ouvi os nossos rogos,
Mãe dos peccadores.

Alem vem Jesus,
Que lhe quereis vós?
— Eu quero ir co'elle,
Qu'elle leva a cruz.

A terra tremia
Co'o peso da cruz:
Digamos nós tres vezes:
Salvae-me, Jesus.

Partiram os tres reis Magos
De noite pelo luar,
Em busca de Jesus Christo,
Não o puderam achar.

Foram-no achar em Roma
Revestido no altar
Com calix d'oiro na mão,
Missa nova quer cantar.

Ó divino Manuel,
Ó divino *emparador*,
Emparae-me a minh'alma
Quando deste reino for.

6

Ao entrar na Igreja

Peccados meus, ficae cá fora,
Qu'eu quero ir lá dentro,
Entregar a minha alma
Ao SS. Sacramento.

7

Senhora, não me posso despedir de vós:
S'eu cá não puder tornar,
Vós me mandareis buscar
Por anjos e archanjos
Da côrte celestial,
Já vos deixo convidada
P'ra que dia de juizo
Sejaes minha advogada.

8

Muito alta vae a lua,
Mais o sol ao meio dia,
Mais alta ia a Virgem,
Quando para o ceu subia.
Madalena ia detrás,
Alcançá-la não podia;
Quando chegou ao ceu,
Já a Virgem estava assistida.
Chegou tanta a desgraça,
Nem um panal tinham;
Desceu um anjo do ceu,
Um panal d'oiro trazia,
As paredes eram d'oiro,
As portas de prata fina:
Quem seria o lavrador,
Quem tão bem os lavraria?
Foi S. José bemdito,
Esposo da Virgem Maria.

9

— *Estellinha* brilhante,
Por onde *correstes,*
Que carreirinho fizestes?
— Encontrei um menino
Coberto de flores?
— De quem eram as flores?
— Eram da Virgem Maria!

Quem esta oração disser
Tres vezes á noite,
Tres vezes ao dia,
Trará a alma tão clara
Como a coroa da Virgem Maria!

10

Dorme Fulano,
Dorme e repoisa,
Não tenhas medo
De nenhuma coisa.

11

Ao anjo da guarda

Anjo da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Por vida me *fostes* dado,
Por amparo guardador;
Peço-vos, anjo bemdito,
Pela graça e poder,
Que do laço do demonio
Me *quejaes* defender.

12

Quatro cantos tem a casa,
Quatro velas estão *à*rder,
Quatro anjos m'acompanham,
S'esta noite eu morrer.
Nesta cama me deito
P'ra dormir e descansar;
Se a morte me vier a buscar,
Agarro-me aos cravos,
Abráço-me á cruz,
Entrego a minha alma
Ao Santo Nome de Jesus.

13

Já rompe a alva,
Já vem *na* luz;
Alem vem N. Senhor co'a cruz,
P'ra sempre, amen Jesus.

14

Já lá vem o claro dia,
Bemdita sejaes, Maria;
Eu, Senhor, confessar-me queria,
Não acho padre nem sacerdote
A quem m'eu haja d'accusar.
Accuso-me a vós, Senhor,
Se me quiseres escutar;
Todos os meus peccados,
Confessados e por confessar,
Vós, Senhor, bem sabeis quantos elles são.

Pelas vossas cinco chagas
Deitae-me a vossa absolvição.
Eu, Senhor, sou vossa filha,
E vós, Senhor, sois meu pae,
Pelas vossas cinco chagas
Vós, Senhor, me perdoae.

15

Padre Nosso pequenino

Padre nosso pequenino
Quando Deus era menino,
Tinha as chaves do Paraiso:
—Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
—Foi a Santa *Madanela*
P'ra beijar a santa pedra.
Cruz em monte, cruz em fonte,
Nunca o demonio se encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem á hora do meio dia.
Já os gallos pretos cantam
Já os anjos s'alevantam,
Já o meu Deus subiu á cruz
Para sempre, amen Jesus.

16

Quinta feira santa
Sua santa humanidade
Já correu toda a cidade,
Já as pedras se abriram,
Já o Filho de Deus morria
P'ra salvar os peccadores,
Que neste mundo havia;
Salva a mim, salva a ti,
Não salveis aquelle judeu
Que matou ao nosso Deus.
Se o matou, não o matara,
Á santa cruz o arrumara
Com seus pés correndo sangue,
Com suas mãos outro tal;
Em baixo vem *Madanela*
Com os cabellos tentar;
Tem-te, tem te, Madanela
Não me venhas a tentar;
Isto são as cinco chagas
Que por mim hão de passar.

17

Chagas abertas,
Coração ferido,
Livrae-nos, Senhor,
De todo o perigo.

18

Meus pés ponho em terra,
Minha alma em guia,
Nossa Senhora ande
Na minha companhia.
P. N. e A. Maria.

19

Já vejo alva,
Já vejo dia,
Encommendo-me a Deus
E á Virgem Maria.
P. N. e A. Maria.

20

Responso a Santo Antonio
para se encontrarem as coisas perdidas

Santo Antonio se vestiu e se calçou,
Sua *gajatinha* d'oiro tomou,
Foi por esses mundos *afora,*
Jesus Christo encontrou.
— Onde vaes tu, Antonio?
— Eu comsigo, Senhor, irei.
— Tu commigo não irás,
Nestas terras ficarás;
As missas, qu'eu disser,
Todas tu ouvirás.
Má bicho, má bicha,
Má lobo, má raposa,
Má homem, má mulher,
Pelo cordão cingiste
Salva tu alma minha.
P. N. e A. Maria.

Idem

20-A (Variante)

Santo Antonio se vestiu e se calçou,
Sua *gajatinha* d'oiro na mão direita tomou,
Com Jesus Christo s'encontrou;
Jesus Christo lhe disse:
— Tu, Antonio, onde vaes?
— Eu, Senhor, comvosco vou
— Tu commigo não has d'ir,
Qu'eu ao ceu hei de subir;
Tu na terra ficarás,
Todas as missas que se disserem
Todas as tu ouvirás,
Todo o gado que se perder
Todo tu o guardarás;
Santo Antonio, S. Silvestre,
Foi ao monte Marvão,
Achou sem gadinho perdido
De sem pastor nem cão.
Santo Antonio, S. Silvestre,
Guardae-me esta noite o meu gadinho
De *má* lobo, e má loba,
De *má* raposo, e má raposa,
De *má* bicho e má bicha,
De *má* cão, e má cadella,
E de mau marinheiro
Qu'anda pela terra;
Pelo habito que vestiste,
Pelo cordão que cingiste,
Salva tu a alma minha
Por vosso pae, por vossa mãe,
Por vossa prima Santa Isabel,
E por vossa madrinha.
P. N. e A. Maria.

21

Oração para quando se vê
uma estrella cadente

Deus te guie,
Deus te torne a guiar,
Deus te torne a pôr
Em teu logar.

III. VERSOS DO NATAL

Menino Jesus,
Que estaes no altar;
Rico enxovalzinho
Tenho p'ra vos dar.

Pelos pèzinhos
Quero começar;
Lindos çapatinhos
Tenho p'ra vos dar.

Mas quem tem çapatos
Precisa meinhas;
Eu vo-las darei
De salve rainhas.

Quem tem meinhas
Precisa liguinhas;
Eu vo-las darei
De Ave-Marias.

Quem tem liguinhas
Precisa calções;
Eu vo-los darei
De boas orações.

Mas quem tem calções
Ha de mister casaca;
Eu vo-la darei
De tela de prata.

Mas quem tem casaca
Precisa camisa;
Eu vo-la darei
De cambraia fina.

Mas quem tem camisa
Precisa chapeu;
Eu vo-lo darei,
Levae-me *pró* ceu.

IV. ENSALMOS

1

Para arramar o nevoeiro

Arrama, arrama, navoeiro,
Lá *pró* poço *fundeiro*,
Está lá uma cadellinha
Co'o rabo cortado.

— Quem lh'o cortou?
— Foi o lume
Que por aqui passou.
— Qu'é desse lume?
— Anda nas moitas.
— Qu'é dessas moitas?
— Roeram-as as cabras.
— Qu'é dessas cabras?
— Estão feitas em odres.
— Qu'é desses odres?
— Estão cheios de vinho.
— Qu'é d'esse vinho?
— Beberam-o as velhas.
— Qu'é dessas velhas?
— Estão a *carmiar* lã.
— Qu'é dessa lã?
— Espargiram-a as pitas.
— Qu'é d'essas pitas?
— Estão a pôr ovos.
— Que é d'esses ovos?
— Comeram-os os clerigos.
— Qu'é desses clerigos?
— Estão a dizer missa.
— Qu'é dessa missa?
— Cà ca rà cá, ja está dita.

2

Para mugir as cabras que negam o leite

Amoja, amoja, cabra *aloisa*,
Leite branco *prós* do campo,
M... assada *prós* de casa.
Deita cá mais meia canada
Pró pastor que te guarda.

3

Os garôtos que espreitam uma lagartixa dizem-lhe o seguinte para ella sair

Sae, sae, lagartixa,
Que alem vem teu pae,
Co'uma carga de maçãs
P'ra ti e mais *prós* teus cães.

V. — CANCIONEIRO

1

Tire-se d'essa janella,
Não seja tão janelleira:
Taberna que tem bom vinho
Não precisa ter bandeira.

2

Menina que está encostada
Ao peitoril da janella,
Deite os olhos para a rua,
Veja quem passa por ella.

3

Viva quem toca viola,
Viva quem a tem na mão,
Viva o filho de meu pae,
Vivam quantos aqui estão.

4

Quem vem d'aqui tantas leguas
Por estradas tão medonhas,
Sempre comtigo sonhando...
Só tu comigo não sonhas.

5

O jogo da *carrasquinha*
É um jogo assim ao lado:
Deita o joelho em terra,
Fica tudo admirado.

6

Matilde, *sacude* a saia,
Matilde; levanta o braço:
Mariquinhas, dá-me um beijo,
Eu te darei um abraço.

7

Quero cantar e não posso,
Meu coração não m'ajuda:
Ajuda-me, ó coração,
A dar vozes á ventura.

8

Não ha flor com mais aroma
De que a flor do jasmineiro,
Nem amor que mais nos lembre
De que o nosso amor primeiro.

9

O meu amor, quem te deu
A fita para o chapeu?
Que t'a queria eu dar
Azulzinha, côr do ceu.

10

Não ha pão como o pão trigo,
Nem carne como a do carneiro,
Nem vinho como o maduro,
Nem amor como o primeiro.

11

Menina da saia verde,
Que leva na *arregaçada*?
Levo copinhos de vidro,
Se eu não hei de levar nada!

12

Antoninho choradeira,
Tambem *sondes* invejosa,
Tendes a casa bonita
E a garganta formosa.

13

Mariquinhas, teu pae deu-te,
Bem te pudera matar:
Tinhas o caldinho feito
E a loicinha por lavar.

14

Ó fonte que estás correndo,
Não chegarás a secar:
Meus olhos tambem são fontes
Que não deixam de chorar.

15

Chita preta, chita preta,
Chita preta entrançada:
Por causa da chita preta
Ando triste, apaixonada.

16

Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar, podes:
Olha que andas dentro d'elle,
Se o matas, tambem morres.

17

Ó senhora Dona Fulana
O seu dom não vale nada:
Vae á fonte, vae ao rio,
Vae á missa sem criada.

18

A Jacintha tem uns olhos
Tão pretos, tão feiticeiros:
Parecem dois repolhos
Plantados em dois canteiros.

19
A Jacinta, que ternura,
Tem pretos no coração:
Se vier casar comigo,
Aqui tem *na* minha mão.

20
Pus-me a escrever na areia
Onde a agua não corria:
Caiu-me a pena da mão...
Cega d'amores não via.

21
Meninas que estaes á roda,
Não *arrepareis* para o gallo:
Arreparae para a minha camisa,
Que tem peito *abreviado*.

22
Quem me dera ser passarinho
Avoara pró andor:
Iria a fazer o ninho
Áos pés de Nosso Senhor.

23
Todo o homem qu'é pimpão,
E se preza de *aviado*,
Não pede a filha ao pae
Sem com ella ter falado.

24
Eu bem queria, mas não posso
Teus carinhos esforçar:
És meu primo, és cadeia,
Não te posso desprezar.

25
Ó olhos da minha cara,
Fazei-me uma caridade:
Não olheis para ninguem,
Não é minha vontade.

26
Eu casei co'uma tendeira
Não tenho que pôr na tenda:
Quem tiver um chapeu velho
Por caridade me venda.

27
Adeus casa da aula,
Adeus pena de escrever:
Adeus, ó linda menina,
Que já te não torno a ver.

28
Fui casada, fui solteira,
Fui viuva, fui donzella:
Prometteram-me uma rosa
Não me vou d'aqui sem ella.

29
Fui a Santarem por terra,
Por ver os Santos Milagres:
Nunca vi terra tão santa
Gente com tanta maldade.

30
Alegria e tristeza,
Tudo por mim tem passado:
Se muito me tenho rido
Muito mais tenho chorado.

31
Indo pela rua abaixo
Pus o pé na falsa pedra:
Quem é falso, falso fica,
Quem é firme, não se nega.

32
Fui ao jardim, deu-me o somno,
Encostei me a uma flor·
Acordei, achei-me presa
Nos braços do meu amor

33
Eu passei á tua porta
Pela *cantada* do gallo:
Ouvi-te dar um suspiro...
Quantos terias tu dado!

34
Indo eu pela rua abaixo
Bem te vi, não te falei:
Por via da tua gente
Bem ao *disfarço* me dei.

35
Em Coimbra aconteceu
Um caso extravagante:
Uma andorinha fez ninho
Nas barbas dum estudante.

36
Passei a ponte de Hollanda
Passei-a numa carreira:
Julguei que agarrava uma lebre
Agarrei uma costureira.

37
Quem me dera agora ver
Quem m'agora aqui lembrou:
Amorzinho da minha alma
Que tão longe de ti estou.

38
Azeitona *cordovil*
Deita azeite amarello:
Alumia todo o anno
A Senhora do Castello.

39
Azeitona *cordovil*
Deita azeite claro:
Alumeia todo o anno
A Senhora do Rosario.

40
Já te não vale o chorar
Lagrimas ao pé de mim:
Bem sabias qu'era homem,
Não te fiaras em mim.

41
Rouxinol que tão bem cantas,
Onde aprendeste a cantar?
Nos palacios da rainha,
Onde o rei vae caçar.

42
Oh, quem fôra rato, rato,
Que *ratara* pelo chão:
Rataria as massarocas
Ás meninas do serão.

43
O rouxinol, quando canta,
Revolve a pena co'o bico:
É como os filhos dos clerigos:
Chamam ao pae senhor tio.

44
Maria, minha Maria,
Minha malga de beber:
Mais de quatro tem inveja
Deste nosso bem querer.

45
Vós chamaes-me preta, preta,
Eu sou preta, bem o sei:
Tambem a tinta é preta,
Serve na mesa a el rei.

46
A luz d'aquella candeia
Tem mil cravos no morrão:
Tambem eu tenho mil penas
Dentro do meu coração.

47
Oliveira do pé d'oiro
Deita *galhadas* de prata:
Menina, dê os seus olhos,
A quem por elles se mata.

48
Rouxinol da pena verde,
Não vás cantar ao loureiro,
Que despertas o menino
Que está no somno primeiro.

49
Adeus, logar d'Atalaia,
Logo ali á cruzinha:
Está ali o meu amor
A tocar a guiterrinha.

50
Dizeis que não pode ser
Silva verde dar um cravo:
Aqui o trago ao peito
E na silva foi criado.

51

Tendes falas que dão vida,
Dae-me uma qu'estou á morte:
Uma fala não é nada
P'ra quem está nesta sorte.

52

Antonio me deu um cravo
Manel um anel d'oiro:
Vale mais o cravo d'Antonio
Que o anel daquelle doido.

53

Se morrer em tua casa,
Enterra-me a um cantinho:
Deixa-me a boca de fora
P'ra te dar mais um beijinho.

54

Eu bem sei a quem tu deste
Um lenço ainda quasi novo:
Em cada ponta seu *S*
No meio: *ai Jesus, qu'eu morro.*

55

O luar e as estrellas
Levam a lua no meio:
É estilo de quem ama
Á noite dar um passeio.

56

Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco meu irmão,
Os anjinhos meus parentes,
Oh! que linda geração!

57

D'aqui *prá* minha terra
Tudo é caminho chão:
Tudo são cravos e rosas
Postos pela minha mão.

58

Adeus, logar d'Atalaia
Rodeada de chorões:
No meio de ti passeia
Um ranchinho de pimpões.

59

Salsa verde recortada
Qu'eu tenho na minha varanda:
Recortada tenha a lingua
Quem m'a mim botou infamia.

60

O meu amor não é este,
O meu amor traz chapeu:
O meu amor ao pé d'este
Parece um anjo do ceu.

61

Cobri-me co'o vosso manto
Neste mundo enganador:
Só vós sois a minha mãe,
É Jesus o meu amor.

62

Antonio me deu um cravo
Ao portal do seu lameiro:
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro.

63

Tudo é casar, casar,
Ó menina dê cá a mão:
Mas *tróce* a porca o rabo,
Quando os filhos pedem pão.

64

Dos altos d'Aldeia Nova
Vejo Aimeida em claro:
Vejo estar de sentinella
O meu amor, qu'é soldado.

65

Lindo logar é Gonçalo
Para pera e maçã:
Para meninas bonitas
Nespereira e Covilhã.

66

Subi ao teu pensamento,
Nunca tão alto me vi:
Desmereci da tua graça,
Outrem subiu, eu desci.

67
Salvaterra me desterra,
Idanha me dá favor:
Ponho olhos em Monção
Lembra-me Penamacor.

68
Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa:
Lá vem o meu amorzinho
Assentadinho á proa.

69
Adeus, que me vou embora,
Que me vou embora, vou:
Vou-me para a minha terra,
Que desta terra não sou.

70
Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir:
Já estou posta *d'a cavallo,*
Não me posso despedir.

71
Adeus, Castello Branco,
Adeus, moinho de vento:
Adeus, Terreiro do Paço,
Onde forma o regimento.

72
Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou:
Uns dizem qu'ella é baixa,
Outros que d'alta passou.

73
Ó Elvas, ó Elvas,
Badajoz á vista:
Já não faz milagres
S. João Baptista.

74
Á entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Com letras que dizem
Viva Portugal!

75
Á entrada d'Elvas
Achei um anel:
Com letras que dizem:
Viva D. Miguel!

76
Eu hei de ir a Elvas
Uma vez no anno,
Só por ver as tropas
Do rei castelhano.

77
Tanta estrella no ceu
Sem nenhuma ver nascer:
Tanta menina bonita,
Nenhuma em meu poder!

78
Venham ver a barca nova
Que se vae deitar ao mar:
Nossa Senhora vae dentro,
Os anjinhos a remar.

79
Eu hei de m'ir, hei de m'ir
Inda não sei para onde:
Hei de m'ir para o Algarve,
Se não for para mais longe.

80
Eu amei-te, foi um sonho,
Foi uma variedade:
Foi emquanto não achei
Amor á minha vontade.

81
Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem,
Mimosa, regalada
Á sombra da tua mãe.

82
Antoninho, cravo *roixo,*
Não vás lá ao meu quintal,
Que te querem dar um tiro...
Não te posso ver matar.

83

Atirei co'uma laranja
Á janela da morgada:
Matei uma morgadinha...
Ai de mim que estou culpada.

84

Ó minha maçã *camoesa*,
Picada do oriente:
Já de nós *marmura* o mundo,
Bem t'o dizia eu sempre.

85

Já por aqui não passaes,
Já não ouço passadinhas:
Já não ouço vossas falas
Nem vós ouvireis as minhas.

86

Mariquinhas foi lavar,
Oh que rico dia tem!
Em tudo se quer ventura
Até no lavar tambem.

87

O setestrelo vae alto,
Mais alto vae o luar:
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para nos dar.

88

Laranjeira que bate na serra,
Dá-lhe o vento, abana-lhe a flor:
Deita-me lá um raminho
Para dar ao meu amor.

89

As estrellas, correm, correm
Pelo ceu ás carreirinhas:
Tambem os favores correm
Das suas mãos para as minhas.

90

Por t'amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi:
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

91

Escrevera-te uma carta,
Se tivera papel branco:
Mas nem o tinteiro tem tinta,
Nem o amor já é tanto.

92

Olhos brancos, olhos pretos,
Olhos azues, olhos verdes:
Estas quatro castas d'olhos
Em poucas caras os vedes.

93

Moro na rua do Forno
Com sentido no pão molle:
Mas eu torno a dizer:
Quem o não tem não o come.

94

Atirei co'o verde ao verde
Acertei ao verdial:
Ai de mim que estou amando
A quem me não é fiel.

95

Eu amei uma estrella,
Coisa que ninguem fazia:
Agora já tenho pena,
Que a não vejo de dia.

96

O Mariquinhas,
Olha o teu amor,
Que foi ao jardim
Colher uma flor.

97

Toma lá que te dou eu
Um punhal *de sem* bainha:
Tira-me a vida com elle,
Anda cá que has de ser minha.

98

Quando o sol deixou de dar
Na *guia* do alto freixo,
Então te direi, menina,
As razões por que te deixo.

99
O *correol* é enleio,
Que se enleia pelo trigo:
Oh, quem fôra correol
Que se enleara comtigo.

100
Cheguei á praça d'Almeida,
Ouvi gritar, escutei:
Eram os pobres soldados,
Que *lhe* não pagava o rei.

101
Atalaia, minha terra,
Eu não o hei de negar:
Eu não sou como você
Que nega o seu natural.

102
A sua terra é a Regoa,
Dá de comer a quem passa:
A quem não levar dinheiro
Nem agua lhe dão de graça.

103
Cravo que estás á janella,
Já te podes ir secando:
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou enfadando.

104
Minha saia azul escura,
Solteira te hei de romper:
Tenho o amor pequenino,
Hei de deixá-lo crescer.

105
Hei de dar pontos nas meias,
Arremendar os calções,
Pedir pelo meu marido
Lá nas minhas orações.

106
Rola, rola, meu menino,
Que a Senhora logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem.

107
Vae-te somno, vae-te somno,
Vae-te da minha criada:
Nem a vestes, nem a calças,
Nem lhe pagas a soldada.

108
Vae-te *côca*, vae-te *côca*,
Das telhas do meu telhado:
Deixa dormir ao menino
Um somno bem descansado.

109
Ó morte, ó tyranna morte,
Ó morte, ó tyranna assim!
Levastes a minha amada
Prá sombra do alecrim.

110
Herva cidreira no campo
É amparo dos pastores:
Deitam seus gados a ella,
Vão falar aos seus amores.

111
Quando t'eu dei um adeus
Das varandas do navio,
Eram as lagrimas tantas...
Sem chover s'enchia o rio!

112
O meu amor é soldado
Do doze d'infantaria:
Seu numero é oitenta
Da oitava companhia.

113
Atirei co'uma laranja
Por cima de Chaves fora:
A laranja caiu dentro...
Adeus, Chaves, vou-me embora.

114
A oliveira pequena
Que sombra pode ella dar?
Homem pobre sem dinheiro
Qu'amores pode tomar?

115
Nossa Senhora é rosa,
Seu menino um craveiro:
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro.

116
Ó Amelia, pedi-te um beijo,
Ó Amelia, pedi, pedi:
Passaste, não me falaste,
Nem sequer olhaste, mas bem te vi.

117
Os teus beijos são abelhas,
Tua boca um cortiço:
Hei de andar a vender mel
Quando for teu *derriço*.

118
Dentro da praça d'Almeida,
Julguei morrer á sêde:
Uma *secia* me deu agua
Num ramo de salsa verde.

119
Eu hei de cercar Almeida
Com cinco varas de fita:
Á porta do meu amòr
Hei de pôr a mais bonita.

120
Nunca vi roseira branca
No telhado da igreja:
Nunca vi homem que minta,
Nem mulher que leal seja.

121
Adeus logar d'Atalaia,
No meio tens um *pedrão*,
Onde se sentam as moças
Quando para a missa vão.

122
Carvalhal não vale nada,
Safurdão vale um vintem:
Atalaia mil cruzados
Pelas moças que lá tem.

123
Trazei chapeu de palhinha
Recortado pela ponta:
Se quiser dizer, bem sei
O amor que me faz conta.

124
Lindo collete de linho
Recortado á *paralta*:
Quem me dera a fôrma d'elle,
Pano de linho não falta.

125
Á entrada d'esta rua
Me quiseram conhecer:
Puxei por minha espada...
Ou retirar ou morrer.

126
Ó Villa Real, ó villa,
Provincia de Trás-os-Montes:
As horas em que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

127
Adeus, logar d'Atalaia,
Varandinhas ao correr:
No meio de tanta rosa
Algum cravo ha de haver.

128
Adeus logar d'Atalaia,
De longe parece villa:
Tens uma torre no meio,
Parece a Sé de Coimbra.

129
Nunca vi figueira preta
Dar os figos na raiz:
Nunca vi homem solteiro
Que tenha bem o nariz.

130
Adeus logar d'Atalaia,
De longe pareces villa:
Tem um cravo á entrada
E uma vara á saida.

131

Fui ao S. João á Guarda,
Fui lá e não o achei:
Tinha ido a Lisboa
Visitar o nosso rei.

132

Ó Senhora, nossa ama,
Raminho de salsa crua:
Quando vae para a igreja,
Alumia toda a rua.

133

Ó Senhora, nossa ama,
Raminho de salsa crua:
Debaixo da sua cama
Nasce o sol e pôe-se a lua.

134

Ó Senhora, nossa ama,
Raminho de amendoeira:
Inda ando neste mundo,
Já no ceu tem a cadeira.

135

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal:
Senão ao cimo do Coa
Na villa do Sabugal.

136

Ó luar da meia noite,
Não venhas cá ao serão:
Qu'isto de quem tem amores
Quer escuro e luar não.

137

Se o mar tivera varandas,
Fôra-te ver ao Brasil:
Assim, como as não tem,
Diz-me, amor, aonde hei d'ir.

138

Tudo o que no mar embarca
Á barra do porto vem:
Tudo vejo vir á vela,
Só o meu amor não vem.

139

A rosa para ser rosa
Deve ser d'Alexandria:
A moça para ser moça
Deve chamar-se Maria.

140

Villa Nova, Villa Nova,
Villa Nova de Foz-Coa:
Se eu fôra de Villa Nova,
Villa Nova fôra boa.

141

S'eu soubera ler na agua,
Como escrever na areia:
Não me escapava no mundo
Moça bonita nem feia.

142

Se me queres escrever,
Eu te direi onde vivo:
É na rua da Firmeza,
Na que tu nunca tens tido.

143

Se me tu queres ir ver
D'alem Doiro ao rochedo,
Manda fazer um barquinho
Da raiz do arvoredo.

144

Divino Senhor da Barca,
Ó divino embarcador:
Embarcae-me a minha alma
Para o reino do Senhor.

145

Oh que lindos arrabaldes
Tem a nossa Almeida agora:
Senhora das Neves dentro,
O Senhor da Barca fora.

146

Já lá vae pelo mar fora
Quem no meu leito dormia:
Deus o leve, Deus o traga
Para a minha companhia.

147
Passei pela sepultura,
Ouvi lá o corpo humano:
Ouvi uma voz dizendo:
Não me pises, ó tyranno.

148
Ó barqueiro, volta co'a barca,
Qu'eu tambem já fui barqueiro:
Já passei a tua dama,
E não lhe levei dinheiro.

149
Passarinho abre o bico,
Que te quero ver os dentes:
Nunca meus olhos viram,
Perolas tão excellentes.

150
Pedrinhas d'esta calçada,
Levantae-vos e dizei
Quem vos passeia de noite,
Qu'eu de dia bem o sei.

151
Alto pinheiro rodondo
Com fio d'oiro na *guia*:
Se o oiro é desengano,
Desengana-me, ó Maria.

152
Alto pinheiro redondo
Com fio d'oiro no pé:
Se o oiro é desengano
Desengana-me, ó José.

153
Quando o sobreiro der nozes,
A nogueira der cortiça,
Então t'amarei deveras,
Que agora tenho perguiça.

154
O loureiro é pau verde
Que nasce pelos quintaes:
Á tua porta, menina,
Dou eu repetidos ais.

155
Já lá vae a noite em baixo
Mettida num pucarinho:
Os rapazinhos de agora
São marcados no focinho.

156
Muito lindo é o oiro
Na garganta da donzella:
Mais bonita é a honra,
Menina, faça por ella.

157
Ó Senhor Fulano
Muito lhe diz o chapeu:
Quando vae para a igreja,
Parece um anjo do ceu.

158
Ó Senhora nossa ama,
Ponha a candeia na sala:
Venha ver o teu ranchinho
Que vem da sua segada.

159
De quem são aquellas ligas
Que alem estão naquellas hervas?
— São da Senhora Dona Fulano
Que lhe cairam das pernas.

160
Fui ao S. João á Guarda
E bati á portaria:
Abri-me as portas, meu santo,
Qu'eu venho em romaria.

161
Fui ao jardim das tulipas
Onde a primavera nasce:
Não achei flor nascida
Que comsigo a comparasse.

162
Tudo o que ha triste no mundo
Tomara que fôra meu:
Para ver se tudo junto
Era mais triste do qu'eu.

163
Já fui mar, já fui navio,
Tambem já fui um batel:
Já fui rapaz, já fui homem,
Só me falta o ser mulher.

164
Algum dia era eu
Do teu prato melhor sopa:
Agora sou um veneno
Resgalgar da tua boca.

165
Quando eu nasci, chorava,
Chorava por ter nascido:
Parece que adivinhava
Que o mundo estava perdido.

166
O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma:
O cravo tentou demanda
Pela rosa ter mais uma.

167
Fui ao jardim das tulipas,
Colhi a flor d'àçucena:
Achei-a com tanto gosto,
Deixei-a com tanta pena.

168
Pus-me a chorar ao pé de agua
Lagrimas de sentimento:
As aguas me responderam:
Nada cura como o tempo.

169
Onde vaes Adelaidinha,
Descalcinha pelo chão?
—Vou a ver o meu amor
Que está preso no Fundão.

170
Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei:
Eu bebi agua no Tejo,
Até a fala mudei.

171
Ai de mim que já não posso
Cantar uma cantiguinha:
Eu bebi agua no Tejo.
Ficou-me a fala baixinha.

172
Mal empregadas são as luvas,
Ferreiro, na tua mão:
Tendes as mãos denegridas
De joeirar o carvão.

173
Ha tres vidas, ha tres vidas,
Ha tres dias que sou tua:
De casada, de solteira,
Inda agora de viuva.

174
Semeei no meu quintal
O brio dos estudantes:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de diamantes.

175
O tocador da viola
É bonito e toca bem:
Amigo das raparigas,
É o melhor que elle tem.

176
Fui ao S. João de Braga,
De Braga fui ao Bomfim:
Achei tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.

177
Atirei co'uma azeitona
Á menina da janela:
A azeitona está lá dentro,
Ai menina quem na dera.

178
Ó tristeza, ó tristeza,
Que mal te fizera eu,
Que tanto te apoderaste
Do pobre coração meu?

179
Com pena peguei na penna,
Com pena fiz um S:
Com pena mandei dizer
Ao meu amor que viesse.

180
Se Portugal fôra meu
Como é da Majestade,
Fazia do Porto villa
E d'Atalaia cidade.

181
Eu fui para Mafra
Sem ter praça assente:
Fugi do caminho...
Qnem foge é valente.

182
Domingos e dias santos
É qu'eu offendo a Deus:
Vou á missa não a oiço...
Pensamentos varios meus.

183
No dia em que eu nasci,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu desgraça,
Tristeza e melancolia.

184
Os çapatos que me não servem
Naquella praia os deixei:
Não se me dá qu'outrem logre
Amores qu'eu rejeitei.

185
Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
Inda que seja de pennas,
Eu de penas tambem vivo.

186
Se o mar fosse de papel
E os peixes *escrivões,*
Escrevia-te uma carta
De lagrimas e paixões.

187
Assenta-te aqui, amor,
Tu numa pedra e eu noutra:
Aqui choraremos ambos
Já que a fortuna é pouca.

188
O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho?!
No cimo daquella serra
No mais alto *gravicinho.*

189
Eu hei d'ir, eu hei de vir
Falas te não hei de dar:
Hei de te fazer moer
Como as areias no mar.

190
Dei um ai, tu não ouviste,
Suspirei, não deste fé:
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

191
O meu amor é ourives,
Já me deu uma *alliança:*
Amanhã vae-me esperar
Á porta da confiança.

192
Ó joven anda á janela,
Nem de mim tens compaixão:
Vou quebrar minha guitarra,
As cordas ao violão.

193
Começam meus tristes ais,
Acaba minha alegria:
Estou longe dos teus carinhos
E de tua sympathia.

194
Vosso pescoço, menina,
Os hombros ambos iguaes:
Nem são altos, nem são baixos,
São como vós os precisaes.

195
Vossos braços são de prata,
Os dedos d'ouro batido:
As unhas de pura neve,
Que o sol não tem derretido.

196
Os vossos olhos, menina,
São dois raios penetrantes:
Vós com elles penetraes,
Fazeis quedar os amantes.

197
Ó Maria *porcajeira*,
Ó *porcajeira* Maria,
As faces da tua cara
São rosas d'Alexandria.

198
Passei pela tua porta,
Dei um passinho ao lado:
Assim que vi os teus olhos,
Caí no chão desmaiado.

199
Atirei-te com dois beijos,
Cairam ao fundo da rua:
Não foi da minha vontade,
Amor, só foi culpa tua.

200
Já dá o sol no castello,
A sombra na *vedoria*:
Os meus olhos com os teus
Velam de noite e de dia.

201
Debaixo da fonte fria
Agua clara vi nascer:
A todos digo que não,
Só a ti não pode ser.

202
Da minha janela rezo
Á Senhora da Saude,
Que me tire do sentido
Quem quis lograr e não pude.

203
Sois agua e não mataes sêde,
Sois pimenta e não queimaes:
Sois uma e parc'eis outra,
Quando para mim falaes.

204
Tu pensas qu'eu te quero,
Grande toledo do mundo!
Meu coração já navega
Por outro poço mais fundo.

205
De cem mortes que eu fiz
Só de uma tenho pesar:
De matar uma criança
No berço a *galrichar*.

206
S'eu tivesse, não pedia
Coisa nenhuma a ninguem:
Mas, como não tenho, peço
Uma filha a quem a tem.

207
Salsa á beira do rio,
Á beira do rio salsa:
Quer antes a feia firme,
Deixa a bonita qu'é falsa.

208
Tu és a mais linda obra
Que Deus fez por sua mão:
Que pena que te criasse
Sem amor nem coração!

209
Nas asas de uma andorinha
Mandei-te o coração meu:
Foi dizer-te, qu'rida prima,
Que em troca me dês o teu.

210
Olhos azues de matar...
Fitei uns, fiquei assim,
Por toda a vida a chorar.
Sem fazer caso de mim.

211
Fui a Coimbra aos estudos,
Cairam-me os livros no caes:
Julgava que m'esquecias,
Cada vez me lembro mais.

212
Eu falei-te, sem te querer,
Amei-te *de sem* vontade:
Não desejo de te ver,
Nunca te tive amizade.

213
Os teus braços tão compridos
Bem feitos e delicados:
As tuas mãos pequeninas,
Teus dedos bem torneados.

214
A mulher e a gallinha
Pouco devem passear:
A gallinha bichos come,
A mulher dá que falar.

215
Menina, venha comigo
Ver o pessegueiro da horta:
Se não quer perder o tempo,
Venha fiando na roca.

216
Não me mandem á segada
Qu'eu não sei correr o eito:
Mandem-me falar d'amores
Que para isso tenho geito.

217
As *chocalheiras* da rua
Fizeram seu assinado:
Uma diz, outra confirma...
Deus nos livre de tal gado.

218
Louros cabellos na testa
Compostos ao caracol:
É como o fio d'oiro,
Quando lhe inclina o sol.

219
Esse teu cabello louro
Composto por tua mão:
Toda a gente s'admira
D'essa tua presumpção.

220
Os olhos pretos são falsos,
Os azues são exquisitos:
Os olhos do meu amor
São azues e bem bonitos.

221
A mulher para ser formosa
Ha de ser do meu agrado:
Ter a boca pequenina
E o cabello ondeado.

222
Passas por mim não me falas
Nem o teu chapeu me tiras:
De certo que te disseram
De mim algumas mentiras.

223
A carta qu'eu te escrevo
Sae-me da palma da mão:
A tinta sae-me dos olhos,
A pena do coração.

224
A assucena com pé n'agua
Vae abrindo, vae cheirando:
Assim é o meu amor
Quando por mim vae passando.

225
Eu queria cantar alto.
Mas meu peito não m'ajuda:
Deito sangue pela boca,
Estou co'os pés na sepultura.

226
Estou rouca deste meu peito,
Não é de beber vinagre:
É de falar ao amor,
Tão novinho, sem ter idade.

227

O meu amor está doente
Numa caminha de flores:
Nosso Senhor o melhore,
Deus lh'acabe aquellas dores.

228

O meu amor foi-se embora,
Nao se despediu de mim:
O mar se lhe forme em rosas,
O navio num jardim.

229

Esses teus cabellos loiros
Penteados no deserto:
Nunca vi rapaz tão novo
Amar com tanto affecto.

230

Mariquinhas tecedeira
Tem o tear e não tece:
Oh! ella anda d'amores ..
Oh! o tear lhe aborrece.

231

Mariquinhas tecedeira
Tem o tear á janela:
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,
Todo o fiado lhe quebra.

232

O senhor padre, eu pequei,
Venho lhe a pedir perdão:
Encostei-me á tecedeira,
Logo me enchi d'algodão.

233

A assucena no barroco,
Dá-lhe o vento, cambaleia:
É como quem tem amor na terra,
Pela porta lhe passeia.

234

Ó meu amor, quem te viu,
Meu amor, quem te falara!
Uma pena qu'eu padeço
Comtigo a alliviara.

235

Oliveira é ***verguia,***
Dá-lhe o vento, ***troce, troce:***
Quem tem amor na terra,
Ou lhe escarra ou lhe tosse.

236

Cantigas são meninices,
Palavras dadas ao vento:
Quem por cantigas se leva
É falto de entendimento.

237

A salsa da minha horta
Qualquer raminho tempera:
Vale mais um amor de fora
Do que seis ou sete da terra.

238

Salsa verde recortada
Tenho-a na minha horta:
Recortada tenha a lingua
Quem na minha saia corta.

239

Esta rua tem latadas
Todas de bago redondo:
Debaixo d'ellas se cria
Por quem perco meu somno.

240

Se passares pela rua
Faz-me um sinal qu'eu entenda:
Bate co'o pé na calçada
Como quem parte uma amendoa.

241

Ó meu amor, dá-te o somno...
Vae-te a deitar a dormir:
Qu'eu não posso ver velar
Olhos qu'hei de possuir.

242

O somno e a perguiça
Tem-me dado muita perda:
O somno que durma, durma
A perguiça que me não erga.

243
Vae-te, somno, vae-te, somno,
Vae-te da minha Maria:
Não *na* vestes, não a calças...
Ella dormindo não fia.

244
Atirei co'uma laranja
D'alem Doiro ao Brasil;
Quem por mim perdia o somno
Agora pode dormir.

245
Meu anel de sete pedras,
Meu annel de pedraria:
Onde ha ramo de amizade
Não pode haver pedraria.

246
Meu anel de *coralina,*
Onde estará quem m'o deu?
Lá estará na sua terra,
Lá tem um de prata meu.

247
O sol, quando nasce, inclina,
Ás pedras do meu anel:
Tambem eu m'inclinei
Aos teus olhos, Manel.

248
O sol, quando nasce, inclina,
Inclina e não combate:
Tambem eu m'inclinei
Aos olhos dum alfaiate.

249
Se o meu amor fôra Antonio,
Mandara-o envidraçar,
Em garrafinhas de vidro
Para o sol o não queimar.

250
A hora do meio dia
É a hora da tentação:
Lá virão as tres da tarde
Hora da *refresquidão.*

251
Ó relogio da Atalaia,
Peço-te por caridade
Que dês as horas mais cedo
E o meio-dia mais tarde.

252
Ainda hoje não cantei
Uma cantiga a meu gosto:
Vou agora a cantar uma
Á Senhora do sol posto.

253
Se eu soubera o Padre Nosso,
Como sei notar cantigas,
Estivera sempre rezando
Por alma das raparigas.

254
Se matares a pombinha,
Dae-me uma penna das asas:
Por via duma menina
Ralhou-me meu pae em casa.

255
Se matares a pombinha,
Dae-me o sangue da cabeça:
Para dar ao meu amor
Antes que elle me endoideça.

256
Aprendi a tecedeira...
Nunca aprendesse tal vida:
Paus por baixo, paus por cima,
Paus por trás, paus á barriga.

257
Se eu soubera, Mariquinhas,
Que tu eras tecedeira,
Mandara-te vir do Porto
Um tear de laranjeira.

258
Tire-se dessa janela,
Não lhe dê o ar da noite,
Não moleste o seu peitinho,
Para dar allivio a outrem.

259
Tenho na minha janella
O que tu não tens na tua,
Um vaso de violetas
Viradinhas para a rua.

260
Tenho na minha garganta
As espinhas duma cobra:
Quanto mais o mundo fala,
Mais o nosso amor dobra.

261
S'eu soubera que tu vinhas,
Amparo dos meus cuidados:
Tivera a casa varrida,
Cercada de verdes cravos.

262
Ó *moreirinha* do *aidro,*
Deita-me cá uma amora,
Que me quero ausentar
Desta terra para fora.

263
Chorae, olhos, chorae olhos,
Que para chorar nascestes:
Chorae a vossa desgraça
Senti um bem que perdestes.

264
Chapeu de meia moeda
Não é para homem casado:
É só para os solteirinhos,
São varios, tudo lhe é dado.

265
Da minha janela á tua,
Do teu coração ao meu,
Podia andar um navio
E o navegante ser eu.

266
Tenho na minha janela
Um vaso de perfeição:
Nada tenho no meu peito
Que tu não tenhas quinhão.

267
Muito bem, parece o oiro
Na garganta da donzella:
Mas melhor parece a honra,
Menina, faça por ella.

268
Se tu viras o que eu vi,
Tu te riras *coma* mim:
Uma cobra a tirar agua,
Outra a regar o jardim.

269
Chapeu de meia moeda
Ninguem *no* tem senão eu:
Por mais que meu pae me mate
Hei de amar a quem m'o deu.

270
Não olheis *pará moreira,*
Que não tem amoras verdes:
Olhae para estes meus olhos,
Que os vedes raras vezes.

271
Não corteis a silveirinha
Que nos nasceu á janela:
É a escada do amor...
Quem desce e sobe por ella.

272
Semeei na minha horta
Os cacos duma caneca:
Saiu-me uma burra cega
A tocar numa rabeca.

273
Semeei na minha horta
A semente das Izabeis:
Saiu-me uma videirinha
Que dá cachos moscateis.

274
Toda a noite canta, canta,
Lá na fonte o rouxinol:
Nós cantamos todo o dia,
Do nascer ao pôr do sol.

275
Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem:
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguem.

276
Ó José da *marrafinha*,
Tu andavas enganado:
Mataste uma donzella
Tentada pelo peccado.

277
O meu amor não é este,
O meu amor chama-se João:
Descoradinho da cara,
Alegre do coração.

278
O meu amor, quem te vira
Trinta dias cada mês,
Cada semana seis dias,
Cada instante uma vez.

279
Chapeu branco côr de estrella
Forrado de azul claro,
Para amor não te quero,
De te falar não me enfado.

280
Chapeu preto desabado
Faz figura de ladrão:
Se não és das estradas,
És do meu coração.

281
Na rua do meu amor
Não se pode namorar:
De dia velhas ao sol,
De noite cães a ladrar.

282
Antes-que o lume se apague,
Na cinza fica o calor:
Antes-que o amor se ausente
No coração fica a dor.

283
O S. Pedro é *prós* moços,
O S. João para os curas [1]:
Coitadinhos dos casados
Que ficam nas amarguras!

284
Tendes telhado de vidro,
Só para o meu atiraes:
Falaes de mim, falaes d'outrem,
Só para vós não olhaes.

285
Olhos pretos como os meus
Não os cria a natureza:
Criara outros mais lindos,
Mas não com tanta firmeza.

286
Ó mar, tu és um ladrão
Que a todos queres comer:
Não sei como os homens podem
Nas ondas do mar viver.

287
Ó mulher, ó *prestituta*,
Rainha do meu penar:
Tu foste a causadora
D'eu á desgraça chegar.

288
Tres coisas pedia a Deus,
Se m'as elle quisera dar:
Formosura, bom cabello,
Boa voz para cantar

[1] Pelo S. Pedro se justam os criados e pelo S. João os parochos.

289
As cartas do meu amor
Aqui as tenho todas juntas,
Para *l'*as tornar a remetter
Á vista de tantas custas.

290
Ó José, cabello louro,
Penteado no deserto:
Nunca vi rapaz tão novo
Amar com tanto affecto.

291
Ó José, ó cara linda
Cara linda, sem sinaes:
Os dias qu'eu te não vejo
Não faço senão dar ais.

292
Lá te mandei um raminho
De cinco castas de flores:
Todas ellas significam
Parte dos nossos amores.

293
Esta rua é comprida,
É comprida como as mais:
No meio tem uma torre
Onde combatem meus ais.

294
Esta rua para mim
Já lhe deitaram travessas:
Amar a quem me não ama,
Acho o mundo ás ávessas.

295
Alguem por te ver madruga,
Eu bem cedo m'alevanto:
Para lograr os teus carinhos
Não me é preciso tanto.

296
Limoeiro da calçada
Já não torna a dar limões:
Já lhe cortaram as *guias*
Para vender corações.

297
Tendes arrecadas d'oiro
Que *relumbram* ao luar:
Tendes o rosto comprido
Lindos olhos de matar.

298
Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapeu na mão,
Namorando as casadas
Que as solteiras não m'as dão.

299
Agora qu'eu vou entrando
O terreiro da carvalha:
Se me não vedes, ouvi-me,
Conheceis-me pela fala.

300
Não te esquives, não me negues
Teu amor, alma, prazer:
Dá-me a vida neste mundo...
De sem amor não ha viver.

301
Ó tronco do *acypreste*,
Sustentado na raiz:
Triste *vidica* da morte,
Aqui jaz um infeliz.

302
Quem me dera amar um dia
Ter amor, ter affeição,
Ser escravo, dar a vida
Por um terno coração.

303
O meu amor é soldado,
Soldado é que o quero:
Quero-lhe ir fazer a cama
Nas guaritas do castello.

304
Tire-se dessa janela,
Menina, qu'eu já a vi:
Não me faça perder a alma
Qu'eu o corpo já o perdi.

305

Que farão os meus amores?
Cuido que estarão brincando:
Se lhes eu *alembrarei*,
Como cá me estão lembrando.

306

Se a liberdade dos presos
Estivera na minha mão,
Não ias ter á cadeia,
Amor do meu coração.

307

Liberdade, liberdade,
Liberdade quem lh'a deu?
Quem lh'a deu ao seu amor
Para me prender o meu?

308

Liberdade, liberdade,
Quem a tem que a possua,
Que eu não tenho liberdade
Para passear a rua.

309

Adeus logar de tal parte
Onde nasce o *azevem*:
Tu divertes-te commigo,
Quando não achas com quem.

310

Se o meu amor fôra Antonio,
Mandava-o envidraçar
Com uma vidraça de vidro,
Para o sol o não queimar.

311

Menina, até o cabello
Não o traga de *roquete*:
O seu amor não tem dinheiro
Para tanto alfinete.

312

Ó rapaz, tu cantas bem,
Não podes cantar melhor:
Na hora do meio dia
Fizeste parar o sol.

313

Cachopas, casae commigo
Que bom marido levaes:
Fumista e tabaquista,
Bebado cada vez mais.

314

Já te não quero a ti,
Nem a ti nem a ninguem:
Já deitei laços á vida,
Sem amores passo bem.

315

Já não quero, já não quero,
Já não quero, tenho dito:
Já não quero o teu amor,
Tenho *oitro* mais bonito.

316

Os meus olhos não são olhos
São bagas de verde cana:
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa fulana.

317

O ser pobre não é crime,
Crime é ao dever faltar:
Crime é o não ter coragem,
Crime é o não trabalhar.

318

A *magarça* é má herva,
Ella picou-me na mão:
Tambem a maldade pica
Os homens no coração.

319

Os homens são como os lobos,
Só lhe falta o terem rabo:
Quer na rua, quer em casa
A sua ha d'ir a cabo.

320

Atirei do mar á serra,
Deu a pedra num *barroco*:
Olhe que o amor dos homens,
É muito, mas dura pouco.

321
O menina, tenha assento
Como as areias no mar:
Qu'estes mocinhos d'agora
De tudo se vão gabar.

322
Ó menina, não se fie
Em quem diz «darei, darei»:
Olhe que o amor dos homens
É falso em toda a lei.

323
Mal haja quem inventou
Os caixilhos das janelas:
Bocadinhos de pau preto
Encobrem caras tão bellas.

324
O meu amor não é este,
O meu chama-se João:
Descaradinho da cara
Alegre do coração.

325
Naquelle terreiro anda
Uma dancinha de quatro:
Alem anda o meu amor
Alem anda o meu retrato.

326
Mènina, ate o cabello
Não *me* traga desatado:
Desengane o seu amor,
Não o traga enganado.

327
Você diz que me não quer,
Diga-me a razão porquê:
Você diz que eu sou pobre,
Riqueza tem-*na* você.

328
Eu hei de minar o *aidro*,
Eu hei de ser *minador*:
Só para ver se lá encontro
Os olhos do meu amor.

329
Adeus, *Terreiro do quarto* [1],
Tu já não és tão batido:
Agora estás de relva
Para o estares de trigo.

330
Adeus, ó *aidro* da igreja,
Adeus, ó *aidro* sagrado:
Onde estarão tantos corpos,
Que se aqui terão enterrado?

331
Adeus, logar da Atalaia,
Rodeada de serpol:
Os rapazes como o sol
As raparigas como a lua.

332
Mandaste-me colher rosas,
Eu piquei os meus dedinhos:
Dae-me agora os alfinetes
Para tirar os espinhos.

333
Por teu amor deixei a Deus,
Olha, amor, o que perdi:
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

334
Muito brilha o preto-preto
Ao pé do branco lavado:
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

---

[1] Logar na aldeia de Atalaia, onde se dança aos domingos.

335
Meu coração é relogio,
Minha alma dá badaladas:
Os dias que t'eu não vejo
Trago as horas contadas.

336
Os cravos do meu craveiro
Deitam bandeira de luto:
Ausentou-se o meu amor,
Tenho penas, choro muito.

337
Vá de roda, vá de roda
Cada um sua cantiga:
Eu tambem canto a minha,
Que a necessidade me obriga.

338
Meu camarada não canta,
Canto eu em seu favor:
Cantigas á viola
Indicadas ao amor.

339
Com licença, meus senhores,
Quero dar a minha entrada:
Eu tenho d'obrigação
Ajudar meu camarada.

340
Aqui d'el-rei, ovos fritos,
Quem acode com pão molle:
Estou doente na cama
Do coice dum rouxinol

341
Ai de mim, que estou á morte,
Acabados são meus dias:
Pelo coice duma pulga
Levei dezoito sangrias.

342
Já o mar não leva agua,
Senão folhas de trovisco:
Onde irei lavar o lenço
Ó meu amor, que é Francisco?

343
Eu bem sei duas meninas,
Que se querem commover:
Querem-se como cunhadas,
Nunca o hão de vir a ser.

344
Menina de *poupa* alta,
Ponha-lhe um ramo de murta:
Mal haja quem inventou
Meia nova, saia curta.

345
Passei pela tua porta,
Ergui os olhos e vi,
Meu amor em braços d'outrem...
Não sei como não morri.

346
Tirem nota, meus senhores,
Subi ao ar num balão:
Logo fui a cair
Na serra de Montalvão.

347
Eu já vi Lisboa a arder,
Pedra fina a estalar;
Já vi o mar a crescer
Tornar ao seu natural.

348
Ó fado que foste fado,
Ó fado que já o não és:
Ó fado que te viraste
Da cabeça para os pés,

349
Ó passar do ribeirinho
Quebrei a minha viola:
Apanhei os cavaquinhos,
Mandei fazer outra nova.

350
Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de velludo:
Quem me dera de os lograr
Olhos, sanefas e tudo.

351
Vae-te embora, amor, não cuides
Qu'eu por ti fico a chorar:
Olha qu'em tempo nenhum
Me tu tornas *àlembrar*.

352
Ó agua que vaes correndo
Por baixo da sacristia:
Ó terra qu'estás comendo
Espelhos *donde* m'eu via.

353
Não sei se te diga adeus,
Se t'eu diga: vou-me embora:
Um adeus é saudoso,
Quem diz adeus sempre chora.

354
Fonte Ribeiro é lima,
Fonte Ribeiro é limão:
A Devesa ramo sêco,
O adro *majaricão*.

355
Adeus, logar d'Atalaia,
Rodeado d'oliveiras:
No meio de ti passeia
Um raminho de solteiras.

356
O jasmineiro é verde,
As flores que dá são brancas:
Não pode ter amor firme
Quem se diverte com tantas.

357
A folhinha do salgueiro
É a primeira do anno:
Tambem vós, minha menina,
Sois a primeira a quem amo.

358
Tenho pena de quem pena,
Penas de quem penas tem:
Tenho pena de mim mesmo
Que peno mais do que ninguem.

359
Deitei o limão correndo,
Á sua porta parou:
Vejam que tal é o mundo,
Que até nisto reparou.

360
Para que são as esquinas
E as sombras do luar,
Se ellas não hão de encobrir
Dois amantes a falar.

361
Se a oliveira falasse,
Ella dissera o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

362
Oliveira pequenina
Tambem tem pequena sombra:
Ainda que eu sou pequenina,
Você comigo não zomba.

363
Oliveira *França* sêca,
Carregada de *pendão*:
Menina, se houver de ser minha,
Ninguem lhe ha de pôr a mão.

364
Oliveiras, oliveiras,
Oliveiras, olivaes:
Tenho o coração mais negro
Que a azeitona que vós daes.

365
Tenho jurado esquecer-te
Quinhentas vezes seguras:
Quando te vejo, não posso
Lembrar-me das minhas juras.

366
Juraste-me o teu amor,
Seres firme até morrer:
Agora já te não livras
Do juramento fazer.

367
Não tenho pena nenhuma
Em perder tua amizade:
Porque eu logo encontrei
Quem me jurasse lealdade.

368
O sol d'agosto queimava
Lá no *rocio* do ar:
E o ceifeiro descansava
Bem cansado de ceifar.

369
Adeus, logar d'Atalaia,
Arrasada fôras tu,
De beijinhos e abraços...
Não te rogo mal nenhum.

370
Adeus, logar d'Atalaia,
As costas te vou virando:
A minha boca se vae rindo
E os meus olhos vão chorando.

371
Oh que lindos arredores
Tem o logar d'Atalaia:
Santo Antonio na Devesa
S. Pedro na Fonte d'Aguia.

372
Atalaia, minha terra,
Pequenina mas airosa:
Qem nella tomar amores
Se pode chamar ditosa.

373
Adeus, logar d'Atalaia:
Logo ali á entrada
Ficaram meus olhos presos
Numa rosa encarnada.

374
Adeus, logar d'Atalaia,
Oh que linda mocidade:
São criadas numa aldeia,
Parecem d'uma cidade.

375
Adeus, logar d'Atalaia,
Adeus, lindas raparigas:
Não ha coisa que mais custe
Do que são as despedidas.

376
Agua da Fonte Ribeiro,
Agua que nunca bebera:
Raparigas d'Atalaia
Quem nunca vos conhecera.

377
Rua como a de S. Pedro
Na Atalaia não a ha:
Mas eu torno a dizer:
Meu amor não mora lá.

378
Passei pela oliveira
E colhi uma *oliva*:
Dos falatorios do mundo,
Meu amor ninguem se livra.

379
Fui passear ao jardim,
Encostei-me a uma flor:
Acordei, achei-me preso
Nos braços do meu amor.

380
Ó oliveira da serra,
Do vento és combatida:
Oh que estrada tão medonha
De meus olhos tão seguida.

381
Eu cantar cantava bem
Lá na minha mocidade:
Agora quero e não posso...
Tudo requer a idade.

382
Dizem que o cantar que tira
Penas ao coração:
Eu cantei um anno todo,
E as penas ainda cá 'stão.

383
Os nossos dois corações
Unidos num lenço vão:
Assi está a minha alma á tua,
O teu ao meu coração.

384
Debaixo da trovisqueira
Saiu a perdiz cantando:
Já de nós *marmura* a gente...
É muito, vamos andando.

385
Adeus, villa do Jarmello,
Adeus, *pedra de montar:*
Emquanto o mundo for mundo
Dinheiro has de ganhar [1].

386
Eu hei de minar o *aidro*
E metter-me lá debaixo:
Que eu não posso aturar
Tanto testemunho falso.

387
Eu fui o que accendi o lume
Numa chaminé doirada:
Eu fui o que reparti...
D'amores fiquei sem nada.

388
Eu fui que accendi o lume
Numa chaminé de vidro:
Eu fui o que reparti...
D'amores fiquei servido.

389
Chamaes á *moreira* triste,
Onde vos vós enganaes:
A *moreira* cria a seda
Com que vos vós *enfantaes*.

390
Já não torno a Jarmello
Nem a S. Miguel á missa:
Que estão lá dois olhos pretos
Que me prendem sem justiça.

391
Áqui d'el-rei, quem acode
A quem não sabe nadar:
Ás meninas dos meus olhos
Que se afogam com chorar.

392
As alminhas d'Areosa
O meu amor apanhou:
Quem lá foi apanhou noivo,
Quem não foi não apanhou.

393
O meu amor, coitadinho,
Deu-lhe o mal, adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pode viver, morreu.

394
Atirei co'a laranja
Á barra da tua saia,
Julgando qu'eras d'Hespanha...
Eras do centro da raia.

395
O brio da tecedeira
Quem *no* pode sustentar?
Bom çapato, boa meia,
Quando vae para o tear.

396
Atirei co'a laranja
Á quina da tua sala:
Se estás a dormir, acorda,
Se estás acordada, fala.

---

[1] Ha em Jarmello uma pedra onde os transeuntes lançam moedas de 5 réis, como se fôra caixa das almas. Reza a lenda que D. Inês de Castro, passando por ali, se aproveitou d'ella para *montar* na sua mula e d'ahi lhe ficou o nome. É possivel que a lenda se ligue ao facto de ser natural d'ali um dos seus assassinos, Pedro Coelho.

397
Atirei co'a laranja ao ar,
Ao ar, caiu na areia:
Á vista d'esses teus olhos
Quem tem juizo *vareia*.

398
Dá-me da pera madura,
Da maçã uma talhada:
Da laranja um só *gomo*
Do limão pouco ou nada.

399
De Lisboa me mandaram
Quatro peras num raminho:
Pastores são animaes,
Comeram-as no caminho.

400
Está o ceu ennevoado,
Está para chover, não chove:
Está o meu amor doente,
Está para morrer, não morre.

401
Quem diremos nós que viva
Na folha do laranjal?
Viva o senhor Fulano
E toda a familia em geral.

402
Que rosa é aquella
Que vae no andor?
— É Nossa Senhora,
Mãe do Redemptor.

403
Aquella menina cuida
Que só nella ha virtude:
É como o pau da figueira,
Muita cinza, pouco lume.

404
Se Carvalhal fôra villa
Iria para lá morar:
Mas aldeia por aldeia
Prefiro o Lamegal.

405
Quando t'eu vi em collete,
Desejei ser cordão:
Só para ver se me via
Nesse mar de perfeição.

406
Linda terra é Leiria,
Faz-se lá muito papel:
A minha dama é Maria
E eu tambem sou *Manel*.

407
Menina qu'está á janela
Comendo pão e queijo,
Faça da boca pistola,
Atire-me de lá co'um beijo.

408
Tenho meu pão amassado,
O meu marido a morrer:
Antes meu marido morra
Do que meu pão se perder.

409
Da minha janella á tua
É um salto duma cobra:
Quem te deu a liberdade
De chamar a minha mãe sogra?

410
O teu coração e o meu
São dois amantes leaes:
Quando o teu coração chora,
O meu coração dá ais.

411
Não se me dá de quem morre
Que é *a fim* qu'eu hei de ter:
Dá-se-me de quem padece,
Qu'é pior que morrer.

412
Ó Atalaia, Atalaia,
Quem te pôs o nome errou:
Tu és um jardim de flores
Eu já me de cá não vou.

413
Samear e não colher
É qu'atrasa o lavrador:
Tambem ando atrasada
No serviço do Senhor.

414
O tocador de viola
Já merece convidado,
Com pauzinho de salgueiro
Até tocar a quebrado.

415
Quero dar a despedida,
Não sei como a darei:
Diante destes senhores
De joelhos me porei.

416
Quero dar a despedida
Por cima da *bella luz*:
Os senhores que me ouvem
Amanheçam com Jesus.

417
Ondas do mar, abrandae,
Eu quero caçar um peixe:
Eu quero deixar o mundo,
Antes que o mundo me deixe.

418
Aprendi a cardadeira,
Mau officio tinha eu:
Ando de rua em rua,
Se tem lã, cardo-la eu.

419
Mandae-me de lá dizer
O preço que o *roixo* tem,
Que me quero vestir d'elle
Com assentimento d'alguem.

420
Tenho corrido mil terras,
Mas ainda não fui ao Fundão:
Tenho visto caras lindas...
Como a tua ainda não.

421
Tenho corrido mil terras
Da melhor parte da Beira:
Não encontrei melhor amigo
Que o dinheiro na algibeira.

422
Passarinhos que cantaes
Nesse raminho de flores:
Cantae vós, chorarei eu...
Assim faz quem tem amores.

423
Uma pena, duas penas,
Fazem o homem chorar:
Que fará uma mulher,
Que é do mais fraco metal?

424
Uma silva me prendeu.
Outra me deu á prisão,
Outra me deu o dinheiro
Para a minha livração.

425
Ó estrellinha do norte,
Vae lá andando, que já vou:
Quero dar a despedida
A minha mãe que me criou.

426
Ó alecrim, rei das hervas,
Ó ouro, rei dos metaes:
Sois o brio d'esta terra,
Não desfazendo nas mais.

427
Ó alecrim, rei das hervas,
Criado na *vèdoria*:
Quem quer bem chama por tu,
Amor não quer senhoria.

428
O rouxinol, quando canta,
Mette o rabo na silveira:
É como moça bonita,
Quando não ha quem *na* queira.

429
Saudades são securas,
Ó amor, dá cá a borracha:
Se m'a deres, dá-m'a cheia,
Que vazia não tem graça.

430
Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu como sol a buscar-te,
Tu como sombra a fugir-me.

431
Quem ha aqui que me venda,
Que me venda um limão,
Para lavar uma nodoa
Que tenho no coração.

432
Ai Jesus! que calma faz!
Senhor, mandae *fresquidão:*
O meu amor é doente,
Falto de comprehensão.

433
Já por aqui não passaes,
Meu amor, para o estudo,
Cara de leite coado,
Beiços de limão maduro.

434
Ó José das meias brancas,
Mandae-as *anogueirar,*
Que vos conhecem as moças
Á noite pelo luar.

435
A flor da laranjeira
É a primeira do anno:
Tambem tu, minha menina,
És a primeira que eu amo.

436
Hei de amar o luar,
Deixar a noite escura:
Eu não posso aturar
Tanta conversa na rua.

437
O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo lavrar:
Sameá-lo de suspiros
Pró meu amor suspirar.

438
Algum dia era eu
Raminho d'andar na mão:
Agora sou vassoirinha
Com que tu varres o chão.

439
Ai Jesus! quem compra o ceu,
Qu'elle barato se vende:
Quem na terra vale aos pobres
Lá no ceu não se arrepende.

440
Quem me dera ser do Porto
Ou no Porto ter alguem:
Para ver as regalias
Que as *secias* do Porto tem!

441
Ó mocho que estás lá no alto
Poisado nesse penedo:
Não me *regales* os olhos,
Que não te tenho medo.

442
Ó morte, ó tyranna morte,
Olha o roubo que causaste:
Prá sombra do *acypreste*
Minha amada levaste!

443
Ó morte, ó tyranna morte,
Olha o roubo que fizeste:
Levaste a minha amada
Prá sombra do *acypreste!*

444
Chouva agua, cresça o rio,
Vá o mar de barra a barra:
Siga-se o nosso intento,
Deixemos falar quem fala.

445
Já dá o sol ne castello
A sombra na *vèdoria:*
Os meus olhos pelos teus
Velam de noite e de dia.

446
Fui ao mar por ver as aguas,
Ao jardim por ver as flores:
Ao ceu por ver as estrellas,
Aqui por ver meus amores.

447
Fui ao mar pescar um peixe,
Cacei Santa Margarida:
Vem cá, Santa da minh'alma,
Qu'andavas no mar perdida.

448
O papel com que t'escrevo,
Sae-me da palma da mão:
A tinta sae-me dos olhos,
A penna do coração.

449
Os cegos que nascem cegos
Sua vida é cantar:
Mas eu que vi e não vejo,
Minha vida é chorar.

450
Tendes coração d'açucar
Que n'agua derrete:
Dae-me uma pedrinha
Para o meu, que se não seque.

451
Eu hei de subir ao alto
Que do alto vejo bem:
Quero ver se o meu amor
Fala com mais alguem.

452
Já morreu minha mãe,
O meu trajo é baeta:
Eu tenho no coração
Dois laços de fita preta.

453
Cantigas ao desafio
Commigo ninguem as cante:
Eu tenho quem as ensine,
Meu amor é estudante.

454
Lindas aguas tem Trancoso,
Melhores as tem Marialva:
Agua da Fonte Pedrinha
Vae regar a Coriscada.

455
Adeus, cidade da Guarda,
Adeus, quanto Guarda tem:
Adeus, quartilhos de vinho
E pães-trigos de vintem [1].

456
Adeus cidade da Guarda,
Os muros estão *abanando:*
Quem me dera agora ver
Quem lá anda passeando.

457
Se por *hi* ha algum pimpão
Que na rua se atravesse,
Traga o *barbeiro* comsigo
E o padre que o confesse.

458
José amo, José quero,
José trago no sentido:
Por causa de ti, José,
Trago os meus somnos perdidos.

---

1 Ha na Guarda uns pães de trigo, de forma caracteristica, que se vendem a 20 réis.

459
Eu amava-te, menina,
Senão fosse um senão:
Seres pia d'agua benta
Onde todos põem a mão.

460
Minha mãe para me casar
Prometteu-me tres ovelhas:
Uma cega, outra *coixa*,
Outra *moicha* sem orelhas.

461
O meu amorzinho
Já por cá não vem:
Isto são preceitos
Que lhe pôs alguem.

462
É um regalo na vida
Ao pé d'agua morar:
Quem tem sêde vae beber,
Quem tem calma vae nadar.

463
Eu amei-te, foi um sonho,
Foi uma variedade:
Foi emquanto não achei
Amor á minha vontade.

464
Já lá vem abril e maio
E junho que vem ao pé:
É o mês dos estudantes,
Ha de vir o meu José.

465
Já lá vem o verão que é doce,
Tempo que amadura a fruta:
Quero-te contar meus males,
Se me queres ouvir, escuta.

466
Algum dia por t'eu ver
Saltava vinte quintaes:
Agora por te não ver
Saltava eu trinta ou mais.

467
Fui á fonte por ver Anna,
Estava meu primo co'ella:
Adeus, primo, adeus, Anna,
Deus te faça bem co'ella.

468
Fui á fonte por ver Anna,
Encontrei-me com Isabel:
Encontrei-me com quem queria,
Caiu a sopa no mel.

469
Vós chamaes-me a mim doidinha,
Redoidinha do meolo:
Na vossa geração tendes
Quem o já perdeu de todo.

470
Quem me quer comprar qu'eu vendo
Cinco réis de senhoria?
Que ella é muito barata,
Não era assim algum dia.

471
Ó senhora nossa ama,
Ponha a candeia na mesa,
Que a quero apagar
Com um beijo á francesa.

472
Fui ao jardim das flores,
Colhi d'umas, colhi d'outras:
Encontrei o meu amor
Destas fortunas ha poucas.

473
Eu tenho quatro colletes,
São todos quatro de linho:
Eu tenho quatro amores,
O mais lindo é Zèzinho.

474
As estrellas do ceu correm,
Eu bem as vejo correr:
Ellas correm p'ra ver mundo,
Eu tambem o queria ver.

475
Minha mãe é uma pomba,
Eu bem *na* vi *avoar:*
Da janela *paró* balcão,
Do balcão *paró* quintal.

476
Antoninho, cravo *roixo*,
Olhos de milho meudo:
Se não haveis de ser padre
P'ra que andaes no estudo?

477
S. Pedro é homem velho
Homem de muito juizo:
Por isso Deus lhe entregou
As chaves do Paraiso.

478
Adeus, logar d'Atalaia,
Ó cimo, que *ó* fundo não:
Ao cimo passeia o brio,
Ao fundo a presumpção.

479
Esta noite choveu *elle*
Uma chuva meudinha:
Hei de m'ir esconder
Na tua casa, menina.

480
S'eu quisera, bem pudera,
Bem pudera possuir:
A ninguem *se* lh'aconteça
A mandar, podendo ir.

481
S'eu quisera, bem pudera
Fazer o dia maior:
Far um nó na fita verde,
Prender os raios ao sol.

482
Esta noite choveu oiro,
Diamantes orvalhou:
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

483
Bem hajam as raparigas
Que trazem aneis nos dedos:
Que fazem andar os rapazes
Á noite como os morcegos.

484
Minha *mora* madurinha,
Diz-me quem t'amadurou?
— Foi o sol e *mai-la* lua
E o luar que por aqui passou.

485
Ó minha mãe, não me mande
Á cidade a vender pão:
Que dizem os estudantes:
Padeirinha tem feição.

486
Eu sou filha duma rosa,
Minha mãe é uma roseira:
Não me posso apartar
Duma mãe que tão bem cheira.

VII. — SUPERSTIÇÕES

1.— Os raios são cunhas de ferro que se enterram nove metros na terra e que vão subindo um metro por anno; findos os sete annos o raio vem á superficie, e quem tiver a felicidade de o apanhar e levar para casa, preservá-la-ha de qualquer raio ou faisca.

2.— Chover nas bodas é sinal seguro de felicidade.

3.— Ter imagens de gesso em casa é causa de infelicidade.

4.— Se por acaso houver alguem tão perverso que bata numa criança em perigo de vida, é necessario que sete donzellinhas chamadas Maria vão tocar no sino da torre, cada uma a sua badalada, e todas as pessoas devem rezar uma Ave-Maria.

5.— Para levantar as doenças de uma povoação basta que sete Marias fiem, teçam e corem durante uma noite uma bandeirinha, e vão collocá-la na torre sem que ninguem mais saiba nem lhe ponha as mãos.

6.— Para *arramar* o nevoeiro basta que tres moças Marias mostrem a fralda.

7.— Quando se passa pelo espojadoiro de um burro deve-se cuspir tres vezes, ao contrario nasce um *mijacão* nos pés.

8.— É um grande peccado ter o pão de costas para baixo; e se, emquanto tivermos o pão deste modo, começar a arder a nossa casa, primeiro devemos voltar o pão do que acudir ao fogo.

9.— Quando o lume tem crepitações, são as almas do Purgatorio que estão a pedir Padre-Nossos.

PARTE II

LINGUAGEM POPULAR

I.—PHONETICA

VOGAES E DITONGOS

1.— O *o* e *a* atonos em syllabas iniciaes soffrem quasi sempre abrandamento: P*e*rtugal, pr*e*stituta, pr*e*cisão, k*e*stumes, st*e*rtegar, *e*mparar.

2.— Algumas vogaes abertas soam fechadas, e outras fechadas ficam surdas: *ó*lha (= ólha), f*u*mos (= fômos).

3.— O *e* inicial atono com valor de *i* soa ordinariamente *in*: *in*leição, *in*fectivo, etc.

4.— Certas consoantes alteram as vogaes vizinhas: assim as nasaes mudam o *e* mudo e o *e* fechado (*ê*) em *a*: op*a*nião, aç*a*nos, etc.; as guturaes (c, g) e tambem *l* e *r* mudam em *a* a vogal vizinha: c*a*turnos, v*a*galho, b*a*rruma, bel*fa*rinheiro, pedr*a*gulho, emp*a*rador, m*a*rmurar, s*a*rrão (por surrão = saco de pelles), M*a*quelina, lib*a*rdade.

5.— Ás vezes tambem uma vogal é alterada por influencia da vogal da syllaba seguinte (assimilação de vogal a vogal): desbr*i*guilhado por desbr*a*guilhado (= com a braguilha desapertada); s*a*mear por semear. Quanto á palavra n*a*voeiro, talvez o *a* se possa explicar por influencia das muitas palavras que começam por *nab* ou *nav*: *nabo, navio, navegante.*

6.— Ditongação de vogal: ch*ou*va (= chôva, de chover), *sai*rro. Em *ai*dro e p*au*lito os ditongos são etymologicos.

7.— Troca de ditongos; dizem: fr*ai*ta por fr*au*ta, *oi*tro por outro.

8.— Reducção de ditongos e contracções de vogaes: ent*u*rido, g*é*stas, s*ó*lheiro, *O*phemia, k*a*lidade, k*a*nto, k*a*tro, ó (= ao: vou *ó* campo), par*á* e pr*á* (para a), pr*ó* (para o), com*á* (como a), *cá* (que a, ou, do que a), *cás* (que as, ou, do que as).

CONSOANTES

9.— O *b* intervalla-se nalgumas palavras: cam*b*ara, cam*b*arista, com*b*oro; noutras está em vez de *m*: *b*elanciga.

10.— O *c* inicial ás vezes abranda em *g*: *g*acho, *g*ajata, *g*anapé.

11.— O *l* muda ás vezes para *r*: f*r*aita por *fl*auta.

12.— O *m* muda em *n* na palavra cadi*n*o.

13.— *N*. O artigo ou pronome *o, a, os, as,* é sempre precedido de *n* quando a syllaba antecedente termina em nasal, o que

se explica por uma assimilação progressiva, isto é, o *n* final da palavra anterior fez mudar o *lo, la, los, las* (formas archaicas do artigo ou pronome) em *no, na, nos, nas:* já vem *na* luz, aqui tem *na* minha mão. não *na* tinha, acharam-*na*, quem *no* disse, quem *no* viu, bem *na* vi, não *no* trazia.

Algumas vezes o som da nasal como que se desdobra da syllaba onde está para as anteriores ou posteriores: peli*n*grino, fa*n*jão, pe*n*tem, desa*n*vergonhado (se é que esta palavra, em logar de a suppôr uma modificação de *desavergonhado,* não fica melhor explicada por *des* + *envergonhado),* enfa*n*tais (enfeitaes).

14.—O *r* ora troca com o *l* para evitar a repetição: pe*l*ingrino, reto*l*icas, pi*l*ulas; ora se desloca ou muda de logar: t*r*ocer, esc*r*avar, t*r*iato, G*r*abiel; ora cae: estellinha, Fedrico, sákestia.

15.—O *s* final seguido de *l* na syllaba immediata desapparece na pronuncia: o sol e mai'la lua, não punhae'la mão; mai'logo, mai'longe (rigorosamente o que se deu foi uma assimilação regressiva seguida da absorpção de uma letra para abreviar a pronuncia: mai*l* longe, e depois, mai' longe).

16.—O *s*, bem como o *c*, seguido de *e* ou *i,* tem ás vezes um som palatal muito pronunciado, como o de *ch,* que pudemos representar por *x*: di*x*e, *x*uva, *x*amar.

17.—Antes das palataes *ch, j, x,* intervalla-se ordinariamente um *i* na pronuncia: mo*i*cho, amo*i*jo, ro*i*xo, co*i*xo.

18.—O *z* medial soa muitas vezes *j*: vi*j*itar, cur*j*idoso.

19.—Ha varias desinencias alteradas na pronuncia popular por modo igual ao que se dá numa grande parte do país: assim:
avel > able: agradable.
ivel > ible: terrible.
ico, ica > igo, iga: étigo, grammatiga.
ario = airo: rosairo, necessairo.

20.—As desinencias *-ono, -ona, -onho, -onha,* tem aberta a vogal da penultima syllaba: Penedóno, Antónho, demónho.

21.—Suppressão de syllabas atonas: bac'ro, desencal'crado, escor'pichar, d'reito, Man'el, sôr, vossoria, Zé.

22.— É muito vulgar a adjuncção de um *a* no principio das palavras (*a* prosthetico): *a*cincho, *a*cochichar, *a*covilhar, *a*cypreste, *a*lembrar, *a*metade, *a*lagosta, *a*rrecender, *a*rreparar, *arru*mendar, *a*nogueirar, *a*topar, *a*voar, *a*zagal, *a*zangar, *a*rreceber, *a*ssuceder.

23.— O caso contrario, ou a perda do *a* inicial, é raro: moaa, moreira, regalar (em «regalar os olhos»), Delaide.

24.— Para evitar o hiato intervalam um *i* ou *u*, e, ás vezes, a consoante *-g-*: ja*u* áchei (= já a achei), chegou á *u*ora (= chegou á hora), fatiga (= fatia), belanciga (= belancia).

II. — MORPHOLOGIA

1.— Os nomes em *-ão* fazem de ordinario o plural em *-ões:* capitões, tabeliões (mas dizem maçães).

2.— Empregam os seguintes pluraes: filhoses, peis, reises e reiles (de real).

3.— Empregam a fórma feminina *allamôa* em vez de *allemã.*

4.— A palavra *fim* é do genero feminino em: a fim do mundo; e a palavra *ametade* é do genero masculino: o teu ametade.

5.— Alguns substantivos adoptam uma terminação differente para se aproximarem dos typos mais usuaes: *tomata* (f.), *resgato, disfarço.* A firma *Amarantes* talvez se possa explicar pela analogia com os nomes em *-es: Fernandes, Mendes* (cfr. *Leites, Mathildes,* que são vulgares no Minho e noutros pontos). Ha outros substantivos estranhos pela sua novidade: *minador* = mineiro; *porcajeiro* = porqueiro ou homem que cuida dos porcos; *zomba* = zombaria; *cantada* = canto ou cantoria; *melurias* = pessoa vagarosa e que fala baixo; *melenas* = pessoa que tem cabello comprido; *mungas* = pessoa de poucas falas; *pelem* = rapaz doente.

6.— Alguns substantivos que tem fechada a vogal penultima do singular fazem o mesmo no plural: *ôvo, ôvos; fôrno, fôrnos; canhôto, canhôtos; barrôco, barrôcos; côrpo, côrpos,* O mesmo se dá tambem com alguns adjectivos: *tôrto, tôrtos.*

7.—*Má* (forma fem. de mau) é uniforme, isto é, emprega-se tanto com substantivos masc. como com fem.: má bicho e má bicha, má home, má mulher, má lobo e má loba. Em próclise.

8.—Pelas palavras *burreco* e *casparra* (cfr. VOCABULARIO) se vê que o suffixo *-éco* é simplesmente deminutivo e o suffixo *-arra* é aumentativo.

9.—Nos pronomes temos a notar *le* = lhe e *elle* empregado com verbos impessoaes, ex.: *esta noite choveu elle* (cfr. *Quadra* 478).

Se tambem se emprega ás vezes com verbos onde não era de esperar; ex.: a ninguem *se* lhe acontece | a mandar podendo ir (cfr. *Quadra* 479).

10. *Verbos:*

a) A 2.ª pes. do sing. do preterito é em *-stes* em vez de *-ste*: causa*stes*, corre*stes*, fo*stes*, leva*stes*, mama*stes* (vid. *Quadras*, passim); e a 2.ª pes. do pl. é em *-steis*: almoça*steis*, come*steis*, canta*steis*.

b) No verbo *ser* empregam-se as formas:

samos = sômos
sendes e sondes = sois.
fumos = fômos.

c) No verbo *haver:*

hamos = havemos
hendes = haveis
handem = hão.

d) Os verbos em *-iar*, como *alumiar*, *copiar*, *variar*, etc., dithongam em *ei* este *i*, quando tonico: alum*ei*o, -as, -a, -am; cop*ei*o, -as, etc.

e) No verbo *fazer* dizem: fazerei, fazeria, em vez de farei, faria.

f) *Trazer* faz, ao lado de trazei, tambem: trazerei e tra*gu*erei.

g) Dizem: protegir = proteger.

h) Dizem: *astrever* em vez de *atrever*, conservando sempre o mesmo thema em todas as pessoas, modos e tempos.

i) *Chover* faz:

chouveu = choveu.
chouva = chôva.

j) *Querer* faz:

quejais = queiraes.

k) *Sacudir* faz:

sacudo =
sacudes = sacodes
sacude = sacode
sacudem = sacodem

l) *Mentir*:

mintes = mentes.

m) *Fugir*:

fuge = foge.

n) *Ouvir* faz:

oivistes = ouvistes.
oivisto = ouvido.

o) O verbo *pôr* faz:

ponga, as, a = ponha, as, a
poesse, es, e = puzesse, es, a.

11.—*Particulas*:

De sem = sem. Ex.: amei-te *de sem* vontade; punhal *de sem* bainha.

De sorte = raramente.

Despois = depois.

Hi = ahi.

Num = não.

Neja = não.
Inda = ainda.
Assi = assim.
Donde = onde.
Comamim e comomim = como a mim.
Mas que e aindas que = ainda que.
Ala! ala! (interj.) = vamos! vamos!

É notavel tambem o emprego do prefixo intensivo *re-* na composição de muitas palavras, facto que se observa já na linguagem popular de Gil Vicente: ***milhenta*** e ***remilhenta, doidinha*** e ***redoidinha, fresquidão*** e ***refresquidão.***

Quanto ás palavras ***sarangonha*** = cegonha, ***varangada*** = varada ou paulada, ás quaes podemos ajuntar ***morangar*** = morar ou demorar muito (ouvida noutros pontos do país), parece haver nellas um suffixo depreciativo ***-anga,*** pelo menos para as duas ultimas; e assim, teremos: vara, var***anga***, varangada; mora, mor***anga,*** morangar.

III. — SYNTAXE

1. *Que* redundante ou pleonastico:

Falsos testemunhos lhe erguia,
Que ella ***que*** andava de amores.

(*Rom.* II).

Não digo que ella ***que*** é minha.

(*Rom.* VI).

Dizem que o cantar ***que*** tira.

(*Quad.* 382).

2. *Que* por *em que:*

Nada tenho no meu peito
Que tu não tenhas quinhão.

(*Quad.* 266).

3. *Merece* ***convidado*** = merece ser convidado.

Esta phrase, que até agora se reputava portuguesa de lei por ser usada pelos nossos melhores classicos, ficamos sabendo d'ora em deante que o é por um titulo ainda mais augusto: a procedencia popular, donde aquelles a foram beber.

IV. VOCABULARIO

A

abalar, marchar. *Quando abalas? Pois elle já abalou?*

abanado = doente.

abanar, abalar, sacudir, agitar. *Arvore abanada.*

abetarda, certa aguia das encostas e de cuja pelle se fazem excellentes colletes.

acarradoiro, logar onde o gado passa as horas de calor, ordinariamente nas lapas. *Onde deixaste o gado acarrado?*

acarrar, guardar, fechar.

acincho, fôrma de lata onde se deita a *coalhada* para fazer os queijos.

acobilhar, cobrir, agasalhar. *Acobilha-me cá o rapaz.* Está por *acovilhar*.

acochichar, falar em segredo, baixinho.

adeito, reunião de 25 estrigas de linho. *O enreadoiro tem oito massas ou gavelas.*

adufe, uma pandeira com pelles de ovelha, que serve para acompanhar os descantes.

afaragatar, tornar os rapazes ou os animaes domesticos amigos, doceis.

afarvar-se, apanhar calor demasiado.

aforrar, arregaçar as calças, as mangas do casaco, etc.

aforritar, voar, fugir (falando da ave que se escapou das mãos). *Aforritou-me.*

afragatar, o mesmo que *afaragatar*.

afregulhado, apressado. *Quando fiz aquillo estava afregulhado.*

agachar-se, esconder-se. *Está agachado detrás dos fieitos.*

agachis, cabana de mato que os caçadores fazem para esperar as perdizes. Emprega-se simplesmente neste sentido.

agulhetas, certas hervas dos lameiros, cujas folhas são semelhantes ás dos pinheiros.

ala! (interj.), vale o mesmo que *fora*. *Ala que se faz tarde.*

alagosta, desgovernada.

alambazar, comer. *O gado alambazou o milho, o centeio,* etc.

alangar, diz-se da arvore quando está muito cheia de frutos. *Está mesmo alangadinha.*

alboroque, vinho que as partes contratantes bebem depois do negocio. O comprador é que paga o *alboroque*.

alboricoque, damascos de todas as qualidades.

alcoqrues, o fruto do alpercheiro.

alçaprema, pedra ou pedaço de madeira que se colloca debaixo de uma das extremidades da alavanca.

aldravão, mulher de maus costumes. Que mente muito.

aldravêlo, lobo.
aldravos, pontos de costura mal dados. *Sempre lhe deste aqui uns aldravos!*
alliança, anel.
alma de milho, alma-grande e **alma-negra:** apostrophes insultantes.
aloisa, borboleta.
aloisa, cabra que dá pouco leite.
alonso, homem descansado, sem pressa.
alquitarra, alambique para distillação, mas movel.
alveiro, o pão muito branco.
alvoriçado, com o cabello de pé. *Aquelle gato que alvoriçado tem o pêlo!*
amalhoar (uma terra), é collocar umas giestas no cimo de um pau, para dar a entender que está guardada.
amochar-se, zangar-se.
amoijo, ubere. *A vacca muito grande traz o amoijo!*
amojar, encher o ubere. No *Ensalmo II* parece ter o sentido de «dar, deitar».
amorfanhado, emmaranhado. *O pão esta todo amorfanhado.*
anaçar, (subst.), o acto de deitar ovos batidos em qualquer cozinhado.
anagua, saia de panno branco que as mulheres vestem por cima da camisa.
anaguel, especie de berço onde se deitam as crianças.
anogueirar, dar a côr da *nogueira,* pintar de escuro, carregar na côr.
anoque, lamaçal, das ruas ou das propriedades, com uma consistencia tal que não sustenta um animal. *Cautela que ha lá um anoque.*
apanoadado, maniaco. *Aquillo é mesmo um apancadado.*
apendado, está o pão nas searas, quando de muito grado cae um sobre o outro.
aperronhado, muito opprimido com o trabalho. *Coitadinho, anda alli aperronhado.*
apoijo, o acto de os animaes darem leite ás crias. *A porca está agora a dar o apoijo.*
aprisco, emquanto os pastores vão trabalhar algumas horas pela manhã (fazer a manhã), deixam o gado rodeado de cancellas mas num recinto differente do da noite: isso é o *aprisco.*
aranheira, teia de aranha. *Quem te metteu taes aranheiras na cabeça?*
arenga (um), homem que não trabalha, mas fala muito.
arestas, particulas que se separam do linho ou na espadella, ou na massadella ou na assedar e fiar. As arestas são boas para se deitarem na terra molhada.
argadilho, dobadoira.
arganel, arame em forma de circulo, que se espeta no focinho dos porcos para não fossarem.
aricar, metter o arado ás terras, ahi por fevereiro, para tirar as hervas ao pão.

arinoú, pyrilampo.
arnaz (ter bom), ter bom estomago. A um homem que gosta das comidas adubadas, chama-se *de bom arnaz*.
arrabeirado, pessoa ou animal que fica para trás.
arragueirar, desobstruir as regueiras para a agua correr bem.
arramar, derramar, espalhar, desfazer, desvanecer.
arrecender, cheirar mal. *O cão arrecende qu'apesta.*
arregaçada, abada, o que se leva no avental ou no regaço.
arregalar (olhos), fitar alguem com os olhos esbogalhados. *Arregalou-me os olhos.*
arreganhar, mostrar os dentes. *Não que elle arreganhou-lhe os dentes.*
arremangar, arregaçar as calças, as mangas da camisa, a saia, etc. *O rapaz, arremanga essas calças.*
arrenegar-se, zangar-se, encolerizar-se. *É muito arrenegado.*
arrestalar, echoar, estalar, soar (quando se dá uma bofetada em cheio na cara). *Deu-lhe uma, que lhe arrestalou.*
arripar, subir.
asado, cesta muito bem composta onde se presume ir um presente. *Aquillo é que alli vae um asado.*
asagre, molestia de pelle na cara das pessoas. Curam-no com polvora e vinagre. Por *usagre.*
ataganhado, afogado pela garganta. *Tinha-o ataganhado.*
atiçar, dar pancadas. *Atiça-lhe.*
atiçar, activar a combustão. *Atiça lá o lume.*
atopar, topar, encontrar.
aturada, perra, empenada, difficil de abrir (gaveta, porta).
aúgua, agua. *Então és tão bruto que andas lá pelo mundo e não sabes dizer aúgua.*
aveca, aiveca.
aviado, desembaraçado, ligeiro.
azagal, pastorinho que auxilia o pastor na guarda do gado.
azevem, uma especie de herva.

B

bacro, porco pequeno.
badalhoca, pedacito de excrementos e terra, pendentes das pernas do gado lanigero. Mulher que no inverno anda sempre com a saia molhada. *Aquillo é que está uma badalhoca.*
badameco, homem sem força moral ou physica. *É mesmo um badameco.*
badana, ovelha magra.
badil, pá de tirar brasas ou a cinza do lume. Tambem se lhe chama *ferra.*
bagulho, bago da uva.
bajoujo, ingenuo, quasi imbecil: *papa-moscas.*

balancé, dança de salas, dança do povo.

bandalho, o que gosta de falar da vida alheia.

baranhas, como teias de aranha que se apresentam deante da vista cansada. *Já vejo tudo em baranhas.*

barbeiro, medico.

bardada, propriedade que tem muitos *bardos.*

bardalheira, grande quantidade de silvas.

bardino, que não pára em casa, *valdevinos.*

bardo, reunião de silvas e espinheiros que se põem nas paredes das propriedades para as preservarem dos animaes.

barraco, porco de criação. Por *verraco* de *verris.*

barranha, alguidar menor que o barranhão.

barranhão, alguidar grande de barro ou lata, onde se faz o fumeiro.

barrocal, reunião de muitos barrocos.

barroco, bloco de granito. Nas quadras 233 e 320 parece ter o sentido de *barranco, cavidade,* como tem no Minho.

barruma, verruma, tradela.

basculho, rapaz ou homem muito gordo, que sua ao menor trabalho. Applica-se mais ás mulheres. *Que grande basculho.*

basta-que-sim, (expressão exclamativa), não continues, já chega.

batibarbo, reprimenda, *desanda* que nos deixa envergonhados.

batoque, rolha de pipa, e tambem os grandes solavancos que dão os carros; pancada em geral. *Pois se veio aos batoques pelo caminho!*

belanciga, melancia.

belantina, planta dos jardins.

beldão, o que *belda.*

beldar, falar muito e sem sentido.

belfarinheiro, o que prega os pratos e anda a vender bugigangas.

belfo, animal que não é certo dos dentes, e tambem se applica aos pratos e malgas com um bocado quebrado.

bella luz, planta parecida com o serpão.

benzilhão, homem entendido em feitiçarias.

berças, couves mal cozidas. *Isto é que está um caldo de berças!*

berrias, ovelhas. *Rapaz, vae botar as berrias fora.*

bertoldo, rapaz gordo e bruto.

bica, refeição entre almoço e jantar.

bilhestres, dinheiro, *ferro de lettra.*

biqueiro, de má bocca, enfastiado.

bisca (uma), pessoa falsa, sem honra, que attraiçoa.

biu, pregos de pau de salgueiro para pregar os cortiços, os *ógadores.*

bodalha, cabra nova e estouvada.

bodeguice, porcaria, *mexerucada.*

boicelo, falhas nas abas dos pratos e na bocca dos pucaros, etc. Esse pucaro tem um *boicelo,* ou está *esboicelado.*

bóla, pão espalmado que as mães fazem aos filhos quando cozem a fornada do pão. Por semelhança, diz-se: *o pão ficou todo numa bóla.*

bolcar, tombar, mas voltando se. *O carro lá ficou bolcado.*

bonda! (interj.), basta, não quero mais.

borneira, pedra; mó do centeio (no moinho).

borrega, bolha ou empola produzida na mão ou pés pelo attrito do cabo da enxada, etc., ou sapatos apertados.

borrego, a, carneiro ou ovelha pequenos.

botelha, abobora.

briar, vedar um vaso qualquer (por *brear,* de breu).

briol, vinho. Só empregamos em sentido ironico. *Aquillo foi o briol.*

brita óssos, ave de rapina.

bruxa, panela de barro com muitos buracos onde se queima carvão.

bùa, agua. Só empregamos para as crianças.

bucho, especie de chouriço feito de carne juntamente com ossos. Quando se come o bucho, é dia de festa na familia.

bueiro, abertura nas paredes das propriedades que dão entrada ás aguas das enxurradas.

burreco, a, deminutivo de *burro.*

burro de tirar agua, *picanço,* engenho para tirar agua dos poços. É um conjunto de alavancas que permittem tirar successivos caldeiros de agua com uma relativa facilidade.

burzig.da, especie de migas, feitas de pão com sangue. Costumam fazer estas migas pela epoca das matanças com o sangue dos porcos.

busaranho, com a cara inchada. Quando crestam as colmeias, e por acaso algumas abelhas mordem na cara e fica inchada, dizemos; *ficou mesmo um busaranho.*

C

cabanal, um coberto de telha ou palha, sem parede na frente, onde os lavradores mettem os utensilios agricolas.

cacha, pedaço, porção de qualquer coisa, mas especialmente de frutos. *Dás-me uma cacha de belanciga?*

cachapum, mergulho de cabeça.

cachirrar, bambolear nos carros, de forma que com o attrito *chiem* um pouco.

cachonda (andar), andar lasciva. Da femea do porco diz-se: *anda barronda*.
cachopo, a, rapaz, rapariga, etc.
caço, pequeno vaso de barro, onde os lavradores costumam comer o caldo.
caçoila, caçarola.
cadabulho, parte do terreno junto ás paredes onde o arado não pode chegar, e que deve ser cavada.
cadino, ladrão, mas ladrão fino.
cagarola, fraco, *fràcachichas*.
caibro, pequena trave, barrote.
calda, tareia. *Levou uma calda mestra*.
calear, caiar.
calhandra, cobra grande.
calondro, especie de abobora comprida de que se faz um doce especial.
canada, parte baixa das terras.
canecc, chapeu alto, cartola (giria).
carchanolas, batatas.
cangorça, egua velha. Diz-se das mulheres magras e idosas.
cantada, cantoria, canto.
capão, molho de vides.
caramello, gelo. *Está tudo feito em caramello*.
carapanta, mulher sem geito. *Que carapanta aquella!*
carava, companheiro, mas prejudicial. *A carava é o que faz!*
caraveiro, amigo de *caravas*. Tambem se diz dos cães amigos de acompanhar o dono. *É muito caraveiro*.
caravelho, bocado de pau que serve para segurar as portas. Especie de aldrava.
cardanho, casa pequena e ruim.
cardar, passar a lã pela carda ou pente.
carmear, esfiar a lã com os dedos para se pôr na roca.
carrapatinho (em), estar em coiro; *estar* —, estar nu.
carrapicinho, carvalho pequenino.
carrapiço, carvalho pequeno. *Moita de carrapiços*.
carrapito, homem ou rapaz que sobe muito bem ás arvores.
carrasquinha, jogo de rapazes.
caso, talvez seja malga, tigela, vaso (*vid.* II. Rom.), e portanto o mesmo que *caco*.
casparra, porcaria encascada no nariz.
casqueiro, pão dos soldados (giria).
castanhas da India, batatas.
caturnos, peugas ou meias.
celenisca, rapariga magra.
chafulgo, buraco muito fundo na terra.
chambas, homem de pernas grandes. (Não se poderá explicar por *jambe?*).
chamiceiro, homem magro.
chamiços, lenha meuda.
chapado, completo, perfeito. *É um burro chapado*.
chape, som que o perro da es-

pingarda produz batendo na espoleta.

chapear, quando a arma erra fogo, ou o fulminante não estoira.

chapinheiro, atoleiro, lameiro.

charola (ir em), ir muito acompanhado. *Lá ia em charola.*

charondear, andar a passear, a vadiar.

charotear, andar a passear.

charoto, homem que passeia muito.

chasco, ironia, irrisão, troça. *Estava-me a dizer aquillo por chasco.*

chavelha, cunha de madeira que liga o jugo, ou melhor, o tamoeiro preso ao jugo, com a cabeçalha do carro.

chicha, nome que as crianças dão á carne.

chicharrões, torresmos e tambem as escorias que ficam do carvão das fraguas.

chicherisbeu, criança, mas um pouco enfezada.

chincha-la-raiz, nome de um passarinho, tirado do som que produz quando canta.

chincheiro, idem, mas o som é pouco mais ou menos *chim, chim, chim.*

chino, negro. *Que chino aquelle!*

chiota, barulho, ruido. *Que chiota aquella!*

chischis. Vid. *Cibinho.*

chismes, percevejos. *Tantos chismes!*

chite! interjeição que significa quieto, não toque nisso.

chó! chó'qui! interjeição para enxotar as gallinhas.

chocalheiro, que gosta de dar á lingua, de transmittir as novas.

chócho, a, sem grão (fallando das espigas); (fig.) sem ideias, sem iniciativa.

chofrado, ficar perplexo, sem se mexer.

chupão, chaminé das cozinhas.

cibinho, bocadinho; chis, chis. Só quero um *cibinho.*

cibo, um bocadinho de qualquer coisa.

ciscar-se, apartar-se, desviar-se, sair, fugir. *Cisca-te* = foge d'aqui, sae d'aqui.

cobrões, erupção cutanea produzida, diz-se, pelo veneno de animaes que passaram sobre a roupa branca no estendedoiro. Curam-se, untando-a com o oleo que deita o trigo em grão, logo que se colloque em cima uma lamina de ferro ao rubro.

cóca, feiticeira.

cocão, pôça onde a perdiz faz o ninho.

cocharra, nome por que são conhecidas as colheres (sem duvida por influencia espanhola).

coche! cochí quí! interjeição para enxotar os porcos.

cochina, porca, suja.

cochinada, porcaria.

codão, geada que cobre os campos nas manhãs frias de inverno.

colandrina, mulher amiga de dizer ditos.

commúa, latrina, necessaria.

concho (ou ficar), estar ou ficar ufano, inchado.

concho! interjeição equivalente a *conho!* que é obscena.

córcho, pedaço de cortiça enrolada em cilindro e que serve de colmeia.

cordovil, especie de azeitona.

corna, copo de chifre de boi.

cornichos, os dois bicos no fundo dos sacos e aos lados — os cantos.

cornozoilo, cravagem do centeio.

correol, planta.

cosquinhas, cócegas.

costellas, armadilhas de madeira e rede para apanhar os passaros.

costilhos, as armadilhas de arame.

covilhete, malga pequena vidrada.

coxia (correr a), andar á tuna.

crocha, com poupa na cabeça. *Pita crocha*.

crostos, o primeiro leite que as femeas dão em seguida ao parto.

D

decrúa, a primeira mão de enxada ou a primeira lavra.

decruar, fazer a decrúa.

demolhar, deitar de molho em agua. *O bacalhau já está demolhado?*

déo em déo (andar de), andar de porta em porta, á procura de qualquer coisa.

derriço, namoro.

desaforido, desenfreado, pouco soffredor.

desanvergonhado, desavergonhado.

desbataleigado, o que traz a camisa ou as calças desapertadas.

desbriguilhado, a braguilha aberta.

desencabrestada, rapariga doida.

desencalorado, o que se desenganou: o que achou o erro em que andava.

desenguiçar (o cabello), desemmaranhá-lo com o pente de desenriçar.

desfarço, disfarce.

desgalhar, o mesmo que espalhar. Tambem se emprega quando cae muito chuva: *desgalhava agua com força*.

desmaselado (ser), descuidado, que não se importa com as suas propriedades.

desmudar, demudar.

desógar, convidar as bestas (=dar-lhes qualquer coisa de comer) para não tomarem algum *sentido*.

de sorte, expressão de duvida. Não creio, não me metterei nisso.

despear-se, desferrar-se as bestas.

destampatoria, uma soltura de sangue.

dialho, diabo. *Dialhos te levem*.

dobadoira-sem-pés, pessoa muito trabalhadora.

dondo, macio, nedio, molle.

droga, tecido de lã para vestidos das mulheres.

E

eito, corte da segada. Segar ao *eito* e segar ao rego.

Não me mandem á segada
Qu'eu não sei correr o *eito*:
Mandae-me fallar d'amores
Que p'ra isso tenho geito.

eivas (dar-lhe nas), tocar-lhe na matadura; descobrir-lhe os planos.

embarrar (alguma coisa), *topar* com qualquer coisa, ir de encontro a um objecto.

embelga, faixa estreita e comprida de terreno.

embelgar, dividir o terreno de sementeira por meio de marcas em embelgas, para regulamento do semeador.

embuchado, cheio, farto.

empalamado, o individuo doente que não está de cama, mas tem má côr. (De *pelem*).

empeçar, começar. (Este termo é mais proprio das povoações a éste da nossa, mas tem todas as tendencias para se localizar).

empeirar (uma teia), metter a teia nos liços e no pente.

empeirilho, uma forma de empeirar.

empernicar (a caça), prender a caça ao cinto.

empesgar, apertar. *Empesguei-o contra a parede que o ia rachando.*

empontar, despedir de casa. *Appareceu-me aquelle massador, mas depressa o empontei.*

encalacrado, enganado. *Anda mesmo encalacrado!*

encarrar, (o carro), segurar a carga com as cordas *carreiras*.

encarrapitar-se, subir por uma arvore acima. *Encarrapitou-se por ella acima que parecia um gato.*

encatramonar-se, *amocharse*, pôr-se de maus *himores*, pôr-se de maus modos.

encravelhar alguem, armar-lhe ciladas, ratoeira. *Deixa-o, que ficou bem encravelhado.*

encrideira, cordas grossas para segurar os saccos nas bestas.

encrir a carga, segurá-la. Está em vez de *inquerir*, assim como o antecedente em vez de *inquirideira*.

encristar-se, não receber as ordens com humildade, sair fora de certos limites.

endez, ovo que se deixa no ninho para as gallinhas não fugirem para outro.

enfrascado, enfadado, aborrecido. *Já estava enfrascado.* Tambem se diz do homem que está *enfastiado* de qualquer comida.

engravitado, hirto com frio. *Tenho as mãos engravitadas.*

enguiçado, emmaranhado, descomposto.
enguiço, pequeno, reles.
enrascar (alguem), mettê-lo em em tal *ratoeira* que saia difficilmente.
enredo, serviço pequeno, mas que tira muito tempo a outros trabalhos urgentes.
enrelhar (os bois), ferir os bois com a relha: é sinal de ser mau lavrador.
enriçado, estar emmaranhado.
enrocar, o mesmo.
enrodrigar (as vinhas), pôr-lhe estacas para amparo.
entartalhar, coagular. *O leite entartalhou-se.*
entolhido, o que mostra sinaes de ter um qualquer desejo. *Estava mesmo entolhido.*
entolho, desejo qualquer.
enturida, impedida de fazer as suas necessidades.
enzarel ou **enzarol** (um), pessoa amarella e fraca. Usamos para o masculino e feminino.
enzoneira, a que mente, a que não trabalha nada e conversa muito. *Que enzoneira aquella!*
esbambar (o panno), puxá-lo, fazê-lo dar.
esbandalhar, fazer em bocados. *O lobo esbandalhou o carneiro.*
esbarrar, cair quando vae a correr. *Esbarrou-se que foi um gosto!*
esboicellado, que tem *boicellos. O pucaro está cheio de boicellos.*
esboicellar, fazer *boicellos.*
escangalhar, estrampalhar, desconjuntar, descompor.
eschixarrado, mirrado com o calor. *Hoje ficou tudo eschixarrado.*
escogitar, espreitar. *Tanto escogitou que deu com isto.*
escorrichar, beber as ultimas pinguinhas da vasilha. Dizemos: *escorrichar as galhetas.*
escrafunchar, espicaçar e tambem palitar os dentes. *Passa o tempo a escrafunchar os dentes.*
escramear, cramear.
esgalhar, cortar as *galhas* das arvores. *Tu, vaes esgalhar os freixos.*
esgodar, lavar muito bem. Diz-se das cozinheiras: *aquillo é que tinha tudo esgodado.*
esgravanada, chuva forte mas rapida. *Isto são esgravanadas de maio.*
esgravatar, rascar na terra. *Pois elle só deixou a terra esgravatada!*
esgueirar-se, fugir. *Esgueira-te d'ahi; o gado ia esgueirado.*
esmarrotar, partir alguns bocados ás pedras com a marreta.
esperdigotar, fugir. *Dei-lhe alli tres berros que cada um esperdigotou para seu lado.*
espiar-se, acabar.
espolinhadoiro, logar em que se *espolinham.*
espolinhar-se (as aves, etc.), roçar-se na terra. *As perdi-*

zes é que hoje se espolinharam nos chicharos!

estar entre as duas e as tres, sem saber para onde se virar.

estartalado (ficar), ficar estirado no chão depois de uma queda.

estrampalhar, espalhar, atirar com os objectos cada um para seu lado.

estrampalho, reunião de farrapos que se collocam num pau no meio das sementeiras para as aves terem medo. Tambem dizemos das mulheres altas e que andam mal compostas.

estranfonear, dar cabo de qualquer cousa. Ha esta frase pittoresca para exprimirmos o sentido de qualquer homem ser muito pandego. *Tem estranfoneado a cachorra.*

estrefegar, acto de comer com muito appetite.

estropeliado, ou, estropeado, cansado e com os pés magoados.

estuche, pau aguçado com que se tapa a torneira dos toneis. (No Minho dizem *estiça*).

F

fagotes (ir-lhe aos), dar-lhe uma tareia, arrumar-lhe nos costados.

faramalha, impostura. *Disse-lhe aquillo, mas foi faramalha.*

farameiro, fel das ovelhas.

farçolices, gabos que não pode realizar.

fardel, enxoval das crianças de peito.

farfantona, rapariga casadoira, desempenada e bem falante.

farrapeiro, homem que anda pelas povoações comprando farrapos e dando em troca agulhas, dedaes, etc.

farripinho, cacho mal desapendoado.

fatiga, usamos por «fatia».

faviona, mulher com os dentes grandes e saidos. *Quem gosta de tal faviona!*

feiula, caspa da cabeça.

felustria, pimponices, *gabaçolas. Anda lá com felustrias, mas sempre me leva uns tabefes.*

fero, ferinho, crescido, robusto. *O menino está fèrinho.*

ferra, pá da braseira, *badil.*

ferrada, vaso de lata em que se leva a comida para os cães de gado.

ferro de letra, dinheiro. *Tudo isto, olha, é questão de ferro de letra.*

ferruncho, ferro aguçado, mas ordinario.

festa das flores, nome por que tambem se designa a paschoa.

fleitos, fetos.

filetes, fosquinhas, festas, mas com fins certos. Costumamos dizer das festas que os rapazes fazem ás *meninas* do seu agrado.

finasco, pão delgado, malcriado.
forfalhas, aquelles pedacitos do leite coagulado.
fraita, por flauta.
franças, romaria das arvores.
franguinho de vintem, rapaz com pretensões de homem.
franzelinho, usamos em vez de franzino.
fresquidão, grande frescura.
fulecha, passarinho pequeno e cujo canto é muito agradavel.
fundeiro, fundo. *Poço fundeiro.*
furda, fenda profunda aberta no terreno pela erosão das aguas.
futriqueiro, vendedor ambulante de pequenos objectos.

G

gacho, cacho de uvas.
gadanha, concha de tirar sopa, e tambem a foice de cortar o feno.
gadanheiro, o que trabalha com a gadanha.
gadunhas, homem magro mas muito trabalhador e activo.
gajata, pequeno cajado.
gajo, atrevido.
galaripo, gaita feita pelos rapazes com um bocado de vide rachada ao meio que tornam a unir intermeando-lhe uma lingueta feita de casca da mesma vide. Tambem usamos para designar os rapazes que já querem ter força.
galdrapa, rendas mal feitas.
galga, mentira, *isso é que corre por ahi uma galga.* Tambem usamos por «fome».
galgueira, pedra dos moinhos ou a mó quando está alta, e faz pouco attrito.
galhada, ramos, varas, galhos.
galhete, pescoço. *Dou-te uma por esse galhete.*
gallo, gomo de laranja.
galrichar, tagarelar das crianças.

> De vinte mortes que fiz
> Só d'uma tenho pesar:
> De matar uma criança
> No berço a galrichar.

galrito, rede em forma alongada.
gambeta, com as pernas tortas. *Olha que gambeta aquelle!*
gambusinos (ir aos), ir á caça de noite. Diz-se aos *parvos* que a certas horas da noite e em determinados logares deve passar certa caça imaginaria. E alli põem os pobres homens com uma rede, para esperarem até vir a caça. Assim passam a noite ao relento.
gandear, andar de casa em casa.
gandeona, a que gosta de *gandear*.
ganhão, o que trabalha com uma junta de bois.
gargalicho, pequena nascente de agua e muito limpa. *Olha que lindo gargalicho.*
garnacho, casacão que fica curto; *policia.*
garruço, carapuço.

gatimanhos, fosquinhas, trejeitos, momices.

gomo, cada uma das divisões interiores da laranja.

gógo, certa doença das gallinhas; pedra redonda e roliça.

gravatos, *graviços*, mas grossos.

graviços, lenha meuda.

guapo, formoso, galante.

guia, cume, o cocoruto, os ramos mais altos das arvores.

I

impar, gemer.

ingaço, parte do cacho onde estão presos os bagos.

intéque, até que.

iscadea, pico de madeira, palha, etc., que se introduz na carne.

iscarramanado, que tem as orelhas muito tombadas.

ispinhar-se, zangar-se, ficar sentido (está por «espinhar-se») e semelhantemente para as cinco palavras seguintes.

istafete, o homem incumbido de recados, correspondencia, etc. *Já veio o istafete.*

istortegar, torcer, deslocar. *Estortegar um pé.*

istranfonear, gastar tudo quanto se tem. *Istranfoneou todos os bemsinhos que lhe deixaram.*

J

joga, pedra redonda e lisa.

jogla, o mesmo.

L

labaça, uma herva dos lameiros.

ladino, fino, mas patife.

lambefe, bofetada, mas com desprezo.

lambio, coisa boa. *Só gosta de lambio.*

lambisgoia, mulher alta e magra; *focinho aguçado.*

lambitão, lambitona, bruto, estupido, pouco trabalhador. Tambem usamos para classificar os rapazes novos muito crescidos.

lancha, lasca, pedra larga e de pouca espessura.

landonas, fallas com maus intuitos, com o fim de enganar.

langanhoso, gelatinoso.

lapada, pedrada.

laraitas, formigas que mordem muito.

lareo (trazer ao), ao sol, a ver-se.

lares, as cadeias de ferro que seguram as caldeiras nas cozinhas quando estão ao fogo.

larica, fome. *Já tinha uma larica!*

lascarinho, feio. *Estás um lascarinho!*

lavadentes (um), raspansa, *recado.*

lenço de fivelas, nome que se dá aos cabrestos, mas só por graça.

lilaia (ter), ter energia, ser fino para a vida, mas intrujando.

loira, covil onde os coelhos teem os filhos.

lores, as correias que seguram os estribos; orgãos genitaes dos gallos.

M

magarça, uma herva.

malato, carneiro de meia idade, de dois annos.

malhão, porção de giestas espetadas num pau, e este nas propriedades, para indicar que o terreno está vedado.

manhuço, *mancheia,* a quantidade de palha que se pode agarrar numa mão. O mesmo chamamos a uma mulher muito gorda.

marrada (na terra), pedaço de terra que por descuido do lavrador ficou por lavrar.

marrafinha, penteado alto (vid. *Quadras,* n.º 36 e 276).

marrancho, o homem torto das costas.

melenas, individuo que tem o cabello muito crescido e mal tratado.

melurias, vagaroso; o que falla baixo.

merufo, cabello de rapazes e bem tratado.

meruges, hervas dos regatos e de que se faz salada.

mexilho, cavilha de ferro que serve para segurar as aivecas.

mexemigas, troca-tintas, sem caracter.

migalha, *tó-tó,* o membro genital das crianças.

mijacão, nascida, furunculo.

milhenta, numero indefinido de coisas. *Eu tenho mil; e eu milhenta e remilhenta.*

minador, mineiro.

miscaro, certa qualidade de tortulhos que nascem junto dos pés dos pinheiros e de que se faz guisado saboroso.

mocho, sem chifres.

mofar, zombar, mas com desdem e ironia.

moirão, pedra alongada, tendo ao meio um corte em semicirculo, que se usa nas cozinhas para encostar a lenha das fogueiras.

morangar, trabalhar pouco e mal. Tambem empregamos para designar o acto das crianças estarem a brincar umas com as outras.

mosca-morta, o *lambeirão,* que não faz, nem sabe fazer nada: só dormir.

mossa, falha no gume dos instrumentos cortantes.

mugir, mungir, ordenhar.

mungas, o que falla pouco e tem maus instinctos. Corresponde ao ditado de que, os que não ladram, mordem.

murquir, comer sem abrir a bocca.

N

nagalho, gravata.

O

oliva, azeitona (vid. *Quadra* 278).

olheiro, terreno pantanoso no meio de terras sêcas. *Leva os bois para o olheiro de tal.*
osga, raiva, odio. *Tenho-lhe uma osga que o não posso ver.*

P

pagadilhos, pequenas dividas.
palitos, fosforos.
pancão, casmurro, telhudo.
pantanas (tudo em), em estilhaços, dar cabo de tudo.
panzeiro, o que come muito pão.
paparota, comida basta.
paqueta, rapariguita de recados, mas muito diligente.
paquete, rapazito de recados.
parrado, de orelhas tombadas. Usamos principalmente para os carneiros.
patacoada, asneira, disparate. *Só sabe dizer patacoadas.*
patrão, tratamento a qualquer desconhecido. *Ó patrão, olhe cá.*
pécora, rapariga muito emproada, senhora do seu nariz.
pedragulho, montão de pedras pequenas.
pedrão, talvez por *padrão* (vid. *Quadra* 121).
pelão (um), rapaz com um mau aspecto physico.
pelingrino, mendigo, mas muito roto e desgraçado. (Por *peregrino*).
pelonia, ovelha velha.
pendão, bandeira, parte mais alta do milho e de outras plantas; na *Quadra* 363 parece significar «ramaria pendente».
peneira, *larica*, fome.
peneireiro, ave de rapina.
peralta, janota.
pernada, galha, frança.
pernadeira, corda ou correia com que prendem as pernas dos carneiros para se tosquiarem.
pichel, vaso de estanho para vinho.
pichorro, vaso para vinho.
pifaro, flauta pastoril.
pinchar, dar saltos.
pinchinho, salto.

> Pinchinho... pinchinho...
> Se quebrar uma perna,
> Irei p'r'ós anjinhos.

pinóco, parte mais alta da serra, cume.
pireza (pôr-se na), pôr-se na alheta, safar-se, *pisgar-se*.
pirtigo, a parte do carro a que vão presos os bois, a cabeçalha.
pita, **pito** e **pitinhos**, gallinha, gallo e pintainhos.
piteiro, homem que se mette nas attribuições das mulheres.
pisgar-se, fugir, sem dar cavaco.
pivete, criança esperta, que sae com sentenças de gente já forte.
poia, pão que se dá á forneira como paga da cozedura; vinho ou aguardente que se dá ao dono do lagar ou alambi-

que pelo uso que se fez d'elles.

pojos ou **poejos**, herva dos regatos e lameiros e com um fino aroma.

poisa, cada cinco molhos de pão e de que se espera meio alqueire. *Colhi tantas poisas. A como fundiu a poisa?*

porcageira, guardadora de porcos.

porpianho, parede muito estreita, sem ter cantaria, só de *pedragulho*.

poupa, penteado alto (vid. *Quadra* 344).

prantar-se a, pôr-se, collocar-se. *Prantou-se a bailar.*

p'ra riba, para cima.

priar-se, enraivecer-se. *Cão priado.*

procurar, perguntar.

prosmas, conversa aborrecida das mulheres.

prosmeira, que só tem *prosmas*.

pua, pé de malva, de craveiro, etc., proprio para trasplantar. *Ó Maria, dás-me uma pua do craveiro?*

puidoiro, farrapinho com que se vae limpando o fio da meada ao dobar.

Q

queima, curvas na extremidade da linha da *raiola* (jogo de rapazes).

queira, matilha.

quiscuvilheira (em vez de cuscovilheira), mulher sem palavra, que não guarda segredo.

quiá! quiá! interjeições para chamar os porcos.

R

rabaceiro, que gosta muito de fruta, de salada, etc.

rabaça, certa herva propria para salada.

rabeira, limpadura dos cereaes.

rabeiro, redea das bestas.

rabos. Vid. *rabeira*.

raióla, jogo em que se atira com moedas. Vid. *queima*.

rangamalho (ir de), ir atrás com muita preguiça ou ir de má vontade.

ratar, roer (falando de ratos).

reberta, descarada, muito falladora.

reboleiro, carvalho pequeno.

refresquidão, grande frescura.

regalar os olhos, arregalar.

reivó, certos cogumelos. São comestiveis, mas alguns.

relumbrar, reluzir.

remilhenta, muito numerosa, muito grande.

remisga, rapariga magra, e tambem um jogo de rapazes.

resgalgar, rosalgar, veneno.

resquiado, que não sobra, conta certa.

retrama, mato meudo.

rezental, cordeiro novo.

roçadoira, instrumento cortante, em forma de semi-circulo, que os lavradores collocam no cimo de um pau e

que serve para cortar as silvas.

roçar as casas, esfregá-las, lavá-las.

rodeira, vestigios das rodas dos carros nos caminhos.

rodriga, estacas para as vinhas. Usado noutras partes.

rolar, cantarolar para adormecer as crianças.

rolheiro, meda, reunião de *poisas*.

compão, entrar com apparencias de não ser vencido em nada.

ronchas, empolas produzidas por mordedura de percevejo, aranha, etc.

roquete, penteado alto; talvez topete (vid. *Quadra* 493).

rotinho, vôos das avesinhas.

roupinhas, corpete que usavam as mulheres (desusado).

S

sacatrocho e **sacatrochana**, de sem geito, de pouca habilidade.

saforino, porco reles.

sagucho, pau aguçado.

salamurdo, que falla pouco, que a prega pela calada.

samarra, pelle de qualquer animal.

santóro, brinde ou convite que os padrinhos dão aos afilhados em dia de *todos os santos*.

sapa, que anda pouco. *Anda d'ahi, estás uma sapa!*

sapeira, doença aturada. *Está com tal sapeira, que não se acha bom.*

sarangonha, cegonha.

saróto, com o rabo cortado.

sarrão, saco de pelle.

secia, mulher garrida.

seifões, tiras de pelle com que se resguardam os joelhos por causa do mato.

sigorelha, planta dos jardins; (fig.) rapariga velhaca e intromettida.

sincello, gelo.

siria, pessoa convalescente que ainda não tem forças para sair de casa.

sisco, lixo. (Deve ser *cisco* de ciniscul u-(m).

soventre, tira de toucinho comprehendida entre as mamas dos porcos.

sovina, usuraria.

subideira, ave trepadora.

surdir, que trabalha muito.

surro, porcaria, sugidade.

T

taco, pequena refeição de pão e azeitonas.

talóca, buraco nas arvores; e tambem usamos para designar um homem abrutado. (*Que talóca aquelle*).

taralhão, ave das *costellas*.

taralhão (metter-se a), metter-se no que não pode fazer, que vae alem das suas forças.

tasgar, comer. *Tasguei uma fatiga de pão e bebi um copo de vinho.*

téro-léro, tagarella, que só tem palavras.

tomba-lombos, abrutado, *talóca*.

tossa, pedra rectangular opposta á soleira. Nas casas antigas a tossa tem a forma de um semi-circulo, mas hoje são pouco usadas.

tó-tó. Vid. *migalha*.

touril, logar onde os coelhos excavam e deixam os excrementos.

tradela, verruma.

tradelinha, pequena verruma.

tranqueiros, as ombreiras das portas ou janelas.

travinca, argola de pau que serve para segurar as cilhas.

trongas, só usamos no sentido de meretriz.

trepicão, tropeção das bestas.

trogalho, pessoa sem brio.

trote (qualquer coisa a), usá-la todos os dias.

troia, cabeça. *Levou uma arrochada pela troia.*

U

upa! interjeição que significa «para cima». *Custou mil réis? Upa, upa!*

urca, mulher gorda, de grandes ancas, ou egua de marca grande.

usmar, não comerem os animaes. *Lá estão os bois a usmar.*

V

varangada, paulada, pancada.

vazio, parte do corpo acima dos iliacos.

vedoria = repartição ou casa do vèdor; talvez palacio ou casa grande (vide *Quadras* 200, 426, 444).

verdasca, pauzinho flexivel, chibata. *O que elle precisa é uma verdasca pelas orelhas.*

vergueiro, usamos no sentido de uma pessoa ser flexivel mas não facil de vencer.

vérguio, que verga, flexivel.

viante, viandante.

vidica, parece diminutivo de vida (vid. *Quadra* 496).

X

xaimel, aquellas primeiras tábuas dos pinhos e que são aproveitadas para a ripa.

xó! xó-qui! interjeição para enxotar as gallinhas.

Z

zamborrada (de agua), bátega ligeira mas forte.

zarcão, que não trabalha e só gosta de comer. *Isso não dá para a despesa, é um zarcão?*

zomba, zombaria, escarneo.

zôpeira, mulher amiga de intrigar.

zovineira, mulher de trazer e levar novas.

zupar, bater em alguem.

Atalaia, 1907.

CARLOS A. MONTEIRO DO AMARAL.

FOLK-LORE CEILONENSE

(Cfr. *Rev. Lusitana*, x, 311)

TERCEIRA SERIE

I

CANTIGAS DE DEZ MANDEMENTO [1]

1. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Huma**
Huma nossa Creador.
Si varan saran meu Senhor.

2. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Dois**
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Si varan saran meu Senhor.

3. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Tres**
Tres padres de nosse Senhor
Abraham Isak e Jacob.
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Si varan saran meu Senhor.

4. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Quatro**
Quatro madre de Isarael
Sarah Rabecca *Erail* [2]
Tres padres de nossa Senhor
Abraham, Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Si varan saran meu Senhor.

5. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Sinco**
Sinco livro de Lileilo
Quatro madre de Isarael
Sarah Rebeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham, Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Varan saran meu Senhor.

---

[1] Variante da lição publicada na *Rev. Lusitana*, x, 107.
[2] [? e Racheal].

6. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Seis**
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madre de Isarael
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Varan saran meu Senhor.

7. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Sete**
Sete dias de Semana.
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madres de Isarael
Sarah Rabecca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

8. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Oito**
Oito dias lava *pars*
Sete dias de Semana
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madres de Isarael
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

9. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Novi**
Novi mez si *lia*......
Oito dias lava pars
Sete dias de Semana
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madres de Isarael
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

10. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Dez**
Dez mandemento de lei
Novi mez si lia......
Oito dias lava pars
Sete dias de Semana
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madre de Israel
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

(Estas cantigas sairam primeiro na *Estrella do Oriente*, de 14 de setembro de 1901).

II

OREÇANS DE TERÇO

Pelo sinal de Santa Cruz, livrá nós Déos, Nosse Sinhor, de nosse inemingos, em nomi de Pai, e de Filjo, e de Ispiríto Santo. Amen.

Pai Nosse qui está ne céos, santificádo seja tua nomi, venho nós a tua Reyno, seja fêto a tua vontade, assi ne terra, como ne céos; O pan nosse de cada dia nós dá ojo, e perdová nós nosse didívas, assi como nós perdovamos nosse divídóris, e nan nos dessê caí em tentaçan, mas livrá nós de mal. Amen.

Ave Maria cheya de gracia o Sinhor tem contigo bento es tu anter as mulhers, e bento tem o froite de tua venter, Jesus.

Sante Maria, mãi de Déos, rogá per nós pecadors, agora en ne hora de nosse morti. Amen.

Gloria Pai, ao Filjo, ao Ispiríto Santo.

Como era ne principio agora e sempre e cada sempre. Amen.

Misterios Allegrósos

Primeiro misterio

Annuciaçan

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei Anjo Gabriel já saudá nossa Benditto Sinhora chamando «*Cheia de Garcia*», e já declará a encarnaçan de Jesus Christo nosso Sinhor e Salvador.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Sante Maria, Rainha de as Virgens, de encarnaçan de vosse santissimo Filjo, nosse salvaçan já cumsá [1], ajudai nós de vosse rogo, qui nós podê achá lume per sabê esti grande beneficaçan [2]

[1] *Nosse salvaçan já cumsá* — principio da nossa salvação.
[2] *Beneficaçan* — beneficio.

qui o Sinhor já faze; ficande nosse irman, e vós sua Mãi, e nosse mãi tambem. Amen.

Segundo misterio

Visitaçan

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui quando a Benditto Virgem Maria já intendê de Anjo, qui Santa Elizabeth já concebê, a Sinhora já foi per olhá aquel Santa, e já pará alá tres mês.

1 Pai nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Santa Virgem, de ispantosa humildade, e grande amor, de que vos já ser levado por olhá vosse nohi [1] Santa Elizabeth, rogá, qui nosse coraçan lô ficá visitado de vosso santissimo Filho, qui nos podê lovai o Sinhor per sempre e ficá liverado de pecado. Amen.

Tersêro misterio

Nacemento de nosse Sinhor ne Bethlehem

Vamos nós considerá ne esti misterio, quando o tempo de paridura já chegá; o Benditto Virgem Maria já parí nosse Redentor, Jesus Christo, ne hum manjadura, vide que alá nuntinha hum lugare ne cases de Bethlehem.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó purissima mãi de Déos, dando nacemento per vosse Filjo, já dá par nós o Salvador de mundo, rogá par nós, qui nós podê vivê hum santa vida ne isti mundo, lovando a noite e de dia as misericordias de vosso Filjo, e sua beneficaçan pelo vosse amor. Amen.

---

[1] *Nohi* — prima.

Quarto misterio

Nosse Sinhor foi presentado ne templo

Vamos nós considerá ne isti misterio, qui a Benditto Virgem Maria ne dia de purificaçan, já presentá ne templo o nocente [1] Jesus, onde Santo Simeon já recibê ne sua mans, dando gardisementos [2] per Déos cum grande devoçan.

1 Pai Nosso. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó santa Virgem, admiravel Sinhora, e exemplo de obediencia, quem já presentá ne templo o Sinhor de templo; rogá per nós, qui nós podê com Santo Simeon e Sante Anna, lovai e glorificá o Sinhor per sempre. Amen.

Quinto misterio

O nocente Jesus foi buscado ne templo

Vamos nós considerá ne isti mysterio, quilei a Benditto Virgem Maria, sem nihum culpa de ella, ja perdê ne Jerusalem suo ameróso Filjo, e já buscá ne templo dispois de tres dias, contriando [3] cum os dôtors.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Benditto Virgem Maria, vosse allegria num podê cavá [4] fallá, quando vosso ameróso Filjo foi achado ne templo, rogá per nós qui nós podê buscá e achá vosse Filjo ne sua Santa Igreja Catholica, qui nós nandê [5] ficá separado de elle per nihum tempo. Amen.

---

[1] *O nocente Jesus* — innocente Jesus.
[2] *Gardisementos per Deos* — agradecimentos a Deus.
[3] *Contriando cum os dotors* — discutindo com os doutores.
[4] *Nun podê cavá fallá* — não póde ser sufficientemente exprimida.
[5] *Nandê* — não deve.

Misterios dolerósos

Primero misterio

Rôgo de Nosse Sinhor ne orta de Gethsémeni

Vamos nós considerá ne ésti misterio, o padicémentos qui nosse Sinhor já suffri par nós ne orta de Gethsémeni; sua corpo foi lavando cum suvour de sangue, vazando atté per chan.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó sante Virgem Maria, ajudai nós cum vosse rògo, oljando o grande padicementos de Nosse Sinhor, qui nós áde achá grande dor de coraçan per nosse pecados, e per ficá continualmente baso de vontade de Déos. Amen.

Segundo misterio

Nosse Benditto Sinhor foi soitado, marado ne pilar

Vamos nós considerá ne isti misterio, quilei nosse Sinhor já ficá soitado cruelmente, más do qui sinco mil pancadas ne casa de Pilato.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Mãi de Deos, fonte de pacéncia, rogá par nós qui nos á de recibê os favors de Déos per distruvê nosso mal disejos de pecados cum aquel ispada de dor e compaiçam qui já firi vosso coraçan oljando os padicementos de vosse ameróso Filjo. Amen.

Tersêro misterio

Nosse Benditto Senhor foi corovado cum corova de ispinhos

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui lei os judeos, os sirvidors de Satanaz, já fazê hum corova de ispinhos, e forsemente já cargá aquel ne cabeça de nosse Sinhor Jesus Christo.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Mãi de Nosse Senhor Jesus Christo, verdadêro Rey de Gloria, oljando os padicementos e enjurias qui vosse Divino Filjo ja suffré, rogá por nós, qui nós podê largá as lembranças de grandéza, e tambem ficá liverado de aquel vergonha qui nos lô sustê per suffré per nosse pecados de dia de juizo. Amen.

Quarto misterio

Jesus foi levando a Cruz

Vamos nós considerá ne esti misterio, quelei nosse Sinhor Jesus Christo ficando nimitado [1] per morti, já levá o pezado cruz sober suo ombras cum grande pacencia.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó santa Virgem, exemplo de pacencia, rogá par nós, qui oljando vosse Divino Filjo, nosse Sinhor Jesus Christo levar o pézo de nosse pecados, nós podê cum curajo marchá suo trás, levando nosse Cruz atté nosse morti. Amen.

Quinto misterio

Nosse Sinhor Jesus Christo foi crucificado

Vamos nós considerá ne esti misterio, quelei nosse Sinhor Jesus Christo já chegá o monte Calvario, os judeus cruelmente já pregá ne cruz as mans e os pês de nosse Sinhor, diante de sua moite triste Mãi.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

---

[1] *Nimitado per morti* — condemnado a morte.

ROGAMUS

Ó sante Maria, Mãi de Déus, oljando o corpo de vosse amantissimo Filjo estindido ne cruz cum grande tromentos, dessè nosso coraçans ficá firido com compaiçam per o Sinhor; e Vós ó Bendito Virgem, rogá por nós que nós áde vivê sem crucificá tórna nosse Sinhor cum nosse pecados, mas lô buscá cade hora a salvaçam de nosse almas. Amen.

Misterios gloriosos

Primero misterio

A Resurreçan de nosse Sinhor de morte

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei nosse Sinhor Jesus Christo, gloriosamente ja irguê de sua cova, ne tersêro dia dispós de su morti, e tórna nandè padicè nem murrê [1].

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó glorióso Virgem Maria quem já ficá moito allegrado oljando qui vosse Divino Filjo já irgui de morti; ajudá nòs cum vosse rôgo qui nosse coraçans nandè seguí trás de falso allegrias de esti mundo, mas cada hora lô buscá a verdêdêra allegrias de céos. Amen.

Segundo misterio

Jesus foi subido per Céos

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui quorenta dias dispós qui nosse Sinhor Jesus Christo já irgui de morti, já subi o

---

[1] *Tórna nandé padicê nem morrè* — não tornará a padecer ou morrer de novo.

céos, rodiado de anjos, diante de sua Sante Mãi, suos apostolos e dissipulos.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó mãi de Déos, conseladôra de tristis, quando vosse amado Filjo já subí a céos, e lantando sua divina mans já benzê per suo apostolos; ajudai nos cum vosse rogo, qui nós áde recibê sua benso [1] ne esti mundo, e tambem ne céos dispós de nosse morti. Amen.

Tersêro misterio

O Ispirito Santo foi mandado sober os Apostolos

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui nosse Sinhor Jesus Christo, alum dias dispós de subí a céos, já mandá o Ispiríto Santo sober suos Apostolos, quem tinha continuado ne rôgo e devoçan, juntado cum o Benditto Virgem Maria, ne cidade de Jerusalem.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria, 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Benditto Virgem, inchída de Ispiríto Santo, ajudá nos cum vosse rògo, qui o Ispiríto Santo vosse amado Filjo já mandá sober os Apostolos, lò ensiná par nós o drêto caminho de salvaçan. Amen.

Quarto misterio

Assumçam de o Benditto Virgem Maria

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui o Glorioso Virgem Maria, alum anos dispois de Resurreçan de Jesus Christo, já ficá tomado per céos acompanhado de anjos.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

---

[1] *Benso* - bençãos.

ROGÁMUS

Ó Benditto Virgem Maria, quem entrado ne o palaso[1] de ceos, já inchê anjos cum allegria e gentis cum esperança, rôgá por nós, qui nós áde ficá liverado de tentaçans e arteficos de diabo e recebê a gloria de céos dispós de nosse morti. Amen.

Quinto misterio

O benditto Virgem Maria foi corovado ne Céos

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei o Benditto Virgem Maria, cum grande allegria de os anjos e santos, já ficá corovada da nosse Sinhor Jesus Christo cum a corova de gloria.

1 Pae Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó glorióso Rainha de Céos, recebê esti offercêmento de rosairo, qui nós te offersê como um corova de rosas; e rogá por nós per achá hum grande disejo ne nosse coraçan per olhá vós hum dia ne gloria de céos. Amen.

Salva Rainha, mãi de Misericordia vida doçura e isperanse nosse, salve. A ti bradamos o degradados filjos de Eva. A ti suspiramos, gemendo, e chorando ne esti valle de lagris. Eia pois, advogade nosse, esses teus oljos misericordiósos a nós volvê. Dispois de esti distérro nós mostrá a Jesus bento froite de tua venter. Ó clemente, o piedóso, o dôce sempre Virgem Maria, rôgá por nós, sante Mãi de Déos, parqui sejamus dignos de premesos de Christo. Amen.

---

[1] *Palaso* — palacio.

LADAINHA DE BENDITTO VIRGEM MARIA

Sinhor tende misericordia par nós.
Christo tende misericordia par nós.
Sinhor tende misericordia par nós.
Christo ouvi a nós.
Christo ouvi nosse rogos.
Deos Pai celestial, tende misericordia par nós.
Deos Filjo, Redemtor de mundo, tende misericordia par nós.
Deos Ispiríto Santo, tende misericordia par nós.
Santissima Trindade, hum só Déos, tende misericordia par nós.
Sante Maria, rogâ par nós,
Sante Mãi de Déos,
Sante Virgem de os Virgens,
Mãi de Christo,
Mãi de divino favor,
Mãi tante pure,
Mãi tanto limpa,
Mãi qui nontem nihum sujéza,
Mãi qui nuco perdê vosse virginidade,
Mãi tanto amerósa,
Mãi tanto ispantósa,
Mãi de nosse Criador,
Mãi de nosse Salvador,
Virgem moito sabedorósa,
Virgem tanto honoráda,
Virgem tanto famáda,
Virgem tanto poderósa,
Virgem tanto piadósa,
Virgem tanto fiel,
Ispeljo de justicia,
Throno de seizo,
Causo de nosse alegria,
Vaso spirituale,
Vaso qui te vale honre,
Vaso de grande devoçao,
Rosa Mysteriósa,
Fortaléza de David,
Fortaléza de marfim,
Palaso de ouro,
Arco de priméso,

Rogá par nós

Porte de Céos,
Istrella de Manhã,
Savodi de doventis,
Refugio de os pecadors,
Conseledóra de todo quem tem triste,
Júda de Chistans,
Rainha dos Anjos,
Rainha dos Patriarchos,
Rainha dos Prophetas,
Rainha dos Apostolos,
Rainha dos Martyres,
Raínha dos Confessores,
Rainha das Virgins,
Rainha de todo santos,
Rainha consebido sem pecado original,
Rainha de tanto sante rosairo,

} Rogá par nós

Cordéro de Déos qui tirais os pecados de mundo. Livra nós, o Sinhor.

Cordêro de Déos qui tirais os pecados de mundo. Ouvi nós, o Sinhor.

Cordêro de Déos qui tirais os pecados de mundo. Tende misericordia par nós.

Christo ouvi a nós.

Christo misericordiosomente, ouvi nós.

V. Rogá par nós Sante Mãe de Déos.

R. Qui nos podê recebê os favors qui Jesus Christo já primité par nós.

ROGAMUS

Inchê, ó Déos, nosse almas com tua favors, qui nós quém já ouvi de boca de Anjo a encarnaçan de Jesus Christo tua Filjo, podê pelo sua paiçan e morte, ficá juntado ne gloria. Amen.

ROGAMUS

Visitá, Sinhor, esti casa e fazê corrê o Diabo e todo sua inemingos; dessê tua santo Anjos morá aqui, e coidá par nós ne paz, e déssê tua benso vi sober nós, pernomi de nossi Sinhor Jesus Christo. Amen.

Cabo.

(Todo este capitulo saiu n-*O Heraldo* n.º 2255, de 1907).

Colombo (Ceilão).

TAVARES DE MELLO.

MISCELLANEA

I

PRONOME POSSESSIVO

Ao que nos *Estudos da lingua portuguesa*, p. 27 sgs., ficou exposto relativamente a varios empregos dos pronomes possessivos, podem acrescentar-se as seguintes observações.

a) O pronome *seus* designa um numero aproximado em expressões como: «homem dos *seus* quarenta annos». Esta frase significa: «homem de *cêrca* de quarenta annos», e pode ser substituida por «homem de *uns* quarenta annos».

b) Note-se o emprego do pronome na locução frequente «fazer das *suas*», como no seguinte exemplo de Gil Vicente, III, 41:

La ha indias mui fermosas;
La farieis vós *das vossas*
E a triste de mi cá,
Encerrada nesta casa,
Sem consentir que vizinha
Entrasse por huma braza,
Por honestidade minha.

c) Usa-se muito, desde antigos tempos, a frase «ter *de seu*» com a significação de *possuir*:

Eu não tenho mais *de meu*,
Sómente ser comprador
Do Marichal meu senhor,
E sam escudeiro seu.

(Gil Vicente, III, 111).

Porque elle não tem *de seu*,
Meu pae deu-me, e fugi.

(Id., I, 128).

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu:
Hũa ter pouco siso *de seu*,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem.

(Id., I p. 100).

Neste passo «ter pouco siso *de seu*» poderia talvez interpretar-se por «ter já *de si* pouco siso», e em tal caso o emprego do pronome entraria na categoria seguinte:

d) Usava-se ás vezes da expressão *de seu* em casos em que hoje se emprega correntemente «de si» ou «de per si», como neste exemplo de Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Ulys.*, p. 55: «*De seu* está entendido». Segundo me communica o Sr. Gonçálvez Viana, este modo de dizer usa-se ainda no Algarve. Em castelhano é esta a construção regular. Encontra-se tambem em galego, como no proverbio «o boi solto *de seu* se lambe», que vem entre os «refranes gallegos» mencionados por Saco Arce, a p. 274 da sua GRAMMATICA GALLEGA, e que provavelmente é tambem por tuguês, com a mesma forma, o que não posso agora averiguar.

e) Note-se tambem a expressão «a *seu* tempo» com o sentido de «em tempo proprio, devido», «em ocasião apropriada», como na frase: «a *seu* tempo se explicará isso».

f) Usa-se familiarmente a expressão eliptica «na *sua*», que equivale enfaticamente a «na sua opinião», «na sua ideia», «no seu modo de ver», como neste exemplo «(lá) entendeu *na sua* que era melhor assim». Emprega-se frequentemente com ironia.

*

Aos exemplos citados da formula *pelo meu, pelo vosso,* com o sentido de «por minha (vossa) causa», «por meu esforço ou cuidado», pode juntar-se o seguinte, de Gil Vicente, I, 233:

Santa Ursula não converteu
Tanta cachopa, como eu;
Todas salvas *polo meu,*
Que nenhũa se perdeu.

*

Na frase «fazer das suas», mencionada acima, ha mais um caso que se conservou do chamado *partitivo,* de que tratei desenvolvidamente no capitulo XVI dos *Estudos.*

JULIO MOREIRA.

II

OBSERVAÇÕES AOS «TEXTOS ARCHAICOS»

Os meus *Textos Archaicos* (para uso da aula de Philologia Portuguesa estabelecida gratuitamente na Bibliotheca Nacional de Lisboa), 2.ª edição (ampliada), tem no rosto a data de 1907, e na capa a de 1908. Tal irregularidade typographica provém de haver começado a impressão naquelle anno, e terminado neste. As pessoas que possuirem o livro, e forem curiosas de bibliographia, devem pois conservar-lhe a capa, se o mandarem encadernar.

*

A pag. 148, Vocabulario, disse-se que *Aragunti* era «nome de homem». Emende-se em «nome de mulher», pois nos *Diplomata et Chartae* lê-se, por exemplo a pag. 24: *ego Zahadon et uxor mee* **Aragunti**; e a pag. 128: *uxori uestra* **Aragunti**. — Foi o Sr. Pedro de Azevedo, illustre conservador e professor da Torre do Tombo, dedicado collaborador da *Revista Lusitana,* quem me fez esta correção.

*

Na mesma obra, pag. 32, disse eu, baseado em Herculano, que o codice d'onde extrahi o trecho ahi publicado era do seculo XIV. Mas o codice não podia ser d'este seculo, visto que no referido trecho se lê a data de 1429, do nascimento de Christo, como me fez notar um dos attentos frequentadores do meu curso philologico da Bibliotheca Nacional, o Sr. Cardoso de Bettencourt. Emende-se pois «seculo XIV» em «seculo XV». Sobre o mesmo assunto me escreveu tambem o nosso venerando historiador o Sr. Gama Barros, e o Sr. Pedro de Azevedo, a quem já acima citei: ambos confirmam que o codice é do seculo XV.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Dr. Mendes dos Remedios, **Historia da literatura portuguesa,** 3.ª edição. — França Amado, editor, Coimbra.

Em edição correcta e aumentada publicou o Sr. Dr. Mendes dos Remedios a sua *Historia da literatura portuguesa,* já bem conhecida de nacionaes e estrangeiros.

Acompanha a parte propriamente historica, na qual o autor, socorrendo-se do que melhor ha escrito sobre o assunto, faz o resumo do nosso progresso literario desde os seus inicios até os actuaes tempos, uma anthologia dos nossos poetas e prosadores, tanto antigos como modernos, o que para nós constitue o principal da obra. Com effeito, é pelos seus productos que o escritor se revela, as paginas por elle deixadas são por assim dizer o espelho em que se reflecte a sua alma; por isso muito bem andou o distincto cathedratico dando-nos, a par das biografias, uma amostra das obras dos nossos literatos. Não basta conhecer os nomes dos que illustraram o país com a penna; melhor do que esse conhecimento é o das suas obras, porque estas, se por um lado nos dão o retrato fiel do autor, por outro põem-nos diante dos olhos o progresso ou decadencia da mentalidade portuguesa. Acresce ainda a circunstancia, que realça o merecimento do seu livro, de ter-se o Sr. Dr. Mendes dos Remedios regulado pelas melhores edições criticas (as que ha, que são bem poucas) ou as mais antigas, conservando religiosamente a ortografia da epoca.

E, a nosso ver, este livro de grande auxilio para o ensino da lingoa e literatura patrias, porque, se por um lado nos historia as fases do nosso progresso literario, por outro põe conjuntamente diante dos nossos olhos as transformações lentas por que a lingoa ia passando, e por isso satisfaz plenamente ao preceituado pelos programmas para o ensino da literatura e lingoa maternas, a começar no 4.º anno ou classe dos lyceus. E não são só os nacionaes que com a sua leitura muito terão de lucrar; o estrangeiro que quiser conhecer a nossa tão rica quão variada literatura encontrará nella um guia seguro que corresponderá plenamente aos seus desejos. Mas para tornar o seu livro ainda mais proficuo, bom será que o seu autor, na edição que se seguir, lhe adicione um glossario, senão de todos os vocabulos que ocorrem nos varios trechos citados na anthologia, pelo menos dos arcaicos ou usa-

dos em significação especial, poupando assim a quem o ler o trabalho de folhear o dicionario, que pode deixar de mencionar os termos procurados, ou evitando interpretação menos propria e adequada por ignorancia do sentido especial em que as palavras sejam empregadas.

J. J. Nunes.

II

VARIA QUAEDAM

— Na **Cultura Española** está publicando a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos importantissimos estudos sobre o romanceiro hispano-português.

— Na *Romania*, xxxvi, 473, saiu um artigo com apreciação muito lisonjeira da **Chrestomathia Archaica** (Lisboa 1906) do nosso collaborador o Sr. J. J. Nunes.

— O Sr. Epiphanio Dias tem já no prelo a edição critica d-**Os Lusiadas** que ha muito preparava. Boa nova para os que cultivam a nossa litteratura.

J. L. de V.

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XI 1908 N.os 3-4

APONTAMENTOS

SOBRE A

LINGUAGEM POPULAR DE BAIÃO

Em fins de 1906 adquiri o livro *Apostilas aos Dicionários Portugueses,* de Gonçálvez Viana. Li-o com o interesse que a todos desperta a preciosa obra e, no decorrer da leitura, acudiram-me á memória vários termos empregados pelo povo de Baião, terra da minha naturalidade, dos quaes eu ia tomando nota. Tive ocasião de mandar uma lista d'esses termos ao sábio filólogo Gonçálvez Viana, que, em amavel carta de março de 1907, me participou havê-los recebido. Isto despertou em mim a curiosidade de ler o que se tivesse escrito sobre linguagem popular e que se acha disperso pelos dez volumes da *Revista Lusitana.* Essa leitura me foi fazendo recordar de novos termos ouvidos ao povo, e depois, a estada durante os meses de julho, agosto e setembro do mesmo anno em Ancêde, freguesia do concelho de Baião, fez que eu pudesse verificar a exactidão dos meus apontamentos e aumentá-los com muitos outros termos que então coligi.

O resultado de tudo é o que abaixo se segue. Falta-me a competência para juntar a cada termo as observações filológicas que merecem; mas parece-me que, ainda assim, despidos de comentários como vão, não deixarão de agradar àquelles que se entregam ao estudo da evolução da lingua do povo e da dialectologia portu-

guesa. Constituem tambem estes apontamentos um subsídio para quem, mais competente do que eu, pretenda fazer estudo completo do falar popular do concelho do Baião.

Abreviaturas. — *R. L.*, «Revista Lusitana». — *Ap.*, «Apostilas aos Dicionários Portugueses», por Gonçálvez Viana, Lisboa 1906, 2 vols. — *Est.*, «Estudos da Lingua Portuguesa», por Julio Moreira, Lisboa 1907. — *D. Int.*, «Dialectos Interamnenses, por J. Leite de Vasconcellos, Porto 1885.

abalar, retirar-se, ir-se embora. «F. ainda ahi está? — Isso sim! Já abalou». Cf. *R. L.*, II, 243.

abesseiro, qualificativo de terreno, com a significação de úmido, frio, onde não entra o sol. Cf. *R. L.*, V, 22, *s. v.* «abicheiro», e *Est.*, 173, onde se explica a origem d'esta palavra.

ah! bô! exclamação indicativa de dúvida, desejo. Pode traduzir-se por: «Isso sim! Bom era!». A pronúncia do *a* é um pouco prolongada: *aabô.* A um rapaz, aprendiz de barbeiro, dizia eu para o encorajar: «Isso é facil. Os primeiros cabelos que cortares, ficam logo bem». Respondeu imediatamente: «àbô!».

acaijo, quasi. Cf. *R. L.*, IV, 53 e 61.

acarditar, acreditar. Cf. *R. L.*, VII, 104.

acartar, carregar, transportar carrêgo. Cf. *R. L.*, VIII, 94.

açucre, açucar.

adei? e então? Emprega-se isoladamente, ou ligado a qualquer frase. Isoladamente, constitue sempre uma interrogação; fora d'isso constitue uma locução adverbial; v. g.: «adei antoum fui-me embora», «adei òspois elle beo ter comigo», i. é, e então fui-me embora, e depois elle veio ter comigo. De *ad'ahi.*

adregar, acontecer, vir a propósito, calhar. O substantivo verbal *adrego* não é conhecido; pelo menos nunca o ouvi em Baião. Cf. *R. L.*, II, 21.

àgóra, exclamação de negação, enfática e admirativa. «Tu foste a casa d'elle? — Àgóra fui!», i. é, isso ia elle! não fui não senhor. «F. passou por aqui? — Àgóra passou!». Cf. *R. L.*, II, 224, e *Est.*, 149.

água, superficie de escoamento de aguas no telhado d'uma casa. Assim: «o telhado d'esta casa tem duas aguas, tem quatro aguas, ou tem uma agua só». Poderá este modo de dizer explicar a palavra *agua-furtada?* Para abrir uma janela na superficie d'um telhado é preciso cortar, interromper, *furtar* ahi o escoamento das aguas. Cf. *Ap.*, II, 496.

agüardecer, agradecer. Cf. *R. L.*, VII, 105.

aguilhão. Vid. *moinho*.

ai. «Foi lá num ai», i. é, num instante, muito depressa. Cf. *R. L.*, II, 33, *s. v.* «desivle».

alçaprema. Os pedreiros, quando querem mover uma pedra grande e pesada, dizem: «Pega-lhe de alçaprema», i. é, pega-lhe, com a *panca* ou ferro, formando este uma alavanca interfixa. Cf. *R. L.*, IV, 55 e V, 24.

algueirar, examinar, observar detidamente os animaes, antes de os comprar para ver se teem alguma doença. Para isto, todo o lavrador é alveitar. Que quer dizer algueirar? perguntei eu a um lavrador. Respondeu: «É ingeminá-los, senhor; correr-lhe as costelas a ver se tém a mendinha, ver se tém *sgázeas* nos olhos, abrir-lhe a boca e cheirar-lhe o bafo, e tudo o mais p'ra ber s'os bois stoum bôs».

alimal, animal. Cf. *R. L.*, II, 224; IV, 227; V, 170.

almario, armário. Cf. *R. L.*, IV, 241.

almorreimas e **almorroidas**, hemorroidas. Cf. *R. L.*, VII, 107.

almotaria, almotolia, Cf. *R. L.*, IV, 55, 127.

alomiar, nomear. «Nunca o ouvi alomiar», nunca o ouvi nomear, nunca ouvi falar d'elle. Cf. *R. L.*, VII, 109.

alqueduto, aqueduto. Cf. *R. L.*, VIII, 96.

aluada. Da fémea de qualquer animal, quando anda menstruada, diz-se: «anda aluada». *Aluado, a,* referido a uma pessoa, quer dizer, tolo, imbecil. Neste derivado não se conserva a nasalidade do *u* que o povo de Baião faz nitidamente perceber na palavra *lua*, pronunciando *lũa*. Cf. *R. L.*, IV, 66.

ambos e dois, ambos. Cf. *R. L.*, II, 114 e 115; IX, 326, e *Est.*, 6 sgs.

amolar, fazer recuar. «Amole os seus bois», i. é, faça recuar os seus bois. «Você amola ahi?», i. é, você faz recuar ahi os seus bois?

antre, entre. «Antrambo-los-rios», Entre-os-Rios, povoação na confluência do Támega e Douro. *Entre,* como flexão do verbo entrar, é pronunciado *eintre*. Cf. *R. L.*, I, 220.

anzoneiro e **anzonices**, impostor, enganador, imposturices, enganos. Cf. *R. L.*, IX, 176, *s. v.* enzonices». De *onzeneiro*.

apeirías e **apeiros**, conjunto de peças que servem para jungir uma junta de bois. Compreendem: *jugo, mulhélhas, firmas, cornélhas, sóga* e *tamoeiro*. É esta a sua significação própria; contudo, ás vezes, dão-lhe significação mais extensa, abran-

gendo tambem todos os utensilíos de lavoura: sachos, sacholas ou enxadas, picabeca, machado, arado, charrua, ancinhos, engaços, mangoaes, ganchos, forcado, crivos, crivas, cestos e carro de bois, jugo, mulhelhas, etc. «P'ra um labrador s'establecer com tudo o que lh' é dado,... custa muito! Só as apeirias (ou apeiros) de laboura leb' um dinheiroum (levam um d...)». Cf. *R. L.*, II, 30, *s. v.* «apêro».

apresigar, juntar, misturar, acrescentar *presigo*.

apulegar, apalpar. «Nunca lh'as apuleguei».

apôr, «vae apôr os bois», i. é, vae jungir os bois e pô-los ao carro.

à-que-del-rei, expressão de quem pede socorro.

arganel. Candido de Figueiredo no *Novo Diccionario* define: «argola, com que se açama o porco para não fossar». Suponho que isto não é exacto; para Baião, pelo menos, não o é. *Arganel* é uma pequena peça de ferro flexivel que se espeta (e não com que se açama) no focinho do porco e que ahi se fixa, torcendo, uma na outra, as duas extremidades. É para que os porcos não esfossem a córte, porque se doem quando o tentam fazer. Cf. *R. L.*, II, 260 e V, 27.

arreceber, receber, casar. «F. e F. arreceberam-se hoje», i. é, casaram hoje. «Elle conbersou-a muito tempo, mas nunca a quis arreceber», i. é, namorou-a durante muito tempo mas nunca se resolveu a casar com ella. Cf. *R. L.*, II, 105.

arrendo, em vez da palavra *redra* é mais empregada a palavra *arrendo* com a significação de segunda cava. «Você onde anda hoje? — No arrendo do milho da Abobreira», i. é, a dar a segunda cava ao milho do campo da Abobreira. Cf. *R. L.*, I, 180, *s. v.* «redrar», e V, 103, *s. v.* «regra».

arrincar, arrancar. Cf. *R. L.*, IV, 241 e V, 171.

astreber-se, atrever-se. Dirigindo-se a um rapaz ainda novo: «Antoum tu já t'astrébes co' esse saco de milho?», i. é, então tu já podes, já tens força para levar esse saco de milho? «Ero' dois a birar-se a mim, mas astrebi-me co' elles» i. é, apesar de serem dois contra mim, não lhes fugi, fiz-lhes frente.

aterrar, cobrir, encher com terra.

aterroar, cobrir, encher com torrões. Cf. *R, L.*, VII, 109, onde se não faz a differença que entre estes dois termos existe em Baião.

atopir e **entopir.** Adolfo Coelho, no *Diccionario Etymologico,* regista estes dois termos, como tendo a mesma significação e remetendo o leitor do primeiro para o segundo, hoje mais usado.

Candido de Figueiredo, no *Novo Diccionario*, diz o mesmo. Em Baião empregam-se os dois termos com significações diversas. Assim: *atopir* diz-se de uma cova, vala, buraco ou vão que é preciso encher, cobrir; e bem assim de qualquer semente que, depois de lançada á terra, é preciso enterrar, cobrir. Para surribar um terreno abre-se ao longo d'elle uma vala da profundidade que se deseja; abre-se depois junto d'ella uma segunda vala, e com a terra que sae ao abrir esta segunda, vae-se *atopindo* a primeira; com a terra que se tira ao abrir a terceira vala é *atopida* a segunda; e assim sucessivamente. Para plantar uma árvore abre-se uma cova, coloca-se a árvore, distribuem-se-lhe as raizes, etc., e *atope-se* a cova com a propria terra que saiu ao abri-la. Note-se que o povo diz *atópe-se* e não *atupe-se,* donde parece que devemos derivar a grafia *atopir. Entopir* quer dizer obstruir um cano, um orificio. «Este tanque deita pouca agua porque tem o tufo (orificio de esvaziamento) *entopido*». «É preciso levantar este encanamento para o *desentopir*». Cf. *R. L.*, VIII, 98 e *Ap.*, II, 513, *s. v.* «tupir».

bacro, porco pequeno. Cf. *R. L.* II, 245 e IV, 232.

balseiro, o mesmo que *abesseiro.*

balugo. Vid. *carro de bois.*

barol, bolor.

barolento, bolorento. Cf. *R. L.*, II, 304.

barriscadoiro, pau comprido com que se mexe a lenha que está a arder no forno. Com elle vão chegando a lenha a um e outro lado do forno, para que este se aqueça por igual e possa cozer bem o pão. O mesmo *barriscadoiro* serve de cabo ao *bassoiro* com que, aquecido o forno, o limpam varrendo a cinza e carvões. Vid. *bassoiro.* Cf. *R. L.*, VII, 109, *s. v.* «barredoiro».

barruma, verruma.

bassoiro, vassoira de varrer o forno depois de aquecido. É formado por um molho de pequenos ramos verdes de pinheiro, atado com um vime, e que depois se espeta no *barriscadoiro* que serve de cabo.

bedum, bodum. Gosto particular e muito desagradavel que tem a carne de bode ou de carneiro inteiro (não capado), quando a não sabem cozinhar. Cf. *Ap.*, I, 439.

belancias, melancias. Cf. *R. L.*, II, 246; V, 146 e VII, 110.

belga. 1) Parte, divisão d'uma propriedade rústica, a que anda sempre ligada a ideia de pequenez. Nas propriedades íngremes, em socalcos, diz-se: «a belga cimeira, ... fundeira, ... cabeira, etc.». «A belga do rechão, ... da lagoa», i. é, a belga que

está junta ao rechão ou á lagoa. *Rechão* e *lagoa* são tambem partes de propriedades rústicas ou divisões agrícolas, maiores do que a *belga*. *Rechão* traz-nos sempre a ideia de propriedade plana; e *lagoa* é o rechão ou belga grande que tem agua de lima, e que portanto dá erva, cultiva-se de lameiro de inverno. Cf. *R. L.*, IV, 58 e *Est.*, 200.

2) «Uma belga d'agua» é a porção de agua, conduzida por um rego, em quantidade bastante para um lavrador poder regar com ella. Referindo-se a uma nascente de agua: «Dá bem duas belgas de agua», i. é, nasce em quantidade bastante para dois homens poderem regar com ella, sem ser preciso entancá-la. (Vid. *entancar*).

benção, ...ões, pronuncia-se *bèinçõu*, com o acento tónico na ultima sílaba. «Dê-me a sua benção ou... suas benções».

beo e **bẽo**, 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *vir*.

berças, as folhas de couve segadas, i. é, cortadas em tiras muito finas, para cozinhar e fazer o caldo verde. «Este caldo tem poucas berças».

bessada. «Quando faz a bessada do olival?», i. é, quando lavra e semeia de milho o campo do olival? «Sábado não posso ir, porque tenho bessada», i. é, porque tenho tudo combinado para lavrar e semear milho. «Preciso guardar este pipo de vinho para as bessadas», i. é, para dar aos trabalhadores nos serviços de lavra e sementeira de milho. «Para o tempo das bessadas», i. é, para o tempo que decorre entre março e junho: março, o mês em que se semeiam os milhos mais temporãos, em terrenos secos; junho, o mês em que se semeiam os milhos mais serôdios, em terrenos úmidos ou em *restólhos* de cevada, centeio, ou trigo. *Vessada* tambem significa um campo de milho. «A bessada da Fonte não presta p'ra nada, este ano», i. é, o milho do campo da Fonte está muito fraco, não se desenvolveu, este ano. Cf. *bessada* neste ultimo sentido com *granal*, na *R. L.*, II, 44.

bô, significa *bom* e *bem*. «É bem bô», i. é, é bem bom. «Stá bô», i. é, está bem, basta. Emprega-se ainda na seguinte exclamação, significando enfado, desdenho, etc. «Stá bô stá!», que pronunciam demorando mais a primeira silaba, assim: — stáá bôstá.

bodeguice, porcaria, mexerufada. Cf. *R. L.*, v, 32.

bolcar, vomitar, tombar. Nesta segunda acepção já está registada nos dicionários.

bolète. Vid. *moinho*.

bolo, é feito de massa de farinha de milho, e tem a forma circular e muito achatada. É colocado logo á entrada do forno e ali fica emquanto se tendem e enfornam as grandes broas de pão. Antes de fechar o forno retira-se o bolo que, por ser muito espalmado e ter, portanto, pequena espessura de massa, teve tempo de cozer. Cf. *R. L.*, v, 32, *s. v.* «bôla».

bonda, basta. Cf. *R. L.*, II, 44, *s. v.* «avondo», 116 e 246.

borno, a, morno, a. Cf. *R. L.*, II, 260.

borrego, a, carneiro, ovelha; «é manso como um borrêgo», ou simplesmente «é mesmo um borrêgo», i. é, muito manso. Cf. *R. L.*, II, 246.

botêlha, abobora. Cf. *R. L.*, II, 246.

botos, votos, eleições. «Quando foi pelos bótos», i. é, por ocasião, pelo tempo das eleições.

brilha, virilha. Cf. *R. L.*, II, 105.

brózio, qualificativo de madeira. Ha madeiras que, depois de cortadas, e em determinadas condições, apodrecem e *ardem* ou fermentam facilmente, inutilizando-se para o uso a que eram destinadas. Dizem então os carpinteiros ou os contratadores de madeiras: «Esta madeira não presta, já stá brózia». Note-se que só a qualificam assim quando aparentemente ainda está boa, mas de facto estragada; porque, se está de forma que, mesmo um leigo na materia, a reconhece como estragada, então dizem estar podre.

brumelho, vermelho. Cf. *R. L.*, II, 43.

burlante, termo de carpintaria, serralharia, etc. De qualquer peça que tenha de ser colocada de forma que possa girar ou deslisar dentro d'um encaixe, á vontade e não muito apertada, dizem: «é preciso que fique burlante», i. é, que deslise, se mova com facilidade. Cf. *R. L.*, IV, 59.

câ. É muito frequente o emprego d'esta palavra com a significação que tinha na linguagem arcaica. «É mais bonito câ ti», i. é, do que tu. Cf. *R. L.*, VIII, 212; *Est.*, 17.

cabeçalha. Vid. *carro de bois*.

cabo. 1) Lugar. «Sai, q'aí é o meu cabo», i. é, sai, que ahi é o meu lugar. Cf. *R. L.*, v, 117.

2) Termo, fim; d'onde: cabeiro. Cf. *R. L.*, v, 225.

cabouco. 1) Nas povoações ribeirinhas de Baião e Rèsende chamam assim aos terrenos, de propriedade particular, situados nas margens do rio Douro, e que por este são inundados todos os invernos. São em geral muito ferteis.

2) A vala que se abre para assentar os alicerces d'um muro ou parede. Cf. *Ap.*, II, 551, *s. v.* «xabouço».

cabresto, em Baião tem o *e* fechado. Significa só a corda que prende um animal. Cf. *R. L.,* VII, 112.

cabrita, «bamos buber a cabrita». Assim dizem os lavradores que nas feiras fizeram alguma transacção sobre gados. Comprador, vendedor e testemunhas, que ordinariamente são vizinhos que intervieram e ajudaram a fazer o contrato, selam este, juntando-se a beberem vinho. Cf. *R. L.,* V, 24, *s. v.* «alboroque».

caçarola, caço e **caçoila.** O segundo e terceiro são pequenos tachos de barro; o primeiro diz-se tanto dos de barro como dos de ferro. Cf. *R. L.,* IV, 59.

cacifro, qualquer cesto pequeno com tampa; e, mais especialmente, o cesto onde os caçadores levam o furão. Cf. *Ap.,* I, 191, *s. v.* «cacifo», e *R. L.,* IV, 242, *s. v.* «balsa».

caibro, pau de secção ordinariamente quadrangular, com uns $0^{m},10$ pouco mais ou menos por lado, e de 2 a 4 metros de comprido, conforme a obra a que se destina. Cf. *R. L.,* II, 247.

cale. Vid. *moinho.*

cambas. Vid. *carro de bois.*

camboio, comboio.

cambra, cámara. D'ahi *cambarista,* i. é, camarista. Cf. *R. L.,* V, 171; VII, 113 e IX, 167.

cangaço e **canganho,** a parte do cacho de uvas depois de esbagoado. Vid. *manta.* Cf. *R. L.,* II, 257 e V, 225.

caniço, estrado formado por um encanastrado de vergas, que se suspende, a uma certa altura, por cima da lareira para pilar castanhas. As castanhas lançam-se verdes no caniço, e ahi, ao fim de certo tempo, pela acção do calor e do fumo, secam, encarquilham e endurecem, isto é, pilam-se. Ha quem as coma assim; mas o emprego mais geral das castanhas piladas é o cozêlas, fazendo assim o caldo de castanhas, e ainda servem para moer e, com a farinha, fazer uns bôlos de massa, não levedada, a que chamam *falachas.* Cf. *R. L.,* II, 32.

cántara (cántaro), vasos de barro. A forma masculina indica tambem uma medida para líquidos, correspondente ao meio almude ou seis canadas; e ainda a vasilha de madeira ou de metal que leve meio almude. Cf. *R. L.,* I, 207.

canté! exclamação que exprime desejo. «E se lhe morresse a sua sogra? — Canté!»

capas (e **capear,** vb.), são pedras compridas e largas, mas em geral de pequena espessura, com que se tapa ou cobre um rego, cano de esgoto, aqueducto, mina, etc., assentando-as por cima das paredes lateraes d'essas obras. Capas são tambem as pedras que

formam a face orizontal superior d'um muro. Ao fazer um muro os pedreiros empregam toda a pedra aproveitavel, pequena ou grande, regular ou irregular, porque vão procurando no muro o logar em que ella mais bem assente; mas, para fazer a parte superior e terminal do muro, escolhem então *capas* boas, isto é, pedras melhores a que dão, mesmo em muros toscos, um ligeiro aparelho. «Tenha cuidado na escolha da pedra, que eu quero esse muro bem capeado». Cf. *R. L.*, v, 35; viii, 57; ix, 168, *s. v.* «capeas».

carangueijo, ameixa, abrunho. Cf. *R. L.*, i, 220.

caratle, caracter. Cf. *R. L.*, vii, 114.

cardenho, casa pequena, corte para gado. Cf. *Ap.*, i, 236.

carito, abertura feita na parte superior (pescoço) de uma vasilha para medir líquidos; cántaro, almude, duplo decalitro, decalitro, etc. Essa abertura pode ser substituida por um ponteiro soldado na face interna da medida, á altura conveniente. A medida exacta faz-se enchendo a vasilha até que o líquido saia pelo *carit* ou o cubra. Cf. *R. L.*, ix, 127; *Est.*, 184. Pela indicação que deram ao Sr. Julio Moreira, chama este *carito* só ao buraco feito na medida; ora em Baião tambem assim chamam ao ponteiro soldado á altura em que deveria ser aberto o buraco.

carolo, parte central da espiga de milho; a parte que fica depois de debulhada a espiga. Cf. *R. L.*, i, 207.

carro, a quarenta alqueires de qualquer cereal chamam em Baião e em todo o Minho e Douro, um *carro*, naturalmente por ser a quantidade que, em geral, um carro de bois transporta na acidentada região do norte. A gente do povo desconhece o moio e o conto. Vid. *Ap.*, i, 322. «É uma boa quinta. Trago-a arrendada por vinte e cinco carros de pão», i. é, por 25×40 alqueires de milho. «Este ano o S. Miguel correu muito mal. As chuvas deitaram-me a perder mais de dez carros de pão», i. é, o tempo das colheitas (fins de setembro e outubro) correu...., mais de 10×40 alqueires de milho».

carro de bois. O carro de bois é formado de duas partes: o *chedeiro*, que dizem *chadeiro*, e o *rodal*.

O *chadeiro* é o estrado que assenta em cima do eixo, e compõe-se das peças seguintes: *chêdas*, peças lateraes; *cabeçalha*, peça central que se prolonga para a frente e forma uma especie de temão; *travessas*, peças que ligam entre si as chêdas e a cabeçalha atravessando esta; *coucões*, peças que se pregam na parte inferior das chêdas, os quaes assentam directamente sobre o eixo; *impoladoiras*, especie de estadulhos curtos, levemente curvos, que

se espetam de baixo para cima atravessando os coucões e as chêdas e que, abraçando o eixo pela frente e por de trás, servem para segurar o chedeiro ao eixo; *cunhas*, são, como o seu nome diz, umas cunhas de madeira que apertam mais ou menos as empoladoiras contra o eixo; *tornos*, cilindros de madeira que se pregam, não completamente, na parte inferior das chêdas, e que servem para nelles segurar ou passar as cordas com que se prendem os objectos que se carregam; *tezão*, última das *travessas* na parte posterior do chedeiro; *pigarro*, torno de madeira espetado na parte inferior da extremidade deanteira da cabeçalha para não deixar pousar esta no chão; *estadulhos*, o mesmo que fueiros; *chavêlha*, peça de madeira que prende a cabeçalha ao tamoeiro.

O *rodal* é formado pelo eixo e rodas. O *eixo*, é um cilindro de madeira fixado ás rodas que liga entre si e que gira com ellas. As *rodas* são formadas pelas peças seguintes: *miúlo* (pl. miúlos) peça central da roda; *cambas*, peças lateraes da roda ligadas ao miúlo pelas *rèlhas*, que são umas peças de madeira que atravessam interiormente o miúlo e as cambas próximo das duas extremidades. Nas faces das rodas assenta e é pregada a *ferragem* composta dos *trilhos*, que são as chapas de ferro que revestem a espessura das rodas e sobre os quaes ellas giram, das *meias-luas*, que são as chapas de ferro em forma de semi-circunferência que prendem as cambas ao miúlo, e das *abraçadeiras* que são uma especie de aneis de ferro que abraçam o miúlo junto ao buraco onde entra o eixo.

Quando se emprega o carro para carregar pedra, coloca-se por cima do chedeiro, para o proteger, um estrado feito de tábuas a que dão o nome de *taburno* ou *sobre-chadeiro*.

Se é para carregar pipas, atravessam sobre o chedeiro dois *malhaes*, que são duas peças de madeira que teem a face superior levemente concava de forma a justapôr-se ao bojo da pipa.

Se é, emfim, para carregar traves ou graudes troncos de madeira, etc., colocam no chedeiro, no prumo do eixo, uma peça de madeira a que chamam *balugo*, sobre a qual pousa o tronco ou trave de madeira pela sua parte média.

carujo, assim chamam ao tempo caracterizado por uns nevoeiros espessos que se formam no vale do Douro, tocados por vento leste. «Hoje está de carujo». «Cá temos o carujo comnosco». Este tempo costuma aparecer em fins de novembro e não vae, em geral, alem de janeiro. É notavel que, em dias de carujo, quem subir para os altos de Baião ou Rèsende, encontra dias de sol descoberto, sem vento, formosíssimos para aquella

epoca do ano. Se d'esses altos se olha para o vale do Douro, vê-se, lá em baixo, o nevoeiro cerrado, correndo velozmente na direcção leste-oeste. Dizem-me que, para baixo da foz do Támega e para cima da foz do Tua, não ha *carujo*. De *carujo* derivou *Carujeiro*, povoação do concelho de Rèsende. Candido de Figueiredo, no *Novo Diccionario*, regista *carujar* e *carujeiro*, mas com significação diversa. Cf. *R. L.*, I, 207 e IX, 168, *s. v.* «carujar».

casqueira, a primeira e última tábuas serradas de um toro de madeira. São tábuas mais ordinárias, pois teem só uma face lisa, a do corte da serra, e a face oposta mais ou menos arredondada e irregular, como era a do toro de madeira d'onde foram serradas. Cf. *Ap.*, I, 253 e *R. L.*, V, 37.

catixa! expressão de nojo. Em geral, quando dizem esta palavra, cospem para o lado, significando assim o nojo que sentem.

caturnos, coturnos, peugas. Cf. *R. L.*, II, 247, 305 e IV, 60.

ceção, umidade da terra. «Neste campo o milho vinga-se com pouca agua, porque a terra tem muita ceção». Cf. *R. L.*, I, 207, 181 e IX, 127.

chadeiro. Vid. *carro de bois.*

chamadoiro. Vid. *moinho.* Cf. *R. L.*, VII, 112, s. v., «cadêllo»

chavêlha, peça de madeira que prende o tamoeiro á cabeçalha do carro de bois. Cf. *R. L.*, II, 32.

chêdas. Vid. *carro de bois.*

chefre, chefe. Cf. *R. L.*, IV, 77; V, 171; VII, 114; IX, 169.

ciloiras, ceroulas. Cf. *R. L.*, IV, 60; V, 171; VII, 114; IX, 169.

cisoiro, vid. *mangoal.* Cf. *R. L.*, I, 209, *s. v.* «cidouro».

clis. eclipse do sol ou da lua. Cf. *R. L.*, IV, 61.

cobrir, tambem em Baião se emprega a mesma sintaxe notada por Gonçálvez Viana. «Cubra o seu chapeu». «Cubra o seu capote». Vid. *Ap.*, I, 340.

codo, endurecimento da terra pela congelação da sua umidade. Não confundem o *códo* com a geada, bem definida, para Baião, no *Novo Diccionario*. Mas, assim como dizem, «caiu uma grande cama (camada) de geada», tambem se exprimem «caiu uma grande camada de códo esta noite». Cf. *R. L.*, II, 22, 247 e V, 40, *s. v.* «codeo».

compassar, diz-se da regular distribuição de quaesquer objectos. Árvores, vides, couves, etc., d'uma plantação; vigas, barrotes, caibros, etc., d'um travejamento ou armação de casa; marcos divisórios d'uma propriedade, etc., devem ficar bem *compassados*, i. é, nem bastos nem raros. Cf. *Ap.*, I, 317.

confêsso, «Bou ó confêsso», i. é, vou confessar-me em desobriga quaresmal. Cf. *R. L.*, II, 53.

consante, consoante, conforme. Cf. *R. L.*, II, 106.

conta, tem duas significações perfeitamente antinómicas. Regida pelo verbo *tomar* quer dizer: conservar, guardar, vigiar, etc.; e regida pelo verbo *dar* significa: estragar, perder, prodigalizar, etc., e ao contrario procurar, apresentar, etc. Assim: «Toma conta d'esta chave até eu vir», i. é, guarda-me esta chave, etc. «Vae tomar conta nos meninos», i. é, vae vigiar, guardar, tomar sentido nos meninos. «Deu conta de tudo», i. é, deitou tudo a perder. «Tu ainda me has de dar conta do relógio», i. é, tanto lhe has de mexer que ainda me has de estragar o relógio. «Não me dês conta d'isso», i. é, não me estragues isso. «Não quero saber quem pegou na chave; tu é que me has de dar conta d'ella», i. é, ...tu é que has de procurá-la até a achares e entregar-m'a. Tem ainda a significação de sentido, attenção; assim: «Viste passar aqui F.? — Não botei conta», i. é, não sei, porque não reparei, não dei attenção a quem passava.

controbar, estorvar. «Ninguem lh'a controba», i. é, ninguem lh'a estorva.

conbersado, conversado, namorado.

conbersar, namorar. «F. agora conbersa a Maria», i. é, namora a Maria.

corla, líquido do estómago, ora amarelado, ora esverdeado, que se vomita. «Já mandei vir *marcela* p'ra ber se corto as *corlas* que trago no stámego». «Ando muito mal, ainda hoje *bolquei* muitas *corlas*». Cf. *R. L.*, IX, 115 e VII, 115.

cornêlhas, aneis de pano, recheados de lã, que se enfiam nos cornos dos bois para que o aperto da firma, ao prender o jugo e molhêlhas, não vá ferir os bois na base dos cornos. Vid. *apeiros*.

cote, «Esta roupa inda stá muito boa, não se pode meter a cote», i. é, trazer-se todos os dias, a todo o serviço. «Roupa de cóte» em oposição a «roupa de guarda». Cf. *Ap.*, I, 334, *s. v.* «cotio».

coucões. Vid. *carro de bois*.

cramól, pl .**-óes**, clamor. Só se fazem na festa religiosa chamada «as Ladainhas».

credo! exclamação de medo e admiração. «Credo, Santo nome de Jesus!» Ainda exprime a ideia de repulsão, assim: perguntando-se a uma rapariga se conversava (namorava) com certo indivíduo de má fama, que deixava desacreditadas as raparigas

com quem conversava, respondeu: «credo!», como quem diz eu era lá capaz d'isso! Deus me livre de tal!

crecente, crescente. Porção de massa fermentada que se mistura com a massa d'uma fornada de pão, para a fazer levedar ou *fintar*. Cf. *R. L.*, II, 247.

cuca, especie de bogalho que se cria nos carvalhos, e que, quando verde, tem côr avermelhada, que faz lembrar a de algumas maçãs. Tambem lhe chamam *maçã de cuco*. Cf. *R. L.*, v, 96, *s. v.* «maçacuca». «As cucas só crio' quando por lá anda o cuco», dizia-me a minha criada Rosa, analfabeta de Sequeiros, Ancêde.

curjidoso e **curzidoso,** curioso. Cf. *R. L.*, II, 108 e v, 42, e ainda *D. Int.*, III, «Linguagem popular de Baião», § 20, p. 11.

demolhar, é, como diz o *Novo Diccionario*, «pôr de môlho», mas só em agua, como se affirma na *R. L.*, v, 42. «Este bacalhau está muito salgado, não foi bem demolhado».

descancelar, cancelar. «Fui descancelar o registo». Significação negativa que ligam á particula *des*, porque cancelar um registo é annulá-lo.

descante, baile popular. Os taberneiros, com o fim de provocarem a venda do vinho, é que cedem as salas das suas casas a quem lh'as pede para fazer um descante, quando não são elles próprios que o anunciam e promovem. Não ha convites, vae quem quer. «Onde bais?» «Bou á Labandeira, ha lá hoje um descante em casa da Jerómena, Cf. *R. L.*, VIII, 57.

desinfeliz, infeliz. *R. L.*, IX, 172.

desiarado, descarado, sem vergonha; e tambem desmaiado, sem côr. Cf. *R. L.*, v, 43.

desmancho, aborto. «F. tebe um desmancho».

desougar, vid. *ougar*. Cf. *R. L.*, v, 43, *s. v.* «desaugar».

dorneira. Vid. *moinho*.

doutiar e **doutío,** cultivar, cultivo.

einzame, exame. Cf. *R. L.*, VII, 120, *s. v.* «enxame».

entancar, represar em tanque; diz-se da agua.

entopir. Vid. *atopir*.

enxôfar, enxofre. Cf. *açucre*.

érdimo, erança.

esbotenar, tornar irregular a superficie de qualquer cousa, tirando-lhe ou quebrando-lhe pequenos bocados. Não se diz somente das falhas feitas nas bocas das vasilhas; e assim, se um jarro, cántaro ou outra qualquer vasilha de barro tem, por exemplo, o vidrado do bôjo com falhas produzidas por pancada ou en-

contrão que levou, diz-se tambem: «está esbotenado». Cf. *R. L.*, v, 48, *s. v.* «esboicelar».

escaleira, escada, e tambem só degrau de escada. Registado por Candido de Figueiredo no *Novo Diccionario* com a indicação de desusado e de provincianismo minhoto, existe ainda em Baião (e em partes da Beira) com grande vida no falar do povo; e pelo que diz a *R. L.*, v, 226, tambem ainda não morreu em Vila Real. Em Baião, significa escada fixa, de pedra, dando entrada para uma casa, ou feita num socalco, etc., Á escada movel, de madeira, não se dá o nome de escaleira. Designa tambem — e é talvez esta a sua primitiva e ainda hoje mais geral significação — degraus de escada, visto ser quasi exclusivamente empregada no plural. «Bocê bai por esta belga fóra. Em chigando ó cabo, sobe umas 'scaleiras, e logo ó cimo da belga de riba, incontra ó caminho que lá o leba direito». Cf. tambem *R. L.*, VIII, 57.

escouçar, «escouçar uma pôça», i. é, abrir e esvaziar uma pôça de agua. Cf. *R. L.*, I, 218 e IX, 127.

escramentado, escarmentado.

escuitar, escutar.

esfossar, revolver a terra ou o estrume das córtes com o focinho. Diz-se dos porcos. É o mesmo que «fossar», registado nos dicionários.

esnacar, tirar nacos, pequenos bocados de qualquer cousa.

estranfulinhar, estragar, deitar a perder totalmente. «O érdimo do pae durou-lhe pouco. Estranfulinhou tudo num pronto». O *Novo Diccionario* regista *estranfoliar*, de folia, como provincianismo beirão, e *stranfeniar* como provincianismo transmontano. Cf. *R. L.*, v, 51.

estrebangar, torcer. «É muito ruím o caminho. Duma bez que lá passei ia caindo. Até strebanguei um pé». Cf. *R. L.*, v, 51, *s. v.* «estrevango».

facha, pequeno molho de erva ou de palha de centeio, de trigo ou de milho. Ao segar-se o trigo, centeio, cevada, etc., é atada a palha em fachas e com estas formam o *rolheiro*. Vid. este termo. Cf. *R. L.*, v, 219, *s. v.* «gavela».

falacha, bolo feito com massa de farinha de castanha pilada; a massa não é fermentada. Cf. *R. L.*, IV, 267; *Ap.*, II, 221, *s. v.* «polenta»; e *Archeologo Português*, XI, 375, nota 2.

falar, «Deus lhe fale na alma». Diz-se de qualquer pessoa falecida, cuja memória se quer respeitar. «Meu pae, Deus lhe fale na alma, tàmein assim m'o dezia».

fanucar, estar a nevar, a cair neve em *fanucos*, em flocos.

fartum, cheiro desagradavel. Cf. *Ap.*, I, 439, *s. v.* «farum»., e *R. L.*, VII, 114, *s. v.* «chêrum».

fato, o estómago e intestinos de qualquer animal que é morto nos talhos. O *Novo Diccionario* já o regista, mas só com a significação de «intestinos». Cf. *Ap.*, I, 441.

fé. «Não dei fé d'elle passar», i. é, não o vi passar, não reparei que passasse. Neste mesmo sentido se diz: «não botei conta». «Viu, por aqui, passar F.»—«Não botei conta». Cf. *R. L.*, II, 117.

febrão, muita febre. «F. está c'um *febrão*!».

febre, é masculino. «F. está com muito febre». Cf. *R. L.*, II, 257.

feitos, fetos. Cf. *R. L.*, 89, 172 e VII, 105, *s. v.* «afêtos».

felato, ataque nervoso, epilético. «É um desgraçado, coitadinho! Dá-lhe o felato». Cf. *R. L.*, V, 219, *s. v.* «flato».

feluge, fuligem. Cf. *R. L.*, I, 211.

féro, crescido, robusto, de boa saude. «Que ricos meninos! Isto é que andam féros!». «Você anda rijo e fero». Com a significação de — feroz, bravio, etc., é desconhecido do povo. Cf. *R. L.*, I, 248.

feturar, calcular, presumir que...

fiar. «Fiar uma tábua, um caibro, uma trave, etc.», i. é, serrá-la ao meio, de forma que fiquem duas, de espessura igual á metade da primeira.

fidalgo, pessoa bem trajada. «Ia que nem um fidalgo». «Parecia mesmo um fidalgo». Cf. *R. L.*, I, 221, *s. v.* «rico», e II, 251.

fim, é femenino, quando significa «a fim do mundo». Neste sentido, ás vezes, dizem simplesmente «a fim». Cf. *R. L.*, II, 257, 304 e VII, 124.

firma, correia ou tira de coiro, que serve para *firmar,* prender o jugo e as mulhêlhas aos cornos dos bois. Vid. *apeiros*.

gacho, cacho de uvas. Cf. *R. L.*, II, 249 e V, 172.

galho, ramo, pernada, braço de uma árvore, que está sêco, sem folhas, ou ainda só uma pequena parte d'esse ramo ou pernada junto ao tronco. Vid. *trépa*. Cf. *R. L.*, II, 304, *s. v.* «galhinho».

gamela, bacia de madeira, ou de forma redonda como a bacia vulgar, ou de forma rectangular e de faces obliquas, de forma que o rectángulo formado pela base é mais pequeno do que o formado pela boca. Cf. *R. L.*, II, 249.

gèrecer, nascer, criar-se. «Eu, aquella galinha não na cria (não a queria); levantou do chôco antes de tirar os pitos; os obos já stábo a gèrecer». Cf. *R. L.*, IV, 231.

gomitar, vomitar. Cf. *R. L.*, VII, 125, *s. v.* «gometar».

graúnha, grainha.

Grijóstomo, Crisóstomo.

guarda-cama, pl. **guarda-camas**, assim se chama ao ròdapé ou cortina que se suspende em volta dos leitos antigos de madeira, á altura do enxergão, e que serve para encobrir o espaço que fica por debaixo da cama e para guarnecer esta. É, pois, uma tira de pano ou de chita de ramagens, ordinariamente recortada e bordada, ou guarnecida com rendas, que tem de comprido um tamanho igual ás faces do leito a guarnecer e de largura um pouco menos da distancia que vae do chão ao enxergão. Cf. *R. L.*, VII, 108, *s. v.* «arredór».

guilhos, cunhas de ferro com que os pedreiros cortam, ou antes, fazem rachar um penedo, em determinada direcção. Assim: abrem num penedo uma série de pequenos buracos em linha; introduzem em cada um d'elles duas pequenas láminas de ferro e, entre estas láminas, os guilhos, que vão sendo batidos com a macêta (martelo pesado) até que o penedo racha e abre pela linha e direcção dos guilhos. O pedreiro que está com a macêta vae batendo alternadamente em todos os guilhos, de forma que a pressão exercida por elles seja aproximadamente igual em todos. Cf. *R. L.*, I, 212.

iclis (eclis). O mesmo que *clis*.

impècer, estorvar. «Aquelle pequeno anda-me sempre a impècer». «Sae-te d'aqui não me estejas a impècer». Tambem quer dizer, e é esta talvez a sua significação principal, tentação diabolica: «Impèceu-me o diabo».

impoladoiras. Vid. *carro de bois*.

imprègado, emprègado, entrèvado, doente de cama, sem poder andar. Cf. *R. L.*, VIII, 57.

ingaço e **inxinho**, ancinho. Cf. *R. L.*, II, 249. Leite de Vasconcellos nos *D. Int.*, III. «Linguagem popular de Baião», traz *insinho*. Em Ancêde, porem, nunca ouvi pronunciar *s* mas sim *x*.

inorar, censurar, dizer mal de alguem. «F. andou muito mal, foi muito inorado por todos».

insacas. Vid. *mangoal*.

insopado, guisado de carne ou peixe feito com *sopas*, i. é., fatias ou simples bocados de pão trigo. «Que te deram ao jantar? Um insopado de bacalhau, polvo insopado, etc.». Cf. *R. L.*, II, 219.

inté, até. Cf. *R. L.*, II, 106, 250; IV, 230 e VII, 120, *s. v.* «enté».

intijar (entejar), enjoar, aborrecer qualquer comida. Parece que, mais propriamente, querem indicar o enjôo proprio da gravidez, pois que, perguntando a uma rapariga do povo, solteira, se

já tinha intijado alguma cousa, respondeu toda envergonhada: «Credo! eu, graças a Deus, ainda não intijei nada».

inxàbido, sem sal, insosso; tambem de pessoa sensaborona.

inxaugar, enxaguar. Cf. *R. L*, IV, 229.

Jasus e **Jasu-Christo**, Jesus, Jesus-Christo. Cf. *R. L.*, II, 106 e V, 172.

jinela, janela. Cf. *R. L.*, II, 106 e V, 172.

jógas, só empregam a forma feminina, e quasi sempre no plural, para designarem as pedras ou seixos mais ou menos arredondados e lisos pela acção das aguas. Cf. *Ap.*, I, 390, *s. v.* «enjogar».

junguer, jungir os bois.

lacrau, as diversas formas ou variantes da palavra, por que este animal é conhecido em Baião, são: *leicranço, licranço*, *alicranço, lacrau, licreu* e *alicreu*. A propósito, refiro os seguintes versos populares e, a seguir, a explicação que me foi dada pela minha criada Rosa, analfabeta, do logar de Sequeiros, freguesia de Ancêde, concelho de Baião:

Ferradela de serropião
prócura caixão.
Ferradela de alicranço
nao tem descanso.
Ferradela de lozarra
prócura a cova.

Alicranço ou qualquer das formas acima indicadas, é o escorpião. *Serropião*, é um verme parecido com a lombriga, que dizem ser mais venenoso ou peçonhento do que o *alicranço*. *Lozarra*, nunca a vi; mas diz o povo que é um bichito pequeno, mas tão venenoso e peçonhento que, se um boi o come, por ir entre a erva com que o pensam, morre logo. A esta *lozarra* tambem dão o nome de *réla*. Cf. *Ap.*, II, 51 e *R. L.*, VII, 106, *s. v.* «alacrara» e «alecante».

lagoa. Vid. *belga*.

laidrar, ladrar. Cf. *Ap.*, II, 55.

lamite e **lamitre**, dinamite. Cf. *R. L.*, IV, 62.

landre, lande, bolota. Cf. *R. L.*, II, 30, *s. v.* «alandia», e 250.

lavrador. No Sul designa-se por esta palavra o dono de propriedades rústicas. No Norte é raro indicar-se com ella o grande proprietário; a quem mais geral e quasi exclusivamente se aplica é ao caseiro, i. é, ao arrendatário ou parceiro agrícola, que por suas mãos agriculta, cultiva, trabalha a terra.

Leixandre, Alexandre.

lima (agua de), agua para limar, agua que se traz temperada de forma que banha permanentemente um campo em toda a sua extensão.

lorca (vb. **lorcar**), o mesmo que *lura* de coelhos e ainda qualquer cova ou buraco. «Terreno todo lorcado pelos ratos e toupeiras». «Meteu-se-me a comida na lorca de um dente». Cf. *R. L.*, II, 252, *s. v.* «taloca» e *Ap.*, II, 464, *s. v.* «taloca».

lozarra. Vid. *lacrau.*

lũa, lua. Vid. *aluada.* Cf. *R. L.*, II, 117.

lura, cova, buraco, covil onde se escondem coelhos. Cf. *R. L.*, II, 250.

maçã de cuco. Vid. *cuca.*

machôrra, diz-se da mulher que não é assistida e é estéril. Tambem se diz das fémeas de qualquer animal quando são estéreis. Cf. *Ap.*, II, 109, *s. v.* «maninha», e *R. L.*, V, 90, *s. v.* «galdrapa», onde se emprega a palavra *machòrra* em sentido que desconheço.

madría, o mesmo que açude. «É preciso compôr a madría do Casal, porque já não vem a agua á levada». Cf. *R. L*, VIII, 94, *s. v.* «açuda».

malhaes. Vid. *carro de bois.*

mangoal, instrumento agrícola com que se malha o trigo, centeio, milho, etc. É composto de: *mangoeira,* cabo do instrumento; *pírtigo,* parte movel, na extremidade do cabo, com a qual se bate a palha ou grão; é feito de madeira leve; *cisoiro,* peça larga de coiro que se prende a uma das extremidades do *pírtigo*; *insacas,* tiras estreitas de coiro que prendem o *pírtigo* ao *cisoiro,* e este á *mangoeira.* Cf. *R*, *L.*, I, 209, *s. v.* «cidouro». É de notar que na *R. L.*, loc. cit., se escreve *mangual* e *mangueira* com *u;* mas se em *mangual* se faz ouvir o *u,* porque d'outra forma ter-se-hia escrito *mangal,* é natural que em *mangueira* se pronuncie o mesmo *u,* como em Baião, e então, deveria ter-se acentuado aquella semivogal com acento grave ou com trema. Cf. *Ap.*, II, 107, onde Gonçálvez Viana, escreve tambem esta palavra com *u.*

mangoeira. Vid. *mangoal.*

manta. 1) Depois de pisadas as uvas no làgar, começa a fermentação que traz á tona o bagaço. Diz-se então: «O vinho já levantou a manta» ou «o lagar já tem a manta em cima». Cf. *R. L.*, IV, 58, *s. v.* «balsa».

2) «Pintou a manta», i. é, fez brincadeiras engraçadas, fez cousas que não lembram ao diabo.

maré. «Não estou em maré de t'aturar». «Não foi feito em boa maré». «Agora não tenho maré de lá ir», i. é, occasião, opportunidade.

mel-réis, mil réis. «Tenho estes touros em trinta mel réis». Em preços de gados empregam mais vulgarmente, como unidade de conta, a moeda (4$800) que pronunciam moêda, ou a libra (4$500). «Tenho estes bois em dezoito moêdas cum quarto», i. é, por 87$600 réis. Cf. *R. L.*, IV, 243.

mètáde, metade. Cf. *R. L.*, IV, 243.

milhos, assim chamam ao milho moido muito grosseiramente, quasi que só partido em pequenos bocados. Manda-se moer assim para dar de comer aos pintainhos e tambem para cozer e fazer uma espécie de papas, que, sendo bem adubadas, são um bom prato. «Hoje os trabalhadores têm milhos pr'ó seu jantar». A este cozinhado de *milhos* chamam em Rèsende (concelho fronteiro ao de Baião e d'este separado pelo rio Douro) *painços*. Cf. *R. L.*, V, 218, *s. v.* «carôlo»,

minga, falta, precisão. «Não faz minga», i. é, não é preciso.

miótes, meotes, coturnos, peugas.

míscaro, cogumelo. Cf. *R. L.*, II, 258.

miúlo. Vid. *carro de bois*.

modos. «A modos que você não ficou muito sustifeito», i. é, parece que V. ... Cf. *R. L.*, II, 250.

moínha. 1) Rama, agulhas de pinheiro.

2) Semente de erva molar, mas só quando aplicada para encher travesseiros. E assim dizem: «Encher um travesseiro de moinha». «Vou semear erva». Embora nestas duas frases se refiram á mesma cousa: a semente de erva molar. Cf. *Ap.*, I, 250, *s. v.* «caruma».

moinho. O moinho de moer cereaes é formado pelas seguintes peças[1]: *cale,* tubo de madeira por onde desce a agua da levada para o *rodízio,* que é um disco formado de *penas* de madeira, que se cravam orizontalmente no *eixo* perpendicular; *urreiro,* trave de madeira assente orizontalmente no chão; *rela,* seixo levemente côncavo que se encaixa no centro do urreiro e sobre o qual assenta e gira o *aguilhão,* que é outro seixo de forma mais ou menos cilíndrica com um comprimento de 0m,06 por 0m,02 a 0m,03 de diámetro, que se espeta na parte inferior do

---

[1] A descrição de cada peça é dificil de fazer e só se poderia formar perfeita ideia de cada uma d'ellas reproduzindo-as em desenho.

eixo; *tolhedoiro,* tábua que se suspende sobre o rodízio, na direcção da cale para *tolher* a agua ao moinho e fazê-lo parar; *estaca,* aste de madeira (ou, hoje, um simples fio de arame) que se prende a uma das extremidades do urreiro para levantar ou abaixar o moinho e assim moer mais ou menos fino; *boléte,* aste de ferro fixa á extremidade superior do eixo, que atravessa o *pé* do moinho; *segurêlha,* peça de ferro que encaixa na extremidade superior do bolete; *serulhal* (contracção de segurelhal), corte feito na parte inferior da *mó* onde encaixa a segurêlha; *ôlho,* buraco redondo feito no centro da mó, por onde entra o grão que se pretende moer; *pé,* pedra inferior do moinho (fixa); *mó,* pedra superior do moinho (girante); *dorneira*, caixa de madeira de forma piramidal, com a base para cima, que serve para receber o grão que vae saindo pela parte inferior para a *quelha,* que é uma peça de madeira que tem cavado um rego por onde o grão vae rolando até cair no olho da mó; *chamadoiro,* pequena roda de madeira ou um simples pauzito, preso á quelha, e que pousa sobre a mó, cujo movimento de rotação lhe imprime e á quelha uma certa vibração ou trémulo que *chama* ou faz cair o grão que está na dorneira; finalmente *tremunhado* é o espaço resguardado onde cae a farinha que o moinho vae moendo.

morím, pano branco de algodão. Cf. *R. L.,* I, 221.

moroicho s, pequenos montes de forma piramidal ou cónica formados por quatro ou cinco *fachas* de centeio, trigo, cevada, etc., que se fazem no próprio campo onde estes cereaes são segados. Vid. *rolheiro* e *facha.*

mulhêlha, especie de almofada com a face superior de coiro e a inferior de pano de estopa ou de lã. É cheia com lã ou com tomentos. Coloca-se na cabeça do boi, entre os cornos e, sobre a parte da *mulhêlha* que se estende sobre o cachaço, assenta o jugo que se prende bem aos cornos por meio da *firma.* *Mulhelheiro* é o homem que faz e concerta mulhelhas. Não afirmo; julgo, porém, ter ouvido algures, fora de Baião, chamar ás *mulhêlhas,* munêlhas. Note-se que em Baião chamam *munêlho* a uma porção de farrapos juntos e atados á pressa, formando um novelo mal feito e mal arranjado. Cf. *R. L.,* II, 250 e *Ap.,* II, 171, *s. v.* «muleia».

munêlho. Vid. *mulhêlha.*

munger, mungir.

mussiço, massiço. Cf. *R. L.,* IV, 231.

nabinha, semente de ortaliça, tal como: nabo, couve tronchuda, repolho, etc. Cf. *R. L.,* I, 221.

nagalho, pequeno fio ou cordel com que se ata qualquer cousa. Não se emprega com a significação de lenço de pescoço ou gravata, como em Mogadouro e Lagoaça. Os Dicionários registam *negalho*. Cf. *R. L.*, v, 98.

obra de, pouco mais ou menos. «Que milho haverá na eira?» — «Obra de tres carros e meio».

ôlho. Vid. *moinho*.

òméssa! Homem, essa! Para exprimir espanto, admiração. «Oméssa! Oméssa, stá boa!» «Oméssa, agora é melhor!»

òpenião, ouvi dar a esta palavra o genero masculino. Não é porem geral. «No meu òpenião...»

osga, odio. Cf. *R. L.*, I, 214.

òspôis, «E bai òspôis». Cf. *R. L.*, II, 114, § 19, e IV, 57 e 69.

ougar, aguar, crescer-lhe agua na bôca, com o excessivo apetite de comer alguma cousa. O povo crê que este excessivo desejo de comer alguma cousa que se vê comer a outrem, não sendo satisfeito, ás crianças principalmente, é causa de grave doença. «Dá um bocado d'esse queijo àquella criança, senão pode ougar». «Reparte com esse pequeno para o desougar». Cf. *R. L.*, v, 43, *s. v.* «desaugar»; 45, *s. v.* «enaugar»; e 99, *s. v.* «ougar».

outonos, cereaes que se semeiam no outono. «Os outonos estão fracos». «O ano correu muito mal para os outonos», i. é, para os centeios, trigos ou cevadas, que são os únicos cereaes de outono que se cultivam em Baião. Vid. *Ap.*, II, 201. Cf. *R. L.*, VIII, 227.

pabeia; Ao roçar mato vão os trabalhadores acamando este em pequenos montes, a que chamam *pabeias*. «Já roçaram muito mato?» — «Debemos ter umas corenta pabeias». Cf. *R. L.*, I, 221, *s. v.* «gabela».

paleio, namoro, conversa por passatempo. Cf. *R. L.*, IV, 69.

palitos, fósforos. Cf. *R. L.*, II, 248.

panela, nem só á de ferro, que se ergue sobre tres pés, se chama no norte panela; tambem as de barro preto e as de ferro, sem pés, que assentam nos fogões, são designadas pelo mesmo nome de panelas. Cf. *Ap.*, II, 218.

parçósa, a minha criada Rosa (analfabeta, de Sequeiros, freguesia de Ancêde, concelho de Baião), referindo-se a uma mulher, disse: «Ia muito parçósa». E como eu fingisse não perceber e lhe dissesse que repetisse, ella, pensando ter dito mal e procurando corrigir, emendou: «ia muito sparçósa». Queria dizer: vistosa, bem vestida, de bom parecer.

pé. Vid. *moinho*.

pelem, oxítono que pronunciam *peléin*. Diz-se de uma pessoa muito fraca e doente. «É mesmo um pelem». Cf. *R. L.*, v, 100.

penas. Vid. *moinho*.

perçubêlho, percevejo. Cf. *R. L.*, II, 251 e v, 173.

picabeca, pl. **picabecas**, instrumento de ferro, com cabo de madeira, a que noutros sitios chamam *alvião*.

pico, instrumento de ferro e cabo de madeira, com que os pedreiros dão ás pedras o primeiro aparelho grosso ou desbaste. Cf. *Ap.*, II, 270.

pigarro. Vid. *carro de bois*.

pirámbula, pirámide. Cf. *R. L.*, IV, 70.

pírtigo. Vid. *mangoal*.

pôça, pôças, pôço e **pôços**, diminutivo *pocéco, pocéca*. O pôço é de superficie pequena e maior profundidade; a pôça é de superficie maior e de menor profundidade. O pôço, não sendo aberto em saibro duro, tem em geral as paredes revestidas de pedra; a pôça não, é só cavada ou aberta na terra e tem os lados ou paredes revestidos internamente de torrões e lodo para impedir a infiltração das aguas. Cf. *Ap.*, II, 279.

poçada, pronuncia-se *puçada*. A agua contida numa pôça. Indicando a agua pertencente ou devida para uma propriedade: «O meu campo da Lagoa tem quatro poçadas da pôça d'Alem».

ponto. 1) No rio Douro, são cachoeiras, formadas por maiores diferenças de nivel, numa certa extensão do leito do rio. No compêndio de Geografia de Augusto Luso vem uma lista dos *pontos* principaes do rio Douro. Cf. *Ap.*, II, 289.

2) É vulgar, e não me recordo de o ver registado, o emprego d'esta palavra com a significação de grau de condensação de uma solução de açucar. Assim, nas receitas de doces: «Ferve-se o açucar até fazer ponto de espadana... até ponto de fio... em ponto de rebuçado... etc.».

pousa, descanso de quem vem carregado, e ajuda dada a alguem, substituindo-o no trabalho de transportar um objecto pesado. «Lubei lá cima, á tulha, um saco de oito alqueires de milho e só dei uma pousa», i. é, levei... e só descansei, pousei uma vez. «Escusa de se queixar do carrêgo porque, só na Costa de Cabra, lhe dei eu duas pousas», i. é, o descansei eu, pegando-lhe no carrêgo e levando-o durante algum tempo, por duas vezes. Cf. *Ap.*, II, 295 e *R. L.*, IX, 127.

prâmôr de, por amor de, por causa de.

preguiceira, banco de madeira com encosto alto, que se coloca na cozinha, junto da lareira, para os lavradores se senta-

rem nas longas noites de inverno. Ordinariamente, a meia altura do encosto, tem pregada, por meio de dobradiças, uma tábua que se conserva levantada contra o encosto do banco, mas que se faz girar até tomar a posição orizontal, em que se conserva por meio de uma perna que tem pregada, com uma dobradiça, na extremidade superior. Assim, horizontal, serve de mesa aos lavradores que, sem sairem de ao pé do lume, ali comem as suas refeições, de inverno.

prepianho e **prupianho**, pedras aparelhadas pelas suas seis faces (leito, sobreleito, faces e juntas) com um aparelho grosso, feito só a pico. Formam um cubo rectangular. Tem pouca espessura, que em geral não vae alem de 0^{m},30. «Parede de prepianho». «Quero esta casa toda feita de prepianho. Até traves, prepianho de trinta (0,30) e de traves acima, prepianho de palmo (0^{m},22). Cf. *R. L.*, v, 101 e *Portugalia*, t. II, fasc. III, 419, *prepianho palmeiro*.

pribido, proíbido. Cf. *R. L.*, IV, 232.

prigar, perigar. Só empregam esta palavra no sentido de *abortar*.

pronto, adjectivo-substantivado que forma locução adverbial. «Foi e beo num pronto». Vid. *ai*.

prumão, bolha, tumefacção. «Ferrou-me aqui uma abelha e logo se me formou um prumão».
Cf. *R. L.*, VII, 110, *s. v.* «borrefa».

queira, «andar á queira». Diz-se das cadelas quando menstruadas e, portanto, em estado de receber, *querer* o macho. Tambem quer dizer *matilha*. Cf. *R. L.*, v, 102.

quélha. 1) caminho estreito. Candido de Figueiredo, no *Novo Diccionario*, diz *quêlha*. Cf. *R. L.*, I, 206 e IV, 60, *s. v.* «canada» e «canella», II, 257, *s. v.* «calheia»; v, 218, *s. v.* «canada» e 225, *s. v.* caleija; e VII, 59.

2) vid. *moinho*.

queluna, columna. Cf. *R. L.*, IV, 61 e IX, 170.

quinteiro, recinto vedado por um pequeno muro ou sebe, em frente da porta da loja dos porcos, para onde estes se soltam. O *Novo Diccionario* dá esta mesma significação á palavra *quinteira*.

quita de, escusa de, é inutil. «Quita (ou *você quita*) de me estar a arregalhar os olhos, que lhe não tenho medo nenhum». Cf. *R. L.*, II, 23.

racha, 1) cavaca de lenha.

2) pedra pequena, de forma achatada, que serve para os pe-

dreiros calçarem as pedras maiores que vão assentando num muro ou parede. Desagregam-se das pedras grandes ao receberem estas o primeiro aparelho, a pico grosso, ou ainda ao cortar-se pedra numa pedreira.

rachar, dividir, partir a dúvida ao meio. Num ajuste de venda de gado, nas feiras: «Eu pedi-le 25 moêdas e elle num passaba de 24 e meia. Nisto bẽo o Antoinho da Carlota, e rachou». Quer dizer: vendeu por 24 $^3/_4$ moedas, ou 118$000 réis.

raloeira, *raleira* e *raleiro* que são termos já registados por Adolfo Coelho e Candido de Figueiredo. Ora, com a mesma significação, se diz em Baião *raloeira*. «É preciso mandar plantar de novo naquellas raloeiras», i. é, naquelles sitios em que a primeira plantação não vingou.

rebo, quasi o mesmo que *racha*, na segunda acepção mas um pouco maior.

rechão. Vid. *belga*.

reco, porco pequeno. Cf. *R. L.*, I, 216.

reixêlo, o mesmo que chibo, bode, macho da cabra. Cf. *R. L.*, I, 217 e V, 103.

rela. 1) vid. *lacrau*. 2) vid. *moinho*.

rêlhas. Vid. *carro de bois*.

reposta. resposta. Cf. *R. L.*, IV, 232.

ressa. O *Novo Diccionario* diz *ressa* e a *R. L.*, V, 102, *reça*. Em Baião quer dizer sol ardente. «Sempre lá fóra está uma ressa! Ninguem pode sair de casa». Cf. *R. L.*, VIII, 60.

restêba, restibo, restibar, restôlho e **restolhar**, *substantivo:* a terra onde se cultivou centeio, cevada, trigo, favas, etc.; *verbo:* semear no *restibo* ou no *restôlho*. «Bou restibar o campo do olival». «Bou semear milho no restôlho do olival». Cf. *R. L.*, IV, 72.

rico. «Que rico menino!» Que lindo... «Meu rico filho»! Meu querido... O *c* é molhado; parece haver depois d'elle um *i*.

rilheira, sulco feito na terra, saibro ou calçada dos caminhos, pelo rodar dos carros. «A rilheira do carro». Cf. *R. L.*, II, 251.

rodízio. Vid. *moinho*. Cf. *R. L.*, VII, 120, *s. v.* «entrósa».

rolheiro, mêda, (grande monte) de forma cónica, feita com *fachas* de trigo, centeio ou cevada. Faz-se no campo onde estes cereaes são segados, conservando-se ali até serem transportados para a eira, onde são malhados. Cf. *R. L.*, V, 103, *s. v.* «relheiro».

rôr. «Ha um rôr de dias». i. é, ha uma porção, ha muitos dias.

rũi e **ruím**, ambas as formas se empregam em Baião. «Este

menino sempre é muito rũi». «É rũi com'ás cobras». «Esta madeira é muito rũi d'obrar». «Aqui nada se dá bem, a terra é de ruím calidade. Cf. *R. L.*, II, 119.

sais, segunda pessoa do plural do indicativo presente do verbo *ser*. «Antoum num sais bós q'ides alem?» Então não sois vós que ides alem?

salvar, saùdar. «Passou por mim e num me salbou». Parece andar ligada a esta palavra uma ideia religiosa, visto que as saùdações mais vulgarmente empregadas pelo povo são manifestações de religiosidade. «Louvado seja Nosso Senhor Jesu-Christo»; a que se responde: «para sempre seja louvado», o só: «para sempre». «Salve-o Deus». «Ande com Deus». «Vá com Nossa Senhora». «Fique com Deus». São tudo formas de saùdação ou maneiras de salvar dirigidas por quem passa; ou respostas dadas, por quem está, áquelle que, passando, o salvou. Cf. *Ap.*, II, 397.

santeio (çanteio), centeio. Cf. *R. L.*, IV, 245.

sapada, grande porção de terra deslocada e caída d'uma rampa ou talude, em geral, por efeito das chuvas. «Caiu além uma sapada».

scontra, contra. Entre eleitores: «aquelle botou scontra». Cf. *R. L.*, IV, 245.

scopir, pronuncia-se *scupir*. Cuspir. «Scope fora». Cf. *R. L.*, IX, 176, *s. v.* «escopir».

segurêlha. Vid. *moinho*.

serguilha. É muito usado pelas mulheres do povo este tecido; é urdido com estopa e tapado com lã. Cf. *Ap.*, II, 427, *s. v.* «sirguilha».

serropião. Vid. *lacrau*.

serulhal. Vid. *moinho*.

sibana, rede feita com um encanastrado de vergas, que se coloca perpendicularmente em volta e sobre o chedeiro do carro de bois, presa aos estadulhos. Serve para se poderem carregar cousas que facilmente se desagregam e que, sem a sibana, seria impossivel carregar. O caixão de madeira, que para este fim se emprega noutras terras, é muito mais pesado e mais caro. Cf. *R. L.*, IV, 232.

sôga, tira de coiro, que se prende ás pontas dos bois e que serve para o carreiro os guiar, agarrando-a com a mão. Vid. *apeiros*. Cf. *R. L.*, I, 221 e II, 252.

sogar. 1) Prender os bois com a sôga. 2) Apertar.

spicular, examinar detida e minuciosamente. O artista, para

quem lhe está a examinar a obra: «Que está o senhor á spicular? não acha a obra bem feita?» Cf. *R. L.*, IV, 232.

sprital, ospital. Cf. *R. L.*, IV, 232.

sprito, «Em nome do Padre, do Filho e do Sprito Santo!» Forma de manifestar uma grande admiração e espanto. Diz-se fazendo uma cruz da cabeça ao peito e de ombro a ombro. Cf. *R. L.*, V, 172 e VII, 122, *s. v.* «esprito».

stadulho, estadulho, fueiro. Cf. *R. L.*, I, 219.

stámego. «Doe-me muito o meu stámego». Quando assim se exprimem, em geral é ao ventre que se referem; porque, em lhes doendo o estómago, quasi sempre se queixam do coração. Assim m'o disse um médico de Ancêde. Cf. *R. L.*, V, 272 e VII, 123, *s. v.* «estamo».

stante. «Foi e beo num stante», i. é, num instante. Cf. *ai* e *pronto.*

stonar, estonar. Tirar a pele, a casca ás frutas. «Stonar uma pera».

stróbar. «Num stróba», i. é, não estorva.

suã. Assim chamam aos ossos que formam a espinha dorsal dos porcos. «Pr'adubar um caldo e fazer a auga gostosa não ha com' ó osso da suã». O *Novo Diccionario*, regista este termo com significação diversa.

taburno. Vid. *carro de bois.*

talhadouro. Vid. *Ap.*, II, 271, *s. v.* «pijeiro». Em Baião é desconhecida a palavra *pigeiro. Talhadouro* ou *tralhadouro,* porem, é frequentemente empregada (mais a primeira do que a segunda) para significar o corte ou abertura, que se faz num rego ou levada, para desviar aguas de rega. É derivada da palavra *talhar* ou *tralhar* (aqui mais empregada a segunda do que a primeira forma), que empregam no sentido e pela maneira que vou explicar.

Quando os lavradores regam pela primeira vez os seus milhos, ahi pelo S. João, dizem: «abri hoje o meu milho», e dizem assim porque foi feita a rega *abrindo* um ou mais regos ao longo do campo, da forma seguinte: levam a agua, por um rego, até entrarem com ella no campo de milho, e ahi deixam-na alastrar por uma determinada superficie; regada esta, cavam na terra um rego e levam a agua mais adeante, deixando-a novamente alastrar; continuam cavando e abrindo o rego, assim intermitentemente, até chegarem á extremidade do campo. Está o milho com a primeira rega, que foi feita do princípio para o fim do campo, ficando ao longo d'este um rego *aberto.*

Na segunda rega que dão ao milho, procedem inversamente: a rega é feita do fim para o princípio, conduzindo a agua, até a extremidade do campo, pelo rego que ficou aberto na primeira rega e vão-no depois *talhando* ou (como mais frequentemente dizem) *tralhando* em diferentes pontos, cada vez mais próximos do princípio do campo, deixando, em cada *tralho* que fazem, correr a agua o tempo preciso para alastrar, irrigando, uma determinada superficie. Chegados ao princípio do campo, está dada a segunda rega e ficou o rego *tralhado*.

«Este anno não cheguei a *abrir* o meu milho todo», i. é, não tive agua para dar a primeira rega a todo elle. «O meu milho, já o tralhei», i. é, já tem a segunda rega.

Tralhos são, pois, os cortes feitos num rego de ocasião, que se abriu ao longo d'um campo, para o regar.

Talhadouros são esses mesmos cortes, feitos num rego ou evada permanentes.

Os *talhadouros* são em geral fixos e não, como os *tralhos*, feitos mais aqui ou alem, á vontade e conforme a conveniência de quem anda a regar. Ao longo d'um rego fixo ou d'uma levada eu tenho um *talhadouro*, onde *talho* au desvio a agua para o meu prédio; mais adeante Fulano tem outro *talhadouro* para desviar a agua para o seu prédio. Só depois de terminarem as minhas horas de agua, é que Fulano pode vir tapar o meu *talhadouro*, para a agua correr adeante e abrir, então, o *talhadouro* d'elle.

tampo. 1) O conjunto de peças que formam os tôpos ou cabeças das pipas, toneis e vasilhas análogas. A peça central onde se abre o *postigo* do tonel chama-se *meão* (plural *meões*).

2) Tambem se chamam tampos ás pedras de preprianho que formam as paredes d'um tanque ou d'um lagar. Cf. *R. L.*, IV, 75.

tamoeiro, especie de dupla aselha, feita de coiro, que se colloca no centro do jugo e onde enfia a *cabeçalha* do carro de bois, a qual fica presa com a *chavelha*. O coiro de que é feito o tamoeiro é tirado da pele do pescoço dos bois. Vid. *apeiros*.

tarraçada. «Bebi uma tarraçada de vinho», i. é, uma grande porção de vinho. Não existe o nome *tarro*. Cf. *R. L.*, II, 23.

terçôgo, o ultimo porco nascido numa ninhada. Como expressão de meiguice, de mimo, de caricia, afagam as mães os seus filhos mais novos chamando-lhes: «o meu terçôguinho». Quem estranhar esta forma de ameigar crianças, que a confronte com a forma de acariciar, usada em França: *mon petit chien...*, *petit chat*, etc. Exceptuadas as *bêtes fauves*, as mães francesas dão aos filhos os nomes de quantos animaes se lembram. Cf. *Ap.*, II,

478, *s. v.* «terção», e Adolfo Coelho, *Diccionario Etymologico, s. v.* «terçô».

terrão, pl. **-ões,** pedaço de terra úmida cortada com a enxada em lameiro ou sitio onde haja relva. Esse pedaço de terra é compacto, não se desagrega facilmente, por causa da umidade e das raizes das ervas. Vid. *aterrar* e *aterroar*.

terrincar. «Terrincar os dentes», i. é., fazê-los ranger apertado-os uns contra os outros. Cf. *R. L.,* IV, 246.

tésto, a, teso, bem esticado. «Esta corda está tésta».

tezão. Vid. *carro de bois*.

tolhedoiro. Vid. *moinho*.

tolhido, arruinado por doença ou desastre. «Depois d'aquella pulmonia que tebe, nunca mais foi bô. Ficou sempre tolhido».

tomar a culpa a alguem, atribuir a culpa a alguem.

tralhar e **tralho.** Vid. *talhadouro*.

trave, membrana sublingual. É comum a crença de que é preciso cortar a membrana sublingual ás crianças, que a teem muito desenvolvida, para que não fiquem gagas ou mudas. Qualquer mulherzinha do povo se arvora em cirurgião, para fazer a operação de *cortar a trave* a uma criança. Cf. *Ap.,* II, 497.

travessas. Vid. *carro de bois*.

trêcho, pedra pequena, ordinariamente de côr vermelha, com que os pedreiros riscam, á regua, as pedras que querem lavrar ou aparelhar. É o lapis dos pedreiros.

trefegueiro, pedra que se coloca na lareira para se lhe encostar a lenha, e esta arder melhor. De qualquer rapaz que gosta muito de se chegar para o lume dizem: «Parece mesmo um *trefegueiro* ».

tremunhado. Vid. *moinho*. Cf. *R. L.* VII, 113, *s. v.* «cambêras ».

trépa, 1) Ramo, pernada, braço d'uma árvore. «Agarra-te a essa trépa se não caes».

2) Sova, pancadaria. «Apanhei-o a geito e sempre lhe dei uma trépa!». Cf. *R. L.,* II, 304, *s. v.* «gallinho»; IV, 76 e I, 219.

treboar e **troboar,** trovejar. Cf. *R. L.,* II, 260.

troco. «Ralharam a troco de uma junta de bois», i, é, por causa de ...

tufo, orificio de esvaziamento feito no ladrilho, que forma o lastro de um tanque, ou num dos tampos junto ao ladrilho.

uei! interjeição que exprime admiração, espanto. Emprega-se sempre isoladamente. Tem duas sílabas bem distintas e o acento tónico na última, o ditongo *ei*. Cf. *R. L.,* II, 55, *s. v.* «oai».

ugual, igual.

umaije, imagem. Cf. *R. L*,, IV, 335.

urreiro. Vid. *moinho*.

veia, com a significação de porção de agua ao sair da nascente diz-se: «uma veia d'agua». Diz o mineiro que anda abrindo uma mina: «A mina por ora não dá auga, porque ainda não cheguei á beia, ou ainda não cortei a beia». D'uma forte nascente que dá agua bastante para um homem poder regar, sem ser preciso represá-la: «É uma auga nascente muito boua; pode-se regar de beia».

vencilho. vara de vime, de choupo, ou de outra qualquer árvore, cujos ramos finos verguem e se torçam facilmente sem quebrar, que serve para atar qualquer molho ou para empar vides, etc. O *Novo Diccionario* regista tres formas: *vencelho*, *vencilho* e *vincilho*. Cf. *R. L.*, 26, *s. v.* «amalhoar».

ventã, ainda hoje o povo de Ancêde emprega esta palavra trocando, está claro, o *v* por *b*. «Trago enflamada esta bentã». «Segurei o boi pelas bentãs». Costumam segurar os bois, agarrando-os pelas ventas, com os dedos polegar e indicador. Cf. *Ap.*, II, 531.

verdasca, vara flexivel (de verde). Cf. *R. L.*, II, 252.

viaije, viajem.

zorro, tem em Baião a mesma significação que a *arrasta* indicada na *R. L.*, V, 27, com a diferença de que tanto pode ser feito de uma só peça, cortada adrede numa árvore, como construido de várias peças pregadas umas ás outras. A zorra, carro de rodas muito baixas, não é conhecida em Baião, a não ser a dos Caminhos de Ferro, empregada pelos partidos de conservação e reparação da linha.

ALVARO DE AZEREDO.

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Vid. *Rev. Lusitana*, x, 177)

IV

VIDA DE TARSIS—VIDA DE UMA MONJA MORTE DE S. JERONIMO

INTRODUCÇÃO

O texto que adiante se publica é extrahido do *Codice Alcobacense*, n.º 266, o mesmo de onde provém a *Historia do Cavalleiro Tungulo* e *Vida de Santa Pelagia*, já aqui insertas. Como a proposito do primeiro d'estes textos fiz algumas observações philologicas, e estas se podem igualmente applicar ao que agora trago a lume, visto tratar-se de um da mesma proveniencia, e, portanto, contemporaneo d'aquelles, considero-me dispensado de repeti-las; apenas direi que reproduzo fielmente o original, conservando a sua ortographia, desfazendo apenas as abreviaturas e representando por *m* ou *n* o til indicador de vogal nasal. Com o fim de evitar equivocos e, para melhor intelligencia, substitui por *j* o *g*, quando empregado com o valor d'aquella consoante, como em *pellegas*, e não só pontuei, mas tambem accentuei as palavras nos casos hoje em uso; alem d'isso, separei por um traço os pronomes complementos que no texto estão juntos aos verbos, ou nalguns casos, mas raros, usei do apostrophe, e pus entre colchetes ou em parenthese o que se me afigurou indispensavel para a verdadeira comprehensão ou julguei estar a mais. Poderia dobrar o *r* ou *s* nos casos em que o devem ser, e nisso não faria mais do que conformar-me com outros logares do mesmo texto; deveria talvez nasalar certas vogaes, taes como o *o* de *boo* e *doa*, o *e*

de *veo* e o *a* de *saas,* mas preferi apresentar o texto tal qual se encontra no *Codice,* apenas com as ligeiras modificações apontadas.

Aos menos versados na materia lembrarei que o som guttural do *g* é muitas vezes indicado por *gu,* e que, portanto, *auguas*, por exemplo, se deve ler *augas*.

Segue-se o texto a que me estou referindo, bastante interessante como o leitor vae ver, o qual se encontra no mencionado *Codice,* entre fls. 65 *v* e 96.

Aquy se começa a vida de Tarssis molher que foy muyto peccatrix

Hũa manceba foy do mundo que chamavam Tarsis, e era de tamanha fremosura que muitos venderom os bẽes que avyam por ella e veerom a muy gram pobreza, e eram tantos amadores que ha amavom que muitos moryam por ella e faziam grandes pellejas. Quando esto soube, o abbade Panuncio, ouve grande doo em seu coraçon della e filhou panos de sagral por prezo de seu pecado e chegou aa porta della e disse-lhe: quero contigo fazer minha vontade. E ella lhe disse que entrasse pera dentro, e entrou na primeira casa e acharom hũu leyto mui boo de muitos panos de grande vallor. E o abbade lhe disse: ahy [1] outra casa mais escusada e ascondida? E ella disse: ha, e queres que nos vaamos pera ella? e el disse: sy. E ella dise: sse dos homẽes ás vergonça, aqui te nom veerá nehũu. E sse de deos has vergonça, nom ha logar hu sse o homem asconda ante os seus olhos. E quando o velho esto ouvio, dise-lhe: sabes quem he deos? e ella disse: ssey. e o sseu reyno e o tormento que averám aquelles que mal fezerem? e ella disse: sy. E o velho lhe disse: se esto sabes, por que fezeste perder tantas almas, que nam tam soomente pella tua mais pellas de muitos que fezeste perder, por que por todas darás conto e rrazom a deos? E ella, quando esto ouvio, começou de chorar fortemente e caýo-lhe aos pees e disse-lhe que lhe desse peendença e que orasse a deos por ella e pedio-lhe espaço de tres dias e que acabo de tres dias faria qualquer cousa que lhe el mandasse. E filhou cem marcos d'ouro e de prata e muito aljofar e muitas outras doas e panos de sirgo que tiinha e veo-sse com elle aa praça da vila e começou de braadar e dizer: vinde veer,

[1] Deve ler-se: *ha hy* ou *hai,* que é o mesmo.

amadores do mundo, o que eu convosco gaanhey, como ho eu aquy queymo. E desy posse-lhe o fogo e queymou-o e esto acabado foi-se pera o abbade e o abbade lhe mandou fazer hũua cella pequena apar d'hũu mosteyro de donas e mandou-lha muito bem çarrar, que lhe nom leixou senom hũa janella pequena per que visse, e mandou-lhe que comesse hũu pouco de pam [1] e d'auga cada dia e mais nom, e ensinou-lhe como orasse e dise-lhe: tu nom es digna de nomear o nome de deos, nem es digna de alçar as maãos contra o ceeo, por que os teus [2] olhos e os teus beyços e as tuas mãaos ouverom gramdes maldades e grandes pecados, mais tam ssomente olha contra ho ouryente e pide assy: Senhor deos, que me fezeste, amerçea-te de mym. E ella esteve em aquella casa per tres años. E o abbade Panuncio doeu-sse della e foy-sse pera o abbade Antonio e contou-lhe todo o feyto e rogou-lhe que orasse a deos que lhe mostrasse sse lhe perdoara os seus pecados. E o abbade Antonio chamou todos os seus discipolos e disse-lhes que orassem a deos sse perdoara os pecados aaquela molher. E Paullo, o sinprez, o mayor dos dicipollos do abbade Antonio, vyo viir pello ceeo hũu leyto mui bem afeytado de panos preciosos e tres virgẽes que o guardavam, e Paulo coidou que era o lleyto do abbade Antonio. E hũa voz veo do ceeo que lhe disse: nom he do abbade Antonio, mais he do Tarsys, aquella molher que jaz emçarrada. E Paullo o contou em outro dia ao abbade Panuncio. E o abbade Panuncio foy hu ella jazia e disse-lhe: perdoado te tem deos os teus pecados. E ella lhe disse: despoys que aqui jaço, de todollos meus pecados fige hũa carrega, e pugy-a ante os meus olhos e senpre me deles doý. E o abbade lhe disse: nom te perdoou deos pella tua peendença mais pello teu arrepeendimento. E ella nom viveo mais de xv dias. E o abbade vyo hyr a sua alma pera o ceeo com gram companha danjos, que faziam grande allegria com ella. O Senhor deos que a ella perdoou os seus pecados perdoe a nós os nossos. amen. deo gracias.

Aquy se começa a vida de hũa muy sancta monja

Contou hũu padre santo, dizendo que era hũa virgem que aproveytara muito em no amor de deos e em seu temor. E pregun-

---

[1] O texto tem *pom*.
[2] No texto *teuos*.

tey-a (que) quem a trouvera a tam boa conversaçom de vyda? e ella me disse: ó homem de deos [que] dizem que tu és [1], enquanto era moça, avya meu padre e minha madre que eram de desvayradas vidas; meu padre era manso e homildoso e fallava mui poucas vezes. E bem cuidavom os que o nom conhociam que era mudo, tam pouca era a ssa fala, e elle fraco e doente em tal guysa que poucas vezes sse podya erger do leyto, e, quando se alçar podia hya pera ssa terra e pera sas vinhas. E alá poinha todos seus dias em synplinzidade (*sic*). E minha madre era mui coriosa sem maneira. E era de muita fala com quantos hyam e viinham em tal guisa que ssemelhava o seu corpo todo de lyngoa. E ella cometya muitas vezes baralha com todas sas vizinhas e bevia do vinho mais que lhe compria. E era mui luxuriosa e muito estragadeyra do que tiinha. E nunca foy doente de pee nem de mãao, mais em toda ssa vyda foy sãao seu corpo. E morreo meu padre e tamanhas foram as chuvas em aquel tenpo que morreo e tamanha foy a tenpestade que seus vizinhos per tres dias o nom poderom soterrar, atee que lhe o corpo apodreceo e delle lhe comerom os cãaes e diziam os vizinhos que em como lhe na vida fôra mal, que assy lhe ffôra mal em na morte. E despois desto morreu minha madre a poucos dias em seu huso de ssa vida em como soia de viver. E ao tenpo de ssa morte, ffez tam boo tenpo que todos seus amigos a soterrarom mui honrradamente. E eu, que depois fiquey da morte delles, comecey de cuidar quaes das vidas filharia, sse a de minha madre ou a de meu padre. E consiirey de filhar a de minha madre, que viveo em sua vida avondada e aa sua morte muito honrrada. E eu em esto estando çarrou-se a nocte e veo a mym hũu homem mui grande de corpo e espantoso de sua cara e de sua fala e dise-me: que estás coidando? o que tu estás coidando? [2] vem em pós mym e sigui-me, e eu te mostrarey teu padre e tua madre e o que cada hũu ha polla vida que fez. E foy-me com elle e levou-me a hũu campo em no qual avia mui desvairadas arvores de desvairados fructos e ervas muy verdes de desvairadas frores e aves que cantavam em desvairadas maneyras e muy fremosas, qual lyngua d'homem nom poderia dizer. E ally vy eu estar meu padre que veo a mym e abraçou-me. E eu lhe rogava que me leixasse ficar consigo. E el

---

[1] Leitura conjectural; no texto lê-se *q tuees,* e antes um pequeno espaço illegivel.

[2] Parece que o copista repetiu aqui a frase já escrita.

me disse: nom he ainda tenpo, mais, se o meu caminho seguires, cedo verrás aqui. E aquel que me ally trouvera me disse: anda e hir-t'ey mostrar tua madre. E fui adiante a hũu vale e vy hũa cova mui negra e mui espantosa, e tamanho era hy o bater dos dentes e o choro e os braados que se nom podiam hi ouvir hũus com os outros. E vi minha madre jazer atolada em fogo, atee os olhos, e desvairados vermẽes que a comiam de cada parte. E ella começou a braadar e dizer: filha minha, nenbra-te da criaçom que fiz em ty e a door que ouve contigo e dá-me a mãao e tira-me deste logar, ca atormentada sõo [1] assy como vees. E eu chorava do que via. E em esto estando espertey-me e achey-me em meu logar e cuidey em mym pera escolher a vida de meu padre. E per este emxenplo podemos entender que aquelles que em este mundo sofrem pena e tribulaçom com paciencia que melhor baratam que aquelles que se lançam ao prazer da carne e a vyver em luxuria.

Esta he a morte do bem aventurado Sam Jeronimo

Con lagrimas continuadas teendo as mããos alçadas ao ceo calou hum pouco e depois oolhou contra os hirmãos e dise-lhes: Oo meos filhos muyto amados, rogo-vos e mando por a caridade de nosso Senhor Jhesu Christo que, depois que eu for finado, que enterredes o meu corpo a par do presepio de Jhesu Christo, por que leve deste mundo aquelo que trouve quando a ele veo, que spido naci e spido tornarey aa terra. E porem ajuntade a terra aa terra, ca nom he razon ajuntar a terra aas pedras; sabede que natural cousa he de cada hũa cousa de mandar o seu semelhante. E, meos filhos muyto amados, rogo-vos que me tragades o corpo de deos, meu senhor Jhesu Christo, por que eu veja en no seu lume a claridade celestrial. E por que afirmando el sobre mỹ os seus olhos e me dê entendimento e me ensine este camynho que já começo a andar. E entonces os seos yrmãos lhe trouxerom o corpo de nosso senhor Jhesu Christo com grande reverença. E quando o sancto barom vio o corpo do senhor dirribou-sse logo em terra e alçou a voz com lagrimas e dise: Oo senhor, e quem som eu pera que ouse aparecer ante ty? nom soom digno que tu entres so [1] meu telhado nen o mereci, que som homen pecador.

1 No texto *soo*.

E, senhor, a Moises teu servo soomente nom te quiseste amostrar, enquanto se podese abrir o olho, pois por que te omildas tanto e decendes ao homem publicano e pecador e nom tan soomente queres comer com ele mas ante mandas que ele te coma? E depois alçou-se da terra em joelhos e com lagrimas e sospiros e firia-se muyto en nos peitos dizendo: tu es o meu deos e meu senhor o qual padeceste por mym paixom e morte cruel. Certamente tu es aquel que, como foses soo deos ante de todolos tenpos e sem começo jeeraado de deos padre per jeeraçon perpetua e nom scoldrinhavil, o qual con ese meesmo padre e spiritu sancto es hum meesmo deos. E seendo deos tu descendiste e poseste-te en o seo de hũa donzela. E fezeste-te homen asi como eu som, verdadeiramente és deos e homem. E asy tomaste a humanidade do ventre da virgem que nom es sem homen deos nen deos sen homen. Como quer que a divindade nom humanidade nem a humanidade devindade nom sam mesturadas as naturas, como quer que seja em ti hũa e esa mesma pesoa. Ou per ventura nom es tu minha carne e meu hirmaão? verdadeyramente sy, ca fame e sede ouveste e choraste e ouveste infirmidade como eu. Pero que en ty non foy defeito nenhũu nen enfirmidade de pecado como en mym que nom podeste como eu. En ti he e foy corporalmente conprimento de toda graça, ca non te foy dada a graça per medida, a tua alma, como foy ajuntada sem apartamento aa divindade, todalas cousas soube perfeitamente e pode fazer o que fazer pode esa (esa) meesma devindade. E quanto he a natura divinal igual es ao padre perduravil. Mas quanto he a humanidade que recebeste pera nos remíir, meor es que o padre, pero nen ainda por esto non caes en nenhũu vituperio. Tu es aquele sobre o qual baptizando-te sam Joham baptista en no rio de Jordam foy ouvida do ceeo hũa voz do padre que dise: Este he o meu amado filho o qual a mim muyto aprouve e este ouvide [1]. E o spiritu sancto descendeo sobre ty em semelhança de poomba e mostrou-te ser hũu e ese meesmo em esencia com o padre. Tu senhor, tam grande e tamanho, estás aqui agora como foste posto na cruz e recibiste por mym o tormento da morte por que matases a morte em que eu avia caido por os meus pecados. E pera que cobrases as almas dos santos padres antigos os quaes tinha o diaboo nas moradas do inferno e por que revocases a vida sem fim a humanal natura que avia caydo em

---

1 ***Hic est filius meus dilectus in quo mihi complacui ipsum audite,*** diz a 2.ª Epistola de S. Pedro, cap. 1, v. 17.

a morte perduravel, trautada per ty a paz ante o teu padre e a natura humanal. Por o qual espalhaste o teu precioso sangue e porquanto ao terceyro dia resurgiste da sepultura em que jouveste morto deste-nos firme certidõe pola qual a nosa fé he firmada e acrecentada a nosa sperança. E asy como tu resuscitaste incorrutibile e inpasibile e nom mortal e nós asi resuscitaremos polo teu grande poderiio. Oo senhor poderoso aos quorenta dias pasados da tua maravilhosa resurrecçom en os quaes per experiencias certas mostraste averes resuscitado, per ti quebrantados os infernos, e por que non ficase nenhũa sospeyta, diante todos teos [1] discipolos por a tua virtude propria sobiste aos ceeos, sees a destra parte do padre sem fim. E asy me abriste piedosamente as portas do parayso e outrosy, oo piedoso Jhesu Christo de deos stabilicido juiz dos vivos e dos mortos, asy como aquele dia sobiste aos ceeos, bem asy, o diia do geeral juizo temedeyro e spantoso, decerás a julgar o mundo todo e darás a cada hum seu galardam segundo suas obras. E senhor entonces todolos reix ficaróm os giolhos ante ty, que será quebrantado todo seu poderiio. E os que te agora meos preçam entonces te temerom; que dirám os mal aventurados que agora se gloriiam en as suas maas obras, que sabem que lhas entenderás todas, as quaes nunca já mays nom averam nenhũu remedio de misericordia. E, pois que farám deante do teu sguardamento tam poderoso, sabente todalas cousas e soomente julgante juizo direito, hos mizquinhos mal aventurados, que todo o seu tempo despenderom em vaidades e en pecados, amando mais as riquezas que a ty e amando mais as mães a seos filhos e suas filhas e a vãgloria pasadeyra deste mundo que ty? Oo que farám em aquel diia que verám a tua face muy sanhuda e acusa-los-am as suas conciencias ainda de meor dos seos pensamentos? E outro sy aquela grande companhiia dos diaboos fortemente os acusará e ainda toda creatura os acusará, porque toda creatura que a ty ofendeo, que es creador ofendedor a toda creatura. E esperaróm entom os mizquinhos a cruel sentença e, depois que a sentença fôr denunciada, serám enviados aas penas do inferno em as quaes os seos corpos e as suas almas com os diaboos sem fim serám atormentados e non sperarom jamais nenhuum refrigerio nem mercees. Ay dos mizquinhos que em este breve tenpo se envolvem em nos bẽs tenporaaes os

---

[1] O texto diz *seos*, que evidentemen tei lapso fodo copista.

quaes non soomente tira a myngua aos seos posoidores mais senpre lhe dam falicimento e tribulaçom. Estes ataes tornam-se asy como bestas non razoavees. Ay destes taaes os quaes te nom amam por amor como sam teudos deviam de leixar de pecar por temor dos tormentos dos diaboos e deviam-se de guardar de non cair em tua ira. E ó piedoso senhor Jhesu Christo a tua grandeza he tanta que ho nom pode dizer nenhũa creatura, a qual os ceeos nem a terra nem ho mar nem todalas cousas em elles contiudas nom o podem receber o qual es todo presente em todo loguar nom ençarrado em nenhũa cousa nen fora deitado de nenhũa cousa e ese meesmo sees em no ceeo aa destra parte do padre. Tu és ben aventurança e gloria dos cidadãos celestriaaes os quaes cada dia acatam en na tua grande fermusura; tu és ese meesmo en na terra çarado en no teu punho, tu és ese meesmo en no mar e nos avissos guovernantes e guardante todalas cousas, tu és ese meesmo en no inferno avente poderio. Oo senhor tam grande e tam poderoso, contiudo és em esta ostiia tam breve e pequena non particularmente mais enteyro e perfeyto sen partiçon nenhũa. Oo maravilhosa nova que se non pode dizer; os olhos humanaaes vêm em ty brancura e o gosto sente em ty sabor e olor (sente ollor) e o tanger acha sotileza, mais ho ouvir rrepresenta ao coraçom que nom stam en ti os acidentes, ca verdadeiramente aquy stan os acidentes sem sojeito, ca non es pam como pareces aos homens mais es todo Jhesu Christo enteyro asy como sees en nos ceeos aa deestra do padre. Deos e homem verdadeyro, humilho-me eu a ty, pam de vida e descendiste do ceeo dante vida perduravel aos que te receben dignamente. Tu non es tal pam como o que foy dado aos nosos padres en no deserto do qual posto que comerom todos gostarom a morte, mas o que te recebe dignamente, ainda que receba e goste a morte corporal, nunca depois mais morrerá. Ca o partimento da alma e do corpo non he morte mas he pasar da morte aa vida. E porende os que dignamente te receben, quando aqui morem [1], contigo começam de viver. Oo quam preciosa he aquela morte ante da qual os homens sam mortos. E depois que ha gostam vivem pera senpre. Senhor tu és pam dos anjos e a tua visam glorificam eles e louvam; tu es comer da alma e noz do corpo; tu fartas a alma e nom enches o ventre; o que te nom recebe nom pode aver as virtudes, mas senpre jaz

1 Deve ler-se *morrem.*

enfermo nos pecados. E tu en no tal recebimento mudas em ty o que te recebe e asy he feyto deos, pero tu nom te mudas em ele asy como os outros comeres que se mudam em sustancia corporal. Ay dos que te recebem nom dignamente, certamente recebem a condapnaçom e a dano de suas almas, ca pecam tanto como se te crucificasem outra vez nom porque te julge [1] aquele recibimento, ca tu es inpasibel e non mortal. Oo senhor que direy eu agora dos maaos sacerdotes que te recebem sobre o altar asy como se comesen carnes de animalias ou de aves? Ca de nocte, se acontece, husam de çuja e torpe obra das molheres e logo pola manhãa som chegados ao altar sem reverencia. E sem temor recebem o teo glorioso corpo: hó senhor onde stás? tu dormes ou velas ou ás tu por gracioso e prazenteeyro tal sacrificio como este ou he esta a oferenda que escolheste stando em na seeda da tua majestade? Ouves en nos ceeos as rogaryas destes taaes? verdadeiramente se tu quiseres tal sacrificio e tal oferenda nom serias verdadeyro mas companheyro de pecadores. Oo senhor, se verdadeyras sam as cousas que falaste polas bocas dos prophetas, e se tu soomente ouves as rogaryas dos justos, e se a justiça te praz senpre, certo tal sacrificio como este feyto per sacerdotes indignos e publicos pecadores nom é [2] a ty prazivel nen gracioso tal sacrificio. Como quer que o sacrificio de sua natura seja boo e non pode seer ençujado per maaos e endinos sacerdotes, nen pola malicia deles non he o sacrificio mingado ou meor, verdade he que os taaes sacerdotes fazem sacrificio mas recebem [3] a sua condapnaçom, mais aqueles por que he feyto nom lhes aproveitará, antes, pera que eu diga verdade, qualquer que conhece o sacerdote seer endigno e pecador e por sy o faz celebrar caae em este meesmo pecado en que el caae e con ele será parceyro en na pena perduravel. Oo mynisterio [4] muy grande e grave d'escoldrinhar en no qual os acidentes do pam per partes som quebrantados mays en cada partezilha todo he enteyro verdadeyro Jhesu Christo nom he quebrantado. Oo senhor parece que te mastigam os dentes asy como a pam material pero enteiro que dás senpre e nom recebes em ty departimento. Oo maravilhoso manjar eñ no qual so semelhança de pam e de vinho Jhesu

---

[1] Leia-se *julgue*.
[2] O texto tem *es*.
[3] No texto lê-se *recebēno*.
[4] Evidentemente é lapso em vez de *mysterio*.

Christo deos e homem todo he tomado e asy todo stá en na semelhança do pam e todo em na semelhança do vinho todo Jhesu Christo deos e homem verdadeyro e perfeito e acabado stá en na semelhança qualquer das partes do pam e todo perfeito e acabado sta em qualquer das gotas do vinho. Oo maravilhoso e sancto manjar o qual aquele que o recebe dinamente he feyto deos, segundo o que he scripto: Eu dixe: deoses sodes todos e filhos do muy alto [1], estes ataaes som livrados de todolos males e conpridos de todolos bẽes e depois que morrem som feitos nom mortaaes. Este he manjar muy sancto da nossa peregrinaçon; polo [2] deste mũdo maao ymos aa companhiia celestrial. Ca, posto que os nosos padres comerom a magna [3] en no deserto non entrarom na terra da promisom, mais o que te comer na sua forteleza yrá ataa ho monte de deos e de oreb. Oo comer mui amavel en no qual he dolçura de sabor e de olor, en no qual he todo deleitamento e toda meezinha e todo sostimento e toda fulgura [4] de trabalho e toda cousa que pode seer desejada. Tu es vida per a qual vive toda creatura e sen a qual non pode viver. Tu es vida doce [5] e amavel e alegre e mansidõe do teu dulçor que saas os ẽfermos e ho teu sabor faz os fracos seer muy fortes. Tu és aquela claridade que te non pode conprehender aqual alomeea todo homen vivente a este mundo. Senhor teu he o poderiio e regno e diiante ty será encurvado todo geolho. Oo meu senhor tu todo [6] quanto queres fazer todo fazes asy nos ceeos como na terra e en no mar e en nos avisos, e non ha hy cousa que possa contradizer aa tua vontade e em ty e de tii e por ty som todalas cousas feytas e sem ty non ha hy nenhũa cousa. E porende tu minha alma fiel alegra-te e nom tardes de receber este manjar; farta-te deste deleito e non sejas priguiçosa de husar deste convite en o qual non recebes as carnes dos cabrões nem o sangue dos touros, como era de custume no velho testamento, mas recebes o corpo do teu salvador. Oo sinal de grande amor o qual se non pode pensar. Oo maravilhosa nova seer esse meesmo o dador que he o dom. Oo meu senhor quam grande he a tua caridade a qual

---

1 Diz o Psalmo 81-6: *Ego dixi: dii estis et filii Excelsi omnes.*
2 É evidente que ao copista escapou aqui uma palavra, talvez *deserto.*
3 Leia-se *maná.*
4 Leia-se *folgura,* synonymo de folgança ou descanso.
5 No texto está escrito *doze.*
6 Está *tu do;* vê-se que o *to* de *todo* foi aspado.

escondiste aos que te nom temen e deste-a perfeitamente aos que en ty speram. Oo manjar muy excelente, honrradoiro e de amar, digno de seer adorado e glorificado e abraçado e exaltado [1] per todolos louvores e dino de seer creudo firmemente en nos corações dos justos e de seer ajuntado com eles em todos tenpos. Cayo o primeyro homem polo manjar da arvor defendida de muytas mizquindades, por ty he exaltado [1] aa vida perduravel. Tu senhor verdadeyramente moras em os que ham boos e linpos e verdadeiros pensamentos e maldizes ao mizquinho do rico sobrevoso, leixando vão e vaziio e faminto dos teos bẽes. Oo senhor tu enches e fartas o pobre justo e piedoso e homildoso, ffarta-lo de todalas riquezas [2] da tua casa. Por ty he todo juizo e justiça; cõtego he a sabedoria e fortaleza e todo vencimento. Por ti regnam os sanctos en no ceeo e por ty fortemente vencem os justos os seos contrayros. Senhor, tu abaixas os sobrevosos das suas seedas e exaltas os humildosos da terra. Contego sam todalas riquezas e gloria derradeyra [3] e amas os que te aman Senhor e os que te veem e buscam com puro coraçom achan-te sem duvida, ca tu senpre stás com hos humildosos e dereytos de coraçom. Senhor, tu soo és começo e fim de todalas cousas e tu soo foste geerado do padre perduravel sem tenpo. Ó quanto bem aventurados sam os que te amam e nom desejam outra cousa a ty soo Senhor aquelles que continuadamente em ty peensam e te recebem dignamente en todo tenpo stantes cõtigo guardam as tuas carreyras verdadeyramente os quete acham recebem saude sem termo. Oo manjar muy maravilhoso, deleitavel e muy alegre e muy seguro sobre todalas cousas en o qual som tantos sinaaes e novas maravylhosas en o qual ha todo deleitamento e acrecentamento de todalas cousas. Oo quanto he a tua liberdade singular e nom ouvida. Oo quanto he muy avondante a ta grande largueza, ca non despreças a nenhũu, se primeyramente non despreçar de viir a ty. E porem se ha algũu pequeno seguramente venha a ty e se receber o teu corpo seera feito grande. E leixadas as carreiras da mocidade e ande polos camynhos da sabedoriia, se algũum fraco veer a ty, Senhor, logo sera sãao e forte. E, se for enfermo, tu farás del sãao. E, se fôr morto en nos pecados e te quiser ouvir, receberá vida perduravel. Pero o que grande he e forte non se

---

[1] Tambem se pode ler *exalçado*.
[2] O texto tem *riquiʒas*.
[3] No texto lê-se *dirradeyra*.

parta de ty, ca stando contego senpre avondará e achará como per ty seja farto. Senhor sen ty non pode nenhũu viver hũa hora, tu soo dás vida a todalas cousas. E porende, oo meu senhor e meu coraçom, já falece a mynha carne; ca tu senhor es parte de mym pera senpre, en ty soo se deleyta o meu coraçom e en ty se exalta [1] a mynha alma ca hos que se de ty aredam malamente pereceróm. Oo senhor non alongues de mỹ a tua ajuda mais abaixa a mym a tua orelha da tua misericordia, ca, dês que eu, prove e mingado, receber o teu corpo precioso, logo serey farto. Entom o me[o] coraçom vivamente te louvará. Oo luz viva non mortal, verdadeyramente alomeante todalas cousas, saa e alomea este cego que stá apar do camynho chamando e dizendo: filho de David ave mercee de mym [2]. Oo senhor, peço-te mercee, que me sejas piedoso e me sejas ajuda e me faças salvo en no logar da tua justiça e do refugio. E entom, se eu andar en na sonbra da morte nom temerey os maaos, ca tu comego es. Oo Jhesu Christo, piedoso e morto jaço, ven e resuscita me e confesar-m'ey a ty; doente som e en na mynha carne non ha hy nenhũa saude; fisico es, dá-me saude que nom ha hy outro que ma posa dar salvo tu; despido som e atormentado; rico es, viste-me; pereço a fame en este deserto, manjar es farta-me; sede ey muy grande, beber saudavel es [3] embebeda-me. Posto som en na baixura do limo e non he en mym sustancia nem en na altura do mar e a tenpestade me sorveo, trabalhey chamãdo e rouca he a mynha voz, ca entram as auguas ataa minha alma. Oo meu defendedor e meu guardador, solta-me e deslega-me deste laço; tu es mynha forteleza e meu refugio e porto muy seguro e meu guardador en cujas mãaos encomendo ho meu spiritu ao qual remiste en no madeyro da Cruz e deste vida e misericordia. Oo meu senhor piedoso, guarda em mym humildade e nom me dês en nas mãaos dos meos ymiigos; oje, se te prouver, entrarey contigo en no loguar do teu maravilhoso tabernaculo, pera que more en na tua casa, en na longura dos diias; tu sejas bento in secula seculorum. Estas palavras acabadas o baram muy glorioso recebeo com grande reverencia o corpo de deos e deitouse d'espadoas em terra nuu e pôs as mãaos em cima dos seos peitos em maneyra de Cruz e disse com grande devaçom

---

1 Ou *exalça*.
2 Diz o Evangelho de S. Lucas, cap. 18, v. 39: *Fili David, miserere mei.*
3 O texto tem *e*.

o salmo que se segue: Nũc dimitis servũ tũu domine in pace [1], o qual salmo acabado, vẽedo-o todos os que hi stavam. descendeo em cima dele hũa claridade tam grande como resplandor de sol a qual embargou a vista dos olhos deles em tal maneyra que nom poderom veer finar ao glorioso baram, a qual luz e claridade steve em cima dele hũa hora enteyra. E algũus dos que hi stavam virom muytos anjos andar spressamente aredor do baram e outros os non viram mais ouviram hũa voz celestrial que diziia [2]: ven-te meu servo muyto amado e receberás o gualardom dos teos trabalhos os quaes pasaste polo meu amor. Outros non virom os anjos nem ouvirom a voz mas tan soomente ouvirom dizer a sam Jeronimo estas palavras: Oo piedoso senhor Jhesu Christo, a ti vou, que me conpraste pollo teu sancto sangue precioso. E dictas estas palavras logo desapareceo a clarydade. E a alma muy sancta, asi como strella resplandecente per muitas virtudes, leixando o lodo da carne, foy-se com aligria aos reynos celestriaes en nos quaes resplandece com resplendor de muita booa aventurança e de muitas maravilhas. Ca non se pode absconder a cidade aseentada sobre o outeiro nem quis deos que no seu monte se abscondesse a cidade daquella vida. A quall foy rrazom de sanctidade e de saude a toda a igreja militante. E, quando aquella alma tam sancta saýo do corpo, sintiram todos hũu [3] odor de tam precioso cheiro, o quall dorou per muitos dias quall nunca foy. E rrazom era e dereyto que aquel barom tam sancto leixasse tal odoor de boo cheyro em aquell tempo. O qual trouxe e carregou os nẽbros fedorentos que forom os eregees aa humildade da sancta fé nom cõrronpida pollo doutor muy precioso das sanctas palavras: Deos que se amerceou del se amercee de nos.

---

[1] Diz o Evangelho de S. Lucas, cap. II, v. 29: *Nunc dimittis servum tuum Domine secundum verbum tuum in pace.*

[2] O texto tem *diʒiiam*, o que evidentemente é lapso.

[3] Escrito no texto *hũ.*

V

UMA AMOSTRA

DO

LIVRO DE JOSEP AB ARIMATIA

INTRODUCÇÃO

Embora não seja rigorosamente um texto archaico o que se segue, pois pertence ao seculo XVI, não duvidei inseri-lo entre os que tenho trazido a lume, sob o titulo de *Textos archaicos portugueses,* pelas razões que adiante dou e que, a meu ver, provam ser elle realmente um texto antigo, mas modernizado. Extrahi-o de um manuscrito que muito seria para desejar visse a luz da publicidade, o *Josep ab Arimatia,* cujo assunto são as lendas britannicas conhecidas pelo nome de cyclo arturiano ou do Rei Artur.

É sabido que estas lendas se formaram durante as lutas sangrentas e seculares havidas entre Bretões e Saxões; começadas por occasião da invasão saxonica, estas lendas, em cuja formação entraram elementos mithologicos já existentes e outros, foram-se modificando e alterando com o decorrer do tempo. Entre os personagens, a que essas narrativas se referem, lá aparece o lendario Artur ou Arthus; não é porem ainda um rei, mas um chefe militar que consegue triunfar bastas vezes dos inimigos nacionaes, e o seu nome é pela primeira vez citado por Nennio que no seculo x escreveu uma breve *Historia dos bretões* recheada de fabulas ethnogenicas e tradições christãs; ulteriormente outro escritor, de nome Gaufrei Artur, não só aproveita mas até desenvolve essas fabulas, e o seu livro *Historia regum Britanniae,* em o qual apparecem as figuras de Merlim, Mordred e Arthur, com os feitos fabulosos que lhe são attribuidos, goza de enorme voga, a ponto de ser traduzido em francês e posto em verso. Depois esta chamada *matière de Bretagne* foi aproveitada por muitos poetas franceses, sendo d'estes o mais notavel Chrétien de Troies, que compôs differentes romances cujo assunto é constituido por contos anglo-nomandos, oraes ou escritos, em prosa ou verso, e nos quaes figura geralmente um moço cavalleiro, na maioria dos casos, de familia sem nome ou

até sem familia, que se dirige á côrte do rei Artur, a qual d'ahi a pouco abandona para se entregar á pratica de façanhas que o cobrem de gloria e lhe dão jus á posse da mulher amada e do reino que ella geralmente traz comsigo.

D'entre esses cavalleiros sobresae um chamado Perceval, acêrca do qual Chrétien de Troies compôs um poema que deixou incompleto; ahi se refere elle a um *graal* ou prato mysterioso que o heroe teria visto em um castello aonde o levava a sua vida errante. Esta obra de Chrétien de Troies, que despertou grande enthusiasmo não obstante ter ficado por acabar, foi depois continuada e afinal completada por outros.

Em virtude d'estas ampliações o caracter do graal foi tanto ou quanto desvirtuado, e ficou afinal sendo uma taça que teria servido a José de Arimathia de recolher o sangue precioso de Jesus Christo na cruz e como tal uma reliquia de virtude milagrosa. No principio do seculo XIII outro poeta francês, Roberto de Boron, aproveitando-se d'esta ideia, procurou referir a historia da reliquia ao cyclo bretão; nesse intento compôs uma trilogia a que deu os nomes de *José de Arimathia, Merlim* e *Perceval.* Ao mesmo tempo outro autor narrava os esforços empregados por Perceval e mais personagens no sentido de encontrarem o graal, e d'aqui, isto é, do que sobre o assunto escreveram em verso Chrétien de Troies e Roberto de Boron, nasceu uma compilação em prosa intitulada *Demanda do Santo Graal,* a qual passa por ser obra do segundo d'estes poetas e constitue o original de que é traducção o manuscrito português existente na bibliotheca de Vienna de Austria, sob o n.º 2:594, em parte publicado pelo Dr. Carlos von Reinhardstöttner [1]. Á *Demanda* seguiram-se, tambem em prosa, o *Santo Graal,* que é uma compilação do *José de Arimathia,* de Roberto de Boron, o *Merlim,* remodelado, do do mesmo autor, e o *Conto do Brado* ou ultimo grito que se suppunha ter dado Merlim, quando enterrado vivo por artificio da mulher que amava.

Todos estes romances, que, formando uma vasta collecção, se achavam já escritos nos meados do seculo XIII, obtiveram grande

---

[1] *Historia dos cavalleiros da Mesa Redonda e da demanda do Santo Graal,* Berlim 1887. Os Drs. Klobb e Wechssler tiraram copia do codice na ideia de a darem ao prelo, mas até hoje apenas viram a luz da publicidade, alem da obra mencionada, uns trechos que o primeiro d'estes senhores deu a lume nesta mesma *Revista* (vol. VI, 332); ahi tambem elle se refere ao *Josep de Arimathia,* sobre o qual publicou um artigo na *Zeitschrift für roman. Philologie.*

voga e, quasi a seguir ao seu apparecimento, espalharam-se por toda a Europa, chegando naturalmente tambem a Portugal, como nos attestam as referencias que a elles fazem os trovadores. Assim Fernando Esguio ou Esquio fala da «besta ladrador», D. Dinis menciona os amores de «Tristão e Iseu (ou Isolda)», Estevam da Guarda conhece «Merlim» e o Conde de Barcellos, o pretenso autor do livro IV das *Linhagens,* não ignora os feitos attribuidos a Merlim, rei Arthur, Lancelot e mais lendas pertencentes ao cyclo arthuriano. Estas citações mostram até a evidencia que os seus autores conheciam todos estes romances, e certamente a fonte aonde foram haurir esse conhecimento, se não foi Chrétien de Troies, «o mais celebre e habil de quantos em França puseram em verso a *matière de Bretagne*[1]» e cuja actividade se exerce no terceiro quartel do seculo XII, foram as compilações em prosa de que atrás falei.

Como disse, estes poemas despertaram grande interesse nessa epoca, e, postos em prosa, foram immediatamente traduzidos em varias linguas, entre as quaes a portuguesa. D'esses romances existem hoje, na nossa lingua, a *Demanda do Santo Graal* e o *Josep ab Arimathia,* mas temos testemunhos de que outros mais havia. Entre os livros que constituiam a bibliotheca de El-Rei D. Duarte, figuravam, postos em vulgar, o que vale o mesmo que dizer em português, pois nesse tempo ainda a moda de escrever em castelhano ainda não existia entre nós, os de *Tristão, Galaaz* e *Merlim,* e na *Demanda* fazem-se referencias a outros do mesmo cyclo; infelizmente todos elles, parece, se perderam. Mas o enthusiasmo com que, desde o seu apparecimento, foram acolhidos estes romances não foi de curta duração; por alguns seculos fizeram elles as delicias dos nossos antepassados, e é geralmente sabido que o grande Condestavel e os fidalgos da côrte de D. João I eram seus leitores apaixonados, tão apaixonados que tomavam por modelo dos seus feitos a muitos dos heroes que nelles figuram; até os nomes d'estes, como Lançarote, Pessival, eram dados no baptismo ás crianças[2].

Ora sendo tamanho o gosto e prazer com que eram saboreados estes romances, muito natural era tambem que d'elles se fizessem repetidas edições e, como consequencia d'isso, que o respectivo

[1] Cf. G. Paris, *Littérature française au moyen âge,* p. 95 d'onde extrahi estas breves noticias.

[2] Cf. Theophilo Braga, *Curso de Litteratura,* pag. 145.

texto fosse acompanhando as alterações da lingua. Foi o que succedeu.

Traduzidos para português, talvez nos fins do seculo XIII ou nos principios do seculo XIV, soffreram, com o andar do tempo e a evolução da lingua, successivas modificações, não devendo portanto considerar-se como primitivos os textos que hoje possuimos. Assim a *Demanda do Santo Graal,* cujo codice ascende ao seculo XV, é já copia modernizada de um exemplar mais antigo, hoje perdido, talvez do principio do seculo XIV. O mesmo se dá com o *Josep ab Arimathia.* Uma leitura attenta faz-nos ver a grande semelhança que a sua lingua apresenta com a dos trovadores; a collocação das palavras, as formas d'estas e até alguns archaismos estão-nos a dizer que o copista do seculo XVI, embora procurasse pôr-lhe o estilo e dição ao corrente da epoca, deixou vestigios bem visiveis do exemplar que tinha ante os olhos, quiçá copia tambem de outro mais antigo [1]. Isto mesmo confirma uma nota posta á margem do codice n.º 643, existente no Archivo da Torre do Tombo e d'onde são extrahidos os dois capitulos que se seguem e no manuscrito teem os numeros 65 e 66, na qual se diz que este era copia de outro mandado fazer por João Sanchez, mestre-escola de Astorga, no anno de 1314.

Da existencia d'estes dois codices, o *Josep ab Arimatia* e a *Demanda do Santo Graal,* não será illogico concluir a de uma compilação na qual entrasse tambem o *Merlim* ou *Conto do Brado,* e portanto que as tres partes de que se compunha o cyclo foram cedo vertidas para português. No primeiro d'estes livros, que

---

[1] Cito algumas das expressões que mais resaibos de antiguidade apresentam: *ouvides,* quando já então a 2.ª pessoa do plural era em *es* ou *is; espir,* que depois mudou para *despir; atá,* que é mais frequente do que *até; sam,* 1.ª pessoa do singular do indicativo presente do verbo *ser; britar,* na accepção de partir; *fame,* já então *fome; esto,* ainda que o mais geral é *isto; ante* ao lado de *antes; cheo, creo, meo, veo* (a par de *veio*), formas estas que, como outras apontadas, ainda perduravam naquella epoca e apparecem em outros escritos do tempo; *fincar-se de giolhos; comprido* na significação de *dotado* em grande quantidade (*comprido de todas as bondades*); a omissão por vezes do artigo com o pronome todo (*de todas partes, limpa de toda sogidade*); a repetição da negativa, como na frase; *nem a tua alma non será perdida;* a repetição do *que* em: *dizem os doctores que, quando esta ave voa, que todas,* etc.; a concordancia do participio com o complemento directo que o precede ou segue, como em: *averás passadas as grandes tribulações; duvidar* no sentido de *temer;* o imperfeito do conjuntivo em vez do condicional hoje usado (*pôs em seu coração que non se partisse,* etc.

constitue a primeira parte da trilogia, fazem-se referencias ao segundo, e neste, que formava a terceira, menciona-se o *Conto* ou *Romanço do Braado,* como sendo a segunda; existindo a primeira e a terceira, não é nada crivel que a segunda deixasse de ter sido traduzida, aliás a leitura de toda a collecção perdia grande parte do seu interesse.

Do que fica exposto deve concluir-se, com todos os visos de probabilidade, que o conhecimento que os nossos trovadores tiveram dos romances referentes ao cyclo de S. Graal o receberam *directamente* de França e não, como pretendem alguns, *indirectamente* ou por intermedio de versões espanholas dos mesmos romances [1]. Se, como vimos, os nossos trovadores estavam familiarizados com as obras francesas que se occupavam da *matière de Bretagne,* o que aliás não é de estranhar, vistas as relações literarias que sempre mantivemos com a França, e se essa familiaridade foi alcançada pouco depois do apparecimento d'essas obras, talvez no tempo em que D. Afonso III e os que o acompanharam, alguns d'elles poetas, frequentaram a côrte de D. Branca de Castella, mãe de S. Luis e tia do nosso principe, não será infundado admittir que, ao regressarem á patria, esses trovadores communicaram a outros o seu gosto por aquelle genero de literatura e consequentemente pelas obras, quer em prosa, quer em verso, que já então existiam, entre as quaes a mencionada trilogia. A este proposito diz a douta romanista, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos: «Como as redacções francesas (do *Tristam*) datam a primeira do começo de 1220 e a segunda de 1230, não será de modo algum impossivel que o Bolonhês e os que com elle assistiram em França, a mais tardar de 1238 a 1245, ahi se affeiçoassem não só ao genero das pastorelas e balletas, mas tambem ás ultimas novidades em prosa sobre *matière de Bretagne,* predilecção que propagando-se devia mais tarde ou mais cedo, creio que na mocidade de D. Dinis, conduzir á nacionalização dos textos franceses e pouco depois a imitações. (*Cancioneiro da Ajuda,* II, 512).

Direi agora como procedi na transcrição dos trechos que se seguem. No codice n.º 643 não ha distincção de periodos; maiusculas apparecem apenas as letras *R* e *J* [2]. Com o fim de tornar mais comprehensivel a respectiva leitura, separei os periodos, para cuja divisão me regulei apenas pelo sentido, e comecei-os por letra

---

[1] Cf. Klob, *Revista Lusitana,* VI, 333.

[2] Esta quasi que exclusivamente a *Jesu Christo.*

maiuscula, em harmonia com o uso estabelecido, empregando os sinaes da pontuação, onde me pareceu deviam existir. Os nomes proprios distingui-os tambem dos communs pela letra maiuscula; como a falta de accentos podia induzir em erro, especialmente nos tempos dos verbos, tambem os empreguei; substitui o *u* pelo *v*, quando tinha o valor de consoante; separei por vezes a preposição *de* da palavra a que vinha junta, escrevendo, por exemplo, *d'aver, d'avante,* por *daver, davante;* pus entre colchetes alguma omissão visivel do copista, bem como entre parenthesis o que elle por descuido repetiu. Afora estas pequenas alterações que fiz ao texto, no mais respeitei-o religiosamente. D'este modo conservei as vogaes dobradas que occorrem, quer se trate de tonicas, quer de atonas (exemplo: *asaas, açoo, avee,* a par de *ave, perfeitaa, prooa,* etc.); continuei a representar o som guttural do *c* e *g* respectivamente por *qu* e *gu,* onde o manuscrito o faz (assim *riqua, qua, loguo,* ao lado de *logo*), respeitando tambem as grafias *sange, igaes, agia, ergeo* (a par de *herguer*), em vez de *sangue, iguaes, aguia* e *ergueo* [1], e inversamente *riga* por *rija*. Como o leitor verá, o codice escreve sempre *s* simples com valor de dobrado no meio de palavras, e por vezes *r* no mesmo caso; a conjuncção copulativa está escrita com *h* e sem elle; esta letra acompanha quasi sempre o artigo e pronome; o *l,* quando final de sillaba ou guttural, acha-se representado por *ll,* em harmonia com a pratica do tempo.

Passando agora a analysar a linguagem empregada, parece-me deprehender d'ella que o copista do seculo XVI pertencia a alguma das provincias da Beira, Entre-Douro-e-Minho ou Trás-os-Montes (sul), onde predomina a troca do *v* pelo *b;* pelo menos assim o attestam, parece-me, os descuidos graficos *embiar, besporas,* e *boar* (a par de *voar*) por *enviar, vesperas* e *voar,* e que a sua instrucção não era muita demonstram-no os plebeismos por elle ás vezes introduzidos, taes como *somana, chomava, besporas, abaxar, menham, cudes* (mas tambem *cuidou*). Emprega tambem as formas archaicas e populares *sondes, piqueno, milhor* e a contracta do imperativo do verbo *guardar,* ainda usada na locução: *sem tirte nem guarte.* Tambem deixa de observar a concordancia nesta frase: *mais lhe valeria as grandes riquezas,* a não ser que haja omissão de um *m* ou *til* em *valeria.* Diz tambem *divera* por *devera* e usa

---

[1] Todavia *ergeo* e *igaes* poderão representar verdadeiras pronuncias, pois veem de *ergeo* e *aequale:* cf. algo < *aliquod,* sigo < *sequor.*

oulhar por *olhar*, o que é a regra em mirandês e occorre por vezes em português, como se vê em *ouregão, oufano* (cf. Gil Vicente, *Auto da Festa*, pag. 98, verso 36) e *oulá* na lingua antiga. A repetição da copulativa *e* dá tambem um cunho popular á linguagem.

Uma forma occorre, a meu ver, muito interessante: é *mai*. Representará ella a pronuncia do tempo e portanto a intermedia entre a actual e a archaica *madre*, ou ter-se-hia dado apenas a omissão do til? A circunstancia de ser a unica que occorre no manuscrito e achar-se repetida, leva-me a crer que não se deu aqui tal omissão e que portanto aquella forma coexistia com a mais antiga, ainda empregada por Damião de Goes, por exemplo, o qual viveu igualmente no seculo XVI. Vê-se tambem que nessa epoca, como aliás tem sido verificado [1], se dava já a confusão entre o *s* intervocalico ou brando e o *z*, como entre o forte ou *ss* e *ç*, a ajuizar de grafias como *pezar* (ao lado de *pesar*), *mizericordia, Naseram* (por *Nasserão*) e *Naçeram*. Vestigios bem visiveis do francês offerece-nos a frase: *E quando o homem isto* TEVE FEITO, na qual se emprega o verbo fazer em um tempo não usado em português, o chamado preterito anterior, igualmente a palavra *engendrar*, sem falar na expressão *fazer torto* que já occorre nos trovadores.

Das breves considerações expostas concluir-se-ha que o manuscrito de que dou uma amostra é revestido de todo o interesse, quer sob o aspecto literario, quer sob o linguistico; uma analyse, porem, mais completa só poderá ser feita á vista de todo o seu conteudo que, pelo exposto, se vê, merece as honras da publicidade.

De como El Rei Mordaim vio a nao em que ha dona que ha ele vyera amdava e do que com ela pasou

«Asy falaua el rey comsygo mesmo, até que vio as omdas do mar faser gram arroydo; emtam se ergeo e oulhou comtra ho oryemte e vio vir ha nao da dona e foy muy espamtado, que bem cuydou que era de maa parte e que vynha por ho emguanar. Emtam se emcomemdou a de[o]s e rogoulhe que ha alma lhe guardase, como quer (como quer) que ao corpo fose, e que ho emde-

---

1 Vide Dr. Leite de Vasconcellos, *Philologia Mirandesa*, I, 34, nota; Epiphanio Dias, *Chrisfal*, p. 95.

remçase, como vise que era bem, he nom fizese cousa por omde fose desviado do bom começo que começara. E, despoys que fez sua oraçam, tornouse cõtra horyemte e fymcouse de giolhos em terra e abaxouse de bom coraçam e omra da gloryosa çidade de Jerulasem, omde Jhesuu christo foy morto por deytar fora seus amygos da perduravell morte do ymferno. Emtam veyo ha nao tam fermosa e tam ryqua, como damtes ha ele vira, e a dona que damtes nela amdava sayo logo fora, mas el rey nom a salvou. E, quamdo ela vio que el rey nom lhe dezia nada, faloulhe prymeyro e pregumtoulhe como lhe foraa, depois que se dele partira, e el rey lhe dyse: dona, que temdes vos hy de adubar? nom vos quero respomder nada, pois nom somdes da fee de Jhesu christo, como eu sam. Rogovos que nom venhaes aquy mais. Quamdo ela ysto vio, começou a ryr, como quem escarneçe, e dyselhe: Rey Evalac, agora sey eu bem que tuu sayste de teu syso e de teu recado, que bem sabes tu que, depois que recebeste a fee de que tuu falas, nom te veio senam mall, e nom te queres dela partir, amtes hes nela tam habinado, como se todo bem e toda a omrra dahy te viese; ora escuta, que eu te darey novas muy verdadeyras: eu venho do teu reyno e estyve em Sarrat sempre, des que tu nom me quyseste, e sabe que teu cunhado Sarafes he morto nem ja mais nom veras Sargasymta, tua molher. Quamdo el rey ysto [ou]vio, ouve gram pezar, mas nom ho creo. Asy tornou a dona ha el rey por as palavras que lhe dise, porem nam lhe pôde ela tamto dizer nem fazer nem prometer que lhe fizese que fose com ela. E, quamdo vio que ho nam podia daly levar, diselhe que fose ver a riqueza, que em sua nao amdava e el rey foy. Ela foy muy asynha demtro e descobryo ha naao [1] do negro pano de que amdaua cuberta e dyselhe: ora olha, rey Evalac, o que haquy nesta naao trago. E ele oulhou e vio a naao chea de pedras preciosas e de nobres panos e lhe pareçeo que numca cousa tam fermosa vira. Ela lhe disse: rey, nom cudes que eu sam de maa parte, por que eu nom creo nesa samdia fee, e nom te pareça que esta riqueza vem de maao lugar; esta riqueza e outra muita será tua, se tu a mym me creres. Muito cuydou a dona vemçer Mordaim por palavras e por promesas, mas por nenhũa cousa que lhe dyse nom ho pode trazer a fazer sua vomtade, pero torvou muito ho coraçam del rey das novas que lhe dysera da rainha e de Naseraom e das outras cousas que lhe disera, mas achou o tão forte e tam

1 O original tem *haanãao*.

firme na fee de seu deos que ho nom pôde em nenhũa cousa mover; he, quamdo ho ela chomava, Ebalac nom lhe querya respomder, por que leyxara ho nome do diabo que tivera tam lomgamemte, e por yso lhe pezava de ho chamar por haquele nome. Muyto durarã as temtaçoes amtre eles ambos, por que ela lhe referya os gramdes bicos e as gramdes omrras que tivera, he dizialhe ele quam gramde alteza ele jmda averya no çeeo por a samta fee de jhesuu christo, e que a prezava mais da que ele soia mamter. Ela lhe dezia que mais lhe valerya as gramdes riquezas que ela lhe darya, porque ele nom podia yr senam a perduravell destroimemto. E, quamdo ela vio que ho nom podia mover do que começara, tornouse outra vez, e, tam presto que ela se foy, veio loguo hũa tempestade mais desesperada que damte. El rey ficou cuydamdo quem poderya ser aquela dona que tam gramde riqueza lhe mostrara e que tam azinha viera de sua terra, que era daly dezasete jornadas. Quamdo el rey vio a tempestade tam gramde e tam fera, ele ouve muy gram pavor. Daly começou a fazer muy gramdes trovõis [1] he relampagos e começou ha escureçer asy que nom podia ver nada senam a clarydade do mar. E, depois que fez muitos Relampagos e muitos trovõis [2], veio hũ som de tam alto que el rey nom se pode ter em pee e cayo no cham, e caira no mar, se se nam tivera nos degraaos da pena. E, quamdo se asy teve, deu hũ corysquo e deu em hũa parte da pena e a femdeo e levou ao maar; el rey ficou muy espamtado e jazia esmoreçido, asy como se fose morto, e jouve asy gram pedaço e, quamdo acordou, era já toda a tempestade pasada, e abryo os olhos e vio o mar mamço e nom vio nada do que ãtes vira, e oulhou e vio a pena todaa quebrada, e ouve tall espamto que por poucas nom cayo no maar, e fez emtam sobresy ho synall da cruz, rogamdo ao piadoso rey de mezerycordia que lhe dese tall coraçam que nam desesperase em tamtos perygos. Emtam se asemtou e ouve tam grãde sono que ouvera de morrer, e deytouse ao pee da pena sobre hũ piqueno lugar que hy avia, e, quamdo acordou, teve tam gramde fame que verdadeiramemte bem cuydou que nom escaparya de morte, e vio emtam sobre ha pena estar hũu pãao muy negro de çevada. E, quamdo ho vio, foy muy ledo, e coremdo foy tomar ho pam e, depois que ho tomou, nam se quys tamto deter que ho partise, amtes asy ymteiro ho meteo na boca. E, asy como ho quis

---

1 No original falta o til sobre o *o*.
2 Ibid.

comer, ouvio hũ tam gram rogido que lhe pareçeo que todas as aves do mumdo eram sobre a sua cabeça. He olhou pera çima e vio comtra sy deçer hũa avee e era tam gramde e tam desvaryada que numca tall a vira [1], por que ela tinha a cabeça negra como ho pez e os olhos asy vermelhos como ho fogo e os demtes outros taes, e a cabeça era como a cabeça de serpe e o pescoso como de agia e as asaas asy bramcas como de açoo e asy talhamtes por diamte como espada, e por detras, por as espadoas, outras asas asy bramcas como a neve e tam depresa voava como sarayva. Tall era ha ave e esta ave nam voa senã quamdo quer espamtar aqueles que querem servir a deus, e dizem os doctores que, quamdo esta ave voa, que todas as outras aves fugem damte ela, asy como as nevoas fogem diamte do soll, e no mumdo nom ha senam tres, e a may as ha sem ajumtamemto de macho, e sam tam fryas que ajmda ha may as nam pode sofrer e vay busquar hũa pedra ao vale que chamão de Ebrom, e aquela pedra he tam quemte de natura que ha toda cousa a que ha homem chegar e a trouxer de rijo hũa comtra outra logo se queimará, mas, sem a trazer asy rigo, a poderam ter na mão sem se queymar, e, quamdo asy trazem rijo, torna a [2] vermelha como samge, e porem ela nam he naturallmemte bramca. Aquela ave toma aquela pedra, quamdo os filhos sam nos ovos emgemdrados, que atá ly pode ela sobre eles jazer, qua, depois de emgemdrados, sam tam fryos que os nam pode sofrer a may, como ja vos dise; asy por a força do boar da ave, quamdo ha traz, e do ar aqueçe a pedra e vay por ho ar queymamdo ha avee asy que, quamdo chega aos ovoos, nom ha em sy nenhũ poder, e nom se lamça sobre os ovos, por que os queymaria, mas lamçase perto deles e ela arde e desta quemtura aqueçem os ouos, e os filhos que estam demtro, que morrem de frio, aqueçem. E, quamdo ha may he toda queymada e feita em poo, por a força do fogo e de seu tempo naturall que chega quebram os ovos e emtam sayem os filhos, e, tamto que tomam hũa pouca de força, comem aquele poo que ficou da may e já mais nom comem outra cousa, e os dous sam machos e hũa femea, e, quamdo sam gramdes, matam se os machos sobre a femea e fica ha femea que ha nome serpehos e a pedra ha nome piratiçẽs. Tall era ha ave que sobre el rey veio na pena. E, quamdo ele quys meter ho pão na boca, feryo da asa asy que o fez yr ao mar, e

[1] O original diz *avira*.
[2] Talvez *tornaa*.

depois alevamtouse no ar e tornou muy rijo a ele e achou o já na ribeira, e feryo tam rijo que todos hos cabelos da cabeça e os vestidos atá a carne lhe rompeo e foyse. El rey ficou esmoreçido e asy jouve atá a mea noute, e, depois que acordou, foy tam esuaeçydo que nom pôde ver nada, e, se amtes tynha fame, estava emtam tam abastado, como se todos os bõs mãjares do mumdo comera. Asy esteve el rej atá por a menham, e, quamdo lhe lembrou da fame e da ave, começou muyto a chorar e a sospirar e dise: senhor deos verdadeiro, que por ho teu preçioso samge me compraste, por me tyrares da perduravell destruyçam, eu te dou muitas graças, por que vy que te pesava do pecado que eu quysera fazer, que tamto comforto me deste que nom divera d'aver fame, e, se eu fose bom e tivese perfeytaa fee, nom me viera a mym ysto, mas hagora poso eu bem emtemder que quem me pôs ho pão ho nom pos por meu bem mas por me comfomdir ha alma naa pena perdurauel, e, por ysto que me, senhor, fizeste emtemder, eu nom comerey cousa que em nenhũ lugar ache.

Dos gramdes trabalhos que Mordaym na pena pasou e das temtações que ho diabo lhe fez e do que lhe deos dise

Em esta maneyra foy el rey na pena, e cada dia ho omem bom da naao vinha ha ele e depois ha molher, e o omem bom lhe dezia todas as palavras que ho podiam comfortar e a molher lhe dezia toda trayçam, qua ela ho descomfortaua em corpo e em alma. E, quamdo veo aos sete dias, veo ho homem bom da nao e diselhe que se lhe achegava ho prazo de ser lyvre, se se soubese guardar e terse comtra ho diabo. E el rey lhe dise: senhor, como me saberya eu bem guardar? E ele lhe dise: se te oje toda via poderes guardar de asanhares teu senhor, tuu serás lyvre de todos os pavores e de todas estas más trevas que te am de vir, se te nom guardares de crer comselho que seja comtra sua vomtade e, quamdo daquy pasares, averás pasadas as gramdes trebulações. Emtam se foy ho senhor da barca e el rey ficou muy ledo e pôs bem em seu coraçam que já, por cousa que vise, nom se partyse da pena. Asy esteue até que foy ora de noa; emtam oulhou por ho mar e vio vyr hũa muy gramde nao e muy rica, mas nam vio hy homem nem molher. A nao era muy fermosa e guarnyda de muy fermosas cousas e veyose direyto á pena, e, tamto que chegou, começouse hũ mao tempo, e (a nao chegou á pena o

tempo) [1] começou a fazer trovõis, chuveiros tam fortemente que parecia que a pena querya cair, e nom ouvera homem que ho vise que nom cuydase que se vinha a fim. El rey estaua na pena e a chuva ho ferya de todas partes e nom sabia omde se fose escomder, que a parte da pena omde a cova era cayra, e a tempestade cada vez era mayor, os coryscos muy ameude cayam, e tam desemparado era ell rey que nũca daquele perygo cuydou escapar. Asy sofreo el rey ho tromemto do vemto e da chuva e dos coryscos no corpo e na alma, mas por yso nom se quys acolher á nao nem leyxar a pena; tamto sofreo, atá que o tempo estiou e o soll começou a esclarecer. E emtam foy muy ledo e emtam veio hũa tam gramde quemtura que pareçia que a pena querya arder e, se amte el rey sofreo pena, mjll tamto lhe foy esta; vio amte sy a nao toda aparelhada de boas camaras omde, se hy emtrase, poderia bem sofrer a gramde quemtura, mas ele duvidou tamto a sanha de seu senhor que pôs em seu coraçam de amte sofrer morte que leyxar a pena. Com muyta paciẽçia sofreo el rey esta quemtura, atá que a cabeça lhe esvaeçeo e nom se pôde ter e caío esmoreçido e, quamdo hacordou, ergeo hũ pouco a cabeça pera ver se ho tempo amamsara, e, quamdo vio que era temperado, asy como avia de ser amte ora de nona e besporas, foy muy ledo. Emtam provou se se poderya herguer com a cabeça que lhe esvaeçera e, quamdo se ouve de alevamtar, nom semtio mall nem dor, e, quamdo se ergeo, maravilhouse das gramdes avemturas que lhe acomteçeram: e sofrer tam gramdes trabalhos e nom hos semtir, e ás vezes lhe pareçia que sonhara e tamto era ledo. Nysto cuydou atá que foy bespora e oulhou e vio vir hũa nao muy ricamemte aparelhada e vio[a] muy riga e, quamdo se foy chegamdo, vio no castelo d'avamte hir dous escudos e conheçeo que hũu era ho seu e o outro de seu cunhado Naçeram, e maravilhou se e começou muyto ha cuydar, tamto que se esqueçeo, e logo ouvio rimchar hũ cavalo e escarvar com as mãos tamto que pareçia que brytava a nao, ho que el rey ouvio muj bem, e pareçeolhe no rimchar que haquele era ho seu cavalo que ele guanhara de Tolomer, na batalha de Orcanze. Muyto se maravilhou el rey do caualo e dos escudos que via em estranha terra e que avemtura poderya ser que aly os trouxese. E nesto a nao chegou; tamto que emcorou na pena, e el rey se hergeo e vio muy fermosa gemte. Emtam veo hũ homem fora que mais parecia cõ hũ seu

[1] Pus entre parentheses as palavras que me parecem estar repetidas.

irmão que lhe mataram em hũaa batalha, e, quamdo ho vio, foy muy ledo comtra ele, mas vio lhe fazer muy mao comtynemte, em tamto que muyto fez perder a el rey de sua alegrya, e toda via ho foy abraçar e pregũtoulhe por que fazia tam tryste gesto, e ele lhe dise: senhor, nam poso fazer menos, qua vos perdestes dous amygos, os mylhores que numca tyvestes no mumdo, eu e Naçeram, voso cunhado, que vedelo aquy na nao em hũa cama. Quamdo ell rey ysto ouvio, caýo esmoreçido e, quamdo acordou, dise lhe que lho mostrase, e deu brados como homem samdeu, e tornou outra vez a cair esmoreçido. E ho homem ho tomou por a mão esquerda e o levou á nao. Quamdo el rey foy naa nao, vio hũ leyto e ergeo hũ pano e vio hũ corpo que bem cuydou que era Naserão, e caio emtam esmoreçido de sorte que quem ho vira disera que nom escaparya. E, quamdo acordou, quys pregumtar ao cavaleiro em que forma Naseram morrera, e teve olho a pena e vio se muy alomgado, tamto que hapenas a podia ver, e, quamdo ysto vio, [caío] esmoreçido e, quamdo acordou, bemzeose, e, tam azinha como ouve feyto ho synall da cruz, nam vio homem nem molher na nao nem no leyto. E, quãdo vio como ho negoçio hia, começou muy ferамemte a chorar e dise: senhor deus, ora me guardey mall comtra vós, e agora sey que vos fize torto e, se me mall vier, bem ho mereçy. E, tam asynha como ysto dise, vio na proaa da nao aquele homem que ele vi[r]a na barca fermosa da prata, e que toda a somana lhe disera as boas palavras, e tamto que ho vio dyselhe choramdo: ay senhor, como me emganou haquele de que vós me mamdastes gardar! E ho omem lhe dise: nom chores, mas guarte de fazeres pior. E el rey lhe pregumtou que poderya fazer e ele lhe dise: muitas estranhas avemturas verás que te acomteçerám mas ja mais nom comerás nem beberás, atá que nom aches Naseram teu cunhado, e virá a ty como verdadeiro crystam e, quamdo ho asy vires, emtam sabe que serás livre, e sabe bem que ho anjo que te eu dise omtem por a menham e o lobo que tu vias nesta nao o podes ver e este que te dise como Naseram era morto este he ho diabo que sempre he lobo comtra as ovelhas de deos tamto como comtra ho povo de deos, e este he o lobo que em tua visam te tolhya os bõs mamjares que te ho amjo dava, e aquele cordeiro saberás tu muy bem que quer ser, mas esto nom será senam hũa vez, e emtam te será descuberta sua visam e o que pode seneficar; bem sabe que aquele diabo que te meteo na nao foy aquela molher que a ty vinha cada dia e te dezia as más palavras; ora te vay e olha como te guardes comtra ela ho mylhor que puderes e mylhor que atá quy te guar-

daste, que, se te nom souberes guardar, muy azinha verás cousas que te tornarám á morte perduravell. Emtam se calou, que lhe nom dise mais, e el rey oulhou e nam ho vio e ficou soo na (na) nao e o vemto deu na nao, e toda a noute e dia a trouxe de quá pera lá. E a outro dia, estamdo hel rey na cadeira do mestre, oulhou e vio lomge da nao hũ homem asy como a pé e, quamdo foy perto, vyolhe debaxo dos pés duas aves que os sostynham e o traziam tam lygeyramemte como hũa podia mais boar. E, quamdo veio a nao, emtrou e começou a fazer ho synall da cruz sobre ha nao e tomou agoa de demtro da nao e lavou toda ha nao de demtro com ambas as mãos sem cousa falar. El rey oulhou e muito se maravilhou que podia ysto ser e porque ho omem deytaua ha agoa hasy por a nao. E, quamdo ho omem jsto teve feito, falou ha el rey e dise lhe: Mordaim. El rey se marauilhou muyto, quãdo se vio nomear por seu nome de bautismo, e lhe respomdeo: senhor. E ho omem bom lhe dise: sabes quem sam? nam, dise el rey. E o homem bom lhe dise: sam teu defemdedor por mamdado de Jhesuu christo; eu sam Salustes, aquele em cujo nome e em cuja omrra tu fizeste a rica ygreja na çidade de Sarrar, e vym te comfortar e acomselhar. E emviate dizer por mym ho anho, aquele que em tua visão te daua os bõs mamjares que o lobo te tolhya, que tu vemçeste ho lobo e ysto foy por ho synall da cruz que tu fyzeste sobre ty, quamdo te viste halomgado da pena, e emtam te leixou ho lobo; este foy ho diabo que amtes te tolhia os bõs mamjares que ho cordeiro te dava; estas sam as boas palavras que ho omem bom da nave te dezia; aquele homem bom era ho cordeiro que em tua visam te dava os bõs mamjares. E sabe que ho anho de deos, que por ha terreal lynajem foy sacryfycado, que veio tam mamso á cruz como ho anho há morte, e este he Jhesuu christo, filho da vyrgem; haquele que cada dia te vinha comfortar, aquele me embiou a ty por te descobryr tua visam asy como te ele mostrou, pera que tu saybas que quer dizer: tuu viste de teu sobrynho sair hũ laguo e dele sai[re]m nove rios, e os oyto eram todos ygaes, e o noveno que derradeiro naçera era tam fermoso e tam gramde como todos os outros, e o lago era muy fermoso e muy gramde, e tuu oulhaste e vyste sobre ty vir hũ omem que tynha semelhamça do verdadeiro croxofixo e, quamdo deçeo, emtrou no lago e lavou nele os pes e as pernas e outro sy em todos os outros oyto rios, e no novo se lavava todo aquele lago, e teu sobrynho em que Jhesu christo banhara seus pés e suas pernas tamto quer dizer que ele será de tam boa vida que será verdadeyro na samta fé, do quall sairám os nove rios; estes serã

nove homẽs que dele decemderám e nom seram todos seus filhos, amtes deçemderám de hũu e do outro por geraçam, e todos oyto seram ygaes de bomdade e de vida, pero ho oytauo nom será no começo de tall vida, mas selo ha depois; ho noveno será de muy mayor alteza de vida que todos, e, por que de todas bomdades vemçerá os outros, por yso banhará Jhesu christo nele todo seu corpo, ysto nam vestido mas nuu, que ele se espirá amte ele de tall maneyra que lhe mostrará todas as suas porydades que ele nũqua ha omem descobryo; aquele sera cõprydo de todas as bomdades que em coraçam de homem deva d'aver e pasará de armas todos aqueles que amte ele forẽ e seram; aquele será aquele de quem ho amygo falou em Sarrat, quamdo feryo Josefes com a lamça da vymgamça, quamdo dise que jamais as maravilhas do greall nom seryam descubertas senam a hũ homem soo; aquele sera ho noveno dos que decemderám de teu sobrynho e será tall como te eu digo, mas ho gramde mylagre e as gramdes vertudes que acomteçerám aly omde ho seu corpo jazerá nom seram sabidas, por que naquele tempo seram muy poucos que saybam verdadeiros synaes de sua sepulturaa. Agora te faley já de tua visam, ora te te (*sic*) quero falar desta nao e por que deytey por ela agoa, que esta naao foy do diabo que tu por ho synall da cruz deytaste [fóra], e, porque foy sua, nom podia ser que algũa vez ha ela nom viese, senom fose lympa, e agora se lympaa por a agoa e por ho synal da cruz e por ho comjuramento da samta trymdade, asy que nenhũ maao esprito nela emtrará, que eles nenhũa cousa tamto temem como ho synall da cruz, he bemzia[a] no nome do padre e do filho e do esprito samto, e por esta bemçam fica lympa de toda sogidade e em quall quer lugar que ysto com boa fé fycar já o diabo nam será ousado que hy vaa: em tall maneyra faze e serás seguro que no lugar omde ho fizeres o diabo nom terá poder de fazer mall a teu corpo, nem tua alma nom será perdida. Emtam se calou ho samto homem e partiose dele e el rey ficou na náo, asy como ouvydes. E torna ha estoria a Naserã que estaua em prysã».

(*Livro de jofep ab aramatia intetulado a primeira parte da demãda do sãto grial, atá a presẽte idade nũca vista, treladado do propio original por ho doutor Manuel aluarez, Corregedor da Ilha de sá miguel.* Deregido ao muy alto e poderoso principe El Rei Dom Joá ho 3.º deste nome Elrrey nosso Senhor. — Fls. 101 a 110).

Outubro de 1908.

José Joaquim Nunes.

LÉCSICO PORTUGUÊS

Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, **Contribuições para o futuro Dicionário Etimológico das línguas hispánicas.**

No presente volume desta Revista, n.os 1 e 2, publicou a insigne romanista vários artigos, em que se discutem e propõem alguns étimos novos de vocábulos principalmente portugueses, mas também galegos e castelhanos.

É de esperar que tam úteis investigações continuem, por parte da autora, a ilustrar, como até aqui, os diferentes idiomas románicos da Península; pois me parece que nas línguas hispánicas não desejará a doutíssima escritora incluir o vasconço, a não ser como subsídio casual, que possa oferecer para elucidação do vocabulário románico peninsular, mormente em Espanha.

As palavras examinadas nas 62 pájinas do fascículo são as seguintes, dispostas agora aqui alfabéticamente, e não sei porque assim não foram já ordenadas no estudo que vou analisar.

1. adiano { idade.
2. alapardar-se { lapardo { láparo + *suf.*-árdo.
3. adrunar { *germánico* rûnen.
4. alcáfar { *árabe* الكفر (alkafar).
5. ameixa, améijoa { *latim* myxa { *grego*.
6. andilhas, andas, andes, ámedes { *lat.* amĭtes.
7. anfaz { anteface.
8. arriaz { *árabe* الرياس (al-rias).
9. bolçar { *lat.* uomitiare.
10. broca { *provençal* bocla { *lat.* bucc'la.
11. castiçal { castinçal { canicistal { cana.
12. condão { *lat.* cum + donum.
13. dioso { idoso.
14. entrèvado { entravado { trave.
15. estadal { *lat.* *statalis* { status.
16. estandarte { *fr. ant.* estendart { *lat.* ex-tendere.

17. estregar, arrestregar ⟨ *lat.* striga.
18. esvurmar ⟨ *germ.* wurm.
19. gosmar ⟨ *fr.* gourme ⟨ *nórdico* gormr.
20. heire, «ontem» ⟨ *lat.* heri.
21. idoso ⟨ idadoso ⟨ idade, *com outros casos análogos de haplologia.*
22. lampo, lampas, lámpão, lampeiro, lampinho ⟨ lámpada.
23. louro, «papagaio» ⟨ nor(e) ⟨ *malaio* nóri.
24. louro, «côr» ⟨ *lat.* laureus.
25. marfuz ⟨ árabe مرحوص (MARHUṢ).
26. nação, «casta» ⟨ nação ⟨ *lat.* nationem.
27. ontem ⟨ oontem ⟨ ànoite.
28. osmar ⟨ esmar ⟨ *lat.* aestimare.
29. quinchoso ⟨ concho(u)so ⟨ *lat. conclausum.*
30. ratinhar ⟨ ratinho.
31. ratinho, «maltês» ⟨ rato.
32. retonho, retonhar ⟨ *lat.* re + auctumnum.
33. siira, assiirar ⟨ *lat.* sidera.
34. sobinho ⟨ *lat.* supinum.
35. taibo ⟨ *lat.* tabĭdum.
36. trofa ⟨ *germ.* troufe.
37. ucha ⟨ *lat. uscla* ⟨ ustŭla.
38. usmar ⟨ *grego* ὄσμη (ÓSMĒ).

Alguns vocábulos mais são conjuntamente explicados com o maior escrúpulo e a mais minuciosa proficiência, e copiosíssimas abonações, quer como termos de comparação, quer subsidiáriamente, e a êles me referirei, quando derem marjem a considerações oportunas.

Na sua maior parte estas etimolojias estão abundantemente documentadas, como, em Portugal, sómente a vastíssima erudição filolójica da autora o pode fazer. Dessas etimolojias umas são incontestáveis, outras prováveis, outras possíveis, outras ainda confessadamente hipotéticas ou provisórias. Entre as mais felizes citarei as de *castiçal,* verdadeiro enigma, indecifrado até hoje, de *adiano* e *dioso,* de *andas,* de *ratinhar,* de *retonho,* de *ameixa,* de *trofa,* de *alcáfar.*

Farei sôbre estas e outras algumas observações, que sujeito à apreciação da ilustre escritora.

Não me parece que fundadamente se possam identificar as duas palavras *amëijoa* e *ameixa,* se bem que a forma anterior da última seja *ameixea* (*amëixea*). Devo porém confessar que, pela

minha parte, também não aceito para *amëijoa* o étimo *mytilus*, que se lhe atribuía.

Quanto a *ameixa*, de myxa, é um caso análogo ao de *peixe* { *picse* por pisce. O *c* vocalizou-se em *ĭ*, e influíu progressivamente no *s*, para o palatalizar em *x*. Há mais casos análogos em português, tanto do primeiro fenómeno (*estreito* { strictum), como do segundo (*seixo* { saxum = *sacsum*), *feixe* { *facsem* por fascem, etc. O *a* inicial de *ameixa* é provávelmente o artigo *a*, que se lhe soldou, como em *amora* { lat. mōra (poma), palavra que, na sua qualidade de imajinoso poeta, Camões derivou de *amor*:

As amoras, que o nome tem de amores.

(Lusíadas, ix, 50).

Direi ainda que a identificação de *amëijoa* com *ameixa*, sómente amparada por uma duvidosa semelhança de forma, tem mais contra si o corresponder *amëijoa*, como nome de um marisco, ao castelhano *almeja*, emtanto que o nome da fruta é nesta língua *ciruela*. Caduca, portanto, o principal argumento em favor da identificação.

Concordo com a dedução, tam lúcidamente exposta, acêrca do vocábulo *andas*, como procedente de *andes*, e êste de *ámedes* { lat. amĭtes; e não é preciso para isso ir buscar a influência do verbo *andar*, pois, suprimido o *e* surdo da 2.ª sílaba, a mudança de *m* em *n* é uma conseqüência necessária: dêste modo, o vocábulo esdrúxulo passou a parocsítono, constituição vocabular que o português prefere, à parte certas linguagens verbais. Alteração em direcção oposta, para se evitar a contracção violenta das palavras, observa-se na forma popular *cómado* por *cómodo*, que reduzida a *cómedo* daria *condo*; em *bêbado* por *bêbedo* { bibĭtum, e ainda na forma comum, quer proferida, quer escrita, *côvado*, por *côvedo* { cubĭtum: isto é, substituíram-se as vogais surdas *o̥*, *e̥* pela vogal mais clara *ḁ*, sem que seja necessário recorrer à hipótese de mudança de suficso, como opina a autora na nota 8 de páj. 13; pois tal suficso *-ado* átono não creio que exista na língua. Para impedir, portanto, que de *cómado* resultasse *condo*, como de *ámedes* resultou *andes*, foi e é pelo povo alterado em *ḁ* o *o* da 2.ª sílaba. Se, por exemplo, persistisse a forma *côvedo*, teria ela ficado reduzida a *côdo*, como aconteceu em castelhano: é sabido que *côvado* quis dizer em tempos idos o mesmo que na língua moderna se denomina *cotovêlo*, por *covetêlo* { *cubitellum*.

A autora dá como escrita preferível *arriás,* em vez de *arriaz.* Não acho que tenha razão. Os *ss* arábicos (س e ص) foram constantemente representados, tanto em português, como em castelhano (ortografia antiga) por *ç* antes de vogal, por *z* em fim de sílaba, com o valor de *ç*. A única excepção, que ainda não foi explicada, é *rês* ⟨ RAS (راس), «cabeça (de gado)». Esta correspondência entre os *ss* arábicos e o *ç* (ou *z*) peninsular durou até época recentíssima, e creio havê-la eu suficientemente explicado na ORTOGRAFIA NACIONAL (páj. 111–116). O *s* hispánico surdo representaram-no os árabes por *ẋ* (ش), convém saber o *x* de *xadrez,* o que se pode ver nos versos da fala da moura com que finda a trajicomédia de Gil Vicente, CÔRTES DE JÚPITER, e que mais adeante cito, assim como neles o *s* intervocálico, sonoro, o vemos representado por *j;* tanto um como o outro por imitação imperfeita das duas sibilantes peninsulares, que para ouvidos mouriscos se confundiam com *x* e *j.*

Sôbre a existéncia do verbo *estregar* em português, agora confirmada por um derivado *arrestregar,* já eu me expressara nas APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES (I, p. 425), citadas pela autora, e as nossas conclusões são concordes em que se deve restabelecer na estança 39 do canto VI dos *Lusíadas* êste ἅπαξ λεγόμενον das duas primeiras edições, desterrando-se o *esfregar* que incautamente lhe substituíram em todas as edições posteriores. No que eu não concordo, porém, é que tal verbo proceda de striga latino, atenta a permanéncia do *g.* Continuo pois a atribuir-lhe como étimo o verbo extericare ⟩ *estergar* ⟩ *estregar.*

Não me parece que *esvurmar* provenha do germánico wurm, «verme», porque o significado se opõe a essa procedéncia, e as razões apresentadas pela autora no intuito de conciliar as significações diversas dos dois vocábulos, devo confessar que me não convenceram a aceitar o étimo, sem mais detido exame.

Outro tanto direi a respeito de *lampo, lámpão, lampas,* com relação a *lámpada,* o que se me afigura ser um caso análogo ao que pela ilustre romanista foi já alegado acêrca de *faro,* «olfato», como provindo de *faro,* «farol»[1]. Nenhum dos dois, a meu ver, ficou suficientemente demonstrado.

A etimolojia malaia de *louro,* «papagaio», não é minha; mencionei-a nas APOSTILAS, e não me recordo onde a vi. É curiosís-

---

[1] REV. LUSITANA, III, 159–165.

sima a forma *nores,* que se me aponta em João de Ba , por· que é quási a transcrição fiel do malaio *nóri.* ¿Qual seri orém, o singular, *nor* ou *nore?* Ocorrerá êste singular em outr critor português?

Promete-nos a autora a demonstração de que *lour* côr», procede de laureus latino. Aguardamos impacientemei a demonstração.

Entre os vocábulos que se apresentam como desusa s hoje em dia figura o verbo *assiirar,* e o substantivo *siira.* O rbo é certíssimamente desusado; não é assim o substantivo *si* , que vem no Nôvo Diccionário de Cándido de Figueiredo, coı) próprio do Alentejo, com a significação de — compleição, robu ez —. Em Lisboa é êle muito vulgar, no sentido de «jeito, fa lidade de movimentos», como quando se diz: *não tenho síria nos dedos,* querendo dar-se a entender que «estão entorpecidos do fri , dormentes».

Repele a autora a etimolojia arábica, proposta com tan a erudição por Júlio Moreira para a palavra *taibo,* preferindo-lhe o latim tabĭdum, como *saibo* ⟨ sapĭdum. Notarei que os dois casos não são enteiramente análogos: em *saibo* ⟨ sapĭdum abrandou-se em *b* o *p* medial, como em *saber* ⟨ sapere, por exemplo, ao passo que em *taibo* vemos um *b,* e não *v,* que na hipótese procederia de *b* latino intervocálico: cf. *trave* ⟨ trabe(m), e *sabor* ⟨ sapore(m) com *lavor* ⟨ labore(m). Por outra parte, a concorréncia dos dois vocábulos *taibo* e *marfuz,* em versos consecutivos, sendo certo que o segundo é indubitávelmente arábico, favorece não pouco a enjenhosa hipótese de Júlio Moreira [1]. Sôbre *marfuz* acrescentarei que foi já registado no Nôvo Diccionário de Cándido de Figueiredo, com o significado «mau», e nos Subsídios para um diccionário completo da língua portuguesa, de A. A. Cortesão, com o de «desertor», em ambos sem abonação. Da mesma raiz رخص (rahaṣ) existe em português o adjectivo *refece,* que todos os dicionários mencionam, e corresponde ao castelhano *rafez, rahez.* A não ser, pois, que em qualquer língua románica, fora da Península, se nos depare a existéncia de vocábulo que evolutivamente represente o latino tabĭdum, e com permanéncia anormal do *b* intervocálico, afigura-se-me que a orijem arábica, por Júlio Moreira atribuída a *taibo,*

[1] Vid. os seus Estudos da lingua portuguesa, Lisboa 1907, pp. 204-211.

oferece muito maiores visos de plausibilidade, que a romana que se propõe, apesar de aparentemente satisfatória.

Vou concluir esta rápida análise do meritório estudo, a que me estou referindo, com várias considerações avulsas, que a sua leitura atenta me sujere.

No artigo inicial sôbre o vocábulo *condão*, em nota, diz-nos a autora que esta palavra se profere vulgarmente *cundão*. Faltou acrescentar que tal vulgaridade não é geral, mas sim, entre outras zonas, peculiar do Pôrto, por exemplo, onde a Sr.ª D. Carolina Michaëlis tem há muitos anos a sua residência habitual. Aí, pois, com efeito, o *o*, e bem assim o *e* das sílabas antetónicas proferem-se *ų* e *ę*, ainda quando as sílabas a que pertencem estão fechadas por consoante nasal, *m*, ou *n*; emtanto que em outras partes do reino elas se proferem *ȯ* e *ė*, nasais. Assim, os verbos *romper*, *vender* pronunciam-se lá *rumpėr*, *vęnder* no infinito, *rômpo*, *rómpes*, *vėndo*, *véndes*, na 1.ª e 2.ª pessoas do singular do presente do indicativo. Em outros falares do reino, por exemplo Lisboa, o *o* e o *e* fechados nasais conservam-se em toda a conjugação, quer sejam tónicos, quer átonos, e seja qual fôr a sílaba terminal da linguajem verbal respectiva [1].

Se, porém, êsse *o*, ou êsse *e* não estão seguidos de nasal ou de *l* na mesma sílaba, a pronúncia em todo o reino é idéntica, com relação ao valor variável de tais vogais; ex.: *correr*, *corro*, *corres*, que se proferem *currėr*, *côrru*, *córres*; *dever*, *devo*, *deves*, pronunciados *devėr*, *dėvu*, *déves*.

Se a sílaba em que ocorrem *e*, *o* é fechada por *l*, o *e* permanece aberto em toda a conjugação; o *o* é fechado quando é átono, e sofre a metafonia para *ó* se a terminação contém *e*, nos verbos da 2.ª conjugação; ex.: *voltar*, *volto*, *voltas*, pronunciam-se *vôltár*, *vóltu*, *vóltas*; *volver*, *volvo*, *volves*, pronunciam-se *vȯlvėr*, *vólvu*, *vólves*. Dêste modo, *condão* é em grande parte do reino proferido *condão*, e não *cundão*. É geral, porém, no reino, exceptuado o Alentejo e o Algarve, a pronúncia como *in* da sílaba inicial *en*, como em *entender*, que se profere *intender*, em geral, mas no sul *ėntender*.

No mesmo artigo figura o verbo italiano *condonare*, ao qual se dão como correspondentes alemães *verzeihen*, *Schulden erlassen*,

1 Vid. J. Leite de Vasconcellos, Esquisse d'une dialectologie portugaise, Paris 1901, pp. 100–102.

«desculpar, perdoar dívidas». Todavia, a ser assim, como se há de entender o verbo *condonare* nos seguintes versos da JERUSALÉM LIBERTADA, de Torquato Tasso?

> Barbaro forse non sarà si crudo,
> Che ti voglia ferir per non piagarmi,
> Condonando il piacer della vendetta
> A questa qualsisia beltà negletta.
>
> (C. XVI, 50).

Transcreve-se no mesmo artigo, em nota, o final da fala da moura nas CÔRTES DE JÚPITER, de Gil Vicente. O primeiro verso citado, porém, é dado, como em todas as edições, excepto a primeira, por êste teor:

> Exte anel de condon.

Ora na primeira edição lê-se:

> Este anel da (dá) condon.

É esta a boa lição, como já a estabeleci, ao transcrever a fala enteira no meu opúsculo DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE [1].

Com efeito, nem êsse verso formaria sentido se nele se dissesse *anel de condon,* nem também tal expressão é ou era usual na língua, como o é *vara-,* ou *varinha-de-condão,* e conseguintemente seria desnatural que o poeta a empregasse em tal caso.

Aqui reproduzo os cinco versos com que termina a dita fala:

> Exte anel da condon
> perguntalde box a el,
> y el dar a box razon
> de quantox xacretos xon
> tudo box xaber por el.

A propósito da palavra *entrèvado,* diz-nos a autora (p. 47) que o povo «transforma o termo, dizendo *emprègado* [por *emprẹgado*] (como se derivasse de *prégo, epigrus*) e *entrègado*».— Será assim no Pôrto, mas em Lisboa ninguém pronuncia de tal modo o segundo *e.*

[1] Lisboa, 1892.

Refere-se a eminente escritora, em nota 5 de paj. 10, a *ramos* enfeitados de fruta temporã em junho, e a *ramos floridos* nas festas de maio.

Como os meus leitores residentes lonje de Lisboa, e que nunca a visitaram no fim da primavera ou no começo do estio, podem ignorar um lindíssimo costume dos fruticultores dos arredores da capital, farei menção de uns ramos semelhantes aos indicados e que ao mercado da Praça da Figueira concorrem nas vésperas dos dias de Santo António, Sam João e Sam Pedro. Consistem êles numas palmas, denominadas *palmitos,* formadas por uma haste de cana, enfeitada toda com papéis de côres, fitas, ouropéis e frutas novas, isto é, cerejas ou ginjas e as denominadas *perinhas de Santo António,* muito pequeninas e bemfeitinhas, verdes e rosadas, que de perfeição só teem o aspecto, porque são desenxabidas. Ao depois veem as segundas peras, as *de água,* substituí-las. Estas são mais feias, um tanto mais gradas, e nada melhores de gôsto.

É por estas duas castas que se inicia a entrada das numerosíssimas peras, que daí em deante até o fim do outono se vão sucedendo àquelas, todas melhores que elas, e algumas deliciosas. Estas, porém, são forasteiras, veem de lonje, às vezes de muito lonje, alegrar-nos a vista e o paladar com as suas variadíssimas formas, diferentes tamanhos e especialíssimos sabores; e são, ou eram tantas as qualidades, que até já houve quem fizesse um dicionário delas.

Actualmente muitas das várias castas que ao mercado acudiam teem desaparecido, ou trazem nomes diferentes daqueles com que eu em novo as conheci e aprendi a apreciar.

Outro tanto direi das cerejas, menos do meu gôsto, e de que, há quarenta annos, apenas se viam em Lisboa as seguintes: *marôbas, soldares, trigais* e *de saco,* sendo as melhores as últimas.

Impugna a autora a etimologia já conhecida e defendida por Júlio Moreira, da expressão *tuta e meia,* como abreviatura de *macuta e meia.* É esta a orijem que os indivíduos que teem vivido na África Ocidental Portuguesa lhe dão. A mudança do *c* da 2.ª sílaba de *macuta* para *t,* por influência do *t* da última, é análoga à da forma corrente *catatua* por *cacatua,* do malaio *kakatúa,* «turquês», e nome de ave, naturalmente por alusão ao bico [1].

[1] Vid. APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES, vol. II, p. 514.

João Ribeiro propôs, no seu opúsculo Frases feitas, o latim iuuentutem meam, o que é mais uma charada do que uma investigação etimolójica, e de modo nenhum se pode aceitar, nem mesmo como deturpação popular, pois nem a frase latina é vulgar, nem da sua pronúncia usual *juventútēu méão,* com *e* aberto, se poderia, por má audição, por brinquedo, ou por confusão, fabricar a locução *tuta-e-meia,* com *a* final na primeira palavra, um *e* (= *i*) a mais, e o ditongo *ei* com *e* fechado; isto sem falarmos na incompatibilidade de significação entre as duas expressões.

Termino esta análise do valioso trabalho da eminente romanista com uma anedota, pouco conhecida, referente ao imperador Carlos V, e que me veio á memória ao ler a nota 3 de páj. 36.

Disse-nos Francisque Michel, também em nota, a páj. 28 do seu erudito e interessantíssimo livro Le pays basque [1], que o monarca poliglota encontrara um dia um arrieiro vascongado, com o qual travou o diálogo seguinte, na língua do campónio: — «*Mandoçaina* [2], *Nondic çatoz? — Nafarroatic — Nafarroan gari asco? — Bai, yauna, asco — Nafarroan gari asco, batere... batere ez neretaco!*»

Isto, traduzido à letra em português, porque a tradução francesa que ali vemos é pouco literal, quere dizer: — Arrieiro, donde vindes? — De Navarra. — Em Navarra trigo muito? — Sim, senhor, muito. — Em Navarra trigo muito, mas... mas não para mim.

O que o vaidoso imperador quis, afinal, foi *lucir su vascuence,* porque tam fútil é a primeira pregunta, como insípida a réplica com que pôs ponto na conversa.

Aproveito o ensejo, que se me oferece, para ampliar a refutação que nas Apostilas aos dicionários portugueses (vol. I, p. 420) fiz ao étimo proposto pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos para o verbo português *estatelar-se,* convém saber, a forma popular *estátula* por *estátua,* a qual não é mais que uma corrutela, relativamente moderna.

Dissera eu nas Apostilas que me parecia improvável que um verbo, cujo significado é *estender-se,* fosse derivado de um substantivo, que no entendimento popular sómente se aplica a «figura

[1] Paris, 1852.

[2] Corrijo *mandaçaina* para *mandoçaina,* pois o segundo *a* é êrro tipográfico certamente: é *mando,* e não *manda,* que significa «mulo»; *çain(a)* quere dizer «condutor».

erecta, em pé, e imóvel». Direi agora que em desabôno dêsse étimo ocorrem mais as seguintes razões, a meu vêr irrefutáveis.

A forma *estatelar-se* é pouco usada e tem o aspecto de correcção pseudo-erudita de *estatalar-se,* como a vemos empregada, por exemplo, neste trecho de um jornal: — «fazê-lo estatalar-se no chão»[1].

Mas não é só isto. As formas verdadeiramente vulgares são *estartalar-se, estratalar-se,* com mais um *r,* e cujo particípio é confirmado pelo adjectivo castelhano *destartalado,* que pelo Dicionário da Academia Espanhola é assim definido: — «descompuesto, desproporcionado y sin orden»[2]. Esta forma está para a portuguesa *estartalado,* como *desmoler, desmenuzar,* etc., estão para *esmoer, esmeùçar,* etc., em português.

E findo aqui a minha análise ao primoroso estudo da abalisada romanista.

Não se cuide que os reparos mínimos que fiz impliquem o intuito de desmerecer o trabalho consciencioso e pontual que critiquei sumáriamente. Conhece a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos a admiração e respeito que tributamos ao seu talento excepcional e vastíssimo saber, aos assinalados serviços, que, num ambiente por ora ainda ingrato, tem prestado à filolojia e às boas letras portuguesas. Conhece também que estudos desta natureza estão sujeitos a minucioso exame e a larga discussão, antes que os seus resultados obtenham o consenso dos que podem ter voto em tais assuntos; e é de certo com o aplauso de quem cultiva êste ramo de ciéncias, que contam todos aqueles que lidam no mesmo campo, e não com o louvor inconsciente e superficial de quem elojia sem competéncia, e quantas vezes sem mesmo ter lido o que enfáticamente encarece.

Esperamos todos que a eminente romanista prossiga de ora avante na Revista Lusitana, a única que possuímos d'esta espécie, os seus importantíssimos estudos sôbre o vocabulário português, por todos os títulos de tamanho interêsse, para os romanistas e para o público em geral.

A. R. Gonçálvez Viana.

---

1 O Seculo, Suplemento de 17 de setembro de 1908.
2 Madrid, 1899.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

Uvas com abastança

«Celebra a igreja no dia 6 de Agosto a memoria da Transfiguração de Jesus Christo sobre a montanha do Thabor; e esta festividade data dos primeiros seculos. Foi porem o Papa Calisto III que no anno de 1456 fez compor officio proprio para ella, e a declarou de 1.ª classe em agradecimento da victoria de Belgrado alcançada pelos Christãos contra os Turcos.

Na Santa Sé archiepiscopal metropolitana de Evora, o thesoureiro-mor era obrigado a apresentar a todos os reverendos ministros do côro *uvas com abastança* neste dia; e para esse fim eram enviadas do Algarve, onde mais cedo amadureciam. Ultimamente, porem, vinham de Setubal, porque não eram inferiores ás do Algarve, e não ficavam por um preço tão subido. Parece que as uvas eram apresentadas em bandejas, e distribuidas no côro, e cada um dos reverendos ministros enchia d'ellas o seu barrete.

Este onus, que pesava sobre a dignidade do thesoureiro-mor, acabou; e, por conseguinte, actualmente já não está em pratica semelhante costume. No entanto, é certo que elle vigorou por muitos annos, porque era uma obrigação annexa áquella dignidade».

(*O Transtagano* [1], n.º 133, de quinta feira 8 de Agosto de 1861).

II

Festa das candeias

«A Igreja Santa de Jesus Christo costuma fazer no dia 2 de Fevereiro a benção solemne das velas; e é por isso que se chama tambem a esta solemnidade — *A festa da Senhora das Candeias*».

(*Ibidem*, n.º 81, de quinta feira 7 de Fevereiro de 1861).

---

[1] Este jornal publicou-se em Elvas de 1860 a 1863.

III

A procissão de Corpus Christi em Badajoz

«O primeiro corpo da procissão era precedido por tres *figuras,* uma das quaes trajava capote, e não levava gravata, e as outras duas vestidas quasi pelo mesmo gosto, seguravam uns cordões, pendentes de uma bandeira, de fórma quasi mourisca, que a primeira *figura* empunhava com certo enthusiasmo e arremeço.

....

Causou-nos bastante assombro o ver que no meio das alas da procissão iam dois *pobretões* mal vestidos e de alpargatas nos pés em distancia um do outro, e que traziam enfiados no braço esquerdo, e presos ao pescoço com uma corda, uns cabazes de verga, velhos e esburacados, onde traziam *velinhas.* Perguntámos que figura faziam aquelles paspalhões misturados com o acompanhamento da procissão, e responderam-nos que ministravam velas (*cótos* arvorados em velas) a toda a gente, sem distincção de classe ou condição, que apparecesse durante o transito da procissão, e quisesse encorporar-se nella, e ao mesmo tempo recebiam as velas das mãos d'aquelles que não quisessem levar a cabo aquelle acto.

Seguia-se depois o grande e numeroso corpo ecclesiastico, precedido por duas das taes *figuras* que já mencionámos, de capotes, sapatos de vaca e sem gravata, e que empunhavam duas varas, no castão de cada uma das quaes se via uma chapa metallica, com um numero aberto no centro: não nos souberam dizer a que estas insignias eram allusivas.

Depois appareceu uma philarmonica ambulante, composta de rabecas, clarinetes, flauta e varios instrumentos de latão, que acompanhavam as vozes da capella nos canticos que entoavam, e para o que a procissão suspendia o transito passo a passo.

O andor em que vinha a custodia era de feitio chinês; havia em cada angulo um pequeno pavilhão, ornado de torrinhas, das quaes pendia um grande numero de campainhas, que com o movimento oscillante do andor faziam uma guizalhada que produzia um effeito pouco agradavel. O valor d'este andor é de consideração, porque é de muito boa prata. Pegavam-lhe quatro ecclesiasticos.

O pallio, que devia cubrir o andor, pelo facto de que ali se transportava a Sagrada Eucharistia, pelo contrario, vinha atrás

conduzido por seis membros *del ayuntamiento,* todos muito bizarros e ufanos, e que se serviam das varas como se fossem paus ferrados, dando com ellas fortes bordoadas na calçada.

O bispo e o seu sequito fechavam a procissão, seguindo-se a tropa».

(*Ibidem,* n.º 115, de quinta feira 6 de Dezembro de 1861).

IV

A Charolada

«Na sexta feira santa, por convite do vigario, fui assistir, na Villa de Sousel, aos sermões da chamada *charolada*, e ali tive a honra de ouvir o Sr. Dr. Pina, orador da cidade de Evora...... A Maria Vigaria comparou a voz do prègador á do besouro chamado *das sezões!*... Que lembrança de mulher!

O Sr. Dr. Pina tinha vindo para Sousel na terça feira, para assim se orientar melhor naquella representação; e fez que ella se aumentasse mais com a entrada pela igreja acima dos discipulos Arimathéa e Nicodemus, e dois serventes a subirem todos ao alto da Cruz. E agora o vereis! Aquella scena foi interrompida com a successiva queda de quatro homens atacados no meio da igreja com accidentes epilepticos, obrigando uns a segurá-los, outros a fugirem, como eu fiz».

(*Ibidem,* n.º 98, de domingo 7 de Abril de 1861).

V

Programma para a quebra dos Escudos, na Villa de Monforte, pelo fallecimento de El-Rei D. Pedro V

«Acabadas as cerimonias religiosas, sairá o prestito para a quebra dos Escudos pela fórma seguinte:

Na frente irão os dois officiaes de diligencias da Camara e Administração, e vestidos de rigoroso luto, com capa comprida, chapeu grande desabado e varas pretas.

Seguir-se-ha o vereador fiscal, de capa comprida, casaca, calção e meia, tudo de lã preta, chapeu desabado com grande fumo do lado esquerdo, a cavallo em um cavallo negro, todo coberto de baeta preta, levando um estandarte de baeta da mesma côr, com as armas reaes e municipaes cobertas de crepe preto; á estri

beira esquerda irá um criado de libré com fumos no chapeu e hombro esquerdo.

Seguir-se-hão as pessoas que decentemente se apresentarem vestidas de rigoroso luto e quiserem acompanhar a comitiva; os regedores das freguesias; os juizes eleitos; os empregados do correio; os professores de ensino primario; os juizes de paz; os empregados da Repartição de Fazenda; os escrivães do juizo; o subdelegado do procurador regio; o juiz ordinario; os ecclesiasticos e parochos das freguesias do concelno.

A Camara, trajando capa comprida, casaca, calção e meia, tudo de lã preta, chapeu desabado com abas compridas e fumo do lado esquerdo caido até a cintura, levará varas pretas e dará a direita ao administrador do concelho.

Atrás da Camara irá a philarmonica Monfortense, uniformizada, com fumo no braço e nos instrumentos (os de pancada cobertos de baeta preta), tocando lugubres peças de musica.

Os escudos serão conduzidos no braço esquerdo, pelo presidente e vereadores que os hão de quebrar.

A comitiva percorrerá a Rua do Convento, do Arco, e Largo do Relogio, onde o presidente da Camara, subindo a uma tarima coberta de preto, e descobrindo-se todos, dirá em alta voz: *Chorae, chorae portugueses, que é morto o nosso muito amado Rei D. Pedro V*; e partindo o escudo o lançará por terra. Seguirá pelo Largo da Magdalena, Rua do Visconde da Luz e Pracinha, onde o vereador Joaquim Anastacio Monteiro quebrará o segundo escudo com os mesmas formalidades. Continuará pelo Largo da Matriz, Rua de Santa Maria e Praça, onde o vereador José Pereira Vellez quebrará o terceiro escudo com iguaes formalidades.

Concluida esta cerimonia, a Camara recolherá aos Paços do Concelho, e o prestito dispersará.

Monforte, 8 de dezembro de 1861.=O Presidente da Camara, *André de Brito Montoso*».

(*Ibidem*, n.º 171, de quinta feira 19 de Dezembro de 1861).

VI

Luto nas armas das casas dos grandes de Portugal

«**Correspondencia**. — *Srs. Redactores*. — Prezo-me de ser obediente á lei, e portanto mandaria, por certo, cobrir de luto as armas da minha casa, em Elvas, se, por lei, ou mesmo por costume, a

isto fossem obrigados os grandes do reino, quando morrem os Reis de Portugal; provo, porem, com o testemunho insuspeito e respeitavel do Sr. Marquez de Rezende, que não ha tal obrigação, nem costume, e portanto, estou justificado. Pela inserção d'estas linhas, e da carta do Sr. Marquez de Rezende, no mais proximo numero do *Transtagano,* lhes ficará muito obrigado o seu attento e venerador = *Marquez de Penalva.* Lisboa, 1 de Dezembro de 1861».

COPIA DA CARTA DO EX.MO MARQUEZ DE REZENDE

Meu querido sobrinho. — Nunca vi, nem ouvi, nem li, que os grandes de Portugal usassem cobrir de luto as armas das suas casas por occasião do fallecimento dos nossos Reis, e cuido que uma semelhante demonstração, hoje praticada entre nós por algumas pessoas nas mortes dos chefes das familias, foi, como outros costumes que na nossa terra se tem introduzido, importado das estranhas. Podes fazer d'estas linhas o uso que quiseres, e acredita que sou teu muito amigo. = *Marquez de Rezende.* — Em 1 de Dezembro de 1861».

(*Ibidem*, n.º 169, de quinta feira 12 de Dezembro de 1861).

VII

Festa da Rosa

«No domingo da Santissima Trindade (26 do corrente mês de maio) ha de celebrar-se na igreja do Paraiso, em Evora, a denominada *Festa da Rosa*.

É costume annual benzer ali, solemnemente, as rosas, que são dedicadas e offerecidas a Maria Santissima Mãe de Deus, debaixo do titulo do Rosario.

Os devotos se aproveitam então das rosas assim benzidas, e as costumam depois guardar para varios usos medicinaes. Devoção louvavel, que tem por fundamento uma pia tradição.

(*Ibidem*, n.º 108, de domingo 12 de maio de 1861).

VIII

Lutos pela morte de El-Rei D. João IV

«O luto, q̃ hande trázer todos os vassallos destes Reynos, hade ser capuzes cerrados de baeta grossa hauendoa, e quando

anão haja da outra virada do aueço, os q̃ tiuerem possibilidade com carapuças, e o mais a este respeito, e a esta semelhança as molheres: os pobres trarão plo menos carapuça de baeta, e as molheres beatilhas tintas de negro; e os capuzes se poderão abrir passados dous mezes, e não antes: o luto se aliuiará passado hu anno, e durará aliuiado por outro anno mais».

(Carta da Rainha Regente D. Luisa de Gusmão, dirigida á Camara de Elvas em 7 de novembro de 1656). — Liv. VI das *Proprias* da dita Camara, fl. 300).

IX

Antigas propinas dos vereadores

«Eu ElRey faço saber aos que este aluara virem que auendo respeito ao que na petiçam atraz escrita dizem o Juiz, Vereadores, e procurador da çidade deluas, ey por bem e me praz que em lugar das gualinhas e do mais que se costumaua dar a cada hum dos ditos offiçiaes os dias que na dita çidade auja precissoes solenes, aja cada hum delles dous cruzados á custa das rendas do c.º da dita çidade não entrando nysso a minha terça, etc., etc.

(Alvará de El-Rei D. Filippe I, de 4 de fevereiro de 1583.— Liv. III das *Proprias* da Camara de Elvas, fl. 181).

X

Excommunhão do pulgão nas vinhas

«Meu bom e p.ar am.º coll.a e sñr do c.º Eu não posso ir ahi dormir 4.a fr.a porq̃ vai amenhãa P.am p.a o S.r Bispo dar licença p.a sairmos com a Imagem de Nossa Snr.a do Rosario em Porcissão pelas vinhatarias a excumungar o pulgão porq̃ he tal a quantid.e da tal praga q̃ só asim se extinguirá, negrejão pelas vinhas e mal sae o olho da vide logo está mamado, couza nunca vista!»

. . . .

(Carta de Joaquim de Meneses, dirigida de Castello de Vide, em 15 de abril de 1800, ao Desembargador Francisco de Paula de Sequeira Barreto, residente em Elvas).

XI

Bruxedos

A p. 47 e sgs. do tomo II da obra *Poemas Lyricos de hum natural de Lisboa* (Na Regia officina typographica — Lisboa, 1789), vem o seguinte *Idyllio*, bastante curioso no que respeita ao *flok-lore:*

AS BRUXAS NAMORADAS

IDYLLIO VII

BRUXAMAIA, E FADAMAIA

Bruxamaia.

SÃo horas, ó Amiga, e Companheira,
De sahirmos ao campo a começarmos
Os encantos de Amor, para attrahirmos
A digna gratidão, meigos exceſſos
Os dous bellos Paſtores, por que ardemos...
Já os gallos ouvi quatorze vezes.
Eſtá tudo em ſilencio, e mal ao longe
Reſoa o pio do obſtinado mocho.
Nem coruja eſvoaça, nem morcego.
A Lua he macilenta, eſtrellas poucas.
Hum ſó tronco não meche o ſurdo vento.
Veremos ſe reſiſtem os ingratos
Outra vez aos preſtigios. Eſta noite
Minha arte esgotarei por ver Auzenio
Gemer por mim amante, inda que longe;
Aborrecer as Damas, que o cativão.
Traze tu a candeia de tres lumes,
E a untada tizoura, em que ella penda;
Que eu cá levo comigo os mais apreſtes
Com o buço de lobo macho, e femea.
Seja o ſitio defronte deſta balça,
Onde cantão tambem os negros melros.
Marca o plano co' a unha de urſo velho,
Furada de redor com fuſo virgem.

Pela terra tambem a debadoura
Encrava de través co' a mão efquerda;
E fazendo-a zunir da mefma parte,
Bafeja-a fete vezes; e parando,
Logo as cruas meadas lhe poremos.
Eu em tanto enfarilho de ás aveffas
Os novellos da Avó, que ambas herdámos.
Eftá tudo difpofto com deftreza,
Conforme as leis da madre Celeftina.
Só falta repetir em brando verfo
Com fé, e efperança a noffa lenda.
Levanta tu primeiro o tom ufado.

Fadameia.

Deofa da Eftigie, Deofa de tres fórmas,
Tem dor da noffa dor: acode prompta
Ás vividas faudades, que nos pungem
Á tua protecção nos fubmettemos
Amor merece amor: amor queremos.

Bruxamaia.

Vem, Ecate nocturna, Mãi das Magas,
Favorecer os cultos do teu nome.
Tranfporta até aqui quem nos defdenha:
C'roa com gratidão noffos extremos.
Amor merece amor: amor queremos.

Fadameia.

Se hoje apérto em meus braços junto ao peito
O meu bello Falcinto, juro aos Aftros
Preparar-lhe huma cama de mil flores,
'Onde a mais noite em jubilo paffemos.
Amor merece amor: amor queremos.

Bruxamaia.

Não tardes, ó Auzenio; vem de preffa,
Que hum par de tenras rolas tens de cea.
Depois defcançarás mefmo em meu collo,
E á manhã pelo prado brincaremos.
Amor merece amor: amor queremos.

Fadameia.

Voai, ó brancas patas, com luzinhas
Até junto de nós, grafnando todas.
Alumeai a obra, e em jufto premio
Hum rico colar de ouro vos daremos.
Amor merece amor: amor queremos.

Bruxamaia.

Correi da ferra, ó bodes côr da noite.
Accendei com as caudas a fogueira.
Vigiai, porque aqui não haja agouros.
Em paga com anneis vos ornaremos.
Amor merece amor: amor queremos.

Fadameia.

Prometter firme amor, e fer ingrato
Cem mil mortes merece, e he pouco ainda.
Mas vem, Falcinto, e tudo te perdoo:
Noffa doce união renovaremos.
Amor merece amor: amor queremos.

Bruxamaia.

Tua efquivança afsás tem fido, Auzenio.
Mas eu juro tratar-te como d'antes,
Se comigo ficares té á morte.
Ah! Vem, e quem te adora mais veremos.
Amor merece amor: amor queremos.

Fadameia.

Tudo temos obrado com defvélo:
Só falta dar tres nós com efta fitta,
Bem tocada no attrahidor magnete.
A fitta com paixão ambas beijemos.
Amor merece amor: amor queremos.

Bruxamaia.

Por c'roa defte encanto de faudades
Só falece enlaçar co' a fitta verde
Eftes dous corações de cera juntos.
Efte nexo de amor bem apertemos.
Amor merece amor: amor queremos.

Aperta, ó Fadameia, aperta agora,
Que hum vulto vejo perto, e he Auzenio...
Eu corro a elle já, e o teu vem logo:
Mas que engano! Era a ſombra d'hum carraſco,
Que bem nos deſengana com myſterio.
Suſpende a lida já, que em vão he tudo.
Riem de nós ao longe os dous ingratos.
Contumaz alvedrio ninguem torce.
Perca-ſe de huma vez eſta arte infame.
Inda, Pyra infiel, fumar te vemos?...
Voa desfeita: amor já não queremos.

XII

Superstições, crenças, usos e costumes alemtejanos

No sitio de Varche, freguesia de S. Brás, do concelho de Elvas, junto do pomar do Mata, ha uma nascente rustica, a que chamam *Fonte dos Amores*. É crença que, para as moças casarem cedo, devem molhar na agua da nascente raminhos de alecrim, benzerem-se com elles, dizendo

Sina pata,
Sina infa,
Sina mona,
e
Sinaziringuigona,

e depois lançarem os ramos na mesma nascente.

Em Elvas, quando uma parturiente sente prolongar-se a crise de que deseja livrar-se, *pega-se* com Nossa Senhora das Dores; manda que se tanjam nove badaladas no sino da igreja da mesma Senhora, e que lhe tragam um collar, que á dita imagem pertence, a fim de lançá-lo ao pescoço. O collar tem enfiadas cento e trinta contas, e uma medalhinha formada por uma pedra quasi elliptica, e por doze pequeninas rodeando-a, todas engastadas em prata.

É crença que «no anno em que occupa a sereia» teem as mulheres partos duplos.

Acabado o *regimento,* a primeira saida que faz a mãe é á missa, com o filho nos braços, apresentando-o a Nosso Senhor e offerecendo-lh'o em orações.

O baptismo do recemnascido só deve ser feito oito dias depois do nascimento.

Logo que a criança nasce, é toda lavada numa bacia com agua morna, e a cabeça é depois lavada, em separado, com uma clara de ovo, muito bem batida numa porção de agua tambem morna e temperada com aguardente. Depois de muito bem enxuta, *para lhe arranjarem a moleirinha,* cobrem-lhe a cabeça com uma *estopada* untada de mel e gemma de ovo, e cingem-lh'a com um lencinho de tres pontas, que tem ligaduras para atar na testa. Põem-lhe depois uma touquinha, e em cima da touca um capello de algodão branco com pontas do mesmo pano, que se cruzam e veem segurar na ligadura da cintura, que é para a cabeça se conservar direita. Ao fim de vinte e quatro horas alliviam a criança da tal *estopada*. A criança durante oito dias é deitada de costas, *para não ficar com uma face mais gorda que a outra*. Os *antigos* seguravam tambem os braços da criança á ligadura da cintura, para os braços *tomarem vigor*.

Se a criança não for bem lavada ao nascer, terá *zagre*.

O dedo *maminho* faz-se crer ás crianças que tem o poder de adivinhar.

Ao levantar da mesa de jantar é mau deixar pão mordido, por causa dos bichos venenosos. Estes podem sugar a saliva que se deixa no pão, e mirra-se a pessoa que o mordeu.

Não é bom ter dó quando se vê matar alguma rês, ou ave, porque custará muito a morrer.

A bolota doce, constitue, principalmente para as crianças, uma guloseima. Comem-na crua e assada. E quando a assam, chamam *freiras* ás bolotas que, ao estoirarem, ficam com parte do miolo fora da casca.

É crença que, pondo-se a mão sobre o coração da pessoa que dorme, revela os seus segredos.

Subsiste o costume de o defunto ir para a cova de barba rapada.

No primeiro dia do mês de maio, antes de nascer o sol, comem amendoas torradas, ou castanhas piladas, para lhes não *entrar o maio* no corpo.

Por occasião de morte de parente muito proximo usam deixar crescer a barba por algum tempo.

Nas ruas por onde passam as procissões ainda é de uso espalhar differentes ervas, principalmente a espadana (em Elvas) e o feto (em Portalegre).

Crêem que o que se fizer no primeiro dia do anno, se fará durante o anno inteiro.

Dizem que é mau queimar canas, porque o fumo d'ellas causa dôr de dentes.

O gato é amigo da casa e não do dono.

Os ovos dos bichos da seda costumam chocá-los no seio, ou na ponta de uma esterqueira.

Em se abrindo ao mesmo tempo a boca a duas pessoas, já não morrem nesse dia.

Se dão horas quando o Senhor (Santissimo) está dentro da casa do enfermo, este morre infallivelmente.

O pão quente, comido com manteiga, faz alporcas.

Não se devem matar porcos por occasião dos «antreluios», porque se perde a carne.

Quem se lava pela manhã dá uma bofetada no peccado.

As moscas não largam as pessôas que estão proximas da morte.

Cuspindo-se em cima de uma vaca-loura, mata-se.

Dar uma fâtia de pão ao sair do forno, é bom: com o fumo, que vae para o ceu, vae tambem a esmola.

Quem toma banhos de mar, deve em cada anno acabar de tomá-los por numero impar, para elles aproveitarem.

Quando, por acaso, se assenta (numa sala) uma pessoa atrás da outra, hão de vir a ser comadres.

Havendo em casa as flores encarnadas chamadas *tafulas,* ha desuniões.

Quando, ao offerecerem qualquer objecto, este cae no chão, é porque foi dado de má vontade.

Antigamente, quando casava alguma viuva, iam tocar-lhe chocalhos á porta na noite do casamento.

É mau cortar as unhas ás sextas-feiras, nos sabbados é que se devem cortar.

Por occasião dos baptisados, os padrinhos, ao sairem da igreja e durante o trajecto para casa, lançam ao rapazio amendoas cobertas, confeitos e moedas de cinco réis. Por occasião dos casamentos, atiram das sacadas e janelas á noiva flores desfolhadas e trigo.

Quem encontra um lagarto de duas caudas, deve apanhá-lo e mettê-lo numa arca em cujo fundo haja uma pequena camada de areia, ou farinha. O lagarto, com as caudas, *escreve* ahi o numero do premio grande da lotaria proximamente a extrahir-se.

Em algumas das segundas-feiras da quaresma, os musicos e cantores das capellas religiosas *encommendam,* por alta noite e em altas vozes, ao som de instrumentos, as almas do purgatorio, nas varandas mais elevadas das povoações.

Na industria da pesca usam — alem da cana de pescar (em cujo anzol espetam para isco a minhoca), — da *atarrafa,* do *tresmalho* (rede de tres panos, com malhas largas nos das extremidades e meudas nas do centro), do *tosão* e das *nassas*. Recolhem o peixe em gigas, cabaços e mingachas.

Persiste o costume de conservarem o vinho em potes de barro, untados, por dentro, de pez.

Alguns pastores ainda usam os capotes de palha, ou junco, chamados *coroças,* ou *croças.*

É mau dormir pessoa idosa com outra nova, porque aquella *chupa-lhe a sustancia.*

Quem mette a mão dentro da bolsa, ou da gaveta, e tira mais dinheiro do que pretende tirar, é sinal de que ha de vir a ser rico.

Fazer girar uma cadeira num dos pés, é mau, pois resulta d'isso haver mexericos em casa.

Quando um cão mija á porta da rua com a cabeça para dentro de casa, é sinal de dinheiro fresco.

É crença (em Elvas) que as trovoadas que veem do lado da Espanha (do nascente) são as peores.

Quando andam á caça e um dos cães se espoja, dizem ser sinal de lebre proxima.

Quando se diz a uma criança: — És muito bonita! — deve-se accrescentar: — Benza-te Deus, maus olhos te não vejam, — *por via do quebranto.*

Para saberem se certa e determinada pessoa lhes quer bem, dobram a folha do trigo *costas com costas* e mettem-na no seio. Se lhes quer bem, volta-se *palma com palma;* se lhes quer mal, *fica na mesma.*

É bom jantar ao meio dia. A esta hora o bispo lança a *bençoa,* e as pessoas que estão á mesa do jantar *arreceberam-na.*

Na vida agricola ainda existe o vestigio dos silos. Nalguns logares ainda enterram em redor dos *montes* (casas de habitação das herdades) grandes potes que enchem de cereaes. Chamam a esses potes, *tagarrões.*

Qando cae o *embigo* á criança, se se quer que seja habilidosa ha de metter-se no meolo do enxergão; e para a criança cantar bem, depois do *embigo* estar alguns dias no enxergão dão-no a comer a um gallo.

Ainda persiste o systema (usado pelos arabes) da debulha dos cereaes nas eiras pelas unhas das eguas.

Uma cantiga alemtejana:

Eu já vi as mulher's todas
Enfiadas numa agulha,
Par'ciam manada d'eguas
Quando andam na debulha.

O cágado choca os ovos com os olhos.

Ás terças e sextas-feiras só os judeus é que cortam as unhas e fazem a barba.

Quando os porcos (que se matam em casa) são malhados ou *calçudos,* é agoiro, — é sinal de haver morte em casa nesse anno.

Em duas pessoas tendo o mesmo pensamento a um tempo, já não morrem nesse dia.

Os que se cosem vestidos, amortalham-se.

Ás mantas de toucinho, depois de salgadas e mettidas na *salgadeira,* fazem-lhes com a mão uma cruz no meio, para não rançarem.

As bruxas *não podem entrar* com as pessoas que nascem em terças e sextas-feiras, ou que tenham um sinal nas costas, entre as cruzes.

Gallinha que canta como gallo é sinal de morte do dono da casa, e é logo morta:

Gallinha que canta de gallo
Põe o dono a cavallo.

Para os gatos não fugirem de casa e tomarem-lhe amizade, mastiga-se pão e queijo e dá-se-lhes a comer. Tambem se lhes cortam *as barbas* e se misturam com o pão e queijo depois de mastigado; ou se mettem essas *barbas* debaixo dos cantaros da cozinha.

É crença que depois que vieram as bullas da Santa Cruzada é que deixaram de apparecer os *demonicos da mão furada.*

A S. Miguel deu Nosso Senhor a balança para pesar as almas no ceu.

Crêem que ha um queijo no ceu, que só poderá ser partido por aquelle que casar e não se arrepender.

As pessoas de casa devem pôr os chales e os lenços ás visitas, que é para voltarem *outra vez.*

O sapo, em se vendo perseguido, urina para o perseguidor, e se a urina lhe chega aos olhos, fica cego.

Em abanando os dentes é porque estão dizendo mal da gente.

Os lagartos são amigos dos homens e inimigos das mulheres. Com as cobras succede o contrario.

Em chovendo na tarde de quinta-feira de Ascensão, as nozes apodrecem e todos os frutos sairão pecos.

É crença que no quintal de João Pastor, em Villa Fernando (concelho de Elvas), ha uma *mina*, que contém quatro potes cheios de ouro e no centro uma mesa com um crucifixo de ouro. Á mulher que sonhou com esta *mina* apparecia-lhe um mouro, vestido de verde e com dragonas amarellas, convidando-a a que a fosse *tirar*, e que não se assustasse, porque, assustando-se, morreria. Nunca *se astreveu*.

As mouras, para se desencantarem, dão um beijo na cara de um christão. O beijo tira os santos oleos do baptismo. O homem ou mulher que for beijado tem de chrismar-se.

Dizem que os mouros são muito *crystallinos*, pois quando vêem uma espiga de trigo quebrada botam-lhe uma caninha para a endireitarem.

É crença que a lua foi condemnada por Deus a andar ora em quarto crescente, ora em quarto mingoante.

Em occasião de peste ou cholera-morbus, o gado dos contornos, especialmente o gado bovino, pernoita nas ruas das povoações, para, com o seu bafo, desinfeccionar o ar.

O systema das regas por meio de presas de agua, a que os arabes chamavam *albuheras*, ainda persiste. Nos arredores de Elvas ha duas d'essas presas, a que chamam *albufeiras*.

Quando troveja, é Deus que está a ralhar, ou são differentes moveis que se estão rojando no ceu. E não é bom estar á janela, porque se pode ficar cego com os relampagos.

Em Villa Boim (concelho de Elvas) ainda se conservavam, até ha poucos annos, algumas *mangras*: cordeis muito compridos, feitos de lã churra, com que sacudiam o orvalho das searas.

Para o gato e o cão não continuarem a mijar no mesmo sitio, deitam ahi pimenta. Os animaes cheiram e afastam-se.

Para a caça das pequenas aves, ainda usam as armadilhas chamadas *costella, visgo, rede, laço* e *buizes*.

Á beira dos poços, em vez de caldeiras para tirar agua, vêem-se mui frequentemente grandes chocalhos a isso destinados. Uma cantiga alemtejana:

Olá Cabeço de Vide,
Toda coberta de neve,
Terra do neto da bruxa,
Quem não tem chocalho, não bebe.

Alguns juizes de direito, nos tribunaes, costumam ainda ter ao seu lado a *vara branca,* symbolo da autoridade e do poder judicial.

E mau dobar linhas aos domingos, porque foi neste dia que os judeus dobaram o linho com que teceram a corda para prender o Senhor.

Orelhas grandes é sinal de vida longa; e quem tem *bico de cabello* (cantoneiras) na testa, ha de ficar viuvo.

Na quinta-feira da Ascensão, do meio-dia para a 1 hora, vão ao campo colher cinco folhas de oliveira, cinco espigas de trigo, e as flores amarellas e brancas que podem apanhar, rezando cinco Padre Nossos, cinco Ave Marias e cinco Gloria Patris, para não se acabar em casa, durante o anno, o azeite, o trigo, o ouro e a prata.

No domingo de Ramos, todos os que teem sementeiras, quer de cereaes quer de legumes, vão pôr-lhes cruzes de alecrim bento, para as livrar do mau olhado.

Por occasião da *matança* do porco, ao apararem o sangue no alguidar, mexem-no, para não coalhar, com uma grande colher de pau, e sempre para o mesmo lado, porque, coalhando o sangue, a morcella, temperada com elle, rança pelo anno adeante.

Quando cosem o leite de cabras, e *se levanta* e entorna pelo lume, deitam-lhe umas pedrinhas de sal para não se secar o leite ás cabras.

Quando matam qualquer rês, para coalhar o sangue que aparam, põem-lhe por cima duas palhinhas em cruz.

Crêem que os *labishomens* (ou *lambishomes*), quando correm o fado, porta onde vêem luz é *coice que ferve,* e que aos cães dá-lhes o cheiro dos *labishomens* e correm atrás d'elles a ladrar; mas o *labishomem* não se bota aos cães, á *familia* é que elle se bota.

Em occasião de estiagem prolongada, os lavradores do concelho de Elvas aggremiam-se, a fim de correrem por sua conta as despesas a fazer com a conducção, em procissão de penitencia, da imagem do Senhor Jesus dos Passos, da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, para a da extincta Sé, onde fica até que chova. A procissão percorre, alem das ruas principaes, as muralhas da praça, e, ahi, voltam differentes vezes a imagem para os campos, pedindo em altas vozes: «misericordia e agua de misericordia».

Nos dias seguintes sae da igreja da Ordem Terceira, em procissão tambem de penitencia e para a da extincta Sé, a imagem de S. Francisco, levando uma «petição» ao Senhor dos Passos, e volta á sua igreja aquella imagem.

Operado o milagre da queda da chuva, realiza-se na igreja da extincta Sé uma festividade em acção de graças, e é depois removida, em procissão de triunfo, a imagem do Senhor dos Passos para a sua igreja, a da Ordem Terceira.

É crença que, logo que a imagem do Senhor dos Passos é tirada da tribuna da capella-mor da sua igreja para o andor, ha mudança de tempo, começa a *nurrar-se.*

Na tarde do 1.º de novembro saem ao campo, levando bolsas contendo passas de figo, nozes e castanhas, que comem, em companhia, junto de qualquer fonte.

Quem mata um lobo, tira-lhe a pelle e anda com ella pelas povoações, pedindo esmola. A camara de Elvas gratifica o matador com certa quantia, cortando uma das orelhas da pelle do animal.

Eis os presentes que, em Elvas, costumam offerecer ás pessoas de amizade, nas differentes epocas do anno:

No dia de *Anno Bom:* azevias, broas de milho e biscoitos.

Pelo *Entrudo:* arroz doce, *cericá,* fatias de ovos, sonhos, nógados, filhozes e perus.

Pelas *Endoenças:* amendoas cobertas.

Pela *Pascoa* (ou *Festa de Flores*)*:* queijadas, bolos folhados, filhozes, coalhadas, folares, cabritos, borregos; e vaquinhas e pintainhas feitas de massa asma.

Em o *1.º de maio:* amendoas cobertas.

Em o *1.º de novembro:* passas de figo e de uva, nozes, marmelos, romãs e castanhas.

Pelo *S. Martinho:* vinho e castanhas.

E pelo *Natal:* azevias, filhozes, broas de milho, biscoitos, lombos de porco, leitões, peixe e carradas de lenha com grandes madeiros.

Na tarde do 1.º de maio vestem uma rapariga de branco, enfeitam-na com flores e assentam-na numa esteira collocada á porta da rua. O rapazio pede aos transeuntes *esmola para a maia,* e as raparigas, assentadas em redor d'ella, entoam cantigas ao som do pandeiro. Do que *ajuntam* compram uma *merenda,* que comem ao anoitecer. A merenda compõe-se, ordinariamente, de requeijão, pão e café.

No dia de Santa Cruz (3 de maio) *armam* nas ruas e junto das portas das casas um altar, em que arvoram uma cruz, adornando o altar de muitas flores, e pedem esmola aos transeuntes para a Santa Cruz. Ha depois merenda.

É crença que certas pessoas, se *mexerem* a carne de porco

destinada a *encher* (a ensacar), a estragam; e, da mesma forma, se tocarem na massa destinada ao fabrico dos queijos.

Entre as differentes *promessas,* feitas aos santos, ha: a de *pesarem-se a trigo;* a de darem de joelhos quinze e vinte voltas em redor de uma igreja; a de irem descalços e com uma vela na mão na procissão do Senhor Jesus dos Passos; a de irem os filhos vestidos de anjos nas procissões de triunfo, ou vestidos de penitencia nas procissões da quaresma; e a de irem descalços até a igreja onde se venera a imagem do santo a que a *promessa* foi feita.

Na noite que antecede a *quinta feira de comadres,* collocam estas nas varandas pequenos alguidares, cheios de borras de azeite, a que lançam fogo. A estes fogaréus chamam *luminarias.* Os *compadres* esforçam-se por escalar as varandas, para apagarem os fogaréus. Ao alvorecer d'essa quinta-feira, percorrem os *compadres* as ruas das povoações, tocando grandes chocalhos, mangas, buzios, e entoando cantigas contra as *comadres.* Estas, pela tarde, põem ás janelas vistosas bandeiras de fitas, e os *compadres* bandeiras de esteiras velhas, ornamentadas, estas, de talos de couve, cascas de laranjas e chocalhos. De parte a parte procuram furtar as bandeiras.

Na *quinta feira de compadres,* as *comadres* põem ás janelas as bandeiras de esteira, e bonecos de palha com chocalhos, que fazem tanger por meio de cordeis.

Nas noites d'essas quintas-feiras usam fazer cruzes, com cal branca, nas portas exteriores das casas de habitação dos vizinhos; e nesses dias e tambem nos de domingo gordo e terça feira de entrudo, os rapazes (ainda os de boa sociedade) percorrem as ruas arremessando tremoços e cascas de ovos contendo farelos, cinza ou serradura, para as janelas e sacadas onde vêem senhoras, havendo na maior parte das vezes *escaramuça.* Usam tambem as *comadres* arremessarem das janelas, aos *compadres,* luvas cheias de areia e presas por um cordel, empregando esforços para lhes darem com os chapeus em terra.

Sinaes de chuva: entrarem muitas moscas em casa; lamber-se o gato, ou brincar muito, ou voltar-se com o rabo para o lume; catar-se a gallinha; doerem os callos.

Aos cães e gatos devem-se pôr nomes de rios, para se não derramarem.

A mula no presepio espalhava o feno e a vaquinha ajuntava-o. D'aqui a maldição de Nossa Senhora á mula: não parirás! — promettendo á vaca que seria a carne que sustentasse mais.

Para se esquecerem de um morto, passam-lhe por cima tres vezes; ou rezam uma Salve Rainha á Senhora do Desterro.

É mau deitar as cascas dos ovos para o lume, porque deixam as gallinhas de pôr.

Quando chove meudinho, dizem: *Está a velha a peneirar.*

Quando vêem qualquer bicho pelas paredes, dizem:

S. Bento, S. Bento
Sigue amor o teu intento,

e o bicho pára para se poder matar.

Quem, ao ouvir missa, espirrar durante o espaço que decorre entre o levantar da hostia e o levantar do calix, morre nesse anno.

É mau arrancar os cabellos brancos, pois de cada um que é arrancado nascem sete tambem brancos.

Se duas pessoas bebem ao mesmo tempo num charco, uma bebe sangue, a de cima, e a outra bebe materia.

Para afugentar as osgas costumam queimar *rodelas* (aparas de sola), e queimam borel para espantar os mosquitos.

Crêem que se é *bruxa* por natureza, *feiticeira* por artes, e *lobishomem* por fado, e que, a quem nasce no signo dos bichos, não podem fazer mal as feiticeiras.

Na quinta feira da Ascensão não vão os passaros ao ninho desde o meio dia até á 1 hora; isto é, durante a *reza da hora,* nas festas da igreja. Terminada essa *reza,* era costume soltarem-se do côro e das tribunas differentes passarinhos, e espargirem-se sobre os fieis flores desfolhadas.

Quando uma criança é quebrada, vão uma Maria e um Manuel, virgens, na noite de S. João, a um vime. O Manuel racha o vime e passa a criança pela abertura para a Maria. O vime é depois *aligado,* e nesta occasião se *solda* a criança com o *enguento de solda,* que vem da Espanha.

Ás crianças, antes de baptizadas, chamam *moiras,* e se morrem antes do baptismo vão para o limbo; mas, se chegaram a mammar, sempre passam pelas penas do purgatorio.

É crença que, não só a coruja, mas tambem os morcegos, vão de noite beber o azeite das lampadas nas igrejas.

Costumam espetar uma agulha no corpo do defuncto, ao vesti-lo, para a espetarem depois na roupa do homem que querem *ligar*.

É crença que os usurarios morrem ás sextas-feiras, e que nem os cães lhes podem aproveitar a carne.

É crença que os cães não uivam durante o tempo da quaresma.

É mau ter em casa o cacto que dá a flor chamada *dama do bosque:* abre (o cacto) ao fim de sete annos, sae um bicho, dá um grito e morre o dono da casa.

É crença que, emquanto apparecer o *Arco-da-Velha,* não se acaba o mundo.

Ouvindo-se cantar o cuco a primeira vez, deve uma pessoa *arrebolar-se,* para ter a certeza de que o ouvirá cantar no anno que vem.

A criança deve ser conduzida á pia baptismal pela mulher do sacristão da igreja. Para este effeito, deve recebê-la das mãos da parteira á porta do templo.

É crença que, para o casal ser bem unido, ha de dormir na mesma cama e comer no mesmo prato.

Tambem crêem que, para um escrito de divida ter grande validade depois da morte do credor, deve ser lido sobre o seu cadaver.

Não deve uma pessoa casar-se durante o tempo do Carnaval, porque d'esse casamento resulta ou pobreza ou desunião.

Sonhar com figos pretos é sinal de luto, e com figos brancos é sinal de dinheiro; com carne fresca, é sinal de morte na familia; com chaves, é sinal de dinheiro enterrado; com bois, é sinal de casamento; com porcos, é morte certa; com cobras, é arrastamento; com botas, é sinal de morte; com dinheiro, é pobreza; com uvas pretas, é luto ou letras (cartas), e com uvas brancas, lagrimas; com ovos, é sinal de mexericos; com gallinhas, é desgosto.

Sonhar que caem os dentes, é morte de parente; e sonhar com pessoas mortas estando vivas, é herança perdida.

Quando se sonha que certa e determinada pessoa morreu, accrescentam-se-lhe os dias de vida.

A pessoa que sonha com agua clara a correr, tem de beber agua logo que acorde; e tem de bebê-la sózinha, porque, se a beber em companhia de outra pessoa, uma bebe agua e a outra sangue.

Pôr os sapatos ao lado da cabeceira, ao deitar, faz sonhar muito.

A. Thomás Pires.

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Continuação do vol. x, pag. 191)

PARTE II

LINGUAGEM POPULAR

a) PHONOLOGIA

1. Os artigos *o, a, os, as,* são sempre abertos na segunda de duas frases coordenadas; ex.: «o pae e *ó* filho escreveram; a mãe e *á* filha escreveram; os paes e *ós* filhos, etc.; as mães e *ás* filhas. etc.»; «como passa V. e *á* obrigação (os de casa)?». De um retabulo das almas em Valle Nogueiras copiei a seguinte inscrição: «Santo Antonio e Nossa Senhora da Guia e *ás* bemditas almas vão na nossa companhia». (Vid. tambem as tres ultimas linhas do n.º 9 das *Orações*).

Este costume de accentuar o artigo é devido ao contacto do gallego, mas parece que ahi tem maior extensão, pois o vemos empregado sempre que não está á frente da frase. Vejamos o seguinte

CANTAR GALLEGO

Cando *á* lumiña aparece
Y *ó* sol nos mares s'esconde,
Todo é silencio nos campos,
Todo na ribeira dorme.
....
Medroso *ó* vento que pasa
Os pinos xigantes move,
....
.... n'olvides
Ós que para sempre dormen.

. . . .
Y *á* casa branca en qu'el vive
En sombra espesa s'envolve.
. . . .
Qu'est'é *ó* pago, desdichada,
Qu'á que ben quer, dan os homes.
. . . .
Si *ó* queres matar ben podes.

(Rosalia Castro de Murguia, *Cantares Gallegos*, Madrid 1872).

Dos classicos portugueses só conheço um a que se pegou esta moda, talvez pelo muito lidar e escrever em hespanhol: é D. Francisco Manoel de Mello. No *Fidalgo aprendiz* ha os seguintes passos:

1.ª jornada:

Sei *ó* açougue no Recio
. . . .
Sois *ó* Mestre?
E *ó* rei David
mais antigo na cidade!
. . . .
Ora tiro *ó* balandrao
que *ó* aprender sempre he virtude.

2.ª jornada:

ISABEL. Adullo *ó* teu malvaisco,
Britez filha, e *ó* solimão?
Que he da arruda?
BRITEZ. Melhor me fora trovisco
que me mudara *ó* carão.

Faço estas citações pela edição *princeps, Obras metricas de D. Francisco Manoel de Mello*, Leon de Francia 1665, e não pela edição usada nas aulas feita pelo Dr. Mendes dos Remedios, que reproduziu a 2.ª edição, muito differente da 1.ª [1]

[1] [Creio que a abertura do *o* e *a*, nestes casos, resulta da anteposição de um *a*, que fórma crase com elles. Nos meus *Dialectos Beirões*, v, 20, citei um exemplo em que o *a* apparece ainda sem crase: «a-i-àuga e *âu* (= ao) almoço». Cf. tambem *Rev. Lusitana*, II, 103, 107 e 114, e *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Paris 1901, p. 145.—J. L. DE V.].

2. O suffixo *-óso,* continua com a penultima syllaba fechada no plural masculino (*ôsos*), mas no feminino, singular e plural, é aberta. Ex.: *formôso, formôsos; teimôso, teimôsos;* mas *formósa, formósas; teimósa, teimósas.*

3. Os substantivos *corpo, fogo, povo, torno,* tem a penultima fechada, tanto no singular como no plural: *côrpo, côrpos; fôgo, fôgos;* etc.

4. Os substantivos *ovo, osso, porco,* e os adjectivos *novo* e *grosso,* tem a penultima aberta no singular e fechada no plural: *óvo, ôvos; pórco, pôrcos; ósso, ôssos; nóvo, nôvos.* (Algumas vezes tambem se ouve dizer *ôvo* no singular, o que se explica pela tendencia para se aproximarem da pronuncia do plural). Parece influencia da pronuncia gallega, onde tambem se diz: *hôvo, hôso, pôrco, grôso, nôvo* (Cf. Valladares Nuñez, *Diccionario Gallego-Castelhano.*

5. Este *ô* da penultima syllaba abranda ás vezes em *u* antes da vogal *a: bua, buas, Lisbua.*

6. Os demonstrativos conservam sempre o *e* fechado no singular e plural, no masculino e feminino: *êste, êsse, aquêlle; êstes, êsses, aquêlles; êsta, êssa, aquêlla; êstas, êssas, aquêllas.*

7. Os finaes em *-ente, -ento, -onte, -ona,* tem sempre aberta a vogal da penultima: *génte, pensaménto, féntos, mónte, pónte, fónte, sanfóna, trapalhóna, comilóna, lónas* (lerias).

8. O *e* é fechado em *adêga, adêgas; codêço, codêços; sêca* (como adjectivo feminino e como substantivo significando «falta de agua», mas significando «pessoa massadora e importuna, que nos cansa a falar», então dizem séca), e é aberto em *farello* e *coberto,* (adjectivo e substantivo).

9. Nalguns casos esporadicos o *é* tonico final muda-se em *ia* e vice-versa, assim como o *-ô* se muda em *-ua: vocía, manhía, avête* (avia-te); *bua, chua* (Cfr. Vocabulario).

10. O *o* é aberto na penultima de *bórras, ólmo, pósto* (adjectivo) tanto no singular como no plural, no masculino como no feminino e seus compostos: *disposto, exposto, proposto,* etc.; mas é fechado em *dôrso* e *empôlas.*

11. O *o* e *e* abertos e com accento tonico julgo aproximarem-se mais da pronuncia de Lisboa do que da da Beira, isto é, são abertos e não muito abertos: *pé* e *dó* e não *pé' dó'* (cf. a *Evolução da Linguagem,* do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, p. 32, e os n.[os] 33 e 32 d'esta PHONOLOGIA onde apparece fechado o *o* de *anzoes* e o *e* de *ceu, veu,* etc.).

12. O *e* seguido de nasal (*m* ou *n*), e precedido de outra consoante, em syllabas atonas soa ordinariamente *a: pansamento, çanradella, çanteio, tanaz, vancelho;* porem em syllabas tonicas é mais raro: *sçana, tampo, vanto, samos, tamos* (Campeã e outras freguesias).

13. É tambem vulgarissimo o caso contrario ao do numero antecedente, isto é, a mudança de *an* em *en* ou *in* em syllabas atonas iniciaes ou mediaes: *enzol, entigo, encinho, arrenjar, jentar* e *jintar, inguia, intolhar, tenchão.* Em syllabas tonicas só ouvi o exemplo: *creenças.*

14. Em syllabas iniciaes qualquer vogal atona, precedida e ordinariamente seguida de consoante, tende a abrandar em *e*: *kedorniz, ghergulho, Fertunho* (em vez de *Fortunho,* nome de logar), *prenuncia, precurar, Pergatorio, pertinhola, Demião, Deniel*[1], *selamantiga* (salamandra), *pedão* (podão), *stepor, trevão, serumbatico, serdonisca.* Pelo contrario, *Stofaina* (Estefania) é talvez devida á influencia de *stôfo.*

15. As vogaes (e ás vezes os ditongos) iniciaes atonas tendem a desapparecer, por estarem desamparadas de consoante: *Zaias, Dalina, Zabel, Nible, Zebio, Roios* (em vez de Arroios, freguesia vizinha da villa), *remessar, maginar.*

A forma *vantasma* por *avantasma* (avantesma) aproxima-se mais do etymo latino *phantasma.*

---

[1] Nestes dois ultimos nomes pode explicar-se perfeitamente a mudança pela falsa supposição de que a primeira syllaba é a proposição *de.*

Quando eu frequentava a escola primaria, vinha por casa da minha familia (logar de Chapre em Midões, Barcellos) um homem, de uma freguesia muito distante, a quem todos chamavam o *sapateiro Demião;* eu, porem, imaginava que era *o sapateiro de Mião* ou natural da freguesia do Mião, e tanto que uma vez abalancei-me a perguntar á minha gente: «mas como é que se chama este sapateiro *de Mião?*» e então, com grande surpresa minha, me fizeram saber que *Demião* (Damião) era o nome delle.

16. Prothese. — Em contraposição á lei enunciada no numero anterior, são bastante numerosos os casos de *a* prosthetico:

abebras	agradar (gradar)	arresolvido
abespras	alinternas	arrespousar
abespreiro	alomear (nomear)	arromendar
abesoiro	amaguar	atopar
abestunto	apresigo	assucceder
acajo	aquasi	avarejar
acipreste	aquedar	azagal.
ação	arrã	
adeião	arreceber	

17. Epenthese. — Antes das consoantes palataes é costume aqui, como na maior parte do país, inserir um *i*: *meixer, veijo, teinha, abeilha, gaijo, meijor, romaige, queijato* (cajato), *loija, araige* (cf. *faizem*).

18. Suarabacti. — Casos de *suarabacti*, ou intercalação de vogal antes de *r* ou *l*, só encontrei as seguintes: *Alforedo, felores, marafim, sangarinho* (por *sangrinho*, cf. PHONOLOGIA, n.º 51), *sarangranho*.

19. A vogal das syllabas atonas pretonicas ou postonicas desapparece completamente, sendo pouquissimos os casos em que simplesmente abranda:

ar'cadias	p'lainas (= polainas)
ar'negar	abeb'ra
b'landrau	abob'ra
Cat'rina	bac'ro
c'ramboleiro	pass'ros
c'resma (quaresma)	polv'ra
c'rossa	propos'to
c'tofelo (cotovello)	puc'ro
g'lodice	
g'loso	—
f'losco (por filosco = philosopho)	Alvero
	sabbedo
lingur'teiro	polv'rinho

20. Nalguns casos isolados a syllaba terminal em *-a* ou *-o* abranda em *-e*: *clime, corje, cuspe, eixe, fume, loje, mole, talefe,*

jaleque. (Estes exemplos são quasi todos colhidos em Constantim e Andrães, cêrca de 5 kilometros a leste da villa).

21. Iotização. — Para evitar o hiato entre duas vogaes abertas, ambas, ou ao menos uma, costumam intercallar um *i* ou um *u*. Ex.: «hoje não ha(i) aula», «subiu á(i) arvore», «a penna ja(u) a tem», «essas coisas ha(u)-as cá».

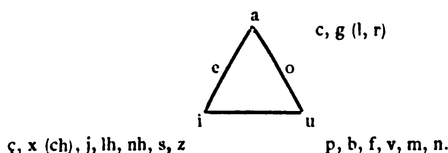
22. Assimilação e dissimilação vocalicas. — As vogaes mudam por influencia de outra vogal, sobretudo sendo tonica, ficando por este modo iguaes as vogaes de duas syllabas consecutivas:

a — a por *e — a: padaço, piadade, Sabastião;*
e — e por *o — e: tornezélo;*
i — i por *a — i: Miria;*
o — o por *e — o: torrão* (terron).

Ás vezes, porem, dá-se o phenomeno contrario, isto é, duas vogaes iguaes tendem a afastar-se uma da outra, o que em linguistica chamamos *dissimilação:*

e — i por *i — i: Denis, menistro;*
e — o por *e — e: aterdoar;*
i — e por *e — e: tinente.*

23. Assimilação vocalico-consonantica. — As vogaes são muitas vezes mudadas por influencia da consoante vizinha. Estabeleceremos o seguinte schema phonetico, fundado na doutrina de J. Cornu (*Die portugiesische Sprache*, n.º 89-97, no *Grundriss der romanischen Philologie*):



D'aqui deduzimos os tres principios seguintes:

1.º Sendo *a* a mais guttural das vogaes, em virtude da assimilação, o grupo das gutturaes *c, g*, tende a mudar em *a* qualquer vogal vizinha. O mesmo se dá com as duas liquidas *l, r*, apesar de não serem gutturaes:

lusca-fus (por lusco-fusco, com perda da syllaba final atona), *calondro, camboio, catovia;*

Alpragatas, sagredo, çaganucho (ceganucho), *Alvira* (Elvira), *calatrão* (culatrão), *labrigar* (lobrigar = avistar), *aliforme* (por

uliforme, dissimilação *l–m* de *n–m*, como está em uniforme), *talefe* por *telefe* = *telegrapho*, *fealdade* por *feeldade* (fidelidade), *aradeira* (eradeira, vid. VOCABULARIO), *arancú* (orincú = ourincú), *Arnesto*, *barrego* (por borrego), *labarinto*, *libaral*, *libardade*, *maribundo*, *marmurar*, *misarable*, *pacurar* (= procurar, com perda do primeiro *r* por dissimilação), *sarradoiro*, *sarrar*, *sarrano*, *scravar* (scrovar < scorvar e escórvar = pôr escórva), *Taresa*, *tarrible*.

2.º O grupo das sibilantes palataes *ç*, *x* (ch), *j*, *lh*, *nh*, *s*, *z*, tende a palatizar ou converter qualquer vogal vizinha em *i*, visto ser esta a mais palatal das vogaes:

Chicolateira, *chigar*, *chimaço*, *esmichar*, *fichar*, *gimer*, *jintar* (e *jentar*), *jinela*, *Jinuario*, *Mijãofrio*, *milhor*, *castinheiro*, *comminhão*, *sinhor*.

3.º Como o *u* é a vogal mais labial, mui naturalmente o grupo das labiaes *p*, *b*, *f*, *v*, *m*, *n*, attrae para o mesmo orgão ou labializa qualquer vogal vizinha:

Çupriano (Cypriano), *purjudicar* (perjudicar = prejudicar), *buber*, *luvar*, *cubrar* (quebrar), *gruvata*, *enfurtar* (enfer'tar de enferretar = sujar, manchar), *Stufaina* (vid. o final do n.º 14, onde apresento outra explicação), *chuminé*, *lumiar*, *prumeiro*, *rumedio*, *sumana*.

23–a. **Assimilação consonantica**: *burrista* por burlista (é progressiva), *osservar* por observar (é regressiva).

24. **Nasalamento.** — Algumas vogaes que aqui apparecem nasaladas representam um phonema primitivo que ainda se não obliterou de todo: *bõa*, *lũa*, *ũa*; outras são casos de presonancia ou postsonancia nasal: *azentonha*, *lonja*, *manjor*, *relonjo*.

Cambeçalha é evidentemente uma influencia da palavra cambão.

Chinfre é difficil de explicar; talvez haja aqui a influencia de outra palavra, como *chimpar*.

Mas o caso mais vulgar de nasalamento, commum a todo o país, é o que se dá quando *i*, *e* (ou ainda *a*) iniciaes se convertem em *in*: *incesso* (icesso = excesso), *inducar*, *inducação*, *inzame*, *interdoar*.

Nas palavras *inguento*, *intolhar*, *Inselmo*, *Ingelina*, ha o mesmo *in*, mas a nasal já estava lá.

25. **Desnasalamento.** — Só tomei nota dos seguintes casos: *casticeiro* (castinceiro), *Fracisco*, *Wacelau* (Wenceslau) por in-

fluencia de *Bacellar*, *pelitrão* (pelintrão), *vêu* (*vêun* ou *vẽu* = *veio*).

26. Palavras com dois accentos. — Primario e secundario: *agòrantes, jàvalí, rèstantes, rèstico, todàvia, lòguínho, àbó, apàjar, comàgora, còrado, emprègado, emprègar, gòrente Àgusto* (Augusto).

27. Accentos estranhos. — *Ligero* por ligeiro. *Maniáco* (vulgar ao norte do país).

Bença. Coexiste com *benção,* exactamente como succede nos dialectos do Minho. *Bença* apparece tambem nos creoulos de Ceilão, Cochim, Macau (cf. *Dialecto indo-português de Ceilão*, por Monsenhor Rodolpho Dalgado, p. 140).

Moinho é trisyllabo com accento na segunda, ao contrario do Minho onde se pronuncia *munho.*

Ruina é trisyllabo com accento na primeira.

28. Queda de syllabas. — As syllabas atonas iniciaes ou finaes tendem a desapparecer, sobretudo nos procliticos: *ti Pedro, ti Maria, mei-dia, nhor pae, nhora mãe, Zebio, Zefa, Nardim, luscafús* (lusco-fusco).

Em *fantasca* (por fantastica, no ex.: «venda *fantasca*») ha a queda da syllaba medial por ser atona e por dissimilação de consoante da syllaba antecedente.

29. Ditongos oraes e nasaes. — *Ao* (contracção da preposição e do artigo) não é ditongo na boca dos eruditos, porque o pronunciam com duas syllabas distinctas *a* + *u*. Ex.: «vou *au* rio»; o povo, porem, reduz o ditongo a uma unica syllaba *ó*, como se faz em quasi todo o país: «vou *ó* rio».

Em *flaita* ha troca do ditongo *ai* por *au.*

30. -ão.—Tem um som aberto *áu* (nasal): *capellão, oração, maldição, sermão,* ao contrario do Minho, onde se pronuncia geralmente *-õu.* Porem, nos finaes atonos dos substantivos ou dos verbos na terceira pessoa do plural soa *o: orégo, orégos; órgo, orgos* (orégão, orégãos; órgão, órgãos); *amo, amaro, amavo* (amam, amaram, amavam).

31. ã, ãs.—Não se confunde na pronuncia com *-ão, -ãos: lã, hortelã, maçã, romã; irmão* e *irmã,* ao contrario do Minho. O *ã*

tonico, final, muda em *ê* na palavra *manhê,* a qual, noutros pontos, toma a terminação *ia: manhia.*

32. **eu.**—Sôa fechado: *cêu, vêu, chapêu,* e não *céu, véu, chapéu.*

33. **oe.**—Tem um som quasi fèchado em *anzoes* (anzôis).

34. O ditongo *oi* predomina sobre *ou*, que raro se ouve:

ciloiras	noite	doutor
coisa	oiro	souto
Doiro	oitiva (de)	touro
doitor	oitro	
foice	serradoiro	
loiro	soito	
Loirenço	soitaria	
moiro	talhadoiro	

35. **ou.**—Nalgumas palavras soa *ó: chópa* (choupa), *lóreiro.*

36. **Reducção de ditongos.**—Em syllabas atonas, ordinariamente iniciaes ou finaes, tende o ditongo a condensar-se em vogal, sobretudo sendo crescente, isto é, começando por uma semivogal (*i, u*): *Águsto* (Augusto), *Arora* (Aurora), *Fritoso* (Fructuoso), *Jaquim, Manel, Ufemia, Ufrasia, Ulalia, agardecer, agrões, alijar* (aleijar), *bionesa* (bayonnesa, nome de uma especie de maçã), *consante, espilhar* (espiolhar), *gestas, golas* (güelas), *jolho, qal* (qual), *qalqer, qalidade, qando, qanto, qatro, qatorze, uvar* (uivar).

Em proclise, o ditongo de *meu* fica reduzido a *e* breve. Ex.: «ó *mĕ* pae». Os ditongos nasaes tambem abreviam; assim, *não,* fica *num.* Por ex.: «*num* posso fazer isso»; *mũi* fica *mĩ* na frase *mĩ bem.*

Muito, tanto em proclise como fora d'esse caso, soa sempre *munto.*

37. **Ditongação de vogaes.**—Alem dos casos mencionados no n.º 17, ouvimos os seguintes exemplos: *chuiva, esmoucar* (esmocar), *freisca* (fresca), *laidra* (ladra), *nouca* (nuca), *plaina, sairro.*

38. **Passagem de exdruxulos a graves:**

contino (continuo)	indevido	superfice
contigo (contiguo)	planice	Vergina.
escarno		

39. Passagem de graves a exdruxulos:

almorrodias (hemorrhoidas)	Felismenio
Armandia	Filomenia
Antherio	giestias
arcadias (arrecadas)	ondias e onduas
asylio	prejuizios
blusias	sentencias
desavencias	

40. Hypocoristicos:

Fífi	= Delfina
Jijinha	= Angelina
Lílí	= Luisa
Lúlú	= Luis
Mímí	= Maria, Margarida ou Emilia
Nandinho	= Fernando e Sisnando (que pronunciam Sizinando)
Neca	= Manuel
Quim	= Joaquim
Tótó, Toneco	= Antonio
Virinha, Viroca	= Elvira
Xico, Xiquinho	= Francisco
Zé, Zeca	= José
Zefa	= Josefa

CONSOANTES

41. O phonema *b* substitue em todos os casos o phonema *v*, que aqui não existe, o que tambem succede em todo o norte do país: *binho, bida, biber.*

Nas palavras *belancia* e *borborinho* estão *bb* por *mm.*

42. O phonema *j* apparece, em vez de *z*, em grande numero de palavras: *Mijãofrio, Jabel* (por Ijabel, de Izabel), *fijestes, quijer, quijesse, trajiam, rejistir, mujica.*

Ás vezes dá-se o caso contrario, como em *dezestão* (indigestão).

43. O *m* final das syllabas atonas desapparece sempre nos substantivos: *home, honte, omage* (imagem), *orde, virge;* nos verbos, ora se conserva ora não, mas alterando quasi sempre a syllaba antecedente: *amo, amaro* (amam, amaram); *fazim, querim, dizim* (fazem, querem, dizem). De verbos vão exemplos no n.º 19 das Rimas e Frases Feitas e nos n.ºs 2 e 3 das Imprecações.

44. *nh* substitue o *lh* nalgumas palavras: *minhafre, tanha, dianho* (ao lado de *dialho,* que tambem se ouve), *aparvanhado.*

45. *r* desloca-se facilmente dentro da mesma palavra (metathese): *Crasto, fernesim, preguiça, perciso, probe, porvar, preto* (perto), *tempre, vritudes, urnião* (runião = reunião); outras vezes cae para evitar a repetição: *supresa, pacurar* (= pracurar, de procurar.

46. O *s* beirão poucas vezes o ouvi pronunciar; parece, portanto, generalizar-se a tendencia para a confusão entre *s* e *ç*.

46-a. *s* inicial soa ás vezes *z: zoeira, zoar, zurrar* (cf. no Vocabulario o etymo de *zungar*); e ás vezes *x: xeringa, xeringar.*

47. *z* substitue ás vezes o *ç: azoutes, azoutar.*

48. As desinencias *-avel, -ivel, -ania, -ario, -ica, -ico, -onio,* soam: *-able, -ible, -aina, -airo, -iga, -igo, ônho.* Ex.: *agradable, saudable, tarrible, horrible, possible* [a forma *consideble* por *consideravel* é um pouco estranha], *Stofaina, vigairo, inventairo, grammatiga, pratiga, politiga, reumatigo, étigo, cástigo* (= caustico, com reducção do ditongo *au* a *a*), *Antônho* (ao lado de *Antôino*), *matrimonho, ceremonha.*

49. O grupo *gn* é representado por *n: inorar, indinar, indino.*

50. O grupo inicial *trans-* dá *stran-* ou *stra-*: *stranferir* e *straferir, stransporte.*

cus = *scu:* scupir.
satis = *sasti* ou *sti: sastifazer* e *stifazer, stifeito.*
desti = *sti: stilar.*
destr = *str: struir, struição.*
sist = *st: stêma.*
desc = *sc: sconfiança, sconfiar.*

51. Epenthese de consoante:

b: cambara, cambarista, cambarada, escambrar, limbonada, numbero, tombo.

r: Celestrina, chefre, estrúpido, Jacintro, listra, maniácro, politrica, polvro (polvo), *sangrinho* (sanguinho), *sarangranho*

(por sangranho: aqui ha a epenthese do *r* juntamente com a *suabacti*), *prisca* (pisca).

52. **Troca de consoantes.**— Em *vassoila*, por *vassoira*, ha troca de liquidas; em *sermim* por *selamim* ha a dissimilação *r–m* por *l–m*; em *atólito* por *atonito* está a liquida em vez da dental, talvez por influencia de *atolar*; em *pirulas* por *pilulas* é a dissimilação *r–l* por *l–l*; em *selapismos* por *sinapismos* é dissimilação *l–m* por *n–m*; em *menoal* por *meloal* é a dissimilação *n–l* por *l–l*; em *pelingrino* por *peregrino* ha a dissimilação *l–r* por *r–r* com presonancia nasal na segunda syllaba; *samesugas* por *sanguesugas* é a dissimilação *m–g* por *g–g* (sanmesugas > sammesugas > samesugas.

Devemos aqui observar que são muitas as palavras que começam por *al-* em vez de *ar*, phenomeno que se explica pela confusão com as numerosas palavras que em português começam pelo artigo arabe *al* e não pela simples troca de liquidas entre si; e tanto mais que em alguns casos o *al* corresponde a um *a* originario e não a *ar*. Ex.: *almazem, almario, alcacia, alqueduque* = *aqueducto* (nesta ha mais a influencia da palavra *duque*, que alterou a desinencia).

As trocas de consoantes brandas por fortes em *rápito, rapitamente, stupito* e *supito*, e o accrescimo de syllabas em *trevulas* e *Albertulo*, só se podem explicar pela falsa analogia com palavras litterarias; o povo nota que certas letras da sua pronuncia a gente instruida as muda noutras, e d'ahi começa a fazer inducções e a formular analogias, que muitas vezes lhe saem falsas.

Guiteria por *Quiteria* é o abrandamento da guttural forte, que só é normal entre vogaes. Este caso pode ajuntar-se aos poucos exemplos do abrandamento da inicial *c* (*q*): *gavea, gamella, gato, gaiola, gruta, gorgulho, gola*.

Tamem por *tambem* é o resultado de uma assimilação seguida da queda de uma das consoantes dobradas: *tam-bem* > *tammem* > *tamem*.

Sabião por *Fabião* é talvez influencia da palavra *sabio*.

Savier por *Xavier* é a troca de palatal por dental seguida de dissimilação *s–r* por *s–l*.

Carolinda por *Carolina* é a influencia do adjectivo *linda*.

Dionel por *Leonel* é a dissimilação *d–l* por *l–l*, e talvez conjuntamente a influencia da palavra *Dionisio* (Dinis).

Methildes, Leites são formas que se explicam pela falsa analo-

gia com os patronymicos em *-es: Fernandes, Gonçalves, Henriques, Mendes, Pires,* etc.

Dia sacra por *via sacra* é um caso de etymologia popular: o povo traduz a palavra litteraria *via,* que lhe é desconhecida, pela outra *dia.*

Amascos por *damascos* explica-se pela supposição de que o *d* era a preposição de: *d'amascos* por *damascos.*

Ade Maria por *Ave Maria* é difficil de explicar [1].

Juitas por *Jesuitas* explica-se d'este modo: *jesuitas > jejuitas > j'juitas > juitas.*

53. Methathese phonetica ou troca das consoantes iniciaes de syllabas consecutivas:

celoiras	ceroilas
chantão	tanchão
chimpar	pinchar
dávida	dadiva
Delovina	Ledovina (dissimilação *e–o* por *o–o* de Lodovina ou Ludovina
Jeromeno	Jeronymo (Jeronemo)
manica	machina
redadeiro	derradeiro
zelofia	lesofia (dissimulação *e–o* por *o–o* de losofia, palavra em que, tambem por dissimilação, ha a perda da syllaba inicial *fi.*

b) MORPHOLOGIA

NOMES

1. Numero. — Os nomes em *-ão,* procedente do latim *-anu,* fazem ora *ãos:* como *mão, mãos;* ora *ões:* como *tabelliões, christões;* ora *ães:* como *grães* de *grão.*

Pelle (*pel'*) faz *pelles* ou *peis.*

Pós faz por *poses.*

---

[1] [Creio já ter explicado algures, por escrito ou em aula, a mudança do *v* em *d* como dissimilação de *v–m > d–m.* — J. L. de V.]

2. Genero.— Ha tendencia mui pronunciada para fazer a forma feminina do mesmo thema do masculino, ou vice-versa, contrariando ás vezes o uso geral do país:

asno	asna	janêlo	janéla
* barraco	barraca	nôro	nóra
calço	calça	rapparigo	rapariga
* carvalho	carvalha	* soalheiro	soalheira
cordeiro	cordeira	* vencelho	vencelha
genro	genra		

Nos marcados com * não ha rigorosamente differença de genero no objecto que designam, mas pequena variante de sentido (vid. VOCABULARIO).

Tomate é feminino e não masculino (cf. o n.º 35 das COMPARAÇÕES).

O suffixo *-ão* designa muitas vezes o macho de certos animaes: *aranhão, cobrão, cabrão, lebrão.*

3. Usa-se o adjectivo biforme *rudo, -a,* e não *rude,* assim como *grudo* (substantivo), e não *grude.*

Má é uniforme: *má homem, má mulher.*

Peste ás vezes funcciona de adjectivo: *homem peste, pessoa muito peste.*

Reverendo funcciona tambem como substantivo e d'ahi a expressão: *senhor reverendo;* exactamente como quem diz: *senhor juiz, senhor delegado, senhor doutor.*

Usam-se as formas *migalhas*, *sovinas* e *unhas* (substantivo e adjectivo) para designar *avarento,* talvez por analogia com a palavra *traquinas:* «F. é um sovinas, é um unhas» (*F. é unhas, é sovinas*).

Tambem dizem *carretas,* homem torto das pernas; *arolas,* mentiroso; *relhas,* pessoa ruim de aturar; *roças,* artista fraco; *berrelas,* pessoa que berra muito; *caguinchas,* medroso; *pilatas,* garoto.

4. Graus.—As fórmas comparativas: *mais melhor, mais pior, mais maior* e *mais menor,* que se ouvem com bastante frequencia, provam que o sentido das formas simples se obliterou, e por isso foi preciso recorrer a formas reforçadas.

5. Pronomes. — O pronome indefinido, feminino, é *ũa,* em vez de *uma.*

Mos emprega-se ás vezes por *nos* (vid. a 1.ª oração no principio d'este trabalho).

As variantes do pronome da 3.ª pessoa para o regime indirecto são: *le, les,* em vez de *lhe, lhes.*

Quaesquer, quaesqueres = qualquer, quaesquer.

Asquelles = aquelles.

Tal emprega-se invariavel em certas frases do plural: *trinta e tal* (= tantos) *mil réis.*

Soutro está por *ess'outro,* havendo a perda da syllaba inicial, exactamente como se dá em *neste, nesse,* etc.

Cujo = que. Ex.: «o homem, *cujo* ali vimos, já foi barbeiro».

6. Thematologia. — Prefixos e suffixos:

Des- é, nalgumas palavras, prefixo intensivo: *desagreste, desemendar, desinquieto.*

Abundam os suffixos pejorativos ou diminutivos para formar substantivos e adjectivos:

-anca: burranca (burra fraca).

-eco, -eca, -ecas: poveco, fonteca, differenceca, couseca, faveca, pelleca, vareca, toleco, mauseco, atrevideco, borrachecas (= bebado).

-êlho, -êlha: cibelho, couselha, mentirelha, differencelha, choquelho, fraquelho, novelho, impertinentelho.

-éte: luvete (= pequena luva).

-ica: varica.

-icho, -icha: pucaricho, bocadicho, pequenicho, cousicha.

-ipo e *-ispo:* cornipo, follipo, gallispo.

-isca: varisca.

-ôcho: medocho (= pequeno medo).

-ôco: carreiroco, caminhoco.

-olas: barbeirolas, trapolas.

-ote: novote.

-ôto: carvalhoto.

-ucho, -ucha: festucho (= festa pequena), ceganucho (um pouco cego), pucarucho, panellucho.

-usca: varusca.

São mais raros os suffixos aumentativos:

-arão: piparão, linharão.

-ella: varella.

-oca: pintoca (franga).

-ola: varola.

-zalhão: homemzalhão.

-al: este suffixo forma substantivo, designando: ora abundancia, como *dinheiral* (= dinheirama, dinheirão); ora lugar, como *chavelhal* (= lugar ou furo na cabeçalha onde se introduz o chavelhão), *segurelhal* (= recorte da mó onde assenta a segurelha. Vid. VOCABULARIO).

O suffixo *-dade* entra na formação de algumas palavras um pouco estranhas: invejidade, manhosidade, tolidade.

VERBOS

7. *Ser.*

Indicativo presente:

Na 1.ª e 2.ª pessoa do plural apparecem, ao lado das fórmas usuaes *sômos* e *sois,* as seguintes:

sómos, sẽmos, samos
sôides, sédes, sendes, sandes.

Conjunctivo presente:

1.ª e 2.ª pessoa do plural:

séjamos
séjeis.

8. Nos verbos da 1.ª conjugação não se confundem as 1.as pessoas do plural do presente indicativo com as do preterito, como geralmente acontece no norte do país:

am-o	am-ei
-as	-astes
-a	-ou
-emos	-ámos
-ais	-astes
-am	-aram

mas confunde-se a 2.ª pessoa do singular com a 2.ª do plural em todas as conjugações:

am-ei	dev-i	fug-i
-astes	-estes	-istes
-ou	-eu	-iu
-amos	-emos	-imos
-astes	-estes	-istes
-aram	-eram	-iram

Cumpre, porem, observar que ás vezes apparece na 2.ª pessoa do plural a forma *-steis* (amasteis, comesteis, fugisteis), evidentemente destinada a evitar a confusão (vid. exemplos de alguns destes casos na 2.ª, 5.ª, 6.ª das ORAÇÕES).

9. Em todas as tres conjugações a 2.ª pessoa do plural do imperativo termina em *de: amaide, fazeide, fugide.*

10. Na 1.ª e 2.ª pessoa do plural do conjunctivo dos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação ha a tendencia para não deslocar o accento da syllaba em que está nas tres pessoas do singular:

fáçamos, fáçais
quéiramos, quéiraes
ténhamos, ténhaes
póssamos, póssaes
séjamos, séjaes e séjeis
vénhamos, vénhaes
óuçamos, óuçaes

como acontece na linguagem popular da gente de Lisboa e até numa boa parte da gente instruida.

11. *Dar.*
Conjunctivo:

dei-a
-as
deíamos
-ais
-am

Aviar faz, na 2.ª pessoa do imperativo, *aveia-te,* e por contracção *avê-te;* o que faz suppor um indicativo presente: *aveio, aveias, aveia,* mas não no ouvi.

Enxergar faz, no indicativo presente, *enxêrgo, enxérgas, enxérga.*

Falar. O participio preterito *falado* funcciona nalguns casos com força activa: *pessoa bem falada* = pessoa bem fallante.

Murmurar (marmorar) faz, no indicativo presente, *marmóro, marmóras,* etc.

12. *Haver* faz, na 1.ª pessoa do plural do indicativo presente, *hamos.* Ex.: «hamos de ir á igreja». A 3.ª pessoa do plural,

quando seguida da preposição *de*, é *hadem*: «elles hadem fazer isto»; *hadem* = *hão de* é um caso de postsonancia nasal.

Dizem tambem no plural *haviam* (*houveram, haverão*) *homens* e não *havia homens*, como dizem as grammaticas.

Comer faz, no indicativo presente, *cómo*, *cómes*, *cóme*, etc.

Ter faz na 2.ª pessoa do plural do indicativo presente, *tindes*.

Manter faz, na 3.ª pessoa do singular do preterito, *manteu*.

Dizer faz, no preterito, *dixe, dixestes, dixe, dixemos, dixestes, díxeram* (ás vezes *dizeram*).

Correr faz, no singular do indicativo presente, *côrro, côrres, côrre* e no imperativo tambem *côrre*.

Trazer, na 3.ª pessoa do singular do preterito, faz *trouve* e *troufe* ao lado de *trouxe*.

13. *Ir*, na 2.ª pessoa do singular do indicativo presente, é *vás*.

Vir, na 3.ª pessoa do singular do preterito, faz *vêu*, ao lado de *vinhi*, que é raro. D'esta forma *vinhi* procedem *vinhera, vinhesse, vinher*, para os tempos derivados.

A primeira forma teve a evolução seguinte: **venuit* > *venui*, e por metathese do *u* e perda consequente do *i* final, que não faz syllaba, > *veun* ou *vẽu* > *vêu*.

Pedir faz, no indicativo presente, *pido* e *pedo*, ao lado de *peço*.

Affligir. Indicativo presente: *affléjo, es, e, imos, eis, em*. Conjunctivo presente: *affleija, as, a*, etc.

Fugir. Indicativo presente: 3.ª pessoa do singular, *fôge*, e 3.ª do plural, *fôgem*; imperativo, *fôge*.

Desavir, no preterito, faz:

desaviu (3.ª pessoa)
-imos
-istes
-iram

Desistir (desestir). Indicativo presente: *deséste, désestem*. O mesmo se dá nos verbos similares: *insistir, consistir, resistir*.

Ouvir. Participio passivo: *ouvisto*, por influencia de *visto* (de *ver*).

14. *Pôr*. 3.ª pessoa do singular do preterito: *pusei*. Ex.: «pusei o livro em cima da mesa».

É provavel que esta forma se possa explicar por influencia de *pousei* (de *pousar*); mas, como estou longe do local e não

tenho presente uma boa serie de exemplos do emprego de ambos os verbos em differentes pessoas e tempos, é-me impossivel decidir.

PARTICULAS

Á preposição. Nalguns casos ha confusão entre *a*, preposição, e *á*, contracção da preposição e do artigo, devido talvez á falsa analogia. Ex.: «deu laranjas tambem *á* mim».

Despois = depois.

Atrasmente = anteriormente.

São notaveis alguns adverbios em *-mente* com *s* paragogico: *somentes, unicamentes, realmentes*. Este *s* final pode explicar-se pela falsa analogia com outros adverbios onde elle existe fundamentalmente ou de raiz, como é *alhures, nenhures* (cf. o usual *antes* [lat. *ante*], e no português archaico *nuncas, entonces*, no espanhol *mientras, entonces*, no velho francês *sempres, nonques*. (Vid. Diez, *Grammaire des langues romanes*, II, pag. 439).

Agòrantes = ha pouco.

Alvezes = ás vezes.

Lòguinho, adverbio diminutivo de carinho: *adeus, até lòguinho*.

Oras... oras = umas vezes... outras vezes, *ora... ora...* Ex.: *oras* dizem isto, *ora* dizem aquillo».

Intés que = até que.

Àbô (interj. de admiração) = àgóra! essa é boa!

Home! homes! hom'éssa! homes essa! interjeição de admiração.

Bich!, bich! interjeição de chamar o gato.

Chinho, chinho,
Pocho, pocho } interjeição de chamar o cão.

Che!, che! interjeição de fazer andar o burro.

Chó, interjeição de mandar parar o burro.

Chô, chô
Chua, chua,
Bicá, bicá } interjeição de chamar os porcos.

Cùrú, cùrú, interjeição de chamar os leitões.

Cega! interjeição de açular os cães.

Ei, éte, interjeição de tanger os bois.

Oche! affagar os bois.

Pila! pila!
Pilocas, piloquinhas
Piu, piu, piu } interjeição de chamar as gallinhas.

Tô, tô
Côche, scôche!, scôche p'ra lá } interjeição de tanger os porcos.

Soba! interjeição de açular os cães.

c) VOCABULARIO

A

abalisar, marcar, reparar, ver (vid. *Cancioneiro,* n.º 739).

abascado, tolo. (Cf. *apascado*).

aberto, claro: na frase «côr aberta».

abestunto, bestunto (Relvas, em Parada de Cunhos).

àbô! (interj. admirativa e dubitativa), àgóra! pois isso é verdade?! — De ah + bô por *bom.* (Cf. a frase usual *é boa!* ou simplesmente *bôa,* e ainda *stá bô*).

abobreira, planta que produz as aboboras. Noutros pontos do país chamam abobora tanto á planta como ao fruto da mesma.

aboca! (interj.). Pega e traz cá. — É termo de caçador para mandar o cão tomar a presa e trazê-la. No Minho é interjeição simplesmente de açular os cães a perseguir ou tomar a presa. (Cf. *bóca*).

abocanhar, alliviar (o tempo), aclarar, abrir, apresentar uma aberta. (Cf. *bocanho*).

aboucar, bater, esmocar, rachar a cabeça, matar.

abranger, attingir, tocar, ferir. Ex.: «veio uma bala e *abrangeu-o* numa perna».

abronceiro, espinheiro.

abrotegas, planta da familia das espadanas empregada na alimentação dos recos. Tambem lhe chamam *balotigas* (cf. esta palavra). — No Minho dizem *abrotias* e *abrotigas,* exactamente como na Galliza. (Cf. Valladares Nuñez, *Diçcion. gallego-castelhano*).

abrunheiro, arvore que dá abrunhos ou ameixas redondas, tambem conhecidas pelo nome de *caranguejos* (cfr. esta palavra). — Etymo *aprunіariu, formado de *prunus* logo que no baixo latim o suffixo *-arius* se generalizou para os nomes de arvores.

acabrunhar a gadanha = estender-lhe, espalmar-lhe o fio na bigorna, quando está romba.

acaparrar, mascarar, pôr mascara.

açãs, bichos que apparecem na carne de porco e no queijo. — Em Valpaços dizem *sãs* (cf. *Rev. Lus.,* II, 258): é portanto possivel que o *a* seja prosthetico.

accendalhas, accendedalhas, chamiça, lenha meuda. — Nesta palavra a syllaba *de* caiu por dissimilação da seguinte *da.*

aclimar, habituar-se, afazer-se.

acirrar, açular o cão.

acolheita, o mesmo que *colheita* (cf. esta palavra).

adereço, pessoa nutrida (Torguêda).

adevertir-se, divertir-se (cf. CANCIONEIRO, n.º 836).

adjunto, ajuntamento, reunião. — Tambem dizem uma vez por outra *ajunto* (cf. esta palavra).

admenos, a menos, excepto (Bizalhães).

administrador, o que superintende ou governa numa quinta fazendo as vezes do dono, ordinariamente ausente. — No Minho chama-se *feitor*, palavra que aqui tem diverso sentido (cf. a palavra *feitor*).

adotar, dar dote.

adregar, 1) succeder, acontecer; 2) combinar, pactuar, ex.: «por mais que *adregues* com F., perdes o tempo»; 3) enganar, ex.: «bem te conheço; apesar de passaro bisnau, não me *adregas*».

advidos, ceremonias, attenções. Ex.: tratar alguem com todos os *advidos*.

afinado, zangado.

agachado, escondido, defendido, abrigado, ex.: «caminho *agachado* da chuva)».

agaiar, esconder, occultar, alapardar (Constantim); **-se**, 1) esconder-se, não ir á escola, ficar pelo caminho, gazear, fazer gazeta; 2) ter relações illicitas como differente sexo (falando de menores).

aganar, offegar, respirar a meudo, deitar a lingua de fora (falando dos cães); — **por** = estar desejoso de, ex.: «*aganar* por dinheiro». — O etymo pode ser *a-cane, de canis, mas para explicar a conservação do *n* é necessario admittir ou a hypothese que nos veio por intermedio do hespanhol ou que é de origem erudita.

agenceios, ganhos, proveitos. — Formado de *agenceio*, indicativo presente de *agenciar*.

agiado, disposto, organizado. Ex.: «vides *agiada*s em filas». — Talvez por *azeado* de *aze* (acie-s) vulgar no português archaico.

agòrantes, pouco antes. De *agora* + *antes*.

agostinhas (cerejas), de agosto. — Dão este nome a uma espeçie de cerejas serodias, que só veem neste mês nalgumas freguesias frigidissimas das abas do Marão, sobretudo em Mondrões.

agrões, agriões (Folhadella).

aguilhão, pedra oval encravada no fundo do rodizio e que gira sobre a *rã*; tambem lhe chamam *gôgo* (cf. esta palavra).

agulha, pico, picão. Ex.: «vinho com *agulha*», isto é, com certo pico ou sabor acido».

agulhas, (fig.) pessoas intriguistas ou que procuram compromettter outrem.

aidro, atrio, entrada. Ex.: «*aidro* da fonte».

aigôtos, filhos da aguia. (Cf. *perdigotos*, filhos da perdiz).

aivecas, peças lateraes do arado destinadas a desviar a

terra cortada pela seita ou sega. — Tambem dizem *ivecas*.

ajoujado, cansado ou vergado com qualquer peso.

ajunto, o mesmo que *adjunto*.

alagar, converter em lago, desfazer, arruinar, desmanchar. — Etymo *allacare, de lacus.

alambicado, agradavel, meigo.

alanzoar, falar muito.

albardeiro, mentiroso.

albernó, casaco de mulher.

albidar-se, parecer-se, assemelhar-se, affigurar-se. Ex.: «*albida-se-me* que enxergo ao longe um homem». — Etymo arbitrare com influencia do art. arabe *al* e perda de um *r* por dissimilação.

alcance (ganhar o) = fazer girar a funda á roda da cabeça para ser despedido o projectil com mais força.

alcanfora, canfora.

alcofras, escrofulas (Constantim).

aldeagante, de pouco juizo, vadio, sem morada certa.

aldeano, homem desconhecido.

aldegar, correr pela aldeia.

aldruvio, aldravão, mentiroso.

alheira, chouriça feita de gorduras de porco, meolo de trigo, alhos, etc., e exposta ao fumo por algum tempo (cf. *Rev. Lus.*, v, 225).

alicantineiro, burlão, enganador.

alicreu, lacrau.

almocreve, lacrau (Constantim).

almorreta, meudezas fibrosas de porco, cortidas em vinho e alhos.

almotriga, almotolia.

alonso, parvo, tolo.

alpregatas, alpercatas.

altôr, altura. — Em gallego abundam as palavras em *or* em vez de *ura*: *altor, grossor, largor, longor, negror, tristor*, etc. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

alomiar e **lomear** por *nomear*.

alqueire, rasa. — Tratando-se porem de medir castanha são precisas duas rasas para fazer um alqueire.

alustre, relampago. — Em Bragança tambem se diz assim (*Rev. Lus.*, III, 67), porem em Valpaços é *alustro*. (*Ibid.*, 326).

alveira (mó): chamam assim aos moinhos de trigo e centeio usados para os lados de Chaves, que fazem farinha muito alva. (Cf. *borneira* na *Rev. Lus.*, v, 33).

alvezes, ás vezes.

ámá, (interj. admirativa e dubitativa), àgóra, àbô; embora, é o mesmo; não, por modo nenhum. Ex.: «está quêdo, rapaz, senão quebras a cabeça. — *Amá* quebra» (responde elle). — Etymo ah + má, que seria primitivamente uma frase eliptica de *censura* ou *reprehensão*: *ah má* (acção, pessoa, etc.).

amadar o linho = pô-lo, depois de massado, em afusaes, manadas ou pequenas porções para o poderem espadelar.—Etymo *amanatare, de manata por manuata (manu).

amarellas, libras.—Tambem se chamam *loiras* (cf. esta palavra).

ameroso, macio, brando.—Está em vez de amoroso, havendo a dissimilação *e — o* de *o — o*.

amertilizado, amarterizado, assustado, atemorizado (Relvas, em Parada de Cunhos).—Ha duas dissimilações: *a—e* por *a—a, r—l* por *r—r*.

amolar, murmurar, falar por entre dentes, resmungar.—É classico e figura nos Diccionarios.

amora, o fruto tanto da amoreira como da silva; mas este é mais conhecido pelo nome de *mora* (cf. esta palavra).

amoratado, cheio de amor (Constantim).

amurcellado, em forma de, parecido com a *murcella* (cf. esta palavra). Ex.: «sarrabulho *amurcellado*».

anagalhar, atar com nagalho, arranjar, dispor.—De *nagalho*, cujo etymo já dado é ligac'lu.

amuar, baixar de preço. Ex.: «a Casa Grande e o Zé Paula, quando abrem os celleiros, logo fazem *amuar* o pão na praça e podem-na manter durante tres meses».—Este exemplo foi apanhado em flagrante, mas precisa de uma pequena explicação: na linguagem do povo a Casa Grande é a do Conde de Villa Real e Zé Paula é a casa de Urros, hoje do Dr. Bento Amaral, ambas na freguesia de Mateus, a 3 kilometros da villa.

andadeira, pedra que anda (no moinho), a mó superior. O Diccionario de Moraes chama-lhe *galga* ou *corredoura*, e á inferior *pedra de pousio*.

andrães, homem gordo e apalermado.—Quasi todos os brasileiros que apparecem com este appellido nos romances de Camillo revelam esta caracteristica. É o nome de uma freguesia distante, cujos habitantes começaram a ser tidos na conta de pouco habeis, e assim aquelle nome proprio se converteu em commum (cf. *Ermêllo*).

aninsecto, insecto (Relvas, em Parede de Cunhos).—A forma *aniceto* explica-se nesta *Revista*, II, 96) por influencia do nome proprio *Aniceto*.

antremoceiro, tremoceiro, pessoa que vende tremoços.

antremoço, tremoço.—Em Macedo de Cavalleiros dizem *intremoços*. (*Rev. Lus.*, II, 108).

apàjar, andar ao lado (como pagem), acompanhar, fazer

côrte, cortejar.—Usado tambem em Mogadouro, Lagoaça (cf. *Rev. Lus.*, v, 27).

apancar a janela = fechá-la um pouco por causa do calor.

aparvanhado, aparvalhado. (Fonteita, em Andrães) (cf. o n.º 44 da PHONOLOGIA).

apascado, tolo. Talvez derivado de *Pascoa* que no Minho significa tambem *bôca aberta, pasmado, idiota.*

apo, parte do arado (não posso agora saber qual).

apontar, fazer ponta, afiar, aguçar. Ex.: «*apontar* estacas ou tanchões».

aporrinhar, apoquentar (vulgar no país).

apparelho ou **apparelhos**, aprestos do cavallo, sobretudo a albarda.

apresigar, 1) comer apresigo; 2) fazer troça de alguem.

apresigo, conduto, o que se come com o pão (carne, ovos, peixe, bacalhau, etc.).—É vulgar no Minho sob a forma de *presigo.*

apurado, zangado (cf. a frase *apurar a paciencia*).

aradeira, hera, (fig.) pessoa que nos não larga, que se agarra como a hera, que não acaba de falar.—O etymo é *heredaria, metathese fonetica de hederaria, formada de hedera exactamente como piraria e nucaria se formaram de *pirus* e *nux*, logo que se generalizou no baixo latim o suffixo *-arius, -aria* para designar arvores e plantas. O *a* da 1.ª e 2.ª syllaba é resultante da influencia do *r*.

arancú, pyrilampo.—É facil a etymologia d'esta palavra, se a compararmos com outras fórmas similares, como por exemplo *orincú* que se ouve em Penedono; a evolução seria: *ourincú* (= our'-in (= em)-cu) > *orincú* (reducção do ditongo) > *arincú* (influencia do *r*).

aranhão, aranha macho, á semelhança de *cobrão* (cf. esta palavra) e *cabrão.*

aranzel, pessoa fraca.

aravela. Julgo ser o mesmo que a *araveça* ou arado ligeiro do Minho, mas não tenho certeza.

arca, abraço. Ex.: «eu dei-lhe uma *arca*).

arcabém, a parte das *caniças* que as fecha posteriormente, servindo-lhes de cancella.

arcadias, arrecadas.

arco-da-velha = arco-iris.—Em gallego é *arco da vella.* (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

arculho, rede com arcos de apanhar peixes no rio.

arder, queimar. Ex.: «F. *ardeu* um monte de jornaes no meio da rua».

arear o arroz ou o **milho alvo**, tirar-lhe a areia, passando-o por agua e deitando-o de um vaso para outro, de

modo que ella fique depositada no fundo de um d'estes.

argal, apparelho de lata para provar o vinho (cf. *Rev. Lus.*, I, 181, e a palavra *gargal* neste VOCABULARIO).

argançano, rato da agua.

armada, armadilha, laço. Ex.: «este pintasilgo foi apanhado numa *armada*).

arnegar-se, irar-se.—Está por *arrenegar-se*. Vulgar no Minho.

arolas, 1) mentiras, carapetões. — Usado tambem em Mogadouro e Lagoaça (cf. *Rev. Lus.*, v, 27). 2) pessoa mentirosa. Ex.: «F. é um *arolas*».

aromado, perfumado.

arraigada, carne branca que vem pegada ao fundo da lingua do boi, do porco, etc.

arrascanhar, rascar, raspar, lascar, arranhar.

arrebunhar, arranhar.

arreguiço, cria enfezada e doente de qualquer animal (um bacoro, um cabrito) que não medra.

arreios, apparelhos, aprestos. Ex.: «*arreios* de casa, de lavoura».

arreitado, 1) enfeitado, aperaltado, garrido, gaiteiro. Ex.: «ali está uma velha tão *arreitada*». 2) infeliz, desgraçado, pobre diabo. Ex.: «tenho muito dó dos *arreitados*». — No dialecto alemtejano significa *cheio de cio* (falando dos animaes), e tem o seu etymo em *arrectare de arrectus por erectus: talvez se possa estabelecer a passagem d'este sentido para o primeiro de Villa Real por intermedio de *enamorado, divertido, alegre, bem vestido, bem posto,* e para o segundo por intermedio de *enamorado, fora de si, alheado, digno de compaixão, desgraçado.*

arrelar, tornar ralo, mondar. Ex.: «*arrelar* o milhão». — Está por *arralar,* explicando-se o *e* pelo abrandamento da syllaba atona.

arreminado, de má catadura. zangado.—Vulgar no Minho.

arrendar, 1) dar a primeira sacha, *picar* (cf. esta palavra); 2) amontoar terra junto das plantas (Constantim).

arrepêso, arrependido. (Cf. *repêso*).

arrigar, arrancar.—É tambem palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

arrimar, 1) arrumar ou pôr as cousas nos seus logares; 2) arrojar, arremessar, atirar. — Em gallego tem um sentido semelhante. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

arrojo, 1) forcado, instrumento de lavoura. — Tambem lhe chamam *forquilha* e *estronca* (cf. estas palavras); 2) pau curto de apertar melhor as cordas já atadas dos carros. Parece ser uma variante da palavra *arrocho*.

asado, panela com asas (Tor-

guêda). — E palavra gallega (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit*). — Usa-se tambem este vocabulo na Aldeia de Santa Margarida (cf. *Rev. Lus.*, II, 245) e em Mogadouro e Lagoaça (cf. *Rev. Lus.*, v, 28).

ascordar, acordar. Etymo *ascordare por excordare.

asna, burra, mula.

assacrado, doente, acabado. Está talvez por *massacrado*. (Relvas, em Parada de Cunhos).

assadura, lombo de porco. — *Asadura* em gallego tem um sentido semelhante. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

assapatar alguem = dar-lhe sapatadas, bater-lhe.

assentada, assembleia eleitoral. Ex.: «na *assentada* de Torguêda venceram os progressistas».

assistencia, convivencia, familiaridade.

astrever-se, atrever-se.

atafal, mulher (e ás vezes homem) de mau proceder, de pouca consideração.

atalabarte, pessoa alta e mal feita.

atapulhar, tapar com trapo ou tapulho.

aternegar, afadigar (Torguêda).

ateiró, o mesmo que *teiró*.

atimar, ultimar. — Usado tambem em S. Miguel (*Rev. Lus.*, v, 3).

atinoado, teimoso (Fonteita, em Andrães).

atolamado, tolo.

atopar, topar, encontrar. — Usa-se tambem em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

atrasmente, anteriormente, algum tempo antes.

atrenegado e **atreneguido**, sobrecarregado com trabalhos, atarefado.

atrevidura, atrevimento.

atrochenado, o mesmo que *tenente* (cf. esta palavra).

atufado, atrapalhado.

atupir, tapar, cobrir. Ex.: «arado de *atupir*» = arado de margiar, arado leveiro e de largas avecas que ao mesmo tempo que abre os sulcos na sementeira do centeio vae cobrindo de terra as duas faixas lateraes do mesmo sulco. — No Minho chamam *assuco* a este arado (vid. CANCIONEIRO, n.º 767).

augador, regador.

augardente, «dar *auguardente* a alguem» = dar uma reprehensão.

avantal, peça do vestuario da gente da serra, tanto homens como mulheres. É feito de lã e serve para cobrir os hombros em vez de capa. Tem o formato do conhecido *avantal* das mulheres, mas é mais comprido.

avarejar, varejar.

avelar, murchar. — Usado tambem em Moimenta (*Rev. Lus.*, I, 202).

azado, disposto, ageitado, bem posto. Ex.: «homem bem *azado*», «igreja mal *azada*».

azagal, burra grande e magra, (fig.) pessoa mal ageitada. — Parece estar em vez de *zagal*.

azambrado, torto, cambado, mal ageitado.—De *zambro*.

azar-se, ageitar-se, dispor-se. Ex.: «o negocio não se me *aza* como eu queria».

azeiteiro, pessoa immunda, que tem o fato cheio de nodoas.

azentonhas, azeitonas (cf. PHONOLOGIA, n.º 24).

azevinheiro, azevinho, planta de folhas espinhosas.

azimbre, apparelho de madeira, de forma curva pelo lado de cima, para sobre elle construirem os pedreiros os arcos das pontes.

azoutar, açoutar.—Usa-se tambem em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

azoute, açoute. —O mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

azul, bebado, tocado do vinho.

B

babadeira, babeiro.

bacamarte, pessoa grande, (fig.) tolo, bruto (Torguêda).

bacatella, bagatella, cousa de pouca importancia.

badio, baldio, terreno inculto.

bafueiras, bazofias (Constantim).

bagadas, lagrimas.

bagalhoça, dinheiro.

baganha, a cabeça do linho na qual está a semente.—Em gallego é *bagaña*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*). Etymon *baca-nea.

bago, dinheiro.

baldebalhós, homem desinquieto mas de bons sentimentos (Folhadella).

balôro, bolor.—Etymo *palloru formado sobre pallor. (Cf. *barôlo*).

balhotas, chapada de lama depois de empastada e surrada nos vestidos. (Cf. *embollatar*).

balotigas, o mesmo que *abrotegas*.

balsa, dorna, baça.

bambo, alto, graúdo. Ex.: «homem *bambo*», «presente *bambo*».

banaboia, homem vadio.

bandoleiro, a, mandrião, preguiçoso, malandro.

barbeiro, vento norte.

barbella, especie de trigo.

barôlo, o mesmo que *balôro*.—Ha aqui uma metathese phonetica.

bardo, estaca ou tanchão, ordinariamente de castanheiro, para amparar as vides.—Os bardos são dispostos em forma de sebe ao lado dos campos e ás vezes em varias filas pelo meio. (Cf. *Rev. Lus.*, v, 217 e 225).

barra, 1) homem bem trajado; 2) alpendre ou varanda para a palha.

barraca, casita ligeira feita de tábuas e destinada ordinariamente a guardar os melanciaes.

barraco, corte para os bois, improvisada nos campos. — É feita de casqueiras de madeira e coberta de palha. Serve para de dia. Os bois ali abrigados comem a erva, que lhe estão apanhando os criados, e curtem o estrume.

barrejado, alimentado, nutrido. (Cf. a 6.ª das ORAÇÕES).

barrote, pessoa baixa e atarracada.

bazulaque, intestinos ou meudos de qualquer animal. — Está por *badulaque*.

beata, 1) ponta de cigarro; 2) moeda de 10 réis.

beirado, beiral (dos telhados).

beirão, castanha germinada. — Parece ser o mesmo que *quilhôto* (cf. esta palavra).

belancia, melancia.

belfo, pessoa falta de dentes e que assobia ao falar. (Cf. *Rev. Lus.*, v, 31).

belhó, castanha assada.

belloiro, rolo, cilindro, bola de neve. — De *bolloiro* com abrandamento de syllaba atona.

belloirar, rolar, volver. Ex.: «depois de baptizada deve *belloirar-se* a criança num dos altares».

berrellas, pessoa que berra muito.

berzunda, bebedeira, carraspana.

bestigo, 1) serpente enorme e velha; 2) qualquer animal grande, um boi, um porco, etc.; 3) homem muito alto. — Usa-se tambem em Valpaços (*Rev. Lus.*, II, 258). O etymo é *besticus, formado de bestia + icus, e já vem do *Diccion. Manual Etymologico,* de Ad. Coelho.

bêta, lista, listão, malha. Ex.: «cavallo de estrella e *bêta*», «homem de estrella e *bêta* e pé calçado» = homem de alto lá com elle.

bicá! bicá!, interj. de chamar os porcos. — De *vem cá,* que tambem se ouve.

bich! bich!, interj. de chamar os gatos.

bichas barbeiras, sanguesugas. — O nome vem-lhe de serem deitadas pelos barbeiros.

bicheiro, logar onde o sol não dá. — Em Mogadouro e Lagoaça dizem *abicheiro* (*Rev. Lus.*, v, 22), que se aproxima um pouco mais do etymo *aversiarius, donde *abessiario* > *abechairo* > *abicheiro* > *bicheiro.*

bifar, furtar.

bilharda, peça de madeira aguçada na extremidade, para jogar a *reca* (cf. esta palavra).

bilhestres, dinheiro.

birra, a manha ou defeito dos cavallos roerem a manjedoira.

biségre, (fr. *bisaigle*), especie de brunidor de buxo, de que usam os sapateiros para alisar e dar lustre aos saltos e

ás bordas da sola dos sapatos. — Tambem chamado *buxête*.

bispar, furtar.

bizalho, peculio.

bizeira, o mesmo que *vezeira*.

b'landrau e **b'lindrau**, balandrau.

bô!, **bôa!**, interj. admirativa (*Rev. Lus.*, v, 225).

bõa, bôa (Folhadella).

bóca, interj. que é uma variante de *aboca* (cf. esta palavra).

bocanhar, abrir ou aclarar o tempo por alguns minutos em dias de chuva. (Cf. *bocanho*).

bocanho, aberta ou clareira de bom tempo em dia de chuva. Ex.: «agora parece que temos um *bocanho* para seguir a nossa jornada». — Etymo *buccanius por buccaneus de bucca. No creoulo da Guiné (cf. *Rev. Lus.*, VII, 178) dizem *bòcàna* para significar *foz*; isto revela-nos que no dialecto dos antigos colonizadores havia um vocabulo *bocanho, bocanha* ou *bocana* para designar a ideia de *abertura, boca, foz*, etc.

boches, o coração e figado dos animaes; a carne branca que cerca o coração e o figado.

bodalhão, homem sujo e immundo.—Palavra formada de *bodalho,* como esta de *bode*.

bodana, especie de trepadeira de bagas vermelhas. — Estas, ou sós ou juntamente com as *linguas de sapo* (planta hortense), rojam-se em azeite ou unto sem sal e servem para esfregar o corpo contra as dores de rheumatismo.

bodega, taberna, loja immunda.

bodegão, pessoa immunda.

bodalheiro, bodegão, porcalhão.

bóeira, levadisca, especie de alveloa. — Na Beira dizem *boieira* (ave que anda junto dos *bois* no pasto), que se aproxima mais do etymo *boviaria.

bojéga, empola da pelle produzida pelo calçado. —Tambem lhe chamam *bôlha* ou *borracha*. No Minho dizem *bojêgo* e *bojéga*.

bolacha, bofetada com a palma da mão.

bolata, 1.º bôla de pão; 2.º chapada de lama.

boldregão, o mesmo que *bodegão*.

bôlha, o mesmo que *bojéga*.

bombada, grande prejuizo, perda inesperada, desgraça repentina. — De *bomba*.

bondar, bastar.

bonecas, peças de madeira encaixadas nos cocões do carro, as quaes assentam sobre o eixo. — Tambem se chamam *malhetes*.

bonecra, castanha chocha, sem carão ou meolo; cascabelho. — Em gallego é *bolerca*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit*). Etymo bollicula (que significaria *pequena bola*), depois > *bolecra* > *bonecra*. Na

penultima forma ha a dissimilação *l — r* por *l — l*, e cf. a forma gallega; na ultima ha a dissimilação *n — r* por *l — r*.

bonecrão, aumentativo de *bonecra*.

boqueiro, orificio, buraco, olho (falando de uma presa de agua). Etymo *buccarius de bucca.

borborinho, remoinho, murmorinho. (Cf. o n.º 41 da PHONOLOGIA).

bôrdo, bordado. Ex.: «Esta menina sabe muito bem fazer um *bordo*».

borganço, criança pequena (Constantim).

bornal, 1) saco de coiro; 2) mulher de maus costumes; 3) pessoa baixa na estatura. (Andrães, neste ultimo sentido).

bornaceira, grande calor quando o sol está encoberto.

borne, (adj.), morno, meio quente.

borneiro, orificio, buraco (nos lagares do vinho, por exemplo).

borra-portas, caiador.

borracha, o mesmo que *bojéga*.

borrachecas, bebado.

botefa, abobora, calondro. — No Minho dizem *boteifa*.

bragal, roupa branca de linho ou estopa (lençoes, toalhas, guardanapos). — Etymo *bracale de braca.

brajoeiro, rapaz alto.

braviscoo, algum tanto bravo, arisco.

brigar com alguem = teimar com alguem, ter questões com elle.

brinho, «carvalho *brinho*» o mesmo que carvalha ou carvalheira.

briol, pessoa tomada do vinho.

briolote, gordura; pessoa gorda. (Cf. DICTADOS, n.º 27).

bristol, moço de elevada estatura.

brita, pedra britada.

britar, quebrar, partir. Ex.: «*britar* pedra, *britar* nozes». — Usada tambem em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

broeira, apparelho de madeira, ordinariamente suspenso do tecto, para nelle se pôrem as broas do pão.

brossa (andar á) = estar em difficuldades, ver-se entalado, atrapalhado, etc. — Como *brossa* (do fr. *brosse*, do lat. *brustia*, ant. a. all. *brust*) significa escova ou almofaça de limpar as bestas, é possivel que a frase tivesse origem nos trabalhos que soffre o cavallo quando o escovam ou esfregam. Em Lisboa dizem *andar á brocha*.

brutitates, ignorante, alarve, brutamontes.

bufas, batatas (Constantim).

buqueiro, barco grande (Torguêda). — É formada sobre o castelhano *buque* «barco».

burranca, burra fraca.

burriqueiro, nuvens ligeiras que em dias de inverno se formam quasi instantaneamente nas montanhas e tangidas pelo vento vão descarregar uma batega de agua a alguma distancia. — Está em vez de *borrasqueiro* pelo processo da etymologia popular.

burrista, burlista, enganador.

buxête, o mesmo que *biségre*.

buziar, tornar buzio.

búzio, não claro, não brilhante. — Diz-se da roupa lavada, e mesmo engomada, quando não foi sufficientemente còrada para se tornar clara.

C

cabaço, repulsa, recusa, resposta negativa a um pedido de casamento. — Usa-se tambem no Alemtejo, e já apparece no *Diccionario* de Candido de Figueiredo sem indicação de provincia.

cabeçalha, a vara do carro que se estende pelo centro do mesmo e vae no meio dos bois prender-se ao jugo. — Em gallego é *cabezalla*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cabeçalhão, a parte deanteira e curva da cabeçalha. — É formada de peça differente e pregada a ella.

cabeças, resto do azeite que fica com a sangra.

cabra, mochila. — Foi ouvida a soldados.

cabrioleira, nome de insulto. Uma mulher chamava *cabrioleira* a um rapaz desinquieto. Talvez salta-paredes, salteador, de *cabriolar*.

cabrita (pagar a) = pagar uma pinga na occasião da compra de bois.

cabrito, filho da cabra (até 2 meses). Quando passa de 2 meses chama-se *rexêlo*, quando é um bode em pleno desenvolvimento e destinado á cobrição chama-se *chibo*.

cacedela, sova de pancadas. — Está por *aquècedela*.

cachaço, sôco, mosquete, tabefe.

cachafrêlho, empregado do tabaco. — Em Mogadouro e Lagoaça dizem *cachafrilhos* (*Rev. Lus.*, v, 34).

cachôlo, especie de jogo dos rapazes. Consiste em pôr dinheiro, botões, etc., em um pausito e bater neste com outro.

cachôpo, 1) rapaz; 2) toco de arvore; 3) tortulho ou frade antes de desabrochar (cf. *miscaros*).

cachópa, rapariga.

cachôrro, caibro de madeira, saliente das casas, para sustentar os beiraes dos telhados.

cacila, o mesmo que *cacedela* (Andrães).

cadête, homem aperaltado.

caes, passeio lageado, em logar alto e junto a um muro de supporte com a respectiva grade. — Tambem lhe cha-

mam *marcha-pé* (cf. esta palavra). — É uma metaphora do sentido ordinario da palavra.

cafûlo, carôlo ou caroço da espiga do milho.

caguinchas, medroso.

caixola, caixa pequena.

cal, caleira, cano para a agua, telha, tronco cavado em forma de telha.

calaceiro, mandrião.

cala rão, mulher velha de má vida. — Está por *culatrão,* de *culatra.* (Cf. n.º 23, 1.º da PHONOLOGIA).

calcadeira e **calcador,** pau que usam os moleiros para atacar a farinha nos folles ou sacos.

calcantes, sapatos.

calça, pedra de segurar as panelas na lareira.

calço, 1) pedra de segurar as panelas na lareira; 2) pequeno muro de supporte num terreno declive; 3) leira de terra declive separada por pequenos muros.

caloio, caloteiro, mau pagador (Constantim).

calhoar, jogar o calhau.

caloeira, tumor no pescoço dos bois produzido pela molhelha.

caloira, preguiça. Ex.: «tens muita *caloira*».

calondro, abobora, fruto da aboboreira. — A *Rev. Lus.,* v, 225, menciona como de Villa Real a palavra *calondra.*

calhamaço, mulher velha, mulher de maus costumes.

calhostra, vaca velha.

calvo, homem falto de cabello nas fontes ou região temporal.

cambalheira, cadeia feita de aneis de ferro. (Cf. na primeira parte d'este trabalho, COSTUMES, 1). — Em Mogadouro e Lagoaça chama-se *lares* ou *larias* (*Rev. Lus.,* v, 95). Em gallego é *camballeira.* (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cambarro, barra, varanda, alpendre para a palha.

cambas, os semicirculos das rodas do carro. (Cf. *carro*). — Tem o mesmo sentido em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cambeçalha, o mesmo que *cabeçalha.* (Cf. esta palavra e o n.º 24 da PHONOLOGIA).

camboada, nova junta de bois que ajuda a puxar o carro numa subida. — Em Barcellos dizem *emposta.*

camboar, atrelar, por meio de um calabre, ao carro uma nova junta de bois para auxiliar uma subida ou encosta. — Já vem no *Diccionario* de Candido de Figueiredo como termo da provincia duriense.

camear as vides = abaixá-las, mergulhá-las numa cova ou especie de *cama.*

camueca, bebedeira.

camurra, pessoa de poucas fallas.

camurro, teimoso.

canastro, espigueira. — Em gal-

lego *canasto* e *canastro*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

candaros, canos sêcos das arvores, o mesmo que *candos* e *candros*.

candil, candeia velha e desarranjada. — Etymo candile por candela, com mudança de suffixo.

candolado, hirto, congelado de frio. (Cf. *encandalado*).

candos, candros ou **candaros**, ramos ou pernadas sêcas de qualquer arvore, sobretudo pinheiro, castanheiro e carvalho.

canelha, caminho velho entre duas paredes.

canêlos, ferraduras dos bois. — Em gallego tem um sentido semelhante. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cangalhas, duas peças de madeira collocadas ao alto como estadulhos na deanteira do carro para sustentar a carga. — São vulgarissimas no Minho, aqui raras.

canganho, cangaço, isto é, o que fica do cacho da uva depois de comidos os bagos.

canhoeira, espigarda.

canhônha, cabra ou ovelha, e tambem a carne das mesmas. Ex.: «não ha festa sem *canhonha*». — Em Rio Frio, Miranda, Parada de Infantes, Mogadouro e Lagoaça, dizem *canhôna* (*Rev. Lus.*, I, 206; II, 116; V, 35).

canhôto, pessoa falta de algum dos braços.

caniças, especie de grades feitas de verga que substituem os *estadulhos* quando é preciso conduzir estrume, folha e outras cousas mais.

caniço, grade de madeira para secar as castanhas nas cozinhas. Está suspensa no tecto por cima da lareira. — *Canizo* em gallego significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

caniceira, espingarda. — O nome vem-lhe provavelmente de ser posta no caniço, porque é costume das aldeias ter as espingardas encostadas na lareira para não enferrujarem.

caniçote, o mesmo que *arcabém* ou *recabém*, como dizem noutras partes.

canóla, termo indecente; provavelmente o mesmo que *Pantaleão*.

canorios, as canas do milhão que ficam no campo depois de tirado o pendão e a espiga. Nalgumas freguesias costumam fazer a esfolhada nos campos e deixam ali as hastes do milhão em pé. — Tambem se chamam *canudos*.

cantadeiras, peças de madeira que, encaixadas nos cocões, assentam sobre o eixo. — Tambem lhes chamam *malhetes* ou *bonecas* (cf. estas palavras e tambem *carro*).

cantella, pequena chapa de ferro que aperta a cambá (quando estalada) contra a

chapa exterior do eixo. — No dialecto de Mogadouro e Lagoaça dizem *cantelro*. (Cf. a palavra *carro*).

cantés e **canté**, pelo que diz respeito a, quanto a. Ex.: «*cantés* morrer, que morra meu pae, que é mais velho».

canudos, o mesmo que *canorios*.

capão, molho de varas de vide destinado ao lume. — É termo usado tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 35).

capataz, o homem que vigia os trabalhadores (ordínariamente gallegos) empregados na ceifa ou na cava.

capilota, sova, tareia.

capóna, egua pequena, mas forte.

caraca, tacada (no jogo do fito).

carafacias, caretas, trejeitos, momices.

carambato, sorumbatico, tristonho (Andrães). — Parece que esta palavra é devida á influencia de *cara*.

caramboleiro, aldravão, peteiro.

caranga, cabeça (?).

caranguejeira, nome de desprezo que chamam as raparigas umas ás outras.

caranguejeiro, arvore que dá caranguejos ou abrunhos.

caranguejos, ameixas de forma redonda e côr ordinariamente avermelhada, tambem chamadas abrunhos. (Cf. *abrunheiro*).

carcassa, pessoa velha.

carcella, abotoadura da calça.

carcóva, nuca.

cardenho, loja, casa reles, casa pequena e desamparada nos campos para guardar palha. Sob a forma *cardanho* já foi colhido como de Villa Real (*Rev. Lus.*, v, 225); eu porem nunca o ouvi pronunciar assim. — É termo usado tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Ibid.*, v, 36) sob a forma *cardanho*).

cardina, **cardiola** e **carga**, bebedeira.

cargoria, grande carga.

carôlo, o mesmo que *coscorrão*.

carônha, o caroço da fruta. — Tambem se usa em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 37).

carpear, censurar, dizer mal.

carpins, meotes.

carrabôcho, carreiro sinuoso.

carramanchóna, pessoa que brinca desordenadamente.

carrapiço, carvalho pequeno e rachitico.

carrar, acarretar, carrear.

carrascoso, tempestuoso.

carrêtas, homem torto das pernas.

carro (termos do), a começar no jugo e a terminar nos pregos da chapa: *jugo, sóga, molhelhas, corneira, canélos, tamoeiro, cabeçalhão, sobreposta, cabeçalha, chavelha, chavelhal, cangalhas, titellas, chedas, chedeiro, estadulho*

(ou *estadulheira* ou *fueiro*), *tesão, coucões, malhetes* (bonecras ou cantadeiras), *treitoiras, romão, pevide, cascunhos, mile, gatos, impoltos, cambas, relha, sobre-relha, ferragem, Sebinas* (ou *pregos de trilho*).

carrôcho, caminho estreito.

cartola, bebedeira.

caruja, carujeira e **carujeiro**, nevoeiro espesso.

carvalha, carvalho que produz lande comprida.

carvalho, o que produz lande redonda.

carvalhôto, carvalho pequeno ou muito delgado.

casar, ter relações illicitas com differente sexo (falando de menores). — Foi ouvido a crianças.

casarupa, casa pequena, cardenho.

cascar, bater.

cascalho, dinheiro.

cascaria, os cascos do cavallo. Ex.: «este cavallo é de boa *cascaria*».

casco, auto, entremês, comedia breve. — Em Valpaços significa *livro com autos* (*Rev. Lus.*, II. 257).

cascunhos, cunhas para apertar a ponta do eixo introduzida na abertura do *mile*. (Cf. esta palavra e tambem *carro*).

castanho, tempo das castanhas.

castanhola, batata. — Usada tambem em Rio Frio (*Rev. Lus.*, I, 207).

casticeiro, o mesmo que *castinceira*.

cástigo, caustico (Relvas, em Parada de Cunhos).

cáustigo, pessoa importuna, ruim de aturar.

castinça e **castinceira**, castanheiro bravo, delgado, alto, com muitos rebentos junto da raiz. — O etymo do primeiro é *castan-itia de castanea; d'ahi > castaniça > castainça (cf. *painço* de pan-itius) > castinça; o etymo do segundo é castanitiarius.

catar, examinar, ver, olhar. Ex.: «o caçador *cata* a mata»; «faz bem, não *cates* a quem».

catholico, palrador, falador. É sentido um pouco estranho. — Em gallego significa *perfeito, bem acabado, de boa saude, em bom estado,* que são faceis de explicar. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*)

catrapeiro, 1) especie de espinheiro ou escalheiro que se enxerta de pereira ou macieira; 2) pessoa que só vae á desobriga depois de passado o tempo proprio, e a quem os outros fazem troça.

catrino, penis. — É evidentemente o nome proprio *Catharino,* em accepção pejorativa.

catrolo e **catronaço**, pedaço grande de pão.

cavanchona, cava (Constantim).

cebolleira (maçã) = maçã baonesa. — O nome vem-lhe de ser semelhante á cebolla.

cega! voz com que se acirra um cão contra outro. Corresponde ao *bóca* ou *abóca* do Minho; mas esta palavra aqui tem outro sentido. (Cf. a palavra *sóba*).

centenico (centeio), é o centeio temporão; semeia-se em janeiro e colhe-se antes do outro (principios de junho).

cerabola, pessoa que fala muito e é mentirosa.

cerdeira, cerejeira.

cerejo, tempo das cerejas.

cernelha, carne fibrosa do lombo do boi ou do porco até perto da barriga, etc.; (fig.) grande porção, grande parte, grande quinhão. Ex.: «se eu tenho uma costella dos Brocas, tu tens uma *cernelha*» (dizia um irmão para outro). — Etymo *circinicula ou melhor circinicla, donde > cerz'nelha > cernelha. O *n* da 3.ª syllaba conservou-se, porque sendo atona a segunda o *i* tinha já desapparecido na pronuncia. — Quanto ao sentido significaria primitivamente a *carne que cerca a espinal medulla e faz como que um circulo á roda d'ella.* — Todavia, como a palavra *cerne* não se pode explicar bem em face de circinus, talvez seria melhor a hypothese de que esta nos veio por meio do francês, onde é regular aquelle processo de formação, e que depois d'ella nasceu o derivado *cernelha* por meio do suff. *-elha*.

cêrras, dois talhões de carne tirados ao longo do *cêrro,* um de um lado e outro do outro.

cêrro, carne do alto ou do lombo do porco (talhão de carne gorda pegada ao coiro e tirada ao correr do fio do lombo).

cêva, engorda, acto de cevar ou engordar. Ex.: «tenho tres porcos de *cêva*».

cevada, campo semeado de cevada.

chabouçar, dar a primeira espadada ao linho. A segunda chama-se *limpar.*

chaça, pedaço de madeira ou de ferro, com cêrca de um palmo de altura, arredondado na parte superior e terminando na inferior quasi em cunha. Serve para, batendo-lhe com um maço, apertar os arcos das vasilhas.

chamancos, tamancos.

chambaril, pau, algum tanto curvo, que introduzido entre os nervos da extremidade das pernas do porco morto serve para o pendurar de um gancho.

chamiça, accendalhas de lenha meuda, a que tambem chamam *queiroga.* — É palavra usada em Moimenta (*Rev. Lus.*, I, 208); porem em Mogadouro e Lagoaça dizem *chamiços* (*Rev. Lus.*, V, 38).

— O etymo é *flammicia.

champilha, homem fraco e pobre.

chamuscada, bolo feito de massa ainda não bem levadada e cozido, ou antes crestado, á porta do forno emquanto elle está ardendo. — No Minho dizem *bolo d'entre a lenha*, por ser cozido entre a lenha que arde ou as brasas. — É palavra formada de *chamuscar*, cujo etymo é *flammiscare; a mudança do *i* para *u* explica-se pela influencia da labial.

chanato, sapateiro remendão.

chancas e **chancos**, sacos (Constantim). — Em gallego *chancas* significa *calçado velho ou muito gasto*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*)

chantão, estaca ordinariamente bifurcada que serve para os bardos. — Tambem dizem *tanchão*, por metathese phonetica. — O etymo é *plantanus, assim como plantare o é de *chantar*.

chaquiça, 1) lenha de urgueira; 2) varetas aguçadas e cravadas no chão para amparar a vinha baixa.

chaquiçar, apontar ou aguçar varas, tanchões, madeira, etc.

chaquiços, lenha meuda e sêca, especie de accendalhas.

charola, procissão.

charrasco, homem pequeno. — De *charro* + *asco*.

chasca, pequeno pião. Tem ainda outros nomes: *zaróna, piasca, zarasca*, etc.

chastre, porção, bocado, mão cheia. Ex.: «um *chastre* de cabello».

chavelha, travão ou espiga de pau que prende a extremidade da cabeçalha ao jugo. — Em gallego *chavella* (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

chavelhal, buraco da extremidade da cabeçalha onde se introduz a chavelha.

chavelhão, pau atravessado que ajuda a segurar a lousa na armadilha de apanhar passaros. (Cf. *espeque*).

chêdas, as duas peças lateraes que formam o leito do carro. Estão ligadas com travessas no corpo do carro á primeira parte da cabeçalha, e, como são curvas, com ella se vão unir directamente na parte deanteira do mesmo carro. Tem varios furos onde se introduzem os *estadulhos*. —Em gallego significa o mesmo (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

chedeiro, todo o corpo do carro. — Em gallego significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

chegante, immediato, proximo. Ex.: «quem fez isto não foi o filho mais velho mas o *chegante* a elle».

chiasco, vento frio, fino e cortante.

chiba, **chibaça** e **chibança**, presunção, vaidade, orgulho. — O ultimo dos tres vocabu-

los é vulgarissimo no Minho com o mesmo sentido.

chibo, bode destinado á cobrição. (Cf. *cabrito*).

chibos, tendões por onde penduram alguns animaes mortos, como o cabrito, o porco, etc. (Folhadella). — (Cf. o que dissemos na definição de *chambaril*).

chicha, carne (Constantim). — Em gallego o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

chichelos, tamancos, soccos (Constantim).

chico, 1) porco (Constantim); 2) burro (Adaufe).

chincherabelho, pessoa desinquieta. — Em Barcellos dizem *chincharrabelho*.

chinfre, fasquia de um canastro, de um caniço, de um tapamento.

chinfres, o mesmo que *cunfres*.

chinho!, interj. de chamar o cão. — Por *pochinho* (cf. *pocho*).

chinóto, termo indecente. Julgo ser o mesmo que *canola* ou *pantaleão*.

chiquiços, lenha meuda. — No Minho dizem *guiços* no mesmo sentido.

chiscar, 1) brincar, petilhar com outro (falando dos rapazes); 2) atiçar, picar o lanço (nos leilões). — Em gallego *chiscar* significa *tocar ligeiramente alguma cousa*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

chô! chô!, interj. para chamar os porcos (cf. *chua*).

chó!, interj. para fazer parar os burros.

choca, jogo dos rapazes, o mesmo que a *reca*.

chocalheiro, intrigante, trapalhão.

chóco, impertinente, ruim de aturar, fraco.

chocolejar e **chocolatar,** sacudir, abanar; não estar firme, não estar seguro (falando de uma ferradura, de um prego).

choina, faúlha. — Usa-se tambem em Valpaços (*Rev. Lus.*, II, 257).

chóna, o ultimo a jogar.

choinos, calçado velho.

chora, acto de chorar, tempo de tristeza. Ex.: «guardar da risa para a *chora*»: esta frase parece que veio formada do gallego onde é perfeitamente igual.

chorincar, chorar baixo, gemer. — Em gallego *choricar*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

chorinco, gemido, choradeira. Ex.: «brincos dão *chorincos*», que é vulgar no país.

chua! chua!, o mesmo que *chô! chô!* (cf. esta palavra). — Foi ouvido em Andraes. Usa-se tambem em Valpaços (*Rev. Lus.*, II, 257).

chumbar uma criança = pôr-lhe um caco de chumbo derretido na cabeça. (Cf. o 6.º dos ENSALMOS).

churriscar o lume = mexê-lo.

churro, negro, preto. Ex.: «louça *churra*». — Etymo s o r d i d u s.

cibo, bocado, pedaço. Ex.: «um *cibo* de pão, um *cibo* de tempo, espera um *cibo*». — Usado tambem em Chaves, Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, III, 62; V, 39).

cio, vicio, seiva, vigor (falando das plantas).

ciranda, 1) joeira ou peneira, de arame ou de seda, para limpar o pão (o milho); 2) uma especie de dansa (vid. CANCIONEIRO, 980),

cisco, lixo, pó. — Etymo *c i n i s c u l u m, já dado por Körting, *Wörterb. lat.-rom.*, 2.ª ed., n.º 2195; e por Carolina Michaëlis (cf. *Rev. Lus.*, III, 140).

claromba, nome de insulto entre raparigas.

coalheira e **coalho**, bucho de cabrito ou anho, ainda tenros (emquanto mamam), que se expõe a secar na cozinha e serve depois para coalhar o leite na fabricação do queijo.

coanhos, palhiço, rabeira, remoalho que fica misturado com o centeio na occasião das malhadas.

cobrão, o macho da cobra.

cobreira, fraqueza de corpo, abatimento. — De *cobrar* por *quebrar*.

cobrejão, manta de viagem.— Tem tres usos principaes: em bom tempo vae dobrada em cima da sella para o cavalleiro não maguar o assento; em tempo de chuva enfia-se no pescoço por uma abertura central para servir de resguardo; e, finalmente, quando se apeia serve nas estrebarias para *emmantar* (cf. esta palavra) ou agasalhar o cavallo suado. — Do baixo latim *c o o p e r i s i o n e (m), forma irregular de c o o p e r i - r e.

coca, tolice (Torguêda).

cocharra, 1) colher; 2) companhia de homens (Folhadella).

coche!, coche lá!, coche p'ra lá!, interj. para tanger, afastar, desviar os porcos. — Em gallego é *cuch'aqui*, *cuche*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cochino, porco. — Em Mogadouro e Lagoaça é empregado *cochino, cochina*, para significar *immundo, immunda* (*Rev. Lus.*, V, 40). Em gallego *cocho* significa porco. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cóco, vaso para a agua (do mesmo feitio que o *grabano*, mas de cabo um pouco mais curto).

cócó, o anus. Tambem se diz o *Lopes*. — É a linguagem que as amas usam com as crianças.

coça, sova de pancadas, tosa, tareia. — É um substantivo *post-verbal* (segundo a linguagem de Meyer-Lübcke)

de *coçar*, cujo etymo está em *coctiare, formado de coctus, exactamente como acutiare de acutus, e signicando propriamente *cozer, aquecer, esfregar para aquecer*, e depois *bater*.

codear, tirar a codea.

coda, **codo** e **codoeira**, cascão ou crosta de gelo nos caminhos.

codilhar, apanhar o alheio com manhas (Constantim).

cofarte, bastante.

coima, multa da camara.

coirato, o coiro dos porcos.

colada, intestinos (coração, bofes, figado e baço) dos animaes mortos (boi, porco, etc.)

coldre, alforge das pistolas nas albardas, saco de coiro, bornal; (fig.) mulher de má vida.

colhada. Não sei o significado.

colheita, logar no fundo dos rios, ordinariamente debaixo de fragas, onde o peixe se refugia. Tambem dizem *acolheita*.

comàgora, como. Ex.: «era um home *comàgora* aquelle que ali está».

cominhos, alem do sentido ordinario significa tambem folhas de urgueira.

concelheiro, terreno baldio nos montes ou junto aos rios, que se julga pertencer ao concelho (á camara) e serve de logradouro commum. Tambem lhe chamam *repesoiro*.

condouto, conduto, apresigo.

confita (á certa) = finalmente.

considramento, consideração.

consoante, (adv.), conforme, segundo.

conversa, vento frio. Ex.: «fechae essa janela que vem d'ahi uma *conversa* muito fria».

convidar alguem com alguma coisa = offerecer-lh'a dar-lh'a de presente ou de gratificação.

còrado (pão) = pão que tem a córa, a que se deu córa com o calor da lenha á porta do forno antes de o tapar.

corcalhé, codorniz. — No Minho dizem *calcoré*. Em francês *courcaillet* significa o canto da codorniz e um apparelho de coiro e osso que imita aquelle canto e serve para attrahir a ave a um laço (vid. *Dictionnaire* de Littré) — *Calcoré, corcalhé* e *courcaillet* são evidentemente palavras onomatopaicas ou imitativas do canto da ave.

cordeira, ovelhinha, anha.

corneira, especie de rodilha ou argola para metter nos chifres quando estão estreitas as *molhelhas*.

cornipos, cornos ou chifres pequenos.

corrupía, pequena criança que não faz senão correr e saltar, sinal que ha de ser esperta e desembaraçada. — Usa-se tambem no Minho.

cortar, sair apressadamente, romper. Ex.: «sem esperar

resposta *cortou* pela estrada fora».

cortelho, pequena corte para animaes. — Em gallego *cortello* é a pocilga ou curral dos porcos. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

cortiço, apparelho de cortiça enrolada para servir de *espadeladoiro*, isto é, para sobre elle bater o linho com a espadela. É perfeitamente igual ao *cortiço* das abelhas, mas descoberto por cima.

cortinha, 1) curral de porcos; 2) leira estreita e pequena. — Em gallego *cortiña* é terra lavradia fechada sobre si. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

coscorrão, sôco na cabeça com o nó dos dedos. — Em hespanhol ha *cuscorran* no mesmo sentido. (Cf. *Dicc. espanhol-português*, de Mascarenhas Valdez).

cosqueiro, casa, habitação (Constantim).

cósso, logar florido, onde as abelhas vão pastar ou extrahir os sucos para o mel. — Do latim cursus, etymologia já apresentada na *Rev. Lus.*, VII, 69.

coucinho, couceira. Ex : «porta de *coucinho*», isto é, não pregada á parede com dobradiças, mas rolando sobre uns prolongamentos da *couçoeira* a servirem de eixo.

couçoeira, couceira.

coucões, contrafortes de madeira pregados ás chedas pelo lado inferior. Ficam entre as *chedas*, que estão do lado de cima, e as *bonecas* ou *malhetes*, que estão do lado de baixo. — Em gallego é *croucons* ou *croucos*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

couteiro, nome de insulto: talvez vadio, atrevido.

coxo, rasto de bicho, erupção da pelle. — Usado tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 42). Em Valpaços significa *peçonha* (*Ibid.*, II, 257). — O etymo é *cossus por intermedio do hespanhol, já apresentado na *Rev. Lus.*, VII, 69.

crapiella, bebedeira.

cresta, sova, tareia.

cria, acto de criar, criação. Ex.: «leitões de *cria*», isto é, para criar. (Cf. *veiga*).

crica, casca sêca de pessego. — Em gallego significa *nariz*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

crivar, 1) cirandar, peneirar; 2) encher de buracos, como um crivo.

cronha, nariz.

crossa, tecido de junco ou palha, á moda de capa, para preservar da chuva; (fig.) cabello comprido.

crujiar, tratar das hortaliças e plantas do quintal, venerá-las, ser crujidoso d'ellas, ter crujidade d'ellas.

crujidade, curiosidade.

crujidoso, curioso.

cu do pião, a parte opposta ao ferrão.
cubata, a cova do piolho ou do ladrão.
cubo, presa de agua quasi em forma de funil. Está junto aos moinhos e serve para os pôr em movimento.
cuca (maçã) = maçã do cuco.
cuecas, ceroulas.
cunfres, cobres, dinheiro.
curtir o linho = demolhá-lo nas poças de agua.
cùscùs, bolos de farinha. — Usa-se tambem esta palavra em Rio Frio (*Rev. Lus.*, I, 209).
cùrù! cùrù!, interj. de chamar os leitões.

D

daimoso, dadivoso (sobretudo falando de crianças que dão quanto lhe pedem).
danadas, sardinhas salgadas.
debouçar, dar a primeira espadada ao linho. — No Minho dizem *debaixar*. Em gallego *debouzar*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
decór, respeito. Ex.: «não guarda *decor* a ninguem».
defecar e **defecar-se,** emmagrecer, pôr-se muito abatido de carnes.
degradar a agua = tapá-la nos açudes e derivá-la em regos a fertilizar os campos distantes.
deixalá, oxalá. — É um caso de etymologia popular (cf. n.° 523 do CANCIONEIRO).
demão, ajuda, auxilio.
denegrado, negregado (?) (cf. n.° 604 do CANCIONEIRO).
dentóna, mulher que tem os dentes muito saidos.
dentuça. dentadura.
deparar, encontrar, achar, fazer encontrar. Ex.: «*deparei* hoje o meu amigo na Timpeira. — Perfeitamente classico. (Cf. a 6.ª das ORAÇÕES).
depenado, sem vintem.
derramar, cortar os ramos.
derreaço, derreadela, cansaço, estado de pessoa derreada (vid. CANCIONEIRO, n.° 942).
derripes, trepadeiras (?) (vid. CANCIONEIRO, n.° 1160).
derronchar, derrubar, prostrar por terra. — Etymo *deerunc'lare, formado sobre de + eruncare.
des, desde.
desamurizar, destruir o muro, deitá-lo abaixo.
desandar, fugir.
desapacientar, fazer zangar, irritar alguem; *-se,* irar-se.
desapandoar, é deixar cair (falando do trigo, do centeio e da uva) a especie de casca que envolve a espiga ou o bago. — No Minho dizem *alimpar*.
desaradela, coça, tareia.
desarado, mal arranjado, desleixado, estragado. Ex.: «ratoeira *desarada,* pessoa *desarada*». — Empregam tambem o aumentativo como substantivo: «é um *desaradão*», isto é, uma pessoa muito mal ar-

ranjada (no trajar, no apresentar-se, na direcção dos negocios da casa).

desarar, desarranjar. Ex.: «os rapazes hoje *desararam* tudo». — O sentido primario é perder os *aros* ou arcos (falando das vasilhas), porque a cada passo se ouve dizer *pipa desarada,* para significar que tem os arcos quasi a sair, que está a desfazer-se.

desaustinado, furioso, fora de si, inconsiderado.

desavègado, desapparelhado, desoccupado.

desavinhar-se, perder-se ou desapparecer a uva na vinha. Ex.: «com estes ultimos frios as vinhas *desavinharam-se* muito». —Tambem se diz no Minho.

desagreste, agreste, frio, tempestuoso (falando do tempo).

desasado, desajeitado.

desbandar, desfazer o bando, espalhar-se.

descorrimento, discrição, juizo.

desealmado, pessoa que de nada se importa, de quem pode dizer-se: *nem lá vou, nem lá faço minga* (Andrães e Gravellos).

desemblinhar, desenredar, desembrulhar, desembaraçar; **-se**, desembaraçar-se, trabalhar de pressa.

desemendar-se, emendar-se.

desenraivar-se, perder a raiva (cf. n.º 666 do CANCIONEIRO).

desepultar, desenterrar.

deserta, ansiosa, desejosa. Ex.: «F. está *deserta* por te ver».

desfarço, disfarce (cf. n.º 629 do CANCIONEIRO).

deshonestar, deshonrar, desflorar.

desmasia, demasia.

despaciencia, impaciencia, ira.

despicar, desafrontar, vingar.

diabo-alma, homem infame, malvado.—Vulgar no Porto; Camillo emprega-o nas primeiras paginas do romance *Onde está a felicidade?*...

diabre, diasco, diacho, dialho e **dianho,** diabo.—A respeito do ultimo cf. o n.º 44 da PHONOLOGIA.

dinheiral, dinheirão. Tambem usado nos dialectos alemtejanos (*Rev. Lus.,* IV, 62) sob a forma *dinhêral.*

dichote, dicto, dictote.

dondo, laxo, brando, bambo (falando, por exemplo, do fio da teia, etc.). — Do latim d o m i t u - s, já apresentado por Körting.

dosa, tareia, sova, carga; (fig.) bebedeira.

(Continúa).

Porto, Agosto de 1905.

A. GOMES PEREIRA.

A GENTE DO CANCIONEIRO

(Continuação do vol. x, pag. 297)

III

JOÃO DE ABREU

Deverá ter João de Abreu nascido nos principios do anno de 1455, porque foi colaço de D. João II; revelou-me o facto um diploma de 2 de junho de 1516 a que logo me referirei; não foi elle porem o unico a ter colacia com aquelle Rei.

Nesses tempos a amamentação das crianças prolongava-se por muitos annos, pelo menos para os filhos dos reis. Para prova encontra-se uma carta de quinze mil reaes brancos de tença dada em Fronteira, a 19 de dezembro de 1478, pelo Principe D. João, depois D. João II, a Margarida Vieira, mulher de Pero Jacome, cavalleiro e guarda do Duque de Viseu e de Beja, «em satisfação e contentamento do singular serviço que nos fez ella só, sem ajuda doutra ama, criar passante de tres annos continuos o Infante D. Afonso, meu filho» [1]. O referido Pero Jacome, sua filha Maria Jacome e o marido d'esta, Rui de Figueiredo, são todos nomeados no *Cancioneiro;* e bem assim tambem talvez o seja sua outra filha, D. Violante, colaça do Principe D. Afonso e depois mulher de D. Afonso de Noronha.

Voltemos porem ás amas de D. João II.

---

1 *Chancelaria de D. Manuel,* liv. 27.°, fl. 56 v., incluida na de confirmação dada em Evora, a 16 de março de 1497, á mesma Margarida Vieira, já então viuva do dito Pero Jacome, «cavalleiro de nossa casa». Na carta da tença chama-lhe D. João II «nossa ama»; é evidente porem que o não foi e d'aqui só se pode concluir, que os reis davam tambem aquelle tratamento ás pessoas que lhe haviam criado os filhos. Este doc. foi-me em tempos indicado pelo meu amigo o dr. Sousa Viterbo.

Não lhe sucedeu como a seu filho, e teve elle de tomar o leite de duas mulheres pelo menos. Nomealas-hei pela ordem cronologica indicada nos documentos.

Catherina Rodrigues, mulher de Rolim, «ama do Principe, meu filho», tenha, do 1.º de janeiro que ora foi de 1458 em diante, tres mil reaes brancos de tença em dias de sua vida, assentados na alfandega de Lisboa. Assim o declara uma carta dada por D. Afonso V em Estremoz, a 27 de maio de 1458, e confirmada por D. Manuel em Evora, a 6 de abril de 1497 [2]. Annos depois, por carta dada em Lisboa, a 16 de maio de 1469, sendo Catherina Rodrigues já viuva, ou pelo menos não se lhe nomeando marido no documento, fez D. Afonso V mercê á Ama do Principe de mais dois mil reaes brancos de tença, alem dos outros; o que D. Manuel igualmente confirmou no mesmo dia 6 de abril de 1497 [3]. Existe outrosim um mandado de 4 de março de 1503, assinado pelo Védor da Fazenda D. Pedro de Castro, ordenando ao Recebedor do Paço da Madeira de Lisboa, que á Ama do fallecido Rei pague os cinco mil reaes da sua tença d'aquelle anno [4]. Foi passado o recibo a 3 de novembro seguinte, e este é o ultimo documento em que ainda encontrei Catherina Rodrigues, com vida.

Apesar porem de haver só referencia positiva áquellas duas tenças, é certo que a sua Ama arbitrara D. João II mais vinte e quatro mil reaes de pensão. É, segundo julgo, o que se ha de entender de uma carta de 2 de junho de 1516, pela qual D. Manuel declara ter concedido a «João de Abreu, collaço del Rei meu primo que Deus haja», um alvará de lembrança para lhe dar, quando casasse, a tença que sua mãe, Ama do dito Senhor, deste havia; e agora, visto estar casado, lhe manda assentar vinte e nove mil reaes de tença, emquanto sua mercê for [5]. Já neste tempo era Catherina Rodrigues fallecida, porque a 16 de novembro do anno precedente fora apresentado ao Recebedor da Chancellaria um mandado régio de trinta mil reaes, que a Rainha D. Leonor, «encarregada de fazer cumprir certos legados pela alma da Ama del Rei, meu Senhor», ordenara que fossem entregues a Pero de Valladares seu criado [6].

---

2 *Chancelaria de D. Manuel,* liv. 27.º, fl. 15.
3 *Ibidem,* fl. 15 v.
4 *Corpo cronologico,* parte 2.ª, mac. 7, doc. 38.
5 *Chancelaria de D. Manuel,* liv. 25.º, fl. 86 v.
6 *Corpo cronologico,* parte 2.ª, mac. 62. doc. 18.

A outra Ama de D. João II chamou-se Beatriz Eanes, ou Beatriz Eanes de Oliveira, que de ambas as maneiras se encontra nomeada em documentos. Por carta dada em Evora, a 16 de fevereiro de 1459, fez D. Afonso V mercê a Beatriz Eanes, ama do Principe, «por o mui bom serviço que della recebemos em a criaçam delle», de uma tença de seis mil reaes brancos [7]. Confirmou-lhe D. Manuel a mercê em Estremoz, a 14 de fevereiro de 1497 [8], e poucos annos depois, a 3 de julho de 1500, deu a Beatriz Eanes de Oliveira, «ama que foi del Rei D. João, meu senhor», outra tença, esta de tres moios de trigo [9].

Como a tença dada a Catherina Rodrigues é de data anterior á da concedida a Beatriz Eanes, creio haver sido aquella a primeira ama de D. João II.

De cada uma d'ellas lhe ficou um colaço e ambos, como pessoas de confiança, escolheu para cavalleiros da sua guarda, na qual serviam no anno de 1490: João de Abreu Colaço com mil e oitocentos reaes de moradia por mês; Gonçalo de Oliveira Colaço, com mil setecentos e cincoenta [10].

Já agora direi que tambem se sabe o nome da ama da filha de Afonso V, a Infanta D. Joana, de Aveiro. A d'esta senhora foi Beatriz Alvares; pelo menos é assim que ella se encontra designada na incorrectissima transcrição do testamento da Infanta [11].

Tornemos porem ao poeta do *Cancioneiro.*

Viveu João de Abreu obscuramente no paço; seu nome não se encontra nas chronicas; e poucos mais dados biographicos poderei d'elle dar. É certo comtudo ter elle sido o autor das trovas em seu nome transcritas no *Cancioneiro;* porque tendo eu examinado todos os documentos, quarenta e quatro, relativos a si e a homonimos seus, que encontrei apontados nos indices da Torre do Tombo, e em outras partes, abrangendo o largo periodo de 1435 a 1578, nenhuma referencia a outro João de Abreu achei que pudesse ter andado por esses tempos no paço, a não ser em

7 *Chancelaria de D. Affonso V*, liv. 36.º, fl. 40. Indicou-me este doc. o meu amigo general Brito Rebello.

8 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 28.º, fl. 94, trazendo nesta a carta de Affonso V a data de 26 de fevereiro.

9 *Ibidem,* liv. 13.º. fl. 37.

10 *Archivo Historico Português,* v, 362 e 349.

11 Sousa, *Provas da Historia Genealogica,* II, 81.

posição muito subalterna. Appareceu-me um Aposentador de D. Afonso V em 1471, que não é provavel fazer ainda versos em 1510; um Moço do monte accrescentado a escudeiro em 1507, e que os fidalgos não admittiriam na sua convivencia; um Moço da Camara em 1519, que havia sido criado de Jorge de Mello, e portanto nas mesmas condições do precedente; e finalmente varios outros pacificos, pacificos não digo bem, porque a alguns tiveram de ser perdoados diversos delitos, mas modestos moradores de Monsão, Terena, Torres Novas, Crato, Faro, etc.

É possivel que João de Abreu Colaço, sobrenome que em alguns documentos lhe é dado, fosse «o nosso escudeiro» contra quem o albardeiro João Lopes se queixara á justiça, affirmando «que elle lhe dormira com Beatriz Fernandes sua mulher»; e a quem D. João II perdoou por carta de 4 de maio de 1492, depois d'elle ter pago mil e quinhentos reaes para a Arca da Piedade, e depois do intratavel albardeiro ter morrido[12]. Deixemos porem o duvidoso, e vamos ao certo.

Em 1515, já com os seus sessenta annos bem contados, casou o nosso poeta, se elle tal designação merece. Em 3 de novembro do anno precedente passaram-se dois mandados para o Recebedor da sisa do pescado de Lisboa pagar certos dinheiros a D. Isabel de Almeida, filha de Pero Vaz de Almeida, que estivera por capitão no castello de Arguim. Um dos mandados era de trezentos e quarenta mil reaes que haviam sido a parte de D. Isabel numa tomadia feita por seu pae; o outro era de sessenta mil reaes, «de que lhe fizemos mercê para ajuda do seu casamento». Dos quatrocentos mil reaes, somma de ambos os mandados, passou recibo, em 31 de dezembro de 1515, João de Abreu, marido de D. Isabel de Almeida[13].

Vivia João de Abreu, provavelmente, numas casas suas proprias na Alcaçova de Lisboa, junto ás quaes possuia outras que eram foreiras ao Almazem do Reino, foro que remiu por escritura de 11 de dezembro de 1516, confirmada por carta regia de 23 do mesmo mês do anno seguinte[14]. Pouco mais tempo houve de vida, porque d'ali a tres annos já sua viuva tinha tornado a casar. A 18 de março de 1520 passou-se um mandado de dezoito mil

---

12 *Chancelaria de D. João II*, liv. 5.º, fl. 31.
13 *Corpo cronologico*, parte 1.ª, mac. 16, doc. 94 e 95.
14 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 10.º, fl. 5.

reaes para «D. Isabel de Almeida, mulher que foi de João de Abreu Collaço, que Deus perdôe», receber de seus «corregimentos desposouros»; e logo a 1 de maio foi expedido novo mandado de mais quarenta e oito mil reaes, primeiro terço das mil e duzentas coroas do seu casamento, e estes já foram recebidos por procuração feita em Torres Vedras por D. Isabel e seu segundo marido D. Antonio de Meneses [15].

No *Cancioneiro* existem tres trovas de João de Abreu: umas glosando um rifão dirigido pelo Conde do Vimioso a uma senhora, que num serão puzera os olhos num homem; outras apodando Simão de Sousa do Sem por causa das suas esporas; e as terceiras ajudando Aires Telles nos improperios dirigidos ao rendeiro da Chancellaria, Jorge de Oliveira, pelo exagerados emolumentos levados a Jorge de Mello por um padrão que lhe despachára [16].

Nestas trovas ao Oliveira queixa-se João de Abreu da sua sorte:

Eu nam devo de tocar
nada ssobre este rrifam;
porque, quẽ nam vyo medrar
nam pode ssaber falar
em padrão.

E effectivamente, para colaço de um Rei tão generoso como foi D. João II, medrou pouco João de Abreu. Alguma razão haveria, que os documentos não revelam. Vejo porem a antiga Ama muito protegida pela Rainha D. Leonor, que ficou por sua testamenteira; vejo D. Manuel dando ao Abreu uma tença avultada, e um bom dote a sua noiva; e talvez que estes factos denunciem os motivos do pouco interesse que mostrou D. João II pelo seu colaço. Este inclinara-se para a má parte.

Os apodos a Simão de Sousa, poeta do *Cancioneiro*, são de 1510; os dirigidos a Jorge de Oliveira, posteriores a 1508; os endereçados á miradora dama, tambem deverão ser d'esses tempos.

---

15 Lousada, *Sumarios da Torre do Tombo*, III, fl. 785 v. e 791 mihi.
16 *Cancioneiro geral*, fl. 145, col. 5.ª, fl. 176, col. 5.ª, e fl. 180, col. 2.ª

§ 1.º

JORGE DE OLIVEIRA

Era um gordo judeu castelhano que fora criado em casa da Infanta D. Beatriz, por cuja recommendação seu filho El-Rei D. Manuel nomeou, por carta dada em Lisboa a 11 de dezembro de 1500, recebedor da Chancellaria da Corte, sem mantimento, somente com a moradia de escudeiro que tinha assentada nos livros da cozinha [17]. Elle era porem tão manifestamente christão novo, que foi preciso passar-lhe uma carta de habilitação *de genere,* para poder gozar dos privilegios do seu officio.

Foi ella concedida em Lisboa a 18 de outubro de 1501, e declara em resumo: que, havendo respeito á criação feita pela Infanta, mãe de El-Rei em Jorge de Oliveira, escudeiro da casa de El-Rei e recebedor da Chancellaria da Corte, e assim elle ser tal que o merece, ha El-Rei por bem e lhe praz que nenhumas ordenações, crimes nem civeis, posturas, pregões e costumes que, por El-Rei, seus officiaes e povo tenham sido feitas e ao diante forem, nenhumas d'ellas se entenderão contra Jorge de Oliveira, sua mulher e filhos, porque de todas os aparta, e annulla para elles. Ha mais por bem, que elle nem os filhos se possam chamar christãos novos, porque os aparta d'elles, e annulla toda e qualquer macula que por causa da sua nascença contra elles se possa allegar, por quanto supre ao defeito d'ella, «e nos praz e queremos, que em todalas cousas possam fazer e dizer, como que da dita nação não fossem», etc. [18].

Apesar de todas estas isenções não escapou Jorge de Oliveira ás vaias dos cortezãos, que lhe chamam christão novo e o mandam para a fogueira:

qu'em inverno e em verão
podem queymar oliveira!

Ellas comtudo, ainda que o offendessem, nenhum mal lhe trouxeram, porque até ao fim da vida conservou o officio. Attesta-o a carta de 15 de agosto de 1527 pela qual Simão de Oliveira, moço

---

[17] *Chancelaria de D. Manuel,* liv. 12.º, fl. 58 v.
[18] *Ibidem,* liv. 17.º, fl. 90.

da camara, foi nomeado recebedor da Chancellaria da Corte, officio que vagára por fallecimento de seu pae Jorge de Oliveira[19].

As trovas haviam sido escritas depois de fevereiro de 1506, porque a 5 d'esse mês morrera João Rodrigues Mascarenhas[20] em nome de quem um dos poetas palacianos invectivara o exigente Judeu, simulando serem as trovas dirigidas do inferno[21]. João Rodrigues parece que merecera estar em tão inconfortavel sitio, provavelmente por analogas exigencias ás de Jorge de Oliveira, visto haver aquelle sido tambem rendeiro da Chancellaria nos annos de 1504 e 1505 e primeiros trinta e seis dias de 1506[22]; nos annos seguintes não encontro outro rendeiro senão Estevam Lopes, nos de 1513 a 1517[23]. Foi portanto Jorge de Oliveira rendeiro da Chancellaria nalguns ou em todos os annos que medearam de 1506 a 1513; porque convem notar que elle, apesar de haver sido, por carta de dezembro de 1500, nomeado recebedor da referida Chancellaria (a grande, ou da Corte, ou a nossa, como nos documentos é designada), já exercera o officio em todo aquelle anno, e seguidamente apenas o desempenhou nos de 1501, 1502 e 1503[24].

Em annos posteriores encontram-se indicados varios outros individuos como recebedores d'aquella Chancellaria[25], cargo que poderiam ter exercido interinamente, tornando Jorge de Oliveira só em 1518 a occupa-lo em pessoa[26].

Servem estes apontados documentos para provar que, só nos annos de 1506 a 1513, ou em parte d'elles, poderia ter Jorge de Oliveira sido rendeiro da Chancellaria, coincidindo essa ocupação com a ineffectividade no serviço do officio de recebedor. Devemos por isso collocar a data da composição das trovas dentro d'aquelle periodo, o qual ainda podiamos encurtar, se attendermos a que um dos poetas invectivadores, Nuno da Cunha, partiu para a India em março de 1506, regressando só em julho de 1508[27].

Entretanto, quando tratar de Jorge de Mello, poderei, provavelmente, precisar mais a data das trovas.

---

19 *Chancelaria de D. João III*, liv. 30.º de *Doações*, fl. 133.

20 *Cartas de quitação del Rei D. Manuel*, n.º 417, no *Archivo Historico Português*, IV, 73.

21 *Cancioneiro*, fl. 180, col. 3.ª

22 Cit. *Cartas de quitação*, n.º 416.

23 *Ibidem*, n.º 185, cit. *Archivo Historico*, II, 176.

24 *Ibidem*, n.os 435 e 436, vol. IV, fl. 237.

25 *Ibidem*, n.os 108, 162, 213, 295, 437 e 582.

26 *Ibidem*, n.º 437.

27 *Revista Lusitana*, X, 283.

IV

JOÃO GOMES DE ABREU

João Gomes de Abreu, o das trovas, como é designado em alguns nobiliarios antigos, foi filho de Antão Gomes de Abreu, fidalgo da casa de El-Rei, e de sua mulher D. Isabel, filha de Fernão Soares, senhor do Prado, e sobrinha de Diogo Soares de Albergaria, mordomo-mor do Principe D. João, depois D. João II.

Antão Gomes havia incorrido no desagrado de D. Affonso V, como consta de duas cartas: uma, dada em Lisboa a 20 de outubro de 1471, pela qual El-Rei, apesar de «por algumas ordenações semelhantes pessoas (isto é, pessoas que se encontravam no caso d'elle) não poderem haver nem ter bens em nossos reguengos», lhe concede que possua os que ficaram por morte de seu sogro [1]; a outra, passada em Peñafiel a 22 de setembro de 1475, pela qual, em virtude do muito serviço d'elle recebido na ida a Castella, restitue D. Affonso V a Antão Gomes a tença ordenada ás duas mil coroas do seu casamento, a qual, «por algum desprazer que tivemos... lhe tirámos» [2]. Não creio que o descontentamento proviesse d'elle haver seguido o partido do Infante D. Pedro; isso já lá ficava muito longe; outro ignorado motivo daria logar ao desfavor regio.

Contemporaneos do poeta do *Cancioneiro* existiram mais dois fidalgos homonymos.

O mais velho João Gomes de Abreu casou em 1483, sendo fidalgo da casa do Duque D. Diogo, com Joanna de Mello, filha de um Prior de Refoios [3]; teve em 1491, sendo fidalgo da casa do Duque D. Manoel, carta de privilegios de fidalgo para a comarca de Entre Douro e Minho [4]; foi nomeado em 1496 coudel de Valença do Minho, onde morava [5]; e morreu antes de 12 de

---

1 *Chancellaria de D. Affonso V,* liv. 22.º, fl. 132 v.
2 *Ibidem,* liv. 30.º, fl. 53.
3 Bezerra, *Estrangeiros no Lima,* I, 247.
4 *Chancellaria de D. João II,* liv. 9.º, fl. 131.
5 *Chancellaria de D. Manoel,* liv. 26.º, fl. 39.

maio de 1530[6], sobrevivendo-lhe sua mulher até 27 de setembro de 1549[7].

O outro João Gomes de Abreu, um pouco mais novo do que o poeta, era dos Pessanhas de Elvas, e apparece com o foro de moço fidalgo na lista de 1484. Casou em 1503 com D. Margarida de Vilhena, filha de Manoel de Mello, alcaide-mor de Olivença[8], e morreu em 1523, deixando sua mulher viuva[9].

Sobreviveram portanto ambos estes ao João Gomes de Abreu das trovas, que faleceu em 1507, como logo direi.

E a proposito d'estes tres fidalgos homonymos e contemporaneos, abrirei aqui um parenthesis.

Dois amigos meus, que se interessam ambos muito por este genero de estudos, disseram-me, em occasiões diversas, a proposito de D. Leonor Mascarenhas, de quem tratei no capitulo I, que eu fizera mal em deixar de notar o erro de alguns autores que confundiram aquella senhora com outra do mesmo nome, muito mais moderna; e acrescentaram que, da minha omissão, poderiam resultar embaraços para algum estudioso menos a par da defeituosa maneira, pela qual tem sido investigado o assunto tratado nestes artigos. A coincidencia d'aquelles espontaneos reparos, confirmados pelo parecer de outro amigo, igualmente illustradissimo investigador historico, a quem os apresentei, obriga-me a cuidar que terão razão. Por isso, d'aqui em deante, quando não puder deixar de ser, e um tanto constrangido, confesso-o, porque o meu fim não é destruir, é edificar, apontarei os enganos mais importantes padecidos por outros escritores.

Fechado o parenthesis, voltarei a João Gomes de Abreu, o das

trovas, advertindo que o Sr. Teofilo Braga, no cap. IV do livro 3.º dos seus *Poetas palacianos,* o confundiu com o seu homonymo acima mencionado, que viveu no Minho, e com o João de Abreu, de quem tratei no capitulo III. Advertirei outrosim que os versos de João Gomes de Abreu, bem como os apodos a elle dirigidos, é tudo do anno de 1498, como claramente indicam estas palavras dos titulos das trovas: «estando com El-Rei em Aragão» e «sendo

6 *Chancellaria de D. João III,* liv. 39.º de *Doações,* fl. 65.
7 Fr. Pedro de Jesus Maria José, *Chronica da Conceição,* II, 50.
8 *Chancellaria de D. Manoel,* liv, 21.º, fl. 10 v.
9 *Livro das tenças del Rei,* no *Archivo Historico Português,* II, 123 e 129.

El-Rei em Saragoça». Alludem estes dizeres aos chamados juramentos de Castella, quando D. Manoel e D. Isabel foram proclamados principes herdeiros d'aquelle reino e do de Aragão. Por ultimo, tambem observarei que nenhuma razão plausivel ha para suppor, que João Gomes de Abreu tivesse sido o autor dos *Porquês de Setubal,* escritos quando elle deveria ser muito novo.

Teve João Gomes de Abreu um tio, que depois de bispo se chamou D. João de Abreu, e que já em 1469 presidia na diocese de Viseu. Este Bispo teve amores com D. Brites de Eça, freira e Abbadessa em Cellas, da qual teve uns poucos de filhos. Seguiu o poeta o exemplo do tio e foi procurar amante nas freiras da familia de Eça, as quaes parece terem tomado a peito procrear bastardos dos Abreus.

D. Brites de Eça, Abbadessa de Cellas, teve filhos do Bispo D. João de Abreu, como já disse; D. Catherina de Eça, irmã de D. Brites e famosa Abbadessa de Lorvão, foi amante de Pero Gomes de Abreu, senhor de Regalados e sobrinho neto do Bispo; D. Joana de Eça, Abbadessa de Cellas, e filha de João Rodrigues de Azevedo e de D. Branca de Eça, irmã das outras duas Abbadessas, teve amores com Vasco Gomes de Abreu, poeta do *Cancioneiro* e sobrinho do Bispo D. João; e, finalmente, D. Filippa de Eça, Abbadessa de Val de Madeiros e depois de Lorvão, e filha de D. Pedro de Eça, irmão das duas primeiras Abbadessas, foi amante do irmão de Vasco, do nosso João Gomes de Abreu das trovas.

Aos seus amores com a freira existem muitos remoques no *Cancioneiro.*

No verão de 1498 estava João Gomes em Lisboa, e galanteava alguma pessoa do Paço, que então era na Alcaçova. Um dia, estando a cavallo da parte de fora da muralha, a falar com sua dama, o animal resvalou, e caiu pela costa do castello abaixo, indo morrer lá ao fundo, sem que tivesse comtudo succedido mal ao cavalleiro.

Sabido o caso na côrte, veiu logo Duarte da Gama com umas trovas apodando João Gomes [10], e começa:

A morte deste cavalo
me mataraa de payxam
se vos faz hyr a Lorvam.

---

[10] *Cancioneiro,* fl. 169, col. 2.ª e seguintes.

E torna a voltar á carga por umas poucas de vezes:

Se quereys, senhor, servyr
as damas de perfeyçam
nam vos vades a Lorvam.
. . . .
E poys dela escapastes,
seraa muy grande rrezam
que nam vades a Lorvam.
. . . .
Aguora vos querem dar,
em ç'andeis, huũ rroçynam,
por nam irdes a Lorvam.
. . . .
E de como añdays hõrrado
seraa bem que vosso irmão
leve as novas a Lorvam.

Acode logo D. Garcia de Albuquerque, um dos Penamacores, dizendo:

. . . .
Vós deveis logo d'andar,
sem tardar,
a buscar asolviçam
ho moesteyro de Lorvam.

Na esteira d'estes dois, alludindo sempre a Lorvão, seguiram outros poetas: D. Bernardim de Almeida, João Paes, Diogo Brandão, Pero Fernandes Tinoco, que entre outras coisas lhe diz:

Mas segundo, senhor, ssey
que de todo estays sem pelo,
s'estivera aquy el rrey,
cavalgáreys no camelo;
ou trabalhay por avelo
d'Aragam,
e espantarês Lorvam.

O peor de todos, porque atirou mais certeiro á balda de João Gomes, foi o outro Penamacor, D. Affonso de Albuquerque:

Mal andastes,
pois vos pareçeo rrezam
do paço fazer Lorvam.

Em seguida inventou Diogo Brandão, «que João Gomez mandara esfolar o cavalo e vender a pele, e que huũ moço seu a dera

por quatro vynteẽs, e que ele, nã contẽte, mãdara dyzer a quem a cõprou, que lhe desse a pele ou mays dinheyro por ela»[11]. Armada a historia, desatam outra vez todos os referidos poetas a dirigir gracejos ao amante da freira, distinguindo-se as segundas trovas de Diogo Brandão, por darem traços biograficos:

Foy erro bem de culpar,
e condenar,
em ser Joam degradado
nam sendo nada culpado.
. . . .
Que, cõ monjas se rrequebre,
nam é nelas tam culpado
que mereça desterrado.

Vê-se que o caso da queda do cavallo pela costa da Alcaçova abaixo produziu escandalo bastante para levar a severa Rainha D. Leonor, então Regente do Reino, a mandar desterrar o atrevido trovador, que teve denuncia das satiras:

Veo m'aas orelhas ter,
qua ond'ando degradado,
que me tem já lá trovado[12].

O que não sei é para onde foi o degredo, e bem assim pouco mais descobri da vida do poeta, que morreu moço e solteiro.

Tenho um nobiliario, original decerto, mas anonymo, o qual foi escrito no principio do segundo quartel do seculo XVII, em dois volumes, dos quaes o primeiro me veio parar á mão quando comprei todos os manuscritos da casa de Azurara. O segundo encontrei pouco depois na livraria do fallecido Marquês de Castello Melhor, que me propoz jogarmos os dois volumes, e, como tive a sorte de ganhar, completei a obra. No tal nobiliario, no tomo II, fl. 351 v., encontra-se isto: «João Gomez de Abreu filho 2.º deste Antão Gomez ouve de dona fellippa de Eça Abadeça de Val de Madeiras filha de dom Pedro de Eça a dona francisca de Abreu freira em Sam Bernardo do Porto de quem cristovam da Cunha ouve hu filho e hua filha (era o sangue dos Eças a ferver) e João

---

11 *Cancioneiro,* fl. 170, col. 1.ª
12 *Ibi,* col. 6.ª

gomez foi o das trovas mui valido del Rei dom Manuel morreo solteiro na ilha de S. Lourenço por Capitão de hua náo».

Effectivamente, João Gomes partira em 1506 na armada de Tristão da Cunha, capitaneando uma nau, e morreu na ilha de Madagascar nos principios do anno seguinte [13].

Sua amante, D. Filippa de Eça, sobreviveu-lhe muitos annos, e foi uma verdadeira heroina, não só em amores, mas em intrigas, sustentando renhida luta com D. João III, na qual ella ficou por fim victoriosa, tendo amargurado muitos dias da vida do rei fradesco.

D. Filipa de Eça, a amante de João Gomes de Abreu, foi filha bastarda de D. Pedro de Eça, Alcaide-mor de Moura, e neta de D. Fernando, senhor de Eça, que fôra casado ao mesmo tempo com umas sete mulheres, e houvera mais de quarenta filhos [14]. Com tal progenitor não admira que tivessem saído tão devassas a maior parte das suas filhas e netas.

Foi D. Filipa entregue a sua tia a Abbadessa D. Catherina de Eça, que em Lorvão a criou á sua imagem e semelhança. D'aquelle mosteiro, onde provavelmente professara, saiu D. Filipa, não sei quando, para o outro, tambem cisterciense, de Val de Madeiros, do qual foi nomeada abbadessa em virtude da influencia que sua familia tinha então na Ordem de S. Bernardo. S. João de Val de Madeiros era comtudo um pequeno e pobre mosteiro junto a Cannas de Senhorim, o qual foi extincto em 1560 pelo Cardeal D. Henrique [15]; era, portanto, fraco theatro para tão illustre heroina.

Emquanto nelle ia D. Filipa levando a vida que podemos calcular pelas suas posteriores aventuras, morria D. Catherina de Eça, e passava o governo de Lorvão para D. Margarida de Eça, que julgo seria a viuva de João Mendes de Vasconcellos, senhor

---

13 No vol. 1, a pag. 660 das *Lendas da India,* de Gaspar Correia, encontra-se, entre os capitães da armada de Tristão da Cunha, a João Gomes de Abreu, *da Ilha;* é porem erro de impressão ou de copia. Barros, na *Decada* 2.ª, fl. 1 v., escreveu positivamente: «João Gomez Dabreu, filho de Antão Gomez Dabreu»; e o mesmo se lê na *Emmenta da Casa da India,* p. 240 do vol. de 1907 do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.* No original das *Lendas* o que deveria estar era João Gomes de Abreu, *na Judia,* nome da sua nau, como declara Castanheda no liv. 2.º da *Historia da India,* pag. 61.

14 Goes, *Nobiliario.*

15 Viterbo, *Elucidario,* v. Ordenar.

de Alvarenga, sobrinha de D. Catherina. Adoeceu d'ali a tempos D. Margarida, Abbadessa de Lorvão, casa em que «ha sessenta annos e mais, que nella são abbadessas mulheres da linhagem dos de Eça, em modo que grande parte das monjas da dita casa são da dita linhagem, e algumas filhas de monjas da dita linhagem, que já nasceram na dita casa. E do dito tempo para cá... se viveu muito tempo mui dissolutamente, e muitas monjas della... tem filhos e filhas... E entre as monjas da dita casa, que... tem filhos, e que dissolutamente viveram, é D. Filipa de Eça» [16]. Nestas condições, não admira que as monjas quisessem continuar sob a dominação nada severa de outra Eça, e que para isso mandassem chamar de proposito, e á pressa, D. Filipa a Val de Madeiros, e a elegessem sua prelada no dia 11 de fevereiro de 1538, não tendo sequer dado tempo á sua predecessora para acabar de morrer, tal era a urgencia [17].

A nova Abbadessa dirigiu-se immediatamente ao Papa supplicando lhe validasse a eleição, absolvendo-a de certas censuras em que incorrera, e confirmando-lhe a abbadia de Lorvão. No requerimento, como habil intrigante, vae tratando de, pelo interesse, pôr a Róta da sua parte, offerecendo a quem o Pontifice indicar os frutos do mosteiro, os quaes não excediam comtudo a dois mil ducados de camara por anno. Concedeu-lhe Paulo III tudo quanto ella pediu, por provisão dada em Viterbo a 8 das kalendas de abril do anno quarto [18], 25 de março de 1538.

D. João III, no proposito de morigerar os mosteiros, e nesse intento tinha razão, não viu com bons olhos a eleição de D. Filipa, e levou seu irmão o Cardeal Infante D. Affonso, que era Abbade de Alcobaça e Visitador da Ordem de Cister, a declarar nulla a eleição e fulminar excommunhões contra D. Filipa, que nenhum caso d'isso fez. Recorreu então El-Rei ao braço secular, e no dia 20 de abril de 1538, vespera de Paschoa, teve logar o assalto ao mosteiro.

---

16 *Corpo diplomatico português,* vol. v, p. 206.

17 *Instrumento por que consta expulsar El-Rei a D. Filippa,* etc. Está na *Gaveta* 1.ª, maço 6, n.º 1, onde me não seria facil ir dar com elle, pela maneira defeituosa como está lançado no respectivo indiçe. Apontou-me o documento o Sr. Simões Baião, então segundo conservador no Archivo Nacional, hoje d'elle director, e que pela sua applicação e solicitude mostra o acerto com que foi nomeado para este logar.

18 *Gaveta* 2.ª, maço 9, n.º 15, em extracto, faltando, ao que parece, alguma parte essencial, pelo que se torna difficultoso de entender.

Nesse dia appareceram em Lorvão o Corregedor e o Juiz de Coimbra, acompanhados de meirinhos, beleguins, tabelliães, carpinteiros, serralheiros, oleiros, soldados, e muita gente de pé e de cavallo, na qual se comprehendiam espingardeiros, bésteiros e archeiros, alguns armados, e finalmente muito povo.

Tudo isto parou á porta da hospedaria do mosteiro, a qual estava cuidadosamente cerrada.

Ao ruido acudiu o Dr. Francisco Mendes, procurador de D. Filipa, perguntando o que desejavam, ao que o Corregedor respondeu que queria ler uma provisão de El-Rei. Ouvido isto, appareceu a Abbadessa a uma das janelas da hospedaria, declarando, em seu nome e no das setenta mulheres que estavam com ella, que lhes aprazia de ouvir a leitura.

A provisão ordenava a expulsão de D. Filipa, por bem ou á força, e neste caso *honestiore modo.*

Terminada a leitura, deu-lhes o Corregedor uma hora para se resolverem. As freirinhas, porem, decididas á resistencia, pouco se importaram com as ameaças e mandaram o seu Prior intimar o Corregedor, em nome do Papa e da Róta, a que não tentasse arrombar as portas do mosteiro, nem ousasse pôr as mãos em D. Filipa, abbadessa benta e sagrada, incorrendo, no caso de o fazer, em pena de excommunhão e de dez mil ducados de multa para a Camara Apostolica.

Estas ameaças, que já haviam feito recuar outro Corregedor, não atemorizaram este, escolhido de proposito para o caso, e que, passada a hora, foi o primeiro a pôr as mãos na porta, dando o sinal do arrombamento. Recolheu-se então o mulherio para dentro, correndo pelos corredores e claustros direito ao coro, gritando por Deus e pelo Papa.

O Corregedor e a sua gente iam sempre avançando, até que chegaram á quinta porta, junto á qual, mal arrombada ainda, estacaram ao darem com as freiras ajoelhadas no coro rezando as horas da vigilia da Paschoa, como se nada fosse com ellas. Pouco durou porem a surpresa, porque um dos beleguins, illustre ascendente dos policias de agora, metteu a espada pelas aberturas da porta meio arrombada e foi ferir uma religiosa no braço.

O sangue da monja foi o sinal do combate. Os restos da porta voaram em pedaços, dando-se então o indispensavel milagre: duas das taboas despegaram-se em cruz, e assim foram pelo ar até á outra extremidade do coro.

D. Filipa estava sentada na cadeira abbacial, tendo a cruz levantada ao seu lado, e rodeada de todas as suas monjas, que

entoavam hymnos sagrados, logo interrompidos pela brutalidade dos invasores, que puzeram mãos sacrilegas nas travessas freirinhas. Ao dize tu, direi eu, da hospedaria para o terreiro, seguiu-se no coro a luta braço a braço, na qual as monjas mostraram não desmerecer do fidalgo sangue de que provinham. A murro, á dentada, á arranhadura, lá iam denodadamente defendendo a sua prelada.

Que scena tão extraordinaria para o côro de um mosteiro cisterciense! O que não seria a gritaria? O que não seria a indecencia, apesar do *honestiore modo* recommendado pelo Soberano? Quantos delicados braços, quantos alvos collos não descobririam as ferozes manapolas dos esbirros do corregedor? Só pasmo de como elles tiveram animo para proseguir, e não cairam, vencidos e penitentes, aos pés das gentis monjas, implorando perdão e esquecimento, que ellas, as bernardas de Lorvão, educadas na escola das Eças, graciosamente concederiam no enthusiasmo da victoria. Mas juizes e esbirros não são homens, e por isso continuaram a luta, na qual tiveram a vergonha de ficar vencedores. Chegaram á cadeira abbacial, da qual, á força, arrancaram D. Filipa, depois de terem quebrado a alçada cruz, e de haverem dilacerado todo o habito da Abbadessa. Então, arrombada a grade do côro, arrastaram D. Filipa até ao meio da Egreja, onde a sentaram num banco de madeira, no qual a levaram para fora do onvento.

Amarrada ao banco, gritava D. Filipa, chamando a todos para testemunhas da violencia que exerciam sobre uma abbadessa benta e sagrada, despojando da sua posse a ella, a bisneta do Infante D. João! Acompanhavam-a em seus clamores todas as monjas, gritando o mais que podiam.

Assim a trouxeram até ao claustro, onde toda a communidade, com a Prioreza á frente, se acercou pela ultima vez de D. Filipa, beijando-lhe as mãos, affirmando que só a ella reconheceriam por sua prelada, ratificando e validando a eleição nella feita, e protestando que não obedeceriam a D. Milicia de Mello, que El-Rei ali punha á força, porque eram immediatas unicamente do Papa. Feitas as despedidas com o clamor e lagrimas que se podem adivinhar, foi D. Filipa transportada, sempre na tal cadeira, para casa de uma preta que fôra serva no mosteiro; e no dia seguinte, domingo de Paschoa, levada para Cellas [19].

---

19 Cit. *Instrumento.*

As peripecias que se seguiram na lucta entre D. Filipa e D. João III, são mais ou menos conhecidas pelos documentos impressos no *Corpo diplomatico,* e que já Herculano e outros aproveitaram. Existe porem uma carta interessantissima, dirigida pela Abbadessa a El-Rei, carta de que, bem como do instrumento até aqui extractado, creio não ter ninguem ainda feito uso.

A carta não tem data, mas declara ser escrita depois de 17 de um mês de maio, que deverá ter sido o do anno de 1544, porque a 1 de dezembro do precedente, dirigiu El-Rei um alvará a D. Filipa, dizendo-lhe que estava informado della ter havido da Róta executorias com as suas tres sentenças sobre a posse e frutos da abbadia, «pelo que vos encommendo muito... e vôl-o agradecerei muito» (de potencia a potencia!), que não use das executorias sem lh'as mostrar, e tambem lhe pede que não esteja no mosteiro das Cellas[20]. Ora D. Filipa, no fim da carta a El-Rei, diz não ter deixado Cellas, de onde, por não obedecer ao precedente alvará, fôra intimada a saír pelo Corregedor; mas não quisera saír sem ter mandado fazer, em virtude da sentença e executorias alcançadas, sequestro nas rendas da abbadia, o qual «está feito e posto, e foi com tanta ordem e cortezia e bom estilo, e tão fora de oniões, como V. A. saberá por testemunhas»[21].

A mangação não é má, porque o que foi a tal boa ordem e cortezia, sabe-se por uma carta de D. João III ao seu enviado em Roma, na qual insta por que lhe alcance do Papa provisão, havendo por nullo o procedimento do clerigo a quem D. Filipa encarregara de fazer cumprir as executorias, em virtude das quaes elle poz interdito na cidade de Coimbra! Excommungou a torto e a direito, andando «muitas pessoas evitadas por excommungadas, e perdem por isso suas fazendas, e deixam de fazer seus officios, e principalmente Braz Nunes, Conego da Sé da dita cidade, que ha muitos dias que é evitado por excommungado, e não leva nem recebe as rendas da sua conezia, o qual o dito clerigo excommungou, por elle acceitar ser executor da inhibitoria», que viera de Roma contra D. Filipa[22]. E poucos dias depois supplica mais provisões do Papa a fim de acudir a D. Milicia de Mello, Abbadessa de Arouca, e D. Anna Coutinho, que El-Rei havia

20 *Corpo cronologico,* parte 1.ª, maço 74, doc. 28.
21 *Cartas missivas,* maço 2.º, n.º 20.
22 *Corpo diplomatico português,* vol. v, p. 321.

successivamente nomeado abbadessas de Lorvão, e sobre as quaes o clerigo tinha lançado interdicto [23].

Ao lerem-se estes e outros mais documentos, ao ver-se o reboliço posto na propria cidade de Coimbra e em varios mosteiros de bernardas, pasma-se da força que de Roma era dada a D. Filipa, a quem a Róta sustentou sempre, mesmo depois de saber que ella, já velha avó [24], fôra encontrada pela justiça com outra freira e a amante de certo padre, escondidas todas tres, em habitos muito menores, numa furna que o devasso já para o intento mandara cavar na sua casa [25]. Pois, apesar de tudo isto, D. Filipa venceu afinal, e o Papa Julio II, pelo breve de 12 de setembro de 1551, recommenda a D. João III que favoreça D. Filipa de Eça, que por letras apostolicas havia sido restituida á sua dignidade de abbadessa de Lorvão [26].

Causa pasmo e tedio ver tão pouco escrupulo na Curia em materia tão escandalosa, no tempo em que a Reforma ia alastrando pela Europa, poucos annos depois da separação da Inglaterra! Mas, se esta parte do vergonhoso pleito nos aborrece, não podemos deixar de rir da maneira petulante como D. Filipa escarnece do imbecil D. João III.

El-Rei intimou-a a sair de Cellas e alongar-se quinze leguas de Lorvão; mas, diz ella, crê, «que, segundo as mui grandes e acostumadas virtudes de V. A. e zelo real de justiça», mandaria, pelo contrario, mettel-a de posse da sua abbadia, se lhe constasse das sentenças que de Roma lhe mandaram. «Agora me são chegadas duas, a saber: uma contra a Abbadessa de Arouca, e outra contra D. Anna Coutinho, sua sobrinha, dadas na Róta do Santo Padre, onde se não costuma julgar contra justiça, e mais em favor de parte que sempre foi tão desamparada e pouco favorecida como eu, assim neste reino como em Roma, porque de crer é que não deram sentenças por mim, se me não sobejasse na justiça pano para mangas» [27].

Ella até convenceu o Papa que D. João III, «por certos respeitos» [28], favorecia D. Anna Coutinho, que elle havia posto em Lorvão!

---

23 *Ibidem*, p. 351.
24 *Ibidem*, p. 266.
25 *Ibidem*, vol. VI, p. 56.
26 *Ibidem*, vol. VII, p. 55.
27 *Cartas missivas*, maço 2.º, n.º 20.
28 *Corpo diplomatico português*, vol. VI, p. 25.

Pois esta heroina é que foi a amante de João Gomes de Abreu, que nas suas trovas a ella comtudo não allude.

De todas as poesias de João Gomes de Abreu conservadas por Garcia de Resende no *Cancioneiro*, a mais interessante, são as trovas dirigidas no verão de 1498 «a D. Duarte de Meneses, estãdo cõ el rrey nosso senhor ẽ Aragã ẽ que lhe daa novas de Lixboa»[29].

D. Duarte de Meneses, que posteriormente foi capitão de Tanger e alcaide-mór do Sabugal e de Alfaiates, era primo de outro D. Duarte de Meneses, tambem capitão de Tanger, que em 1521 foi nomeado governador da India. É preciso portanto não os confundir. O primeiro tinha vinte e nove annos no verão de 1498, por haver nascido em agosto de 1469[30], e com seus irmãos D. Diogo e D. Garcia, acompanhara D. Manuel a Aragão[31]; ao passo que o segundo não podia ter nesses tempos mais de dezasete ou dezoito annos, porque seus paes haviam casado entre 18 de maio de 1478 e 16 de junho de 1480[32], e não consta que tivesse ido a Aragão.

A D. Duarte de Meneses, aquelle a quem João Gomes endereçou as trovas, me tornarei a referir, porque tambem foi poeta do *Cancioneiro*, e até, por sinal, exactamente na occasião em que o outro lhe escrevia de Lisboa, compunha elle em Aragão umas trovas «ás ceroilas de chamalote que fez Manuel de Noronha»[33].

As «novas de Lisboa» dão-nos pormenores deliciosos do viver da côrte. São a gazeta do tempo. Merecem pois transcrição e estudo especial, apesar de conterem allusões indicifraveis para mim.

Começa João Gomes:

Meu senhor, por vos paguar
os emssynos que me days,
novas vos quero mandar,
com qu'ee çerto que folguays.
Temos qua muy gẽtys damas,
e muy bem acompanhadas;
e vós lá, paguays as camas
e pousadas.

---

29 *Cancioneiro*, fl. 190, col. 3.ª
30 *Sepulturas do Espinheiro*, p. 36.
31 Resende, *Entrada em Castella*, fl. 128 v.
32 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 138.
33 *Cancioneiro*, fl. 162, col. 2.ª

Nã promettẽ caa pãcadas
as damas por lhes falar,
mas dã dores muy dobradas
a quẽ não sse quer calar.
Dã dinheyro por ouvyr
ás vezes toda pessoa;
andam gordas já de rryr
nesta Lixboa.

Já nã tomã qua espadas
em as calhes desonestas;
mas muy açerca das frestas
das nossas damas prezadas,
com bisarma Bras Correa
quer o paço vyr roldar;
boõs fidalguos aa cadea
quer levar.

O terrivel Brás Correia, ou melhor Brás Afonso Correia, que de bisarma em punho rondava muito junto das frestas do paço da Alcaçova, vigiando as damas e prendendo os fidalgos namorados, era o corregedor de Lisboa. Houve elle carta do officio só em 4 de dezembro de 1501, mas d'ella propria consta que já o exercia, havia tempo, por mandado de D. Manuel[34].

Do Corregedor se temia João Comes de Abreu, porque eram officiaes do mesmo officio, ambos amantes de freiras. Effectivamente, por cartas de 1 e 2 de março de 1496 haviam sido legitimados Francisco e Maria, filhos de Brás Afonso, «e de D. Isabel, freira professa»[35]. Aquella Maria veiu a ser mulher de Rui de Figueiredo, escrivão da Fazenda, e poeta do *Cancioneiro,* como veremos.

Conservou Brás Correia o officio de corregedor de Lisboa até aos fins de 1514, ou principios de 1515, pois que neste anno, por cartas de 6 de julho e de 1 de agosto, foram-lhe dadas duas tenças pela corregedoria que largára[36]. Já era fallecido em 1528, e parece ter morrido pouco antes de 31 de março[37].

---

34 *Chancelaria de D. Manuel,* liv. 2.º, fl. 2 v.

35 *Legitimações de leitura nova,* liv. 1.º, fl. 126.

36 *Chancelaria de D. Manuel,* liv. 24.º, fl. 119 v.

37 Data da carta de mercê dos maninhos da Covilhã a Jorge de Figueiredo Correia, em successão a seu avô Bras Afonso Correia, que «ora faleceu». *Chancelaria de D. João III,* liv. 14.º de *Doações,* fl. 87.

No corregedor Brás Afonso Correia e no dr. Fernão Vaz de Caminha delegara D. Manuel, por carta de 27 de abril de 1502, os seus poderes de Protector da Universidade de Lisboa, para conhecerem e julgarem os negocios e feitos do bacharel Pero Rombo, tanto os que a elle pertenciam, como os relativos á sua escola, «ácerca das cousas do estudo». E determinou tambem que o Conservador da Universidade não consentisse, que nas casas, onde o Rombo ensinava, se puzesse nenhuma escola [38].

Agora uma nota para a velha Lisboa.

Brás Correia adquiriu em 1499 uma das casas, que depois se chamaram do Pateo de D. Fradique, designação que ainda hoje conservam. Comprou-as a Aires da Silva, futuro Regedor das justiças; e consistiam numa estrebaria com seu quintal com arvores, e nuns pardieiros. Ficavam junto á porta de Santa Maria da Alcaçova, «e entestam na cerca velha do muro, que vai da dita Alcaçova para a porta do Sol, que são em testeira do dito muro vinte e quatro braças e cinco palmos». Pediu o Corregedor a El Rei, por quanto queria ali edificar umas casas, licença para se «encostar e arrimar sobre o dito muro, e fazer em elle janellas e portas» para serventia das casas e quintal. Foi-lhe concedida a licença por carta de 15 de junho do dito anno; mas «não poderá fazer janella alguma do andar do dito muro para baixo, escontra as casas de D. Nuno» [39]. Este D. Nuno é o pae de D. Fradique Manuel, de quem dizem ter o pateo tomado o nome.

O sr. Vieira da Silva encontrou a noticia do palacio haver sido construido nos fins do seculo XVI por D. Rodrigo de Figueiredo [40]. Tirando-lhe o dom, que não teve, fica-nos Rui de Figueiredo, que não era comtudo o genro de Brás Correia, porque esse havia morrido no primeiro quartel d'aquelle seculo, antes de 1518; era porem seu neto do mesmo nome, que foi escrivão da Fazenda de D. Sebastião, com quem morreu na batalha de Alcacerquibir, deixando descendencia, da qual provém a casa de Belmonte, possuidora ainda em 1903 do palacio do Pateo de D. Fradique.

---

38 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 6.º, fl. 51.
39 Liv. 9.º da *Estremadura*, fl. 220 v. e 194.
40 *A cerca moura*, p. 47.

Continuemos com as «novas de Lisboa».

Quẽ nam tẽm rroçim ligeiro
mais que quantos aa em Fez,
nam agoarde no terreyro
que sse dem as horas dez.
Andam loguo beleguyns
pola costa passeando;
se vos acham hy falando,
eys vos hys.

João Gomes de Abreu, já sabemos pelos apodos que os outros poetas lhe dirigiram, frequentava a costa do Castello para conversar com sua dama; e, se teve a sorte de não ser lá apanhado pelos beleguins, succedeu-lhe comtudo peior d'ali a pouco, porque não só lhe morreu o cavallo, como fica referido, mas em virtude do caso foi degradado.

A senhora que casava,
ela, a nosso pareçer,
estaa disso escusada,
segundo ouvy dizer.
Hũ dos quatro do Consselho
a rrequere para ssy;
ri se mays do Conde Velho
que de my.

O nome da senhora lá ficará em segredo entre os dois poetas; e quasi na mesma a allusão aos quatro do Conselho, que tambem não sei quem fossem. Percebe-se que eram pessoas de confiança, que D. Manuel deixara para auxiliarem sua irmã a Rainha D. Leonor na regencia do reino; mas quem elles fossem ainda não encontrei declarado, nem em documentos, nem em livros. Resende diz que ficaram com a Rainha o Duque de Bragança, o Marquês de Villa Real, muitos senhores e pessoas principaes do Conselho, e os outros officiaes móres da Justiça e Fazenda, com quem juntamente tudo se fazia[41]. É o mais a que posso chegar.

O Conde Velho? Quem seria? Com a palavra d'esta charada talvez se possa dar.

41 *Entrada em Castella*, p. 128.

Em 1498 existiam estes Condes, que apontarei pela ordem cronologica dos titulos, mas sem pormenores, porque a muitos d'elles terei de me tornar a referir:

O Conde da Atouguia. Era ainda vivo com certeza em 1487, e parece ter só morrido nas proximidades de 1504. É provavel que em 1498 fosse já pela segunda vez viuvo, e tinha então oitenta annos ou mais, porque seus paes haviam casado em 1412[42].

O Conde de Marialva. Devia ter uns cincoenta annos, porque o recebimento de seus paes tivera logar em 1440. Era porem já casado em segundas nupcias desde 1496 com a Condessa de Loulé; mas isso não o impedia de galantear as damas, porque pelos annos de 1502 a 1506 èra apodado por Pero de Sousa Ribeiro por ser casado e andar de amores.

O Conde de Cantanhede. Deveria tambem ter aproximadamente cincoenta annos, porque seus paes haviam casado em 1442 ou 1443; tinha contraído terceiras nupcias em 1492 com D. Guiomar Coutinho, que lhe sobreviveu.

O Conde de Penela era homem novo, pouco mais teria de trinta annos, porque morreu em 1541 ou 1542 com setenta e cinco annos. Alem d'isto era casado desde 1492 com D. Maria de Ataíde, que só morreu depois de 1528[43].

O Conde de Arganil era Bispo de Coimbra; está portanto fóra de combate.

O Conde de Borba era casado e homem de quarenta annos, pouco mais ou menos, e em 1498 estava outra vez capitaneando Arzila[44].

O Conde de Abrantes havia nascido pelos annos de 1443, era viuvo desde 1495, e só morreu em 1512[45].

O Conde de Guazava, René de Chateaubriand, se vivia em 1498, era em França.

---

42 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 370. — E peço ao leitor me desculpe estas e outras analogas citações. Faço-as unicamente para simplificar, porque nos logares apontados encontram-se reunidas as indicações dos documentos, que servem de base ás asserções do texto.

43 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 403, e liv. 3.º, p 279.

44 Existem mandados passados em Arzila pelo capitão Conde de Borba, em 31 de julho e 7 de outubro de 1498. *Corpo chronologico*, parte 2.ª, mac. 2.º, doc. 98 e 99.

45 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*, p. 409, e liv. 3.º, p. 249.

O Conde de Faro e de Odemira pouco mais teria de trinta annos, porque seus paes haviam casado em 1465, e creio que já não era solteiro em 1498.

O Conde de Alcoutim era homem de trinta e cinco annos, quando muito; o recebimento de seus paes fôra em 1462. Elle proprio havia casado por amores em 1496, dois annos antes apenas.

O Conde de Portalegre era velho, mas tinha acompanhado D. Manuel a Castela; não estava portanto em Lisboa.

Eram estes dez, ou onze, contando com o francês, os condes portugueses que existiam em 1498. Hoje haverá dez ou onze centos d'elles.

Se eu tivesse a certeza absoluta do Conde da Atouguia ser ainda vivo no verão de 1498, poderia sem duvida affirmar ser este o Conde Velho, a quem João Gomes de Abreu allude; mas só tenho a affirmação um tanto vaga de seu neto e successor D. Alvaro de Ataíde, alegando em certo pleito, que «no anno de 1521 não havia ainda vyntatres annos que era falecido o Conde D. Martinho seu avô»[46]. Entretanto como, afastado o Atouguia, só ficavam os Condes de Marialva, Cantanhede e Abrantes, todos com mais de cincoenta annos e menos de sessenta, não os acho bastante idosos e por exclusão sou forçado a admittir que o Conde Velho das trovas éra o Atouguia.

Continúa o poeta:

Prima vossa sservidores
acha mays do c'aa mester.
fazlhe tam poucos favores
que nam ha hy qu'escrever.
Ouve palavras coutinhas
algum'ora por desdem
e com novas maosynhas
folgua bem.

Quem seria esta prima de D. Duarte de Meneses, que por desdem ouvia alguma hora os galanteios de um Coutinho?

Se D. Brites de Meneses, Condessa de Loulé, não fosse já casada desde 1496 com D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva,

---

46 *Archivo Historico Portuguès*, IV, 61.

seria ella a prima das palavras coutinhas; mas assim não pode ser.

Procurarei outra; impossivel porem será acertar.

Alem da Condessa de Loulé tambem eram primas de D. Duarte de Meneses as tres filhas do futuro Conde de Tarouca e Prior do Crato. D'ellas comtudo, a mais velha, D. Maria de Vilhena, estava já casada, havia quatro annos, com D. Lopo de Almeida[47]; e as outras duas, D. Leonor de Vilhena e D. Isabel de Castro, eram ainda crianças, porque doze annos depois, em 1510, é que começaram a servir no paço, como declara Resende nas trovas nesse anno dirigidas de Almeirim a Manuel de Goios, capitão da Mina, dizendo-lhe[48]:

Fylhas do Conde Prior
sam duas aquy entradas,
nam tem hynda servydor
....

Não era portanto nenhuma d'estas a prima que ouvia «palavras coutinhas», em Lisboa, no verão de 1498.

Mais tres primas direitas teve ainda pelo lado paterno D. Duarte de Meneses, as quaes eram filhas de D. Pedro de Meneses, o Galo, bastardo do Conde de Viana. D. Beatriz de Meneses, uma d'ellas, veiu a casar com Manuel de Noronha, o poeta das ceroilas de chamalote; talvez que ella estivesse ouvindo em Lisboa os galanteios do tal Coutinho, em quanto o futuro marido andava a ser apodado em Aragão. D. Maria de Meneses, irmã de D. Beatriz, casou d'ali a annos, segundo parece, com Francisco de Anhaia, capitão de navios nalgumas das armadas da India, que, vindo uma vez de Castela com um estravagante jaez dourado, provocou os gracejos dos poetas da Côrte. A terceira, não nomeada pelos nobiliarios, era freira no mosteiro de Santa Clara de Santarem no segundo quartel do XVI seculo[49].

Pelo lado materno, as primas que D. Duarte de Meneses teve deveriam ser ainda muito novas em 1498.

Seu tio D. Fernando de Castro, capitão de Evora, teve unicamente a D. Margarida de Vilhena, que só em 1516, ou pouco

47 Liv. 2.º dos *Brasões de Cintra*. fl. 433.
48 *Cancioneiro*, fl. 216, col. 1.ª
49 *Nobiliario quinhentista*, p. 62.

antes, casou com Manuel Telles[50], que veio a ser senhor de Unhão em 1528. Seu outro tio, D. João de Castro, irmão bastardo do referido D. Fernando, foi pae de D. Isabel e D. Antonia, ainda solteiras no segundo quartel do XVI seculo[51].

Se passarmos das primas direitas para as em segundo e terceiro grau, o seu numero é legião. Deixemo-las pois e continuemos com as novas de Lisboa.

Lordelo vejo andar
sempre tam triste com'eu,
dizendo q'aa de casar
com hũ d'Abreu.

As Lordellos, conforme os nobiliarios, eram duas, Joana e Filipa, ambas filhas de Lopo Dias, provedor das capellas de D. Afonso IV por carta dada em Estremoz, pelo Principe D. João, a 24 de setembro de 1475[52], e talvez de Maria de Goes. Lopo Dias não apparece com o appelido de Lordello, e sua contemporanea foi Beatriz de Lordello, donzella da casa de D. Afonso V, que no mesmo anno de 1475, em satisfação do seu serviço e casamento, lhe deu uma tença de quinze mil reaes por carta de 24 de junho[53]. Esta deve ser a Lordello a quem o Coudel mor se refere no final de umas trovas, em que dá noticias a Henrique de Almeida das Côrtes celebradas em Montemor no anno de 1477, dizendo:

Se pagar quereys
o que vos escrevo,
por mim beijareis
as mãos a quẽ devo.
O mays, não vos tarde
ás damas dezelo;
nem tudo á Lordelo,
cá vos hy vos arde[54].

Vê-se que por ella andava o Almeida então apaixonado, mas tambem se vê que não pode ser ella a que vinte e um annos de-

---

[50] Carta de privilegios de desembargador a Manuel Telles para os bens e fazendas que houve em casamento. Lisboa, 8 de dezembro de 1516. *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 9.º, fl. 38 v.

[51] *Nobiliario quinhentista*, fl. 48.

[52] *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 30.º, fl. 120.

[53] *Ibidem*, fl. 28.

Cancioneiro, fl. 19, col. 3.ª

pois vivia triste na Côrte a suspirar pelo namorado; não pode ser ella, nem nenhuma das duas filhas de Lopo Dias. Vejamos:

D. Joana de Lordello, ou de Goes, que de ambas as maneiras se encontra nomeada, foi mulher de Filipe de Castro, fidalgo da casa de El-Rei e morador em Lisboa [55]. Teve carta de privilegios de fidalgo em 26 de junho de 1493, confirmada a 15 de novembro de 1498 [56] e foi capitão da armada da India do anno de 1525 [57], depois de haver servido noutras de capitão de navios. Não sei quando casou, mas foi certamente antes do anno de 1498, porque seu filho D. Alvaro de Castro morreu na India em 1517, sendo capitão de um bergantim da armada com que Lopo Soares penetrou no Estreito [58].

D. Filipa de Lordello casou com Lisuarte da Silva, fidalgo da casa de El-Rei e irmão de Manuel da Silva, Aposentador-mor de D. Manuel e Alcaide-mor de Soure. D. Filipa teve duas mil coroas de dote, por conta das quaes recebeu seu marido vinte mil reaes em 19 de junho de 1516 [59]; mas o casamento havia muito que estava effectuado, e tambem antes de 1498, porque um dos filhos que delle provieram, Antonio da Silva, já em 1507 servia na India [60], e, apesar de mancebo ainda, não podia ter só oito ou nove annos. Na igreja de Santiago de Soure existia, ou existirá ainda, este epitaphio: *Aqui jaz Lisuarte da Silva e sua molher D. Filipa. 1549.* [61].

Nenhuma d'estas é pois a Lordello que em 1498 andava apaixonada pelo Abreu; outra seria, que ficará ignorada, bem como muitas das varias pessoas a quem as trovas de João Gomes de Abreu alludem.

---

55 Por escritura de 22 de fevereiro de 1502, confirmada a 28 do mesmo mês, foi aforada a Filipe de Castro, fidalgo da casa de El-Rei e morador em Lisboa, por cem reaes brancos, uma loja pequena, em Lisboa, na rua que vem do chafariz dos Cavalos para a porta da Cruz, a qual loja ficava entre casas de Margarida Anes Falula e d'elle Filipe de Castro, e partia por detraz com o quintal d'este e por diante com a rua. Foram testemunhas Diogo do Rego, escudeiro, escrivão dos feitos da alfandega, João da Rosa, moço da camara, e outros. *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 6.º, fl. 22.

56 *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 40.º, fl. 23 v.

57 Gaspar Correia, *Lendas da India*, II, 940.

58 *Ibidem*, 488 e seguintes.

59 *Corpo cronologico*, parte 2.ª, mac. 58, doc. 124.

60 Barros, *Decada segunda*, fl. 5 v.

61 Sousa, *Memorias sepulchraes*, fl. 181 v.

Continuam ellas:

Culparies vos Miranda
hyr buscar vida viçosa,
se soubesseys como anda
tam fermosa.

Alusão, na *vida viçosa*, a alguma das filhas de Aires de Miranda, Alcaide-mór de Villa Viçosa? Não sei.

Em Anrriquez, Guyomar,
vos nã falo ao presente,
porqu'estando ela doente
me quisera desonrrar.
Diz que disse dela mal;
estaa de mym descontente,
e sser disso ynoçente
nam me val.

D. Guiomar Henriques parece, por exclusão, haver sido a filha de D. Afonso Henriques, senhor de Barbacena, mulher de Garcia de Mello, o Braseiro; é preciso porem notar que em alguns nobiliarios se declara haver Heitor de Mello, filho de D. Guiomar, partido para a India em 1505, na armada de D. Francisco de Almeida; e, sendo exacto, não era possivel sua mãe estar ainda solteira em 1498. É verdade que podia aquelle Heitor de Mello ser filho de outros paes, porque na *Emmenta da Casa da India* não se lhe declara a filiação[62]. Em capitulo especial hei de tratar d'estas donzellas Henriques, que tanto deram que fazer aos poetas palacianos.

Prima vossa tem cuidado
de gualantes assentar,
tem me ja desenguanado
de no conto nam entrar.
E em parte ha gram prazer
sahyr eu mal despachado,
por yrmão aqui trazer
escusado.

Esta prima está no mesmo caso da primeira; é segredo que ficou lá entre os dois. Quanto ao irmão do poeta que andava na

62 Pag. 8 da separata do vol. de 1907 do *Boletim da S. G. L.*

côrte, deverá ser Vasco Gomes de Abreu de que tambem existem trovas no *Cancioneiro.*

O Noronha do rruam
he da Ssilva namorado;
a candea d'Aragam
foy por ela apodado.
E chamou caarrespondinos
aos gua[la]ntes c'aqui 'stam;
faz m'andar em desatinos
sem rrezam.

Esta charada está morta.

O Noronha do cavallo russo era D. Antonio de Noronha, sobrinho de El-Rei, filho segundo do Marquês de Villa Real e futuro Conde de Linhares. A D. Antonio, por carta de 22 de setembro de 1502, foi confirmado o officio de escrivão da puridade, que a elle, em dote com sua filha D. Joanna da Silva, dera o Conde de Portalegre[63], o qual, no verão de 1498, quando João Gomes de Abreu compôs as trovas, estava em Aragão com D. Manuel. Vê-se que o namoro ainda durou dois ou tres annos.

De D. Antonio existem no *Cancioneiro* umas trovas a D. Beatriz de Vilhena; a elle portanto terei mais largamente de me referir.

Tem, que passa dos oytenta,
servidor nesta çidade
e tem outros de corenta,
na verdade.
Tynoco anda escondido,
quer com musycas vençela;
he de boubas mais perdido
que por ela.

O sorvado amante era Pero Fernandes Tinoco, um dos poetas que depois, quando foi da morte do cavallo, apodaram por vingança a João Gomes de Abreu; porque não ha duvida, de haverem estes versos das novas de Lisboa precedido os apodos á morte do cavallo. A prova está em que, quando João Gomes

63 No *Corpo chronologico,* parte 3.ª, mac. 2, doc. 26, existe a minuta da carta de nomeação de escrivão da puridade dada a D. Antonio, e ao lado, em letra do tempo, talvez até do proprio Antonio Carneiro, declara-se haver sido a carta passada em Sintra a 22 de setembro de 1502.

soube no degredo das trovas que lhe fizeram ao caso do cavallo, respondeu de lá, antes de as ver, com outras e nellas diz:

A Tynocos e a Noronhas
pōho culpas poucachynhas,
porque ja em trovas minhas
descobry suas vergonhas [64].

É evidente a alusão a estes passos das novas de Lisboa. Continuemos com ellas:

Estaa com Castro dō Rodrigo
muy açerca de casar;
Sancho quer sser sseu amiguo,
nã quer ja ninguem matar.
Atee quy estev' emçerrado;
fez manguas de chamalote;
presumimos c'o pelote
he frisado.

D. Cecilia de Castro, donzella da Excellente Senhora, era filha natural de Lopo de Sousa, Commendador de Santa Maria da Alcaçova de Santarem, e de Isabel Leitoa, donzella que tambem havia sido da mesma senhora. Foi D. Cecilia legitimada em 1494 e já estava casada nos principios do seculo XVI com D. Rodrigo de Sousa, capitão de Alcacer Seguer. Como D. Rodrigo é um dos poetas do *Cancioneiro,* a elle me tornarei a referir.

A primeira parte do enigma contido nas precedentes trovas, está decifrada; o Sancho porem, é impossivel desmascará-lo. Supondo ser algum dos poetas do *Cancioneiro,* e nada me força a tal suposição, temos tres d'esse nome: os de Pedrosa, Sousa e Tovar. A este alude João Gomes mais abaixo.

Troux' aquy o sseu pecado
hũ dominguo Joam Falcam,
vylhe loguo o coraçam
hyr de todo trastornado.
Pergũteylhe: Que buscays?
nam vos lembra o mal passado?
Respondeome: Sam ssinays
de namorado.

---

64 *Cancioneiro*, fl. 170, col. 6.ª.

João Falcão havia sido capitão-mor de uma pequena armada enviada em 1488 a Mamora, a qual, ou pelo menos o seu capitão, se julgou aprisionado lá em Africa e ao facto aludem trovas de Pedro Homem e D. João Manuel, no *Cancioneiro*[65]. João Falcão tambem poetou, e d'elle existem umas trovas zombando da grande carapuça de velludo que Lopo de Sousa trouxera de Castella no verão de 1496.

Se visseys atravessar
aas janelas o Coutinho,
e com damas praticar
em talhadas de touçinho,
folguaryês de o ver
departir c'uũa senhora,
nam quisesseys mais viver
hũa soo ora.

Está o Coutinho no caso do Sancho, acima; não sei quem fosse.

He por Melo tam ssandeu
vosso amiguo, o de Toar,
que me pesa polo sseu
de o ver assy penar.
He dela pior tratado,
do que çerto lhe mereçe;
cada vez mais namorado
me pareçe.

Com effeito a Mello, fosse ella quem fosse, tratou tão mal o Tovar que este, desesperando, voltou-se para outra dama e em fevereiro de 1504 estava justo a casar com Guiomar da Silva, filha legitimada de Pero da Silva, alcaide-mor do Porto de Mós[66]. Sancho de Tovar é um dos poetas do *Cancioneiro;* a elle portanto, se lá chegar, me tornarei a referir.

Seria muyta custura
pera toda esta ssomana,
contar vos da fermosura
da ssenhora dona Joana.
Sabey çerto que Meneses,
todas juntas quantas ssam,
matam quantos Portugueses
qua estam.

---

65 Vide artigo *Armadas* no *Jornal do Commercio,* n.º 14:763, de 13 de março de 1903.

66 *Chancellaria de D. Manuel,* liv. 19.º, fl. 3 v.

A D. Joanna, tão formosa, e as Meneses, tão perigosas, ficar-nos-hão ainda d'esta feita desconhecidas.

O Duque tem gaviães,
dama nenhũa nã mata,
tem galantes bastiães
e nam de prata.
Emsayousse no terreyro
ant' as janelas da Ifante;
fez do seu paje fouveyro
ja galante.

O unico Duque existente em Portugal no anno de 1498, era o de Bragança D. Jayme, e aquelle segundo verso parece uma sinistra profecia! Tão frisante, que até pasma como Resende a deixou passar no *Cancioneiro*, começado a imprimir uns tres annos depois do Duque ter assassinado sua primeira mulher.

A «Ifante» é D. Beatriz, mãe de D. Manuel.

Do senhor que qua rrepousa,
no bayrro por escolar,
nã aa hy que dizer cousa
que sseja pera contar.
Seu Sampayo servidor
traz muy loura cabeleyra;
anda caa no Salvador
com hũa freyra.

João de Mello, fidalgo da casa de El-Rei e irmão de Fernão Vaz de Sampaio, senhor de Villa Flor, Sampaio e outras terras, estudou em Salamanca, fez-se padre, teve varios beneficios e veio a ser D. Abade Commendatario de Pombeiro. Apontam-lhe os nobiliarios um avultado numero de filhos naturaes[67], e isso parece confirmar as manhas reveladas nas trovas.

Em 1509 era elle morador em Gouveia e abade da igreja de Algodres; em 1512 disfrutava a abadia de Santa Maria de Goes; em 1516 encontrava-se outra vez, se alguma hora a deixara de usufruir, com a de Algodres[68]; e só posteriormente é que veio a

67 D'entre os muitos filhos naturaes que parece ter tido, apenas se encontram registadas as cartas de legitimação de tres: Milicia de Mello, em 12 de dezembro de 1509: Jorge de Mello, em 21 de maio de 1512; e Antonio de Mello, em 18 de março de 1516; todos havidos de Caterina Luis, mulher solteira. *Legitimações de leitura nova*, liv. 3.º, fl. 63 v., 111 v. e 184 v.

68 Consta das cartas de legitimação dos filhos.

ser abade de Pombeiro[69]. No anno de 1520, sendo já D. João de Mello abade de Pombeiro, encarregou D. Manuel a Jorge da Silveira, do seu Conselho (um dos poetas do *Cancioneiro*), de certa alçada da qual o nomeou regedor e assistente. No desempenho do seu cargo encontrou Jorge da Silveira motivos bastante graves para suspender o D. Abade de Pombeiro da jurisdição civil do couto do mosteiro; acudiu porem logo, a instancias do Abade, o proprio rei que ordenara a alçada, com um alvará, expedido de Evora a 11 de junho de 1520, restituindo-lhe a jurisdição civil do couto, «sem embargo da sentença». E o mais curioso, e que bem mostra como nesses tempos a justiça residia quasi unicamente no capricho regio, é que na carta de 29 de novembro do mesmo anno pela qual foi confirmado o precedente alvará, se declara ter este sido expedido ainda antes de lavrada a sentença[70]! Quer dizer: ou D. Manuel considerava o Regedor da alçada capaz de lançar uma sentença condemnatoria sem prova da culpa, e então não devia merecer sua confiança; ou não tinha escrupulo em absolver um criminoso, incitando-o com a impunidade a proseguir no delicto.

Por carta de 2 de março de 1534 foi confirmada a D. João de Mello a jurisdição civil do couto de Pombeiro[71], e por sua morte succedeu-lhe na abadia o filho, Antonio de Mello[72]. Era caso vulgar nesses tempos succederem filhos a paes em prelasias ecclesiasticas.

Fylhos dous Penamacor
da Condessa de Liçeyra,
o pequeno qu'ee mayor
tem Maçedo por terçeyra.
Andam ambos de rredor
seus amores maldizendo,
o que he comendador
rremetendo.

Os dois filhos do Conde de Penamacor são os dois poetas do *Cancioneiro,* D. Garcia e D. Afonso de Albuquerque; quando

69 Fr. Leão de Santo Tomás, na *Benedictina lusitana,* II, 73, diz haver João de Mello sido abade commendatario de Pombeiro «pelos annos de 1508 até o de 1525»; parece porem haver engano. Em 1516 ainda elle era simples abade da igreja de Santa Maria de Algodres, e em 1534 foi-lhe confirmada a jurisdição civil do couto do mosteiro de Pombeiro.

70 *Chancellaria de D. Manuel,* liv. 36.º, fl. 123.

71 *Chancellaria de D. João III,* liv. 7.º, de *Doações,* fl. 54.

72 *Benedictina,* loc. cit.

d'elles tratar veremos se descubro quem era a Macedo, e se percebo a razão por que á mãe d'elles chamavam as trovas Condessa de Liceyra. Encontro na *Chorographia* de Baptista um pequeno logar chamado Liceiras, na freguesia de Asmes, concelho de Valongo; encontro nas *Cartas de quitação del Rei D. Manuel,* na n.º 394, entre as varias coisas que nos annos de 1508 e 1509 se mandaram para soccorro de Arzilla, «558 milheiros e 3 botas de sardinha de Liceira»; nada d'isto porem me dá a chave do enigma.

Aa tambem damas syngelas
qu'estã sempre a passar;
no eyrado e nas janelas
pola seesta as vy estar.
Creçe a erva de rredor,
andam hy bestas paçendo;
a contarvos mays, senhor.
nam entẽdo.

O Sousynha em arrefem
se vestio de louçaynha,
de gangorra e bedem
foy aa ssala da rraynha.
Serve mal sua donzela,
vaylhe bem como rrezam;
assentousse ja com ela
no sserão.

A Rainha é a viuva de D. João II que em Lisboa ficara com a regencia do reino; agora o Sousinha, quem será? Não sei, mas palpita-me que era Simão de Sousa do Sem, porque muitos dos apodados nestas trovas vingaram-se depois, gracejando de João Gomes de Abreu no caso do cavallo morto quando caiu pela Costa do Castello abaixo.

Fym

Sam d'Abreu Gomez Joam
que, com muy grande mesura,
me conheço sser feytura,
mèstre meu, de vossa mão.
Encomendas os irmãos,
daylhe minhas por nobreza;
e beyjay por mym as maños
a su' alteza.

Aqui terminam as novas de Lisboa, do verão de 1498.

(*Continúa*).

A. Braamcamp Freire.

MISCELLANEA

I

Camillo satirizado num outeiro

Por 1850 era Camillo um rapaz, de pouco chegado da aldeia adoptiva da Samardã, em Villa Real, á cidade do Porto, onde já se reflectiam espiritos de largo serviço litterario, á compita da boa fortuna. Tinha 25 annos, um caracter muito escasso ás homenagens da occasião, e um juizo tambem pouco regrado ás prescripções dos mentores de tal meio e tempo.

Pontificavam, então, consoante as igrejas: Herculano, Garrett e Castilho, que acatou.

Entretanto, como quer que á volta d'estes sentisse os logares tomados por comparsas enfatuados e impertinentes, começou de impacientar-se, e o seu genio, talvez mal avisado, acossado de adversidade, muita inexperiencia, e, depois, da propria reacção que provocára, deu-se a semear más, senão pessimas, vontades, que, a segui-lo, encontrou pela vida fora.

Porque temos no maximo interesse tudo o que respeita á vida do notavel escriptor, e mormente o que entende com os seus primeiros passos em letras, pareceu-nos de curiosidade a publicação de uma satira, que julgamos inedita, respeitante a Camillo, e contra elle desfechada por autor que ignoramos, em represalia dos primeiros odios e ao pretexto da sua estada e glosas num abbadessado.

Á boa memoria de um escriptor coevo [1] devo eu a noticia do caso, que, salvo pequena alteração, devia ter passado assim.

---

1 D. Miguel Sotto Mayor.

Como quer que Camillo apparecesse no Porto com a lenda de que fôra mestre-escola em Samardã, e ousasse, com taes precedentes, arranchar num outeiro que celebrava a reeleição da Abbadessa D. Anna de Andrade, no mosteiro da Ave-Maria, a S. Bento, os poetas concorrentes conjuraram-se para castigá-lo, senão para expulsá-lo do abbadessado.

Faltava um pretexto para romperem quando Camillo, que estivera a urdir uns versos, não sei se ajustados á reeleição da Abbadessa [1], se motivados pelo sorriso estonteante de qualquer outra recolhida, talvez mais bella, embora de menor categoria, leu, de rôlo acceso, o madrigal trabalhado.

Não foi preciso mais á desgraça occasional de Camillo.

Immediatamente se levantou um dos conjurados, e, solemnemente, de improviso, num mixto de reprimenda e graça, declamou impiedoso:

Senhoras, peço, requeiro
Que não se consintam rôlos;
Não sejamos todos tolos,
Aliás d'aqui me esgueiro.
Quem não póde um verso inteiro
Reter na sua memoria,
Conte p'ràhi uma historia
De bruxas e feiticeiras,
Ou diga quantas asneiras
Castigou co'a palmatoria.

Este caso de ridiculo não é virgem na jornada ascendente do romancista. Só tardiamente o pouparam. Haja vista o que se passou com a leitura de um drama seu, episodio pittorescamente contado pela *Semana,* revista litteraria do tempo; o que se deu com Castilho, de quem ouviu uma classificação amarissima, a proposito de uns versos que recitára ante o velho chefe da Poesia portuguesa, áquelle tempo; etc.

Mas a satira que reproduzimos é de todo o ponto interessante e esclarecedora. Alem de que é mais um facto que nos estreita na admiração d'aquelle espirito acossado por tudo, até pelo ridiculo! e que serve para se descontar na acrimonia de que tem sido

---

[1] No livro de Camillo — *Duas epocas da vida* — ha um *improviso* offerecido á Abbadessa alludida, D. Anna de Andrade, que bem póde ser, e com fundamento presumir-se, o motivo proximo do successo que historío.

accusado, mercê das suas horas de saldo, em liquidação terrivel com o exercito derreado dos velhos detractores.

Sondemos tudo o que lhe respeita, que é, passando uma a uma as agonias e injustiças de cada hora, que lhe provocaram os desforços, que podemos com inteireza absolvê-lo, e mais do que isso, preitear-lhe até, com devoção, a memoria, — pelo muito e bem que soube zurzir.

Ancêde, Novembro de 1908.

VISCONDE DE VILLA-MOURA.

II

Uma reunião de bruxas na Atouguia em 1699

Em 19 de outubro de 1699 participou aos Inquisidores de Lisboa o commissario do Santo Officio em Peniche, Cypriano Domingues, que corria fama naquella villa «de hum encontro que houuera com huas feiticeiras, e inquirindo-se o cazo dei com hum Hjeronimo de Oliueira sargento da companhia do Capitam Antonio Gonsalues Nogueira, o qual dis que indo hauera quinze dias desta villa para a da Atouguia de noute no Caminho aonde chamão as pontes vira huas luzes que lhe cauzarão temor e prosumindo serem feiticeiras se asentara e chegandosse as luzes para elle se ualera de alabarda defendendosse com ella do que resultara topar em cousa corporea a qual se resoluera em huma molher nua e fallando lhe dicera guardasse o segredo e acompanhasse a sua casa que era no lugar do Ferrel termo da villa de Atouguia e lhe dicera o seu nome mas que elle denunciante se não lembra mais que do nome ser Maria, mas do sobrenome se não lembra, e que com effeito acompanhara por o que despira o seu casaco para a compor e chegando ao dito lugar, a sobredita mulher lhe dera o casaco dizendo que já estaua na sua Rua e Recolhendosse o sobredito em casa sahira delle hum Carneiro medonho disforme nas pontas do qual fugindo elle denunciante se fora para a Villa de Atouguia ficando a dita mulher em sua casa a qual dis elle testemunha não dirá com certeza, mas sim a Rua, e que ficara mal ferida em hua nadega».

Em vista do que dito fica, moveram-se logo as autoridades, e em 28 de outubro Antonio Monteiro Paim ordenava a diligencia que começara em 6 de novembro, nas casas da morada do licenceado Cypriano Domingues, parocho de S. Pedro de Peniche.

O primeiro chamado foi o referido sargento que declarou que as luzes vinham para elle dando risadas e que elle receando que o fizessem bailar se defendera com a alabarda, ferindo uma que era mulher moça e de bastante estatura, assim na altura do corpo como na grossura d'elle.

A segunda testemunha Luisa da Silva declarou que no principio de outubro fôra a sua casa uma mulher do Ferrel chamada Maria Delgada, a qual lhe declarara que havia bruxas no logar, e dias depois Clara Maria, casada com Bernardo do Couto lhe dissera que a mulher que fôra ferida era Isabel, filha de Antonio Simões, pescador, e Natalia Dias, de que resultou, tendo contado o caso a Maria de Avellar, relê-lo a Natalia Dias, que rogando pragas lhe tomou satisfação, dizendo que sua filha estava doida e tinha os olhos inchados de chorar.

Clara Maria, chamada tambem a depôr, declarou «que ouuio dizer a Maria Netta sua sogra, moradora na quinta da Netta iunto de ferrel, termo da villa da Atouguia que hũ sargento do prezidio desta praça ferira a hua molher no caminho da Atouguia da Bolea de noute nos principios do mes de outubro proximo passado, a qual se chama Isabel, moça solteira filha de Antonio Simões pescador e Natalia Dias moradora no lugar do Ferrel e a mesma Maria Netta dicera que as molheres que o sargento encontrara no caminho da Atouguia de noute erão sete e as nomeara, a saber Maria Seixas, e outra Joanna Seixas irmans e moradoras no lugar de Ferrel, e Maria Simoa a *chichara* de alcunha may de outra do mesmo nome, e Maria *a Rija* de alcunha veuva, mas que não sabe que a dita Isabel se curasse de tal ferida nem entrasse serurgião algũ ou barbeiro en sua caza e que a tal Izabel asima nomeada he moradora no ditto lugar de Ferrel na rua que chamã do meio».

Antonio Pereira, pescador, declarou que «estando ella testemunha no Baleal chegara hua Natalia Dias moradora do lugar de Ferrel dizendo *não sabem o que uai na Atouguia?* e perguntando ella *que?* respondera a sobre ditta *dizem que ha en Ferrel Bruxas porque indo hũ sargento de Peniche por alcunha o uinagre ferira hua de noute e a acompanhara ao lugar do Ferrel donde era moradora;* mas que naquella occazião não ouuira dizer quem fosse e depois ouuira dizer que hua moça do ditto lugar filha de Antonio Simoes e da mesma Natalia Dias por nome Isabel choraua muita lagrima queixando-se de que puzessem a boca nella dizendo que ella era a ferida e que tambem ouuira dizer a mesma Natalia Dias queixar-se de que puzessem a boca na sua filha di-

zendo que no mesmo tempo que sucedera o cazo estaua a sua filha em Nossa Senhora da Nazaret».

Josefa, filha de Manuel Simões ouviu dizer a «Maria Borges, mulher de Francisco Delgado Pedreiro moradora no lugar de Ferrel que hua Filha de Antonio Simões pescador morador no mesmo logar era bruxa porquanto a ferira no caminho de Atouguia de noute hu sargento desta praça por alcunha o uinagre, e tambem se lembra ella testemunha ouuir dizer na fonte publicamente a raparigas e rapazes que as bruxas de Ferrel erão mais».

Joseph Correa, barbeiro, morador no logar da Serra de El-Rei, Antonio Jorge, idem, André da Mata, barbeiro, morador na Atouguia e soldado da companhia do alferes Domingos Ribeiro declararam não ter curado nenhuma ferida nem dado conselhos sobre tal a ninguem no lugar do Ferrel. Os cirurgiões de Peniche José Alvres de Miranda, e Manuel da Mota tinham tambem deposto de igual forma.

Pela inquirição das testemunhas demonstrou-se a inanidade da accusação que pretendiam assacar á pobre Isabel; porquanto Jerorima Dias, mulher de Simão Figueira, declarou que se não lembrava a que pessoa a ouvira dizer.

Não houve base para a promoção do processo inquisitorial, mas é crivel que o povo se não deixasse convencer tão facilmente de que laborava em erro.

A declaração fantastica do sargento ficou de pé e a crença na existencia das bruxas fortificou-se no povo por mais gerações.

O resultado negativo da inquirição não impediria que o Promotor da Inquisição deixasse de declarar quando os casos se proporcionassem que «a dita Mulher ferida andava no congresso do Diabo, e que he bruxa e feiticeira» [1].

PEDRO A. DE AZEVEDO.

III

Etymologias

1. Rabal.

Num ms. do anno de 1159, pertencente a Trás-os-Montes, e cuja photographia vi (por amavel deferencia do Sr. F. de Moura Coutinho), lê-se: *in uilla que uocatur* RAUANAL *et est sita in territorio*

[1] Os papeis relativos a este assunto encontram-se no caderno 71 do Promotor da Inquisição de Lisboa, fls. 345–373.

BREGANTIE. Não ha duvida que o manuscrito se refere a Rabal, que pertence a Bragança. A fórma antiga do nome d'esta povoação é pois *Ravanal,* que significa «terreno semeado de *rábãos*»; cfr. *aboboral, cebolal, couval, melancial, meloal, nabal*. Em hespanhol ha, na lingoa corrente, *rabanal.*

Á nossa palavra *rábão* devia corresponder em português antigo a fórma *rábano,* que ainda hoje se lê em varios diccionarios, por exemplo no de Fonseca & Roquete, onde concorre com a outra; no concelho de Obidos usa-se *rab'no,* que está em vez de *rábeno* < *rábano;* temos, tambem com *n,* o deminutivo *rabanête;* em hespanhol ha a nitida fórma *rábano.* O etymo é o latim raphănus, que tem a mesma significação.

Segundo as leis do português, o P intervocalico latino devia dar *b,* e de facto o deu, como vimos; se no citado manuscrito do seculo XII se lê *Ravanal,* com *v,* é que essa fórma é dialectal. Todavia a propria lingoa corrente apresenta outros exemplos de *b* por *v,* e vice-versa, como *Setuval* (arc.), *cobarde* = *covarde, tavoa* (arc.), *bodo,* etc., embora aqui o *b* e o *v* tenham origens variadas.

De *Rabanal* passou-se para *Rabal* (= Raval) por intermedio de **Rabãal* > **Rabaal;* cfr. *ganado* > *gãado* > *gaado* > *gado;* canale- > *cãal* > *caal* > *cal* [1].

2. **Nomes geographicos em -im.**

Dos nomes dos proprietarios de terras nasceram na idade-media muitos nomes geographicos, como já tem sido varias vezes exemplificado. Eis outros factos: *Alvim* < Albini; *Arentim* < Arentini; *Mondim* < Mondini; *Padim* < Patini [1]; *Tadim* < Tatini [2].

3. **Ançã.**

Provém de (villa) *Antiana, designação derivada do nome latino Antius; cf. *Campanhã* [3], *Correllã* [4], *Orelhão* [5]. Os do-

[1] A respeito de *gado* e *cal* houve duas series: uma em que se manteve a nasal (*gãado* > *gando; cãale* > *canle*), e outra em que ella desappareceu, como mostrei acima.

[1] No *Corpus Inscr. Lat.*, v, 4182, ha, se a leitura é boa, *Patinius.*

[2] Lê-se *Tatinia* no *Corpus Inscr. Lat.*, III, 7354, e v, 5853; *Tatinius,* XII, 5156.

[3] Alberto Sampaio, *As «villas» do Norte de Portugal,* p. 42.

[4] Id., *ibid., ibid.*

[5] *Estudos de Philologia Mirandesa,* II, 79, nota.

cumentos antigos tem *Anzana* [1]. A serie foi pois: *Antiana > *Anzana* > *Ançãa* > *Ançã*.

4. **disquirição.**

Numa carta attribuida a Camões em um ms. do sec. XVI–XVII (na Bibliotheca Nacional de Lisboa), editada e annotada pelo Sr. Dr. Xavier da Cunha [2], lê-se: «tenho por grande trabalho andar a *disquiricão* (sic) damores fingidos». O Exmo editor e annotador interpretou *disquiricão* (= disquirição) por *discrição,* mas eu creio que temos ahi realmente *disquirição,* no significado de «busca», «procura», «indagação», etc., o que no texto faz melhor sentido. A palavra *disquirição* corresponde a *disquisição*, como *inquirição* a *inquisição,* e vem do latim disquisitio, com *r*, por influencia do de *disquirere;* tambem *inquirição* apresenta o *r* de inquirere.

J. L. DE V.

IV

Tres expressões da arte poetica popular

Versos. Assim se chama não só aos romances ou xacaras [3], mas a uma serie de quadras ou versos correlacionados entre si (por exemplo um dialogo). O segundo uso do vocabulo observei-o no Baixo-Douro.

Cantigas ás avéssas. São as que não tem sentido nem rima, o que acontece para causar riso. Por exemplo as seguintes de Macedo de Cavalleiros:

Debaixo de um carro novo
Fallou-se o meu casamento:
Anda, carro da minh'alma,
Que te quero abraçar.

No alto d'aquella serra
Anda o sobreiro a arder:
Toda a gente me diz:
—Vai c'um carro apagá-lo.

---

[1] *O Arch. Port.*, VIII, 284 (A. Cortesão). O *z* valia *ç*.

[2] *Uma carta inedita de Camões,* Coimbra 1904, p. 12 (extr. do *Boletim das Bibliothecas e Archivos*).

[3] Vid. o meu *Romanceiro Português,* Lisboa 1886, p. 8.

Esta expressão ouvi-a mais de uma vez, por exemplo na Penajoia, onde colligi cantigas semelhantes. Taes cantigas são em certo modo amphiguris.

Cantigas da herva. Dão este nome em Lousada ás cantigas em geral, tanto ás que se cantam no campo, como ás restantes. Algumas fallam effectivamente em *herva,* por exemplo:

Minha mãe mandou-me á herva,
Eu herva não sei segar;
Mandou-me fallar p'r'amores,
Eu p'r'amor's não sei fallar.

Minha mãe mandou-me á herva,
De çapatos ao lameiro:
Agradeço á minha mãe
Tenha um genro çapateiro...

A maioria porém das cantigas não fallam em herva, embora seja do trabalho de a segar que a denominação provém, generalizando-se em seguida.

J. L. de V.

V

Maria da Grade

Diz-se em Sangalhos (freguesia) aos meninos, quando elles se não deixam estar sossegados, que os bichos farão uma corda até ao rio *Sétimo* (Cértima, affluente do Agueda), onde a *Maria da Grade,* que é uma mulher com os olhos muito grandes e cabellos muito compridos, os afogará. Cf. *Rev. Lusitana,* x, 81.

Serve tambem a mesma expressão para intimidar as crianças, para se não aproximarem do mesmo rio, ou dos poços muito fundos, porque a *Maria da Grade* os puxará e afogará.

Em geral a passagem do rio indicada ás crianças, onde ellas vão ser afogadas, é a *Ponte do Casal,* entre Sá de Sangalhos e Avellãs do Caminho, sobre o Certima, assim chamada por ficar junto da extincta povoação do *Casal da Rua,* ainda mencionado no *Diccionario* do Padre Luis Cardoso.

Á *Maria da Grade* chamam em Mogofores a *Marafona,* e no mesmo rio Cértima, junto á ponte de Mogofores, na estrada districtal n.º 75, existe o pégo ou pôço da *Marafona.*

A mesma historia se emprega na freguesia de Oiam, onde se chama tambem á mulher dos olhos grandes — *Maria da Grade.*

Joaquim da Silveira.

VI

Dictados topicos

Sete villas tendes, Elvas,
Todas sete ao de redor:
Olivença e Jerumenha,
Arronches, Campo Maior,
Borba e Villa Viçosa,
'Stremores é a melhor.

Gáfete, Tolosa, Arez,
Oh! que tres!
Lá fica atrás o Crato,
Que são quatro.

(Colhidos de um homem de Assumar).

Jurumenha,
Bem de trigo,
Melhor de lenha.

(Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «Jurumenha», IV, 232).

Anadia é bôa terra,
Melhor é Famalicão [1],
Melhor a Fonte do Mocho [2],
Que dá agua todo o v'rão.

(Cant. popular de Anadia).

Quem casar em Barbacena
Leva mulher p'rá cama
E burro p'rá lenha.

Quem quer aprender a andar
Vae d'Arronches a Assumar.
Quem quer outra legua assim
Vae d'Elvas a Villa Boim.

Quem fôr a Malhapão [3]
Leva pão p'ra si
E p'rós que lá 'stão.

Quatro carros tem Alte [4]
Que o cercam ao redor:
Galvana e Francilheira,
Cartel e Rocha Maior.

(Athaide Oliveira, *Mouras Encantadas*, p. 83).

Tres *Bellas* tem Portugal:
Bella Mandil, Bella Salema
E a mais bella das tres
É a nossa Bella Curral [5].

(Athaide Oliveira, *Mouras Encantadas*, p. 162).

A chover e a fazer sol,
E a cantar o rouxinol,
E as bruxas de Cantanhede
Embrulhadas num lençol [6].

Pisca lume,
Pisca sal,
Para a noite
Do Natal.

(Lenga-lenga dos rapazes de Alcanena, ao ferirem lume com seixos).

A chover e a fazer sol
E as *velhas* a bàlhar
No Rio Maior [7].

(Colhida no Juncal, conc. de Porto de Mós).

JOAQUIM DA SILVEIRA.

---

1 Freguesia de Arcos d'Anadia.

2 No Buçaco.

3 Freguesia d'Oiam.

4 Algarve.

5 Freguesias do Pechão, Algarve.—Ha aqui um trocadilho entre o adj. *bella* e o elemento *Bella,* aliás *Bela,* dos tres nomes topicos, que deve ser alteração da particula patronymica *bel*, do arabe vulgar (*ibn* + *el*). Cf. *Belamarim,* fórma já usada no sec. XI por *Beni-Marin*, dynastia arabe, que reinou em Espanha.

6 De Cantanhede.

7 Em Ameaes de Baixo, concelho de Santarem, em vez de *velhas*, dizem *bruxas*.— Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. Populares,* p. 56.

VII

Romanço mozarabico

Todo o territorio que hoje se chama *Portugal* foi muito habitado na epoca do dominio romano (do seculo III–II a. C. em diante), conforme o prova a archeologia e a historia. Com esse dominio coincidiu o uso do latim, como lingoa fallada. Quando vieram os Barbaros (sec. V), o latim continuou a usar-se: temos abundantes testemunhos do uso d'elle (epigraphicos, numismaticos, etc.). Após a chegada dos Arabes (sec. VIII), e durante a sua dominação no Sul até o sec. XIII, a lingoa que antes d'elles ahi vigorava não desappareceu, pois a historia nos testemunha a existencia dos Mozarabes [1]. Essa lingoa devia evolucionar, e constituir um romanço especial. Quaes eram os seus caracteres? Em que se differençava da do Norte e Centro? Faltam-nos testemunhos antigos, como, por exemplo, a respeito do Minho, mas o onomastico e os dialectos populares da Extremadura, Alemtejo e Algarve poderão elucidar-nos algo.

Já na *Rev. Lus.*, II, 31, citei *caivêra,* palavra alemtejana irreductivel a *càveira:* ella deve provir do romanço mozarabico-meridional de que acima fallei. No mesmo caso estará o nome topographico *Defesa,* que, segundo a *Corographia* de Baptista e o *Diccionario Postal* de Silva Lopes, só existe no Sul, ao passo que, segundo as mesmas obras, no Norte e na Beíra só existe *Deveza;* cf. *Dehesa* em hespanhol, a par de *Debesa* em gallego. Palavras latinas do Sul, implantadas ahi antes dos Arabes, e mantidas até hoje, são entre outras, tambem, como penso: *Beselga, Cacella, Castro-Verde, Fontanas, Paderne, Ròliça, Vidigueira.* Talvez *Mertola,* com o seu *-l-,* e *Odiana,* com o seu *-n-,* sejam documentos da phonetica do romanço transtagano prè-português.

O romanço propriamente português levado para o Sul pelos reconquistadores, desde o tempo de D. Affonso Henriquez, com quanto devesse em grande parte absorver o que na grammatica e no vocabulario ahi lhe era semelhante, não apagaria naturalmente todos os elementos antigos.

J. L. DE V.

---

[1] Herculano, *Hist. de Portugal,* III[5], 171 sgs. Cf. Adolfo Coelho, *A lingua portuguesa,* Porto, 1887, p. 126 sgs.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Julio Moreira, **Estudos da Lingua Portuguesa.** Primeira parte. Subsidios para a sintaxe historica e popular. — LIVRARIA CLASSICA EDITORA. Lisboa, 1907.

É um volume de 230 páginas, onde o autor compendiou grande serie de locuções, frases e modos de dizer extraídos da língua arcaica e principalmente da linguagem popular, acompanhando-os da respectiva explicação e interpretação.

Como grande latinista que é, vae o autor de preferência ao latim, clássico e popular, buscar a origem e justificação dos aparentes solecismos que o falar do povo nos apresenta. A comparação com factos analogos que se dão nas outras línguas do grupo románico, é freqùente. Mas o que torna os *Estudos* verdadeiramente interessantes é a maneira como o Sr. Júlio Moreira os soube profusamente ilustrar com passos dos nossos escritores antigos e com transcrições de documentos. Constituem desta forma valioso subsidio para a Gramática Historica Portuguesa, cujo aparecimento, num futuro próximo, o grande desenvolvimento que os estudos filológicos tem tido nos últimos annos, nos deixa antever. O próprio autor nos promete, nas poucas palavras com que antecede os seus *Estudos,* mais largo trabalho sobre a sintaxe prehistórica e popular.

Altamente proficua e útil é a ameudada comparação dos casos apresentados com outros semelhantes do falar brasileiro. As particularidades sintáticas desta língua neo-portuguesa vão ficando assim registadas para base de ulteriores estudos que sobre a língua-mãe e a evolução da sua derivada se tenham de fazer. E ao mesmo tempo contribue o Sr. Júlio Moreira para acabar com o estulto gracejo com que muita gente se refere ao falar brasileiro, sem reparar que as divergências sintáticas ou modificações do vocabulário com que esta língua se vae diferenciando da portuguesa, constituem factos normaes que se dão em todos os idiomas quando transplantados para regiões diferentes onde são influenciados por factores diversos. O clima, as condições sociaes, as línguas da população indígena e dos imigrantes vindos de variados

paises, são outras tantas causas de modificação da linguagem brasileira que naturalmente a hão de ir afastando, cada vez mais, do português, como do latim causas analogas fizeram derivar as línguas do grupo románico.

Termina o volume com um glossário para compreensão dos exemplos da linguagem popular apresentados. Os termos ali registados já o estavam, na sua grande maioria, em diferentes estudos de dialètologia ou de linguagem popular publicados (como nos *Estudos de Philologia Mirandesa* e *Dialectos Interamnenses*, do Dr. Leite de Vasconcellos, e nesta *Revista*); mas é incontestável a vantagem de se acharem ali reùnidos aqueles que ocorrem nos exemplos apresentados, tendo-os ainda o autor feito acompanhar de comentários e observações etimológicas que muito valorizam aquele pequeno glossário.

Por todos estes motivos os *Estudos* do Sr. Júlio Moreira são um livro muito apreciavel, que não temos dúvida em recomendar a todos os que desejam estudar a evolução da língua portuguesa, pois ali encontram compendiados muitos factos já perdidos para a linguagem literária, mas que ainda vivem na boca do povo, o melhor dos clássicos, aonde nem todos os podem ir observar.

ALVARO DE AZEREDO.

II

VARIA QUAEDAM

Noticias críticas de trabalhos portugueses ou a respeito de Portugal, publicadas lá fóra:

a) No *Literaturblatt für germanische and romanische Philologie*, 1907, col. 294–297 (por J. Huber), a respeito da **Chrestomathia Archaica** de J. Joaquim Nunes;

b) Na mesma revista, 1908, col. 375–378 (por A. Gassner), a respeito dos **Textos Archaicos**, 2.ª edição;

c) Na mesma revista, 1908, col. 407–409 (por J. Huber), a respeito de **Die Sprache des Königs Denis von Portugal** de A. Gassner;

d) N-*O Estado de S. Paulo* de 10 de Outubro de 1908 (por O. Nobiling), a respeito dos **Textos Archaicos**, 2.ª edição;

e) Na *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXXII (1908), 88 sgs. (por G. C. Keidel), a respeito d-**O Livro d'Esopo**;

f) Na mesma *Zs.* e volume, fasc. 2, 3 e 4 (por H. R. Lang), a respeito do **Cancioneiro da Ajuda** de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos;

g) Nas *Romanische Forschungen*, XXII, 339 sgs. (por O. Nobiling), a respeito do mesmo **Cancioneiro**;

h) Na *Revue Critique* de 2 de julho de 1908 (por E. Bourciez), a respeito das **Canções do berço**.

J. L. DE V.

INDICE DO VOLUME XI

Artigos desenvolvidos:

Miscellanea:

Bibliographia:

I. Livros:

II. Varia quaedam:






PENN STATE UNIVERSITY LIBRARIES